

coleção  
**X**  
KARAJÁ

Marietta Telles Machado



17.3)-82

200409 9826



1321553  
Coletânea



AGÊNCIA GOIANA DE CULTURA  
PEDRO LUÍS DE ALMEIDA  
MIRIAM GUERINO  
DO UNIO

Coletânea

Utilizando muitas vezes uma linguagem oralizada, a literatura de Marietta Telles Machado envereda pelo lúdico, sem perder a visão de realidade, geralmente voltada para as cidades pequenas, as fazendas, referendadas pelas descrições da paisagem local, pelos usos e costumes, registrando lendas e causos acontecidos no Estado de Goiás. No entanto, a escritora nunca foi regionalista. Integrava-se em outras correntes advindas do modernismo, dona que era de muitos conhecimentos e do conhecimento da dramaticidade íntima de seus personagens.

Marietta nos legou farta contribuição nos gêneros conto, crônica e literatura infantil, mantendo-se sempre exigente consigo mesma na busca da qualidade de seus títulos.

Em boa ora o Instituto Goiano do Livro apresenta aos leitores a edição de uma coletânea de seus textos, que vem demonstrar, mais uma vez, a criatividade dessa nossa sempre lembrada escritora, carinhosamente conhecida como Beca.

**Miguel Jorge**

Marietta Telles Machado foi uma escritora de recursos múltiplos: escreveu poemas (que deixou esparsos, não enfileirando-os em livro), crônicas e contos. Mas foi nas literaturas infantil e juvenil, com suas narrativas mágicas e seu teatro, que deu uma contribuição a um só tempo pioneira e marcante, pois muito valiosa. Interessada na formação de jovens leitores, bibliotecária que era – e, nesse campo, em nosso meio, também pioneira e um exemplo de dedicação e profissionalismo –, Marietta Telles Machado soube, como poucos, encontrar a voz e o tom adequados à construção deste gênero tão difícil e de exigências tão sutis. Sua produção no campo dessas literaturas tem a qualidade e a beleza de uma obra nascida da compreensão das crianças e dos jovens, do amor por eles e, sobretudo, do respeito à vida e à alegria de vivê-la intensamente. Além de tudo, talvez acima disso e por causa disso mesmo, foi ela também uma grande figura humana. Uma saudade!

**Helene Godoy**

**Marietta  
Telles  
Machado**

## Coletânea



AGÊNCIA GOIANA DE CULTURA  
PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA

INSTITUTO GOIANO  
DO LIVRO



12-1  
56.



# COLETÂNEA

200409 9826

869.0(817.3)-82 MAC/col



1321553

ESTADO DE GOIÁS

MARCONI FERREIRA PERILLO JÚNIOR  
Governador do Estado

NASR NAGIB FAYAD CHAUL  
Presidente da Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira

LAILA SILVA TEIXEIRA  
Chefe de Gabinete

AGUINALDO CAIADO DE CASTRO A. COELHO  
Diretor de Patrimônio Histórico e Artístico

JOSÉ EDUARDO MORAIS  
Diretor de Ação Cultural

IÊDA OSCARLINA SCHMALTZ  
Diretora do Instituto Goiano do Livro

CONSELHO EDITORIAL  
DO INSTITUTO GOIANO DO LIVRO

*Universidade Católica de Goiás:* Profa. Albertina Vicentini Assunção

*Universidade Federal de Goiás:* Profa. Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo

*Conselho Estadual de Cultura:* Escritor Edival Lourenço de Oliveira

*Academia Goiana de Letras:* Escritor José Luiz Bittencourt

*União Brasileira de Escritores/Goiás:* Escritor Getúlio Araújo

*Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira:* Escritor Heleno Godoy de Sousa

*Presidente do Conselho:* Escritora Yêda Schmaltz



Marietta Telles Machado

# COLETÂNEA

1321553

GO 000335165

|            |            |
|------------|------------|
| UF-GO      |            |
| BIBLIOTECA | CENTRAL    |
| CD.        | 122 S.G 07 |
| Nº.        | 9826/04    |
| VALOR      | doçes      |
| DATA       | 30/9/04    |



Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira  
Instituto Goiano do Livro  
GOIÂNIA  
2000

869.0(817.3)-82  
MAC  
col



© 2000. Marietta Telles Machado

Direitos reservados desta edição:  
Instituto Goiano do Livro da AGEPEL.  
Todos os direitos reservados. Proibida a tradução ou adaptação  
para todos os países e reprodução total ou parcial.  
(Sanções previstas na Lei 9.610 de 20/06/98).

*Projeto gráfico da capa*  
Eduardo Nery e Mário Yee

*Ilustração da capa*  
Amaury Meneses

*Diagramação e arte-final*  
Imidio Alves Vilela

*Revisão*  
Antônio Carlos Machado Teles

*Supervisão geral*  
Iêda Oscarlina Schmaltz

---

MAC Machado, Marietta Telles  
col Coletânea / Marietta Telles Machado - Goiânia :  
IGL : AGEPEL, 2000.  
368 p. (Coleção Karajá)  
Obra póstuma. Coletânea inédita.

1. Crônicas brasileiras. 2. Ensaaios brasileiros. 3. Crítica  
literária. I. Título.

ISBN 85-87693-05-0

CDU: 869.0(817.3)- 82

---

Índice para catálogo sistemático:  
Literatura brasileira - Coletânea  
CDU: 869.0(817.3)82

## Nota

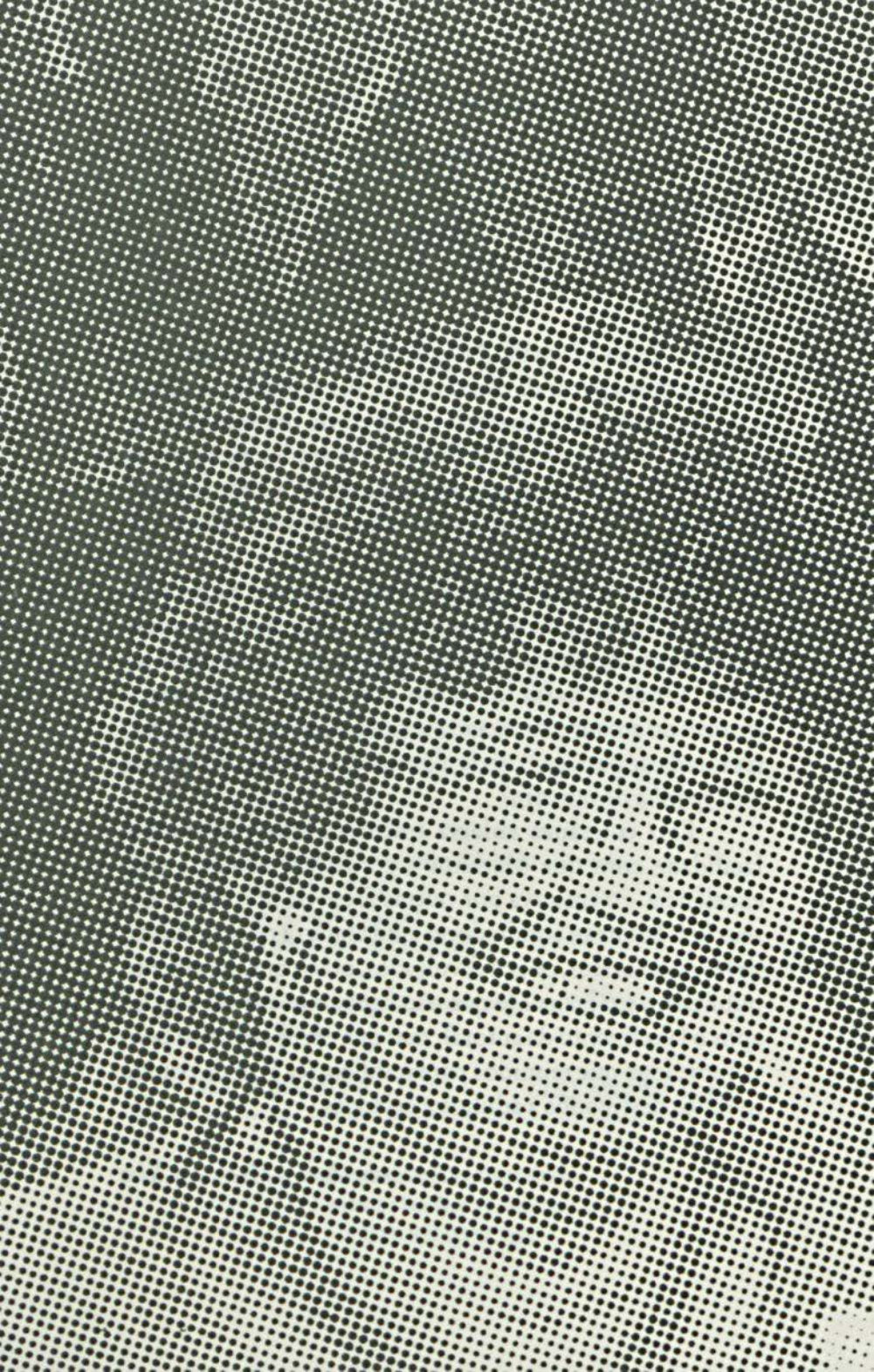
Marietta Telles Machado, no ano de 1985, reuniu trabalhos seus, escritos a partir da década de 60. Fez o índice, escolheu o prólogo, e dividiu-o nas três partes como ora vem a lume. Infelizmente, faltavam os textos “De trailer pelas rotas européias”, bem como a primeira parte de “Onde se passa deixando o coração”, visita a Salvador, que não estão entre os originais.

Seria interessante comparar as impressões e a própria expressão literária da memorialista, no intervalo de quase uma década de estada em tais lugares. As lembranças da terra “Onde se passa deixando o coração” mostrariam matizes do arco-íris da mocidade arrebatadora? E a Europa, revisitada de passagem, teria algo do sabor da permanência na Espanha de outrora?

Esta coletânea enfeixa trabalhos que mostram a facilidade com que Marietta – contista e cronista por excelência – transitava por outras áreas da literatura. Os seus fiéis leitores e admiradores ainda terão a oportunidade de ler poemas seus, pouco divulgados, posto que, raramente publicados em jornais (e que não figuraram em antologias após o falecimento da autora), mas que comporão um belo volume logo que reunidos para publicação. E mais contos inéditos destinados a adultos e crianças.

*Antônio Carlos Machado Teles*





## PRÓLOGO

*"Va con Dios, hijo querido  
cargado de mis hazañas  
con mil dolores parido  
salido de mis entrañas  
engendrado em mi sentido.  
Por donde quieras que fueres  
si te preguntan quien eres,  
blando, sin hazer desvio  
dirás, de (de padre) mio:  
de madre de quien quisieres.*

*Eres hijo natural  
de mi bien y de mi mal.*

*Tu que vas a ser jugado  
No te muestres injuriado  
de los q. asin te ofendieren  
déjales dar las que dieren  
hasta que ayan acerbado."*

*Antonio de Villegas  
Inventario (1565)*







## Sumário

### I - CRÔNICAS E OUTROS ESCRITOS

|                                                                            |     |
|----------------------------------------------------------------------------|-----|
| Uma das maiores amorosas de todos os tempos .....                          | 15  |
| O coração do átomo e o coração do homem .....                              | 21  |
| Meu encontro com o Araguaia .....                                          | 27  |
| Réquiem para as árvores .....                                              | 36  |
| Sessenta anos educando e plantando cultura .....                           | 40  |
| Uma crônica em três tempos .....                                           | 48  |
| A mulher e a inteligência: a propósito de dois<br>livros de mulheres ..... | 54  |
| Notícias para a comadre .....                                              | 59  |
| A poesia e o homem .....                                                   | 64  |
| Ainda a poesia .....                                                       | 68  |
| Taça de Ouro .....                                                         | 73  |
| A partida de um grande amigo .....                                         | 77  |
| O amanhecer no Barreirão .....                                             | 80  |
| Homenagem à Grande Dama .....                                              | 83  |
| Uma bandeja de muriçocas .....                                             | 86  |
| A eternidade de uma língua .....                                           | 90  |
| O papel social da mãe .....                                                | 94  |
| Formar .....                                                               | 99  |
| Questionário Proust .....                                                  | 103 |
| A mulher goiana e a literatura .....                                       | 107 |
| A literatura infantil: problemas e perspectivas .....                      | 118 |

## II - DE LIVROS E AUTORES

|                                                                                                                       |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Uma voz que é música e transparência .....                                                                            | 131 |
| Miguel Jorge: Depois do Túnel - Um breve<br>testemunho sobre seus vinte anos de literatura ....                       | 136 |
| A esperada estréia .....                                                                                              | 140 |
| Cora Coralina: lição de poesia e vida .....                                                                           | 144 |
| Cora Coralina no I Festival Nacional de<br>Mulheres nas Artes .....                                                   | 149 |
| A palavra poética da mulher guerreira .....                                                                           | 153 |
| Cora Coralina: pela minha voz cantam todos<br>os pássaros. Entrevista (imaginária) a Marietta<br>Telles Machado ..... | 156 |
| Depoimento sobre Cora Coralina .....                                                                                  | 164 |
| Depoimento sobre Bariani Ortencio .....                                                                               | 168 |
| Em louvor de Eli .....                                                                                                | 173 |
| Um cronista inesquecível .....                                                                                        | 176 |
| Teresa de Ávila: mística, escritora e doutora da<br>Igreja .....                                                      | 179 |
| Goiás em um conto de Machado de Assis .....                                                                           | 202 |
| Carta a uma escritora .....                                                                                           | 206 |
| Três encontros nos pampas .....                                                                                       | 210 |
| Monteiro Lobato: "núcleo de cometa" .....                                                                             | 218 |
| Nossa prosa enriquecida .....                                                                                         | 229 |
| Apresentação do livro <i>Minha estrela</i><br><i>companheira</i> de Ida Artiaga Moreno .....                          | 233 |
| Guimarães Rosa (1908-1967) .....                                                                                      | 238 |
| Breve estudo sobre o Naturalismo: Prosa .....                                                                         | 243 |
| Notas sobre <i>Aparição</i> .....                                                                                     | 251 |
| Sobre Alberto de Oliveira .....                                                                                       | 257 |
| Dostoievski e sua obra - aspectos de <i>Crime e</i><br><i>castigo</i> .....                                           | 261 |

### III - VIAGENS

|                                                       |     |
|-------------------------------------------------------|-----|
| “Recuerdos” da Colômbia .....                         | 269 |
| Em terras de Espanha I - Madrid .....                 | 274 |
| Em terras de Espanha II - Andaluzia (1ª parte) .....  | 285 |
| Em terras de Espanha III - Andaluzia (2ª parte) ..... | 294 |
| Na terra dos deuses .....                             | 304 |
| A Semana Santa na Espanha .....                       | 314 |
| Dias brancos .....                                    | 320 |
| Lembranças da terra onde mora o arco-íris .....       | 329 |
| Onde se passa deixando o coração .....                | 335 |
| Andanças por terras nossas .....                      | 340 |
| Acre: bravura e progresso .....                       | 349 |
| Da autora .....                                       | 357 |

Crônicas e  
outros escritos





Uma das maiores atrações  
de todos os tempos

# I

## **Crônicas e outros escritos**





## Uma das maiores amorosas de todos os tempos

**H**eloísa não conhecera nem pai, nem mãe. À sombra do claustro de Notre Dame, em Paris, vivia ela com o tio materno, cônego Fulberto. Até os dezesseis anos, sua educação fez-se no mosteiro de Santa Maria de Argenteuil. A célebre francesinha era um primor de moça. Não tivera o que é fundamental para um ser humano: o carinho de uma mãe. Em compensação, Deus cumulou-a de outras graças: beleza, meiguice, inteligência, cultura. Reza a história que era versada nas escrituras, em teologia, física, na versificação, na música e naquilo que é próprio e indispensável à mulher, sobretudo a uma mulher medieval: as artes domésticas. A propósito, tem sido ensinado através dos séculos, que a Idade Média (Heloísa viveu no século XII) é a idade das trevas. Esse conceito errôneo vem sendo corrigido pelos historiadores modernos. Não é de trevas uma idade em que floresceram as catedrais, em que nasceram as universidades, em que havia uma Heloísa culta, exprimindo-se fluentemente até em latim, a língua dos sábios.

Fulberto, orgulhoso de sua brilhante sobrinha, cuja fama se espalhava em Paris e adjacências, tirou-a do silêncio e das sombras do claustro de Argenteuil, para que ela luzisse nessa cidade que foi e será sempre a capital da inteligência do mundo. Flor abrindo-se para a vida, Heloísa



amava andar pelas ruas de Paris, graça a que bem depressa se acostumou. E ali circulava, misturando-se à multidão de estudantes, peregrinos, peleiros, cinzeladores, iluministas, pregoeiros, jograis, damas em liteiras, cavaleiros. Porque aquela era a bela época em que se podia andar a cavalo, encontrando-se com bois, porcos e outros bichos a zanzarem pelas poéticas margens do Sena.

Numa manhã ensolarada de junho, quando voltava de uma das andanças pela cidade, ela teve um encontro que marcaria em sua alma e sua vida o signo da fama e da eternidade. Seus olhos encontraram-se com os olhos de Abelardo. Estrelas nasceram desse olhar. E anjos do céu devem ter descido em revoada, cantando hinos de exaltação ao amor. Ela já ouvira falar de Mestre Abelardo. Quem em Paris, no ano da graça 1117, não ouvira falar do adorado mestre? Ele era o ídolo dos estudantes e a paixão de quantas mulheres o hajam visto. Imponente como um Deus grego, simpático, sedutor, hábil na palavra, culto, inflamado, revolucionário nas idéias, não havia quem não se rendesse à sua carismática figura. Sua fama fazia sombra à de El-Rei Luís VI: da Suécia, da Alemanha, de Flandres, da Inglaterra, de Salamanca e de Roma acorriam estudantes ansiosos por ouvi-lo, por receber suas lições de lógica e de teologia.

Aquele encontro não iria morrer no burburinho da cidade, nem teria o brilho instantâneo de um relâmpago. Os deuses conspiraram para que ele durasse. Abelardo, que também seguia a carreira religiosa – à época boa porta de ascensão para a glória e o poder – não se conformaria em deixar de rever Heloísa, porque esta não era uma desconhecida qualquer: esplendorosamente bela e sábia, era sobrinha de Fulberto, o cônego de Notre Dame. Abelardo, então, procurou o tio de Heloísa e propôs-lhe hospedar-se em sua casa, em troca do que aceitaria ser o

preceptor da culta jovem. O tio, extremamente honrado com tal oferecimento – afinal o grande Abelardo iria viver debaixo de seu teto – mais do que depressa aceitou-o.

Entretanto, à Heloísa, que desabrochava para a vida e para a luminosidade de Paris, que desabrochava para a sabedoria e para o amor, ele não deu apenas lições de lógica e de teologia. Ensinou-lhe o amor, o amor absoluto. O encontro foi definitivo. Tão fulminante o sentimento envolveu-os, que a retórica de Abelardo murchou para os alunos: dele só fluíam as canções de amor para sua amada. Canções que os estudantes aprenderam a cantar, embora lamentassem o desinteresse do mestre em dar o antigo brilho às suas preleções. Heloísa já não vivia em si, o amado habitava toda a sua alma e toda a sua alma habitava a dele. Entretanto, a tempestade aproximava-se do calmo lago, onde nadavam os dois cisnes amorosos. Toda Paris comentava o caso. Alguns rumores chegavam ao ouvido de Fulberto, mas ele rechaçava furioso qualquer insinuação: a maldade humana não tem limites. Onde já se viu suspeitar-se da cândida menina de dezesseis anos, os quais passados inteiramente num convento, e de um virtuoso e sábio homem? Esquecera-se Fulberto de que ali estava uma formosa jovem e um garboso homem, no limiar do paraíso. Como existem os anjos para proteger o amor, existem os demônios para perdê-lo. Uma criada roubou uma carta de Abelardo, deixada em descuido no quarto de Heloísa, e entregou-a ao tio. Um raio caiu sobre o velho claustro de Notre Dame. O cônego, possesso pediu explicações. Heloísa, em pouco tempo amadurecera e adquirira a segurança e o destemor que o bem-querer proporciona: enfrentou o tutor a sangue-frio. Mas foi trancafiada em seu quarto. Abelardo ouviu em silêncio todos os improperios, arrumou as malas e partiu. Mas não há deuses ou demônios, talvez nem a morte se um dos amantes





sobrevive, com a força capaz de destruir a fulgurância de um grande amor. Às escondidas, com o auxílio da fiel Sybele, eles voltaram a encontrar-se nas alcovas de Heloísa. Até que um dia veio a anunciação: Heloísa esperava um filho. Abelardo raptou-a e levou-a para a casa de uma irmã dele na Bretanha, norte da França, até que o filho nascesse, enquanto ele permanecia em Paris. Nasceu o filho batizado com o nome de Pedro-Astrolábio. Ao buscá-la de volta, Abelardo anunciou-lhe que iria desposá-la, conforme promessa feita ao tio, pois a situação tornara-se insuportável. Num gesto de grandeza, Heloísa, se opõe tenazmente ao casamento, pois temia arruinar a carreira de Abelardo. Considera o casamento incompatível com as funções de um clérigo, de um sábio, de um professor. A adoração de Heloísa ultrapassava seu corpo, abrasava sua alma e fazia-a preferir a felicidade do bem amado à sua própria. Contudo, o casamento foi realizado, porque o tio exigia. Ele prometera que o assunto ia permanecer no mais absoluto segredo. Porém, não cumpriu a palavra. Magoado, ele queria que todos soubessem do matrimônio, para que a honra de sua casa fosse restaurada. Começou a propagar o casamento, o que Abelardo e Heloísa negavam quando interpelados. Fulberto tornou-se violento e começou a maltratar Heloísa. Abelardo mais uma vez retirou-a da casa do tio e levou-a viver no mosteiro de Argenteuil, até que a tempestade passasse. Nesse ínterim, Fulberto, envenenado de ódio, urdiu e perpetrou a mais cruel das vinganças contra Abelardo: numa noite, surpreendeu-o com uma camarilha, castrando-o. À Heloísa, angustiada e infeliz no silêncio de Argenteuil, levaram a triste notícia. Foi como se a morte baixasse sobre sua alma. O amor por Abelardo ia além das contingências da carne, sim, muito além. A ele doara a alma, a vida, com um ardor imutável e imortal. Mas ninguém tinha o direito de praticar contra ele essa vileza

inumana. Nem o sofrimento, nem a mutilação do amado, nem a própria morte tinham a força de destruir o seu sentimento. Mas sob a opressão, subjugada, pouco tempo depois ela completou seu ato de renúncia e mais uma vez demonstrou a dimensão de seu amor: aos vinte e poucos anos, optou definitivamente pelo convento. Abelardo também fez-se monge. Continuou com sucesso a dar suas lições, contudo foi perseguido pela ala conservadora da Igreja por suas idéias revolucionárias: seu pecado foi tentar explicar, pela razão, os mistérios que a Igreja entendia devam ser aceitos pela fé. Em todos esses anos de vida religiosa, eles se viram poucas vezes e tratavam-se com formalidade e distância. Trocaram cartas que se tornaram as célebres *Cartas de Abelardo e Heloísa*. No silêncio do convento, na sua pequena e pobre cela, Heloísa jamais esqueceu o seu Abelardo. Tornou-se uma freira famosa pela sabedoria, santidade e espírito de trabalho. Abelardo precedeu-a em vinte anos na viagem para a eternidade. Ela mandou trazer seu corpo para o convento de Paraclete, onde vivia, e sempre cuidou do sepulcro, cobrindo-o de flores. Foi enterrada ao seu lado. O mosteiro foi destruído durante a Revolução Francesa. No cemitério Père Lachaise em Paris há outro túmulo deles, de cuja autenticidade se duvida, que entretanto é o símbolo de um grande amor. Até hoje se vêem pessoas – sofredoras talvez do doce mal do amor – colocando rosas aos dois, buscando a luz da esperança numa prece ardente.

Recordei-me da história de Abelardo e Heloísa a propósito do livro que acabo de ler. Ele foi escrito por Jeanne Bourin, a mesma autora que produziu “Quarto de Senhoras”, notável reconstituição da Idade Média através da vivência de uma família, dando-nos uma visão nova de uma época mal compreendida. O livro *Très sage Heloise* foi traduzido por Otávio Mendes Cajado e editado pela Difel.



Passa-se em três dias, tempo em que a vida de Heloísa vai sendo narrada, através de sua consciência de moribunda. De entremeio, há capítulos datados, em que é descrita a agonia de Heloísa, priora do convento de Paraclete, com sessenta e poucos anos, rodeada de suas discípulas, de algumas amigas e de seu filho Pedro-Astrolábio, também sacerdote. O livro é uma reconstituição sucinta da Idade Média, através da fala de Heloísa. Ela desnuda sua alma, desfaz-se de sua “persona” de sábia e santa para acusar-se perante Deus de ter dado a vida não ao Criador, mas à criatura. Ela serviu não a Deus, antes ao ente amado. Certamente, Deus compreendeu e perdoou. E lhe devolveu o amado, na eternidade, ao som de trombetas e das vozes dos querubins!...

Não é sem razão que, há oitocentos anos, a humanidade se comove com a história dos dois.

Goiânia, 13 de setembro de 1981

## O coração do átomo e o coração do homem

Um medo se debruça sobre minha alma. Mas ainda vejo pombas brancas voando contra o recorte azul escuro do horizonte. Há em torno um silêncio enorme, inteiriço, de abismo. Firmo o pensamento. Mergulho dentro de mim mesma. De muito longe, afloram-me à lembrança quadros de uma maravilhosa fantasia de Walt Disney, que procuro recompor e, cujos claros, preencho com minhas próprias fantasias. A terra é um montão de ruínas. Um lençol de cinzas recobre tudo. Nem uma folha, nem uma flor, nem o bater das asas de um pássaro, nenhum ser vivo é iluminado pela luz fosca e melancólica de um sol cansado. Em meio à sombria devastação, subsiste, parcialmente intacto, um monumento. De pé estão suas esguias torres. Impressiona a imponente fachada, com frisos e rendados, com seus vitrais coloridos a contrastarem com o cinza em torno: é uma catedral. Os primeiros flocos de neve, imaculados, caem tristes, na paisagem triste.

Eis que do interior da catedral se evola um som impregnado de ternura e de esperança, uma nota viva na paisagem lúgubre. Lá dentro, um grupo de camundongos ensaia um hino de Natal. Acompanham as vozes os sons de um harmônio, muito bem tocado por um camundongo, exímio músico. Ensaiam compenetrados. O maestro, incansável, rege competentemente o coral atento. No inter-

valo do ensaio, surge a palavra homem. Um jovem camundongo pergunta curioso ao maestro e mestre:

- Homem? O que é homem, Sr. maestro?

- O homem, meu filho, responde ele, ou o homo sapiens, foi o rei da criação. Único animal dotado de inteligência, ensinaram-nos que ele foi criado à imagem e semelhança de Deus. O homem construiu impérios fabulosos. Rasgou o ventre da terra. Navegou pelos mares sem fim. Foi até ao reino coruscante das estrelas, penetrado na poesia dos espaços infinitos, sonhando por entre os bordados dos astros no imenso, penetrando o segredo das amplidões. O homem voou alturas que nosso pensamento ou talvez nenhum anjo tenha atingido. Fez monumentos admiráveis, que perduraram séculos. No entanto, desde a época das cavernas, quando vivia num estágio bem primitivo, ele começou a se armar contra os próprios irmãos. Armas mortíferas, quais filhos espúrios, foram brotando de sua inteligência: arcos, flechas, lanças, dardos, espadas, adagas, espingardas, revólveres, metralhadoras, canhões, bombas, mísseis, antimísseis, antiantimísseis. O horror não tinha fronteiras: laboratórios secretos experimentavam gases paralisantes ou cultivavam vírus fulminantes; a guerra climática, destinada a praticar maremotos e cismas, era preparada. Assim foi e assim continuou: da bomba de nêutron, que destrói o ser vivo e preserva os ambientes, foi partindo para o aperfeiçoamento de seus diabólicos meios de destruição. Rios de sangue coloriram os caminhos humanos. De fogo e cinza se cobriu o mundo. O apocalipse se cumpriu. E o homem, criado à imagem e semelhança de Deus, caiu sobre suas próprias ruínas. Não gosto de falar desse assunto. Vamos, meus filhos, continuemos o ensaio.

As vozes bonitas, de novo foram um instante de alento na paisagem cinzenta.



Voltaire, pela boca de um de seus personagens, falou: “Está visto que os homens corromperam um pouco a natureza, pois não nasceram lobos e tornaram-se lobos. Deus não lhes deu nem canhões, nem baionetas e eles fabricaram canhões e baionetas para se aniquilarem”.

Se fôssemos catar horrores através da História, fariamos uma rica e infinda coleção. Não falemos de coisas comuns como torturas, extermínio coletivo de pessoas. Esqueçamos os genocídios, os Neros, os Hitlers, os espanhóis destruindo o Império Inca, os romanos massacrando e escravizando bárbaros, a Santa Inquisição queimando inocentes nas fogueiras. Ah, são quadros inimaginados pela mente mais satânica.

Os homens têm caprichos que nos fazem rir. O Partenon, concebido e erigido por um povo genial que foi o grego, esse povo que criou obras jamais superadas pelo poder de criatividade de todos os artistas de todos os tempos, foi transformado em 1687 em depósito de pólvora por Morodini, guerreiro turco. Os manuscritos da Biblioteca de Alexandria, um dos centros de cultura do mundo antigo e onde havia, diz a lenda, as obras de Homero gravadas a ouro, serviram para aquecer os banhos do califa Omar II. No século XIX, um industrial egípcio transformou em cal as ruínas da cidade de Antinoé, fundada pelo Imperador Adriano; a cal foi empregada na construção de fábricas de açúcar, nos arredores. Uma ditadura matou García Lorca e muito provavelmente outra terá matado Pablo Neruda. Essas são algumas das pérolas, que, no momento, acodem-me à lembrança.

No entanto, vejo pombas brancas voando contra o recorte azul escuro do horizonte.



Jean Toulat, jornalista francês, escreveu em julho de 1978, que nós, as criaturas humanas de hoje, repousamos sobre um caldeirão de pólvora. Se em cada segundo, diz ele, se deixasse cair uma moeda de dólar, seria preciso doze mil anos (mais que duas vezes a idade das pirâmides) para que caísse a última peça dos 400 bilhões de dólares que o mundo empregou em 1977 para seus armamentos. E se se empilhassem todas as peças, elas alcançariam mais de duas vezes a distância da Terra à Lua. As despesas militares daquele ano, igualaram-se às rendas nacionais juntas de todas as nações da África e da América Latina.

Além da constante ameaça da guerra atômica, há uma outra terrível, pairando sobre os povos. Ela não é propriamente uma ameaça. Ela é uma realidade – a BOMBA M – bomba da miséria. A corrida armamentista agrava a distância entre os países ricos e os países pobres. É um desperdício de recursos que poderiam ser utilizados na ajuda aos países em desenvolvimento. Com o preço de um bombardeiro-protótipo, poder-se-ia construir 75 hospitais ou fabricar 50.000 tratores. Isso tudo, quem disse, foi Jean Toulat.



Meia dúzia de homens sensatos bradam: energia nuclear para fins pacíficos! Os isótopos radioativos podem ser empregados como extrema ajuda na medicina, agronomia, agricultura, indústria e ciências básicas. No entanto, as nações imperialistas, os grandes deste mundo

(da destra ou da sinistra...) armam-se até os dentes. Afirmou-se que o verdadeiro poder está realmente mais no Pentágono que na Casa Branca; mais no Estado-Maior soviético que no Kremlin, ou seja, mais nos quartéis que no governo. O sonho de conquista e hegemonia é uma semente que o diabo plantou muito bem plantada no coração do homem.

Até o Brasil, meu Deus, a pátria amada, com seus milhões de analfabetos, de menores abandonados, de crianças desnutridas e sem escola; com os inúmeros problemas econômicos, políticos e sociais, até ele entrou na corrida atômica. Usinas nucleares para fins pacíficos! Vamos acreditar nessa! Cada país quer ter seu segredinho, cada qual sonha com suas bombinhas. O que estiver melhor aparelhado para matar e para roubar, esse é o senhor ou faz parte da confraria dos grandes senhores.

oOo

Alguém escreveu:

“Dos corações dos átomos, a energia do Universo foi libertada na Terra. Se a energia nuclear irá, em última análise, destruir nosso mundo atual, ou ajudar na criação de um outro, novo e melhor, não está nos corações dos átomos, mas nos corações dos homens. O ódio e a ignorância ou o amor e a compreensão dos homens são os que ordenam. O átomo servirá a um deles”.

oOo

Há nações que estão mais próximas do teatro da guerra, que amanhecem e anoitecem com o terror das bombas. O problema nuclear, contudo, é hoje uma ameaça para qualquer ponto desse mundo. Não há mais distância



para o poder destrutivo das armas atômicas. Há profecias (parece-me que dentre elas está o sonho de Dom Bosco) de que uma grande civilização florescerá na América do Sul, mais precisamente no Brasil. Nem isso tranquiliza-nos. E nem tranqüilos viveríamos, sabendo que milhões de irmãos poderão ser massacrados como indefesos vermes e que a memória cultural da humanidade poderá vir a ser destruída.

Que nos resta fazer, senão conviver com o nosso medo ou adotar um *modus vivendi* como se o mundo fosse acabar amanhã?

Ora, podemos rezar, protestar, cantar, gritar em prol da paz. A humanidade tem que se irmanar – sem fronteiras, raças e ódios – pela salvação do próprio ser humano. E nunca perder a esperança.

Apesar de tudo, eu não desanimo. Ainda vejo pombas brancas voando contra o recorte azul escuro do horizonte.

Goiânia, setembro de 1981

## Meu encontro com o Araguaia

**N**a história de cada povo, nas lendas, na poesia, na prosa, na glória, na dor, na alegria, está a presença de um rio. Um misterioso e forte fascínio exercem sobre o homem essas águas que caminham livres, mansas ou bravias, tranqüilas ou acidentadas, por lonjuras cujo fim não se imagina.

Rios que para os gregos eram deuses corporificados na figura de velhos de barbas fartas e cabelos enfeitados de plantas aquáticas, com aquela expressão de grandeza e força; rios que descreveram heróicos caminhos; rios que representam a unidade de uma nação; rios que se tornaram valsas ou que viraram canções; rios que atraem, que tragam para o mistério terrível de seu ventre; rios sagrados que purificam e que abençoam a terra; rio que é isso que cantou Godoy Garcia:

“Um rio é solene como a morte.

Mas é a vida, é a vida saudável da terra.

Um rio é feito do que é efêmero.

Mas tem o fragor da eternidade da terra.

Um rio é música e carne de fêmea mansa.

Mas é dignidade, é amor silencioso. Tem semelhança com o sangue.

Um rio é noite e caminho irremediável.

Mas é sol, sempre sol. É aurora, sempre aurora.”

Também a mim, sempre prendeu o forte poder mágico e encantamento de quantos rios conheci, e cujas águas toquei maravilhada e com respeito: Amazonas, São Francisco, Tejo, Reno, Danúbio, Sena, Tâmbisa, Tibre e outros e outros mais.

Por último, conheci o Araguaia.

Lembro-me de um encontro meu com Cora Coralina, recém-vinda de uma excursão ao nosso encantado Araguaia. Com a vibração que lhe é característica, a querida poetisa me disse: “Vá ao Araguaia, minha filha. É um corte no cotidiano, é o encontro de um mundo novo. Tudo o mais se esquece, tudo o mais se anula, só fica a grandeza do rio e nós.”

As histórias dos alegres acampamentos parecem ser sempre as mesmas, contadas com euforia, saudade e até fanatismo: as pescarias, as serenatas, as batidinhas, o esporte na praia, as piadas quentes, todas as mil formas de diversão e de alegria. Mas nada como a experiência pessoal de cada um, nada como a felicidade de transmitir aos outros suas aventuras, nada como a paixão com que se fala desse rio, de suas águas que banham o corpo numa carícia cálida, da mansidão perpétua de sua passagem e dos seus luareis.

Quando me abeirei do Araguaia, não sei bem o que me impressionou primeiro: se a constatação de sua calma e doce andança, se a beleza do verde debruçando-se nas margens, se a finura da areia que se colore na proporção de nosso encantamento, se os braços de terra avançando pelo rio como minipenínsulas, se os pequeninos e os grandes lagos de misteriosa quietude.

Na primeira noite, apenas o ranchão construído, a gente dormindo com a cabeça debaixo das estrelas, o silêncio nunca imaginado (igual talvez só no amanhecer do mundo), o canto doce e constante do jaó, as horas num desfile lento, tranquilas, plenas. Depois, abri muito os olhos



para a descoberta da primeira aurora: o horizonte terrivelmente vermelho, flocos de nuvens banhados de luz, raios de sol por entre-escapando, retalhos de céu azul, ouro, vermelho, silhuetas escuras das árvores – tudo refletido no espelho das águas. A aurora estava no rio, o rio no céu, o céu nas águas, a natureza amanhecendo e começando o canto de seu despertar: era o nascimento apoteótico do deus sol.

Corri e apanhei a máquina fotográfica e tentei fixar pela imagem palpável aquele instante de beleza total.

Depois foi o reconhecimento do rio: as andanças pelas praias extensas, praias que poderão não existir na próxima temporada, pois, como é sabido, o Araguaia tem um leito variável, a paisagem se modifica a cada ano; praias submergem com as águas, para dar lugar ao nascimento de outras, assim como lagos e ilhas. As areias me fascinaram, assim bordadas pelos pés de rotas livres dos pássaros, animais selvagens, gente. Também amei a misteriosa solidão dos jaburus ao sol, o vô simétrico das garças ao entardecer, o elegante colhereiro pescando com exatidão, o bufo assanhado do boto em seus bruscos galanteios à fêmea.

Chegou o instante do primeiro entardecer. Agora o colorido é mais suave que na aurora: o vermelho não é tão agressivo, tão fantasmagórico. Desce como um canto de ternura para as águas e a coloração é rosa vivo, rosa suave, dourado, lilás, cinza, azulado. Então o sol se esconde no horizonte, as sombras entram majestosas e solenes, as primeiras estrelas pisca-piscam e a noite abraça o rio, a paisagem e outra festa começa.

A beleza do Araguaia não é ufanía de uma gente, nem megalomania do goiano. Já em 1863 afirmava Couto Magalhães: “De todos os grandes rios que tenho visto, nenhum oferece nem de longe a majestade do Araguaia... Há na grandeza dessas águas uma calma tão serena, como

aquela que se observa no oceano visto de longe... Aqui o deserto é de uma majestade tão imponente, que assombra e abate o espírito. Para qualquer parte que lancemos os olhos, enxergam-se planícies sem fim, que se vão tornando cada vez mais azuladas, até que de todo se confundem com o céu. O menor obstáculo, o mais insignificante outeiro, não encrespa a superfície da terra: tudo é vasto, majestoso e melancólico como o infinito. Parece que aqui o céu é maior: maiores e mais belos os vales da terra.”

Ao me ver tocada por essa lendária beleza que, segundo penso – e apesar dos pesares – ainda conserva bastante de sua pureza original, veio-me à mente o problema bastante debatido pela imprensa – a violação e destruição lenta e persistente desse paraíso.

Não havia muitos acampamentos próximos de nós (estávamos a uns vinte minutos de canoa de São José do Bandeirante). Apesar da proibição de caça, muitas vezes tiros ecoavam, espantando e horrorizando as solidões.

À medida que o homem chega, que os turistas “descobrem”, o encanto primitivo vai perdendo sua pureza, a natureza vai sendo aos poucos pilhada, destruída. Animais são abatidos sem proveito nenhum, aves tombam pelo prazer sádico de um tiro certo, as águas se poluem pelos detritos humanos lançados ao rio ou pelo combustível das embarcações. Os animais fogem temerosos, espécies se extinguem, peixes são dizimados pelas bombas e tarrafas, o silêncio é violado pelas multidões que chegam.

Mas há gente que ama esse rio e que luta para que ele não se torne um paraíso perdido. Medidas oficiais, graças aos esforços do sertanista Leolídio Caiado e Henrique Himmerleisch, têm sido tomadas para a salvação da fauna de nosso rio.

Agora, um pouquinho de nós no rio, do nosso acampamento, das nossas acontecências.



Havia o Tião, o mestre-cuca contratado pela caravana. Ele sabia fazer dos frutos do rio (com licença do Miguel Jorge), os pratos mais deliciosos. Também era parceiro fiel no baralho (roubava com muita arte e classe), contava piadas e era uma voz afinada a compor o nosso coral, que quase todas as noites atuava, sustentado pela Maria Luísa (que tem voz muito bonita) e pelo seu Lulu no violão.

Porque me parecia um absurdo perder as manhãs divinas do Araguaia, madrugava diariamente. Depois de andar alguns quilômetros e de nadar um pouco, encontrava a mesa posta para o café, com leite fresquinho e frutas que conseguíamos numa fazenda próxima e mais os inesquecíveis e quentinhos pães-de-queijo da Dona Odete. Às onze horas, o Tião servia deliciosas batidinhas, e depois do almoço, havia as redes para quem quisesse ler ou tirar a sesta.

Como um fenômeno, todos experimentam no Araguaia o desligamento total. Esquece-se de poluições, de tensões, de dissensões, de guerras, de ódios, de ambições.

E há uma fraternidade tão grande, que o cozinheiro, o canoeiro, a pajem, o doutor, somos todos irmãos, estamos todos muito próximos, somos gente. Não se sabe nada do que acontece lá fora, não há nenhum relógio marcando a hora, o dia tanto faz chamar-se domingo ou terça. O sol nos avisa que é hora de levantar e o estômago, que é hora de comer. Para muitos, essa monotonia cansa depois de uns tantos dias. Outros se sentem tão tocados pela beleza do rio, que dariam a vida para ficar ali para sempre, como aqueles que já completaram bodas de prata de temporadas.

Quase todos os que vão pela primeira vez prometem a si mesmos nunca mais perder uma temporada.

Para mim, nem um só dia foi monótono. Tudo depende da imaginação e da capacidade de sentir de cada



um. Afora as noites adentro de cantoria, de baralho, de brincadeiras, de sessões de piadas, de pescaria ou de casos de pescarias, aconteciam coisas que ficavam na lembrança.

Uma noite, alguém gritou: "Venham ver, está passando uma coisa estranha no céu!" Aparecia assim a olho nu um corpo alongado, cheio de pontos luminosos, passando firme no céu mas que não parecia um cometa nem tinha a forma de disco voador. Olhamos fascinados a sua marcha rápida, seria talvez um objeto não identificado (...), que foi se apagando aos poucos e sumindo-se do alcance de nossas vistas. Só ali naquela solidão, naquele céu imenso, poderíamos ter contemplado com tanta nitidez esse corpo celeste, que afinal não podemos afirmar exatamente o que era.

Outra noite desabou sobre o acampamento terrível ventania, que foi arrancando a cobertura dos ranchos, derubando coisas, quebrando louças, árvores retorcendo-se, águas encrespando-se ao ulular dos ventos, homens lutando para amarrar as lonas das coberturas, crianças assustadas, mulheres rezando. Dizem que costumam ser terríveis as tempestades do Araguaia. Mas aos poucos o vento se acalmou sem maiores danos, uma chuva mansa caiu, a paz voltou e só ficou no silêncio o canto do jaó, o grito noturno de alguma ave, o ruído dos botos redemoi-nhando nas águas.

Em algumas noites a gente pescava num dos pequenos lagos. Acendíamos uma fogueira, porque tínhamos o mato às costas e podia ser que alguma onça afoita nos rondasse. Eu gostava de ver os olhos vermelhos e fixos dos jacarés bordeando as margens dos lagos e reverberando à luz de nossas lanternas.

No começo as pescarias não rendiam muito, porque talvez fôssemos inexperientes nos segredos da pesca, que só os caboclos têm. Mas, depois das instruções dadas por

um canoeiro, a coisa mudou. Na primeira noite de sucesso, voltamos exultantes. Colocamos os peixes (piranhas, surubins, chicotes, pintados etc.) no meio do ranchão, ligou-se o som bem alto, puseram nos copos doses generosas e foi um verdadeiro ritual selvagem de danças, palmas e gritos de alegria. Eu evoquei a cena de homens primitivos, quando voltavam das caçadas bem sucedidas, a entoarem cantos de gratidão aos deuses e a dançarem jubilosos em torno da caça abatida.

Numa tarde sossegada, a Helène, caladinha, avançou o rio a nado em demanda da margem oposta. Estava fazendo uma proeza: cruzar o rio. Corremos todos para a margem, admirados e expectantes. Só respiramos aliviados quando a vimos “aportar” numa ilhazinha do lado oposto, onde uma canoa foi buscá-la. A travessia é bastante perigosa, só mesmo aqueles bem experimentados, bons nadadores, que conhecem o rio e seus segredos, podem fazê-la sem arriscar a vida.

Uma tarde saímos para conhecer o famoso lago do Cocal. Entra-se nele por um canal à margem esquerda do rio. Em certos trechos o canal era muito estreito e raso, e tínhamos que descer para empurrar a canoa, com os pés atolados na lama e o pavor de pisar numa arraia, pois o lamaçal é o viveiro delas. Mas se se arrastar os pés, não há perigo nenhum, porque ela foge. Sendo pisada no dorso, não se escapa da terrível e venenosa ferroada, pois ela nunca erra o bote. Um jacaré acompanhou a nossa canoa por longo tempo, observando-nos com aqueles olhos redondos e especulativos. No lago, admirei-me de suas dimensões e de sua beleza. O silêncio era grande, rompido apenas pelo vago trinado de aves ou por rumores indistintos vindos das margens. De vez em quando um bando de garças ou patos selvagens pousava à beira, para em seguida levantar-se em vôo elegante e suave. Martins-pescadores baixavam



certeiros, trazendo um peixe irremediavelmente preso em seu bico. Extensões enormes de areia branca e fina, se abriam a fazer inveja a muitas praias marítimas famosas.

Couto Magalhães assim descreveu o lago do Cocal quando o viu pela primeira vez, certamente na sua pureza selvagem: “O lago, em sua entrada no rio, tem beiradas baixas, quase ao nível das águas, e são cobertas de um capinzal verdíssimo, alguma coisa semelhante aos pés de arroz. Toda essa margem é baixa e formada de arvoredos tão copados, que formam um verdadeiro teto, por debaixo do qual o terreno é limpo de vegetação e coberto de folhas secas. Toda essa margem parece alagadiça no tempo das cheias. A margem oposta é elevada, de barrancos altos, de uma terra pardo-avermelhada, coberta de cerradão, por entre o qual crescem palmeiras de indaiá, que, segundo penso, dão ao lago o nome que tem. O primeiro estirão é do poente para o nascente; a uma légua do rio, ele faz uma curva e pende para o norte. Andamos por ele légua e meia; o lago torna-se mais estreito e raso; contudo, não nos foi possível chegar ao fim, porque, sobrevindo a noite, forçoso foi retroceder... Vi dentro dele a mais mimosa ilha que até hoje tenho visto, a qual realiza essas descrições fantásticas feitas pelos poetas: figure o leitor um tabuleiro abaulado e perfeitamente redondo, coberto de um musgo verde, da altura de uma polegada, e todo cheio de florinhas brancas; suponha orlando isto uma cinta elevada de juncos; em torno dessa cinta uma fileira de patos, marrecões, marrecas, marrequinhas, garças e frangos-d’água; suponha tudo isso elevando-se apenas dois palmos da superfície calma e verde das águas do lago e alumiado pelo clarão melancólico de uma tarde do Araguaia, e terá, mais ou menos, idéia desse encantado pedaço de terra, que a natureza aí formou com tanta graça, que desesperaria o artista que a quisesse imitar.”



Sáimos do lago à noite, o céu já se estrelara com milhões de pontos luminosos. Uma doce aragem perpassava de manso sobre as águas. Paramos um pouco para pescar. A quietude produzia uma fantástica exaltação, não havia tempo, nem limite; era só o infinito e a eternidade.

Depois que a gente aprende a amar o rio e a sentir-se presa àquelas águas, uma saudade antecipada nos invade e vem a ansiedade de ter que partir. Há uma saudade antecipada também do fraterno e alegre convívio com uma turma amiga, porque também os companheiros completam o êxito da temporada: o Wagner, irmão do Araguaia, sempre em transe na presença daquelas águas; seu Conceição, com sua presteza e experiência, firme no leme da canoa; D. Maria, serena, curtindo o rio como ninguém; seu Lulu que tinha cuidado com tudo e com todos e muita inspiração ao violão; o Antônio, vibrativo e alegre, animava todo o acampamento; Maria Luísa, presença viva e indispensável em todos os momentos; a meninada ruidosa, enfim, todos, fraternos e felizes.

O dia de voltar chegou. As acontecimentos todas já pertenciam à memória do coração. Eu apenas disse ao rio, quando me despedi, aquele verso do Miguel Jorge:

“ARAGUAIA MEU MAR”

Goiânia, 28 de setembro de 1975

## Réquiem para as árvores

O amor à árvore não deve ser para o homem apenas uma postura poética. É verdade que para os sensíveis, os de coração grande, a árvore é uma presença de amor e beleza. As velhas amigas comovem pela grandeza e imponência de seu tronco, pela doce simetria de seus galhos, pela beleza e fartura de seus frutos, pela proteção que nos oferece. Para mim, desde criança, o território que se abriga sob a sombra de uma grande e velha árvore é um mundo mágico, onde brincam e se divertem seres fabulosos, homens verdes, macacos encantados; onde entidades de sombra e olhos de estrela dançam nas noites de luar, após a meia noite; onde pássaros de penas douradas botam ovos de cascas salpicadas de partículas de ouro. Eu tive a minha velha mangueira, que um chuchuzeiro vestira de saia, no quintal de minha infância. Levantava a cortina do chuchuzeiro e entrava no meu mundo maravilhoso, onde havia de verdade todos aqueles seres mágicos. Depois tive a árvore de minha adolescência, bem no alto de um morro no nosso sítio de Hidrolândia. Com ela, falava de minha crise existencial, das loucas esperanças e dos profundos medos que o descobrir da vida me inspirava. Sozinha, quase sempre, olhava o mundo lá do alto, tanto verdor em torno, tanta melodia da natureza, os ruídos estranhos e encantados!

Desde pequena, aprendi com meu pai o amor à natureza. Em nosso sítio, era proibido caçar, aprisionar os pássaros ou qualquer animal. Ao ouvir o ruído de um tiro ou suspeitar que algum atrevido incursionava pelo nosso território para destruir árvores ou bichos, papai pegava o seu cavalo e lá ia expulsar o criminoso. Ele conservou no sítio uma boa nesga de mato, que nunca deixou destruir, seja para tirar madeira, seja para plantar roça, seja para fazer pastagem. Sei que meu pai era olhado como um homem exótico. “Que homem estranho, veja o dinheiro que está perdendo com essa mania de não derrubar esse mato.” Não foi uma, nem foram duas as pessoas que disseram isso.

Entretanto, nem a vigilância de meu pai conseguiu deter a ação dos assassinos de animais selvagens. Já não vejo os filhotinhos de cervos correndo livres, cruzando os nossos caminhos, os caminhos de nossa infância. Nem as pacas, nem as perdizes, nem as seriemas, nem os bandos de macacos, nem as emas. Os destruidores são espertos e sua atuação é contínua e pertinaz. Hoje que já se acabou o respeito pelos outros e até por suas propriedades, invadem o sítio, roubam frutas ainda verdes, maltratam os ingazeiros e cajueiros, quando não os matam. Já não comemos mais pequi, caju, ingá de nossa terra. Vamos comprá-los verdes e ruins à beira da Br-153, a três quilômetros de distância.

Dizia eu que a postura do homem diante da árvore não deve ser apenas poética. A árvore é necessária à vida, por todos os benefícios que dela advêm ou, para usarmos de uma expressão mais racional e fria, por todo o benefício econômico que dela se extrai, pelo equilíbrio ecológico que ela proporciona. Todos nós sabemos – e as campanhas ecológicas estão aí para nos esclarecer, o quanto a árvore é necessária à própria sobrevivência do homem. É imprescindível nas cidades, para contrapor a aridez do



concreto e dos espigões; contrapor o desamor das criaturas enlouquecidas pela ambição que criam a paisagem de um deserto, espiritual e material.

Um dia desses, descia eu pela avenida Tocantins! Olhava, com ternura, os meus velhos flamboyants, que em setembro e outubro costumam vestir Goiânia de fogo e ouro! Como estão vilipendiados pelos comerciantes que os derrubam para destampar os letreiros; pelos donos dos edifícios que não os admiram; pela CELG que os podam a torto e a direito. Pelos maus-tratos, pelo descaso, estão morrendo aos poucos. Nessa manhã em que eu descia a Tocantins, havia um operário com um machado, furioso, cortando uma raiz do velho e honrado flamboyant. Cada machadada era um baque no meu coração. Nada perguntei, porque ele, certamente, estava cumprindo ordens que lhes são dadas sem nenhuma explicação. Protestar? Chamar os jornais? Para que se essa cena se repete com frequência, sem nenhum respeito pela opinião pública, pela árvore, por ninguém? Segui o meu caminho, triste e desalentada, sem voz, sem vontade. Mais tarde, passei pelo mesmo caminho. Dessa vez apenas uma das raízes foi sacrificada. Não sei se isso poderia produzir ou apressar a morte do digno flamboyant. Se as plantas sentem alegrias e tristezas, dores e consolos, ele deve ter sofrido muito nessa manhã clara de sábado, assim como se de nós outros, um dedo tivesse sido arrancado.

oOo

Não é sem motivo que faço hoje a apologia da árvore. Um sentimento de revolta e de tristeza faz a alquimia de meu cérebro mover e alinhar as palavras: a notícia de que a Prefeitura sacrificou setenta árvores para implantação do tal eixo norte-sul da cidade. No meu entender, não há

justificativa para o sacrifício dessas árvores e nem para a estética dessa avenida Goiás, que era linda, e sempre arrancava palavras de exclamação dos forasteiros. Basta a desfiguração impiedosa que a cidade vem sofrendo, em nome do progresso. Não me convenço, nem com o argumento de que algumas árvores serão sacrificadas para se fazerem rampas para os deficientes físicos. Que me perdoem, mas isso é apenas um meio de comover a opinião pública e distraí-la para que o povo engula mais essa. Aliás, os deficientes físicos não necessitam de nossa piedade e sim que os aceitemos como gente que são, com as grandezas e miudezas de nós mesmos. São gente capaz de amar, de odiar, de produzir arte, de serem úteis. A solução para as rampas pode ser bem outra, sem o sacrifício das árvores. Há poucos dias eu olhava a avenida Goiás de um 18º andar. É realmente bonita! É um crime ter-se mexido nela, para desfigurá-la. Nós sabemos que os propósitos da administração municipal foram bons: melhorar o transporte coletivo. Entretanto, não haverá, na verdade, outra solução? A ser assim, teríamos de sair derrubando tudo o que foi construído para a beleza arquitetônica da cidade: derrubem-se os monumentos, acabe-se com as igrejas – eles estão ocupando espaços, inutilmente! Deixem-nos para os automóveis, para as casas comerciais, para os bancos, para as indústrias, para os hotéis – para as fábricas de dinheiro, enfim!

Eu rezo um réquiem para as setenta árvores e para todas aquelas que os vândalos matam e destroem. Também peço a Deus que dê mais sensatez ao homem de agora, pois ele vem cavando aos poucos a sua própria sepultura ou tornando-se um fantasma no deserto que, de forma demoníaca, vem criando.

Goiânia, 1981

## Sessenta anos educando e plantando cultura

O meu reencontro com o Santa Clara, após mais de duas décadas de separação, confesso, foi doloroso e triste. Triste como o reencontro com um antigo amor, do qual a vida nos separou, impiedosamente. Foi como se nos olhássemos nos olhos, as mãos vazias, o coração murcho e a fronte cansada – e nos perguntássemos: para onde fugiu a nossa juventude? O que foi feito dos nossos sonhos? Como coube tanta dor em nosso peito? Ah, vida! E baixou sobre minha alma uma saudade do tamanho do infinito. Movi a manivela do tempo ao contrário. Vi-me de saia azul, de pregas, vinte centímetros abaixo dos joelhos, blusa de fustão branco e mangas compridas, meias brancas e sapatos pretos, caminhando pelas ruas poeirentas de Campinas. A gente ia em fila, duas a duas, freiras atrás e no meio. O pessoal saía às janelas para espiar-nos e os rapazes ficavam nas esquinas, dizendo galanteios às mais bonitas ou mexendo conosco, de forma grosseira: “Lá vai a boiada passando!” Ai de quem olhasse para os lados ou fitasse os marmanjos com olhos compridos – pois na Campininha já havia os *playboys* por quem o internato todo era apaixonado! Quem infringisse as regras, recebia traços no nome, o que significava nota baixa no comportamento ou algum castigo do tipo de não participar dos passeios, de ficarem proibidas as saídas no terceiro domingo do mês etc. Ah, meu Santa



Clara, que perguntava às internas, de uma por uma, no fim das férias: você fez vestido sem mangas? Você brincou no carnaval? Eu me encolhia de vergonha diante das colegas, não porque tivesse cometido algum desses pecados mortais. Porém porque meu pai, que tinha oito filhos, não me dera nenhum vestido novo nas férias. E minha cidadezinha, Hidrolândia, antiga Santo Antônio das Grimpas e depois só Grimpas, não tinha sequer carnaval! Portanto, eu não cometeria pecado mortal, por falta de oportunidade!

Entretanto, nem todo o rigor do Colégio Santa Clara, importado da Baviera – Alemanha, e imposto às inquietas e fogosas jovens de um país tropical, impedia as meninas danadas e as “santinhas” de praticar os seus deslizes. Que me perdoe a querida e inesquecível Irmã Nelly por tão tardia e sincera revelação! Eu era uma interna privilegiada: estudiosa – do tipo aluna primeiro lugar – a escriba oficial. Produzia os discursos e outras peças para todas as solenidades, portanto, aluna confiável. Tive, em certa época, permissão para sair sozinha para ir ao dentista, algumas tardes por semana. Era aí que eu aproveitava para fazer certos favores às minhas melhores amigas: levar cartas para namorados, comprar cosméticos (era proibido tê-los no colégio, como era vedado pintar o rosto!), comprar bombons, cigarros etc. Eu escondia objetos proibidos em minha carteira, na sala de estudos, que nunca era revistada. Em outra oportunidade, fomos passar o dia em uma fazenda em Bonfim, hoje Silvânia, levadas pela Irmã Regina. Lá, descobrimos um alambique e não sei porque tretas do diabo, roubamos cachaça e misturamos ao guaraná. Nunca se viu tanta animação nas brincadeiras da turma. Emília, santinha, quieta, silenciosa, deu um show de rumba. A irmã ficou olhando-nos com uns olhos inquisidores, mas eu agüentei as pontas e nada foi descoberto.

Um dia, com o pátio deserto, Heloísa escondeu-se atrás de um armário para fumar. Não era costume freira ficar andando por ali, àquela hora. Não há de ver que uma delas resolveu dar uma volta pelo pátio, também admirada de nos ver por lá! Eis que ela passa perto do armário, sem que houvesse tempo de avisarmos a colega. E vê uma fumacinha subindo lá de trás e percebe um cheiro estranho. “Que é isso? Um incêndio?” pergunta com voz perplexa. Olha atrás do armário e lá está Heloísa, bem tranqüila, com seu cigarro aceso. Daí, houve a chamada à Diretoria e a primeira advertência para a expulsão. Havia certas meninas que anoiteciam e não amanheciam. Se eram de família influente, podia ser que o assunto merecesse uma análise mais profunda!

Todas as noites, passávamos pela capela para rezar a oração da noite. E no mês de maio, era o terço, com cantoria e tudo. E, como dizia Macunaíma, ai, que preguiça! Numa noite em que o sono se debruçava sobre a cabeça de algumas, os sonhos se aninhavam na alma de outras e o capetinha andava a soprar coisas aos ouvidos de muitas, aconteceu algo insólito. A monotonia das preces, rezadas num tom de cantochão, enchia a capela e, lá fora, só o silêncio da centenária Campininha, na década de cinqüenta. As altíssimas janelas da capela davam para a rua. Eis que alguém pula na janela próxima ao altar e aparece de meio corpo: era o vulto de um homem, ainda moço, gordo, com o rosto luzidio, de tão preto, os olhos arregalados, um chapéu de palha com as abas meio esfarrapadas na cabeça, camisa aberta no peito. Ele dá um grito rouco, ininteligível, que ecoa pela capela. Estourou um zunido geral. Corre menina para o altar, para a sacristia, para os escuros corredores da clausura onde os morcegos gostavam de fazer suas noturnas acrobacias e por onde, acreditava-se, passava depois da meia-noite uma fileira de fantasmas de freiras,



rezando suas preces eternas. “É o capeta! O capeta apareceu na janela!” Gritava alguém. Uma menina, que não entendera os gritos, julgou ser a aparição de Nossa Senhora. Pôs-se de joelhos no corredor da capela, no meio da balbúrdia, e dizia com voz de terror: “Meu Deus, eu sou tão pecadora, que não vejo Nossa Senhora!” Outra garota, espremida no meio dos bancos, fez xixi por ali mesmo. Eu, gorda e calma, sem saber para onde correr, fiquei no meio da porta da capela e tanto me puxaram e tanto me empurraram, que quase houve um streap-tease à força. Imagine, cento e tantas jovens, fechadas por meses a fio, por entre os altos muros de um colégio, com seus medos, suas esperanças, seus pecadilhos, seus sonhos reprimidos, seus anseios sufocados, as saudades, o rigor da disciplina. De repente, a explosão! Depois, os choros, os risos, as gargalhadas, as piadas. Foi um Deus nos acuda! Quase não dormimos naquela noite. Driblando a vigilância das irmãs, ficamos pela noite adentro a fazer comentários, aos cochichos. Depois soubemos: era um doido, popular em Campinas, que tivera a inspiração de assustar as internas naquela noite!

De certa feita, a minha cara amiga Myrthes Guerra, hoje uma das brilhantes figuras do Ministério Público em Goiás, tacou-me uma pedrada no olho direito, que espatifou a lente dos meus óculos, tendo alguns caquinhos cortado minha sobrancelha e posto em perigo a minha vista. Graças a Deus, nada de grave aconteceu. Não foi briga, nem nada. Apenas uma brincadeira inconseqüente.

Aconteciam essas coisas de todo internato: de vez em quando, misturavam os sapatos à noite ou os escondiam e pela madrugada era um tal de procurar sapato, que dava a maior alteração na ordem. Certa vez, fizeram uma cruz com batom bem vermelho na testa de muitas meninas e foi muita gente a deixar escapar um grito de susto ao olhar, com os olhos pesados de sono, a própria imagem no espelho.



Havia rigor, sim, mas era uma juventude alegre, sem drogas, num tempo sem violência, que sabia divertir-se à sua maneira e sabia ser feliz, com aquela ingenuidade toda, ou, muitas vezes, uma ingenuidade aparente!

Ao lado dessas lembranças que são, na verdade, o que de melhor ficou de um tempo tão lindo, o Santa Clara ofereceu o melhor padrão de ensino do Estado, quiçá do país. Aprendia-se o português a fundo e dali não saía uma aluna ginasiana ou normalista que não soubesse redigir e analisar Camões e muito bem. O ensino de línguas, sobretudo o latim, era exemplar. Ao sair do Santa Clara, fui fazer o curso Clássico (que hoje não existe mais) no Liceu de Goiânia. Na primeira aula de latim, o Professor Mesquita andou fazendo algumas perguntas e eu respondi a todas. Ele me olhou espantado e perguntou: “Menina, de que colégio você veio?” “Do Santa Clara”, respondi com orgulho. “Logo vi”, respondeu ele. As alunas do Santa Clara, das primeiras às últimas da classe, faziam figura em qualquer lugar.

O Colégio Santa Clara, à parte os dogmatismos de uma moral excessivamente severa e um ensino religioso sem abertura, que era uma prevalência da época, teve uma influência bastante grande em minha formação de escritora. Além do embasamento cultural que recebi e que me preparou bem para prosseguir, tive oportunidade de caminhar no rumo de minha vocação para as letras. Quando ginasiana, cheguei a escrever uma peça de teatro – *Judith* – baseada na personagem bíblica do mesmo nome, que foi levada ao palco e aberta ao público de Campinas. Infelizmente, dela não guardei cópia, nem maiores detalhes da encenação. Escrevi a súmula da história do Colégio, que foi publicada em uma revista da qual também não guardei um exemplar, como também escrevia discursos, redações (que eu fazia para mim e para meia dúzia de colegas!...).

Concursos literários, a leitura dominical na Biblioteca, as leituras de romances no refeitório, com mais raridade, a projeção de filmes e outras promoções, eram meios de incentivo às alunas. Afora isso, tínhamos oportunidade de aprender pintura, desenho, música, bordado, etiqueta. O esporte era bastante estimulado, participando o colégio de competições esportivas com outros estabelecimentos de ensino da Capital.



O Colégio Santa Clara foi fundado em 1921, quando aqui chegaram quatro irmãs vindas da Baviera: Maria Benedita, Maria Wilibalda, Maria Bonifácia e Maria Ludmila. Seus poucos e modestos pertences chegaram a Campinas através de um carro de bois. Algum tempo depois, as Irmãs estabeleceram-se numa casa adquirida com a intervenção do Sr. Licardino de Oliveira Ney, pelo preço de seis contos de réis. Como afirmou Dom Fernando Gomes dos Santos, na Missa do Jubileu de Diamante, parece mesmo ter sido uma inspiração divina a construção do Colégio Santa Clara no Planalto Central, àquela época. Por que Campinas? O que havia de especial nessa cidadezinha para se plantar aí um colégio, que teve um papel tão importante no crescimento cultural de Goiás? Na verdade, foi mesmo inspiração divina. Estava-se preparando gerações de mulheres – por ele passaram 45.000 alunas – para o futuro de Goiás. Alguém afirmou que cada aluna do Santa Clara que voltava para o interior de Goiás como professora, retornava levando a bandeira do crescimento cultural para sua região.

Além de ter sido eu aluna do Colégio, tenho com ele uma ligação profunda. Nele estudou, na turma 1925, minha mãe que, devido ao casamento, não chegou a concluir os



estudos. De Hidrolândia, ela vinha a cavalo para o internato. Gastavam um dia de viagem, saindo de lá de madrugada. Nele formou-se minha tia, Augusta de Souza Machado, que por longos anos foi a alma de Hidrolândia. Diretora do Grupo Escolar, oradora em todas as ocasiões, organizadora de festas, diretora de teatro, braço direito da paróquia local, dava assistência e ajuda moral aos menos favorecidos e a todos que a procurassem. O primeiro teatro que vi foi ensaiado em casa de minha avó e depois encenado num palco armado dentro de um rancho. A primeira vitrola, o primeiro rádio, o primeiro cinema fundado na cidade foram introduzidos por Augusta de Souza Machado. Ela foi um fruto do Santa Clara – dele voltou levando ao interior, tão atrasado, um pouco de idéias novas. Também alunas do Colégio foram minhas irmãs Elza e Lourdinha, como dezenas de outras moças de minha família. O Colégio preparou, através de um ensino de excelente nível e de idéias renovadoras, milhares de mulheres, que se tornaram professoras, mães de família, profissionais liberais, políticas, artistas, administradoras, mulheres de negócios para a explosão do progresso que veio vindo rápido: a nova Capital de Goiás e a nova Capital do país.

Ah, queridas mestras, como me lembro de vocês com carinho: Irmã Celeste, Irmã Gema, Irmã Regina, Irmã Ângela, Irmã Seráfica, Irmã Glória, Irmã Celina, Irmã Bonavita, Irmã Rosária e outras que já partiram desse mundo ou estão distantes de nossa terra!

Há uma mestra, sobretudo, a quem eu devoto uma admiração sem limites e um reconhecimento especial: Irmã Nelly Alves de Amorim, hoje afastada da congregação. Diretora por muitos anos, ela conduziu o Colégio com uma garra incomum, porque era brilhante, dinâmica, corajosa e trabalhadora. Ela foi a líder que soube levar adiante, com



pulso forte, o nome de um colégio bem plantado e fê-lo atingir as culminâncias na história do ensino em Goiás. Irmã Nelly é até hoje admirada e amada por milhares de ex-alunas. O Estado de Goiás deve-lhe um grande respeito e as melhores homenagens.

Eu não poderia deixar de lembrar de outra criatura ligada à história do Santa Clara – a professora Eunina Hermano, a querida e popular Sanina. Conhecida como plantadora de escolas, a mãe dos órfãos, ela é o anjo bom que sai repartindo amor e fraternidade como uma fada: com as mãos cheias de estrelas, a distribuir luz.

Assim, deixo o meu testemunho e as minhas homenagens ao querido Colégio Santa Clara, que há sessenta anos vem educando e plantando cultura em Goiás.

Goiânia, outubro de 1981

## Uma crônica em três tempos

### I

#### UM CORONEL E SUA REPÚBLICA

A morte levou-o de forma inesperada e estúpida. Incrédulos e chocados, seus amigos e milhares de admiradores custaram a absorver a terrível notícia. Desde o acontecimento, eu senti algo espetando-me o coração e a cabeça, com vontade de falar nele. Deixei que muitos o homenageassem, vi seu rosto bom nas páginas dos jornais, em todos eles, creio. Ouvi falarem dele nas câmaras, nas assembléias, nas associações, nos templos. Esperei que na hora certa minha palavra brotasse, singela e pura como uma flor, não para enfeitar-lhe o túmulo, mas para abençoar a sua memória inapagável. Falo do Coronel Hipopota e de sua República, a extinta República Livre do Cerradão. Ele foi o seu fundador, o soberano perpétuo, de autoridade incontestada. Homem culto, simpático, alegre, ele preferiu dar o seu recado ao povo de maneira simples, direta, sincera e humana. A sua república era o território livre da alegria, da música, da voz do campo, que nas tardes de sábado e depois nas manhãs de domingo, entrava pelos lares dos simples, do povão, nas fazendas, nos lugarejos, nos bairros, nas vilas, levando o som da viola, o choro das sanfonas, os requebros jovens das “hipopotecas”, os recados, as brincadeiras.

A República Livre, igual às cidades e comunidades sonhadas por filósofos e poetas, era, na verdade, alegre e boa: sem bombas de direita e de esquerda, sem corrupção, sem ameaças, sem miséria, sem traições. A música, a fraternidade, a mensagem positiva eram artigos fortes de sua constituição. Programa pioneiro, a República Livre do Cerradão resistiu ao tempo, às intempéries, às mudanças, às inovações, porque suas bases eram o interesse e o amor de uma legião de telespectadores, dos mais distantes recantos de nosso Estado. Entretanto, como a República era tão ele, com ele morreu. Quando o Coronel Hipopota baixou à sepultura, ao som de “Saudades de Matão”, na voz bonita e comovente de dois cantadores, não foram poucos os que choraram e nem poucos os corações que se cobriram de tristeza.

A República Livre do Cerradão permanece na lembrança como um símbolo e um sonho: nesse mundo cruel ainda há homens como o Coronel Hipopota que, renunciando talvez à busca de falsas honrarias, dinheiro e poder, sabem levar uma alegria simples e ingênua, uma mensagem salutar, uma palavra de esperança a muita gente, que desses bens tanto carece. Por isso, ele se tornou querido e inesquecível.

## II O PAPA ATINGIDO

Líderes, governantes, políticos, grandes artistas, em todos os tempos, sempre correram o risco de sofrer ataques criminosos desfechados por psicopatas, fanáticos, loucos de todas as espécies, mercenários a serviço de grupos terroristas. Assim tombaram Martin Luther King, Kennedy, John Lennon, para citar apenas alguns poucos nomes da atualidade. A morte violenta dessas personalidades



aconteceu sob as mais variadas circunstâncias: ora são vítimas de tiros, ora de facas, ora de venenos, ora de outras formas de acidentes provocados. Ou mesmo requintados processos de eliminação, como aquele que causou a morte de um político dissidente do mundo comunista (tcheco? russo? não me lembro bem), em Londres, fato muito comentado à época pelos jornais. Ele foi morto em virtude da estocada de um guarda-chuva, com a ponta devidamente preparada com uma cápsula venenosa, que levou a vítima à morte, em pouco tempo.

Agora, balas assassinas atingem o Papa João Paulo II, em plena Praça de São Pedro, numa tarde de primavera, à vista de milhares de fiéis. Karol Wojtyla é um líder religioso universal, um pregador da paz e da fraternidade, um incentivador do retorno à fé cristã simples e verdadeira. Com sua personalidade espontânea, com sua simpatia pessoal, com sua fé alegre e firme, ele conquistou o mundo, independente de credos políticos, religiosos, morais, independente mesmo da existência de qualquer credo. Vive-se hoje numa sociedade humana em degradação. Os governos são corruptos e comprometidos com os poderes econômicos. Os países se armam até os dentes, com sofisticadas armas de destruição, quando há tanta fome no mundo. Povos mais fortes subjagam os mais fracos, explorando-os de forma desumana e cruel. As nações poderosas rosnam entre si como hienas danadas na disputa de mercados, minas, pontos estratégicos, rios, mares. E não é para admirar a figura de um pastor de branco que passa por todo o orbe, empunhando uma bandeira de paz, ensinando de novo a rezar, lembrando ao próprio homem que ele esqueceu o jeito de ser homem?! Expressando-se miraculosamente bem em muitos idiomas, penetrando nos territórios mais hostis e beijando-lhes o solo com humildade, João Paulo II tem conquistado adeptos para

sua causa, pois ela faz bem, é um alento e uma esperança para a nossa aturdida humanidade.

O tiro no Papa, sentimo-lo em nossa própria carne. Doe o corpo de medo, doe o coração angustiado, perturbou-se a cabeça já confusa. Atingir homens como João Paulo II é atingir um patrimônio moral da humanidade, um ente que é importante e é caro para cada um de nós, sobretudo os cristãos. Vê-los ameaçados é como se nos víssemos completamente sozinhos e desamparados na voragem dos acontecimentos. A insegurança passa a ser um misto de piedade, de pavor, de desesperança que eu vi a imagem alegre e bondosa do Papa, mostrando em seu rosto as marcas da dor.

Esse jovem, Mehmet Ali Agca, terrorista apátrida, de cujo filho a nação turca se envergonha, que atirou no Papa, dizem ser membro de um grupo da extrema direita – “Os Lobos Cinzentos”. Frio, lúcido e decidido, conforme foi considerado pelo chefe da seção de combate ao terrorismo da polícia de Roma, talvez Agca tenha agido em cumplicidade com outras pessoas, num complô internacional. Certo é que muito há de nebuloso nessas espécies de crime. As coisas nunca ficam bem esclarecidas. Esse ato terrorista não leva a nada, nada constrói, nada modifica para ninguém. Apenas debruça mais ódio nos corações, mais medo e insegurança, mais desalento na humanidade.

Mas o Papa João Paulo II sobreviverá e continuará a abençoar e a beneficiar o mundo com sua cruzada de paz. É o que todos, firmemente esperamos.

### III O BANHO DE OURO

Os jornais trouxeram, meses atrás, impressa num cantinho, sem muitos detalhes, uma notícia. Achei-a linda, inverossímil, verdadeiro conto de fadas. Pensa-se de um modo geral que escritores, poetas, artistas são muito imaginosos. Eles nada mais têm que a sensibilidade de apanhar pelos espaços e de catar do quotidiano as coisas fantásticas e transformá-las na matéria-prima de sua obra artística. Olavo, meu sobrinho, aos cinco, seis anos costumava perguntar-me: "Tia, fantasma existe? Mula-sem-cabeça existe?" Se eu dissesse que não, ele iria ficar profundamente desiludido e concluiria que o homem vive rodeado de um mundo de mentiras. "Olhe, filho, tudo que a gente pensa, existe", respondo eu. "Se não existe fora, existe na imaginação". Ele, inteligente que é, ficava meio encabulado, olhava longe com seus olhinhos vivos, arquitetando novas perguntas, cujas respostas nunca o satisfaziam. A verdade é que, parafraseando o poeta, entre o céu e a terra acontecem coisas tão fantásticas, mais do que possa criar nossa fraca fantasia.

A história é que um jovem casal de índios sul-americanos passava a lua-de-mel num lugar paradisíaco, próximo de uma cachoeira, sítio ainda não profanado pela civilização, nem descoberto pelas empresas turísticas. Árvores, flores silvestres, o canto natural e puro dos pássaros compunham um cenário de autêntica beleza. Os jovens foram banhar-se na cachoeira, as águas despenhando espumadas como renda. Eis que o rapaz olha o corpo moreno da jovem amada, seus longos cabelos pretos, seus olhos sorridentes de felicidade. Oh, espanto! Vê-a salpicada de ouro, partículas brilhantes como estrelas enfeitando-lhe os negros cabelos, como se de repente ela



se tivesse transformando numa deusa dourada. Visão fantástica criada pelo amor? Milagre de algum deus de esmeralda que dormia escondido na mata? Então ele se olha para verificar se era o sonho de si próprio. Para espanto seu, também estava enfeitado de ouro. Entretanto bem vivos, de carne e osso. Seria aquele então, o Eldorado sempre procurado e nunca encontrado, onde o ouro corre pelos rios, espalha-se com as cachoeiras ou se esconde no ventre das montanhas? Voltando incontinenti à realidade, verificaram que realmente as águas do rio carregavam partículas de ouro. Havia ouro em abundância, era uma região aurífera fabulosa. O segredo se espalhou, pois nessa aldeia global, nada se guarda, tudo se espalha com a rapidez do pensamento. Sobretudo notícias, que despertam a cobiça, a eterna e insaciável ganância do bicho homem. Dentro de pouco tempo uma multidão acorreu ao local, garimpeiros, aventureiros, milhares de criaturas na fanática busca da suprema ambição humana – o ouro e com ele, as honrarias e o poder.

E o casal do banho se perdeu na multidão.

Goiânia, maio de 1981

## A mulher e a inteligência: a propósito de dois livros de mulheres

O historiador e filósofo Will Durand lembra que uma das velhas observações sobre a diferença entre o homem e a mulher, no que diz respeito à inteligência, é o número restrito de mulheres gênios ao longo da história da cultura humana. Poetisas como Safo, grandes romancistas como George Eliot, grandes físicas como madame Curie, grandes pensadoras como Aspásia e Madame de Staël, formidáveis estadistas como Isabel da Inglaterra e Catarina de Médicis não aparecem com a mesma frequência com que apareceram os gênios homens. Mas, argumenta o mesmo escritor, se considerarmos que os gênios masculinos aparecem entre uma elite de milhões de homens educados e os gênios femininos, de um núcleo muito pequeno de mulheres educadas, é notável o número de mulheres gênios na galeria da inteligência humana. A luta pela liberação da mulher e suas lentas e suadas e parcas vitórias são recentíssimas, se levarmos em conta a longa trajetória do *homo sapiens* na face do planeta. Ainda no século XIX, as africanas eram vendidas como escravas; na antiga China, a maior tristeza e a maior decepção para um casal era o nascimento de uma menina; no Taiti, mulheres tinham de alimentar ao peito os leitões. O filósofo Otto Weininger provou, num tratado, que mulher não tem alma e Nietzsche aconselhava: "Quando te dirigires à mulher, leva contigo um chicote."

Apesar de sua ferrenha luta e das conquistas, o mundo ainda está cheio de machões, de maridos que matam para lavar a honra, de milhões de mulheres oprimidas. Mas também há muitas amélias e muitas bonecas-de-luxo, de cabeça oca. Feminista, não me filio a nenhum grupo pela liberação da mulher, grupos esses onde há, muitas vezes, equívocos e exageros. Contudo, em todas as minhas atitudes e feitos, eu tenho defendido a dignidade da mulher e a necessidade de que ela ocupe o seu justo lugar na sociedade. O justo lugar como ser humano diferente do homem, mas igualmente dotado de potencialidades capazes de levá-la a ter uma atuação importante na construção da história humana, ontem, como hoje. As discriminações que ainda existem na própria legislação, em nosso e em outros países; o ceticismo do homem – para não dizer preconceito – com respeito à capacidade de criação e de trabalho da mulher, são evidentes e freqüentes. E estou de acordo, também, com Will Durand, quando ele diz que o desenvolvimento cultural da mulher apenas começou e não tem atrás de si tradições em que se apóie, nem grandes exemplos que lhe sirvam de modelo.

Entretanto, no campo da inteligência, mais precisamente, no mundo das letras, temos mulheres verdadeiramente notáveis, cuja lista não caberia aqui. Quem não se curvaria diante de uma Tereza de Ávila, a genial mística espanhola? De uma Florbela Espanca dos notáveis sonetos? Da grande romancista inglesa Virgínia Woolf? Da lucidez de uma Simone de Beauvoir? Dos versos de uma divina Cecília Meireles? E tantas outras!

O que disse acima foi a propósito de dois livros, dois grandes livros de autoras francesas. O primeiro deles é da autoria de Marguerite Yourcenar, para os franceses “a grande dama da Literatura”. Marguerite, que hoje vive tranqüila e isolada nos Estados Unidos, dona de uma vasta



obra de 25 livros, foi a primeira mulher a entrar para a Academia Francesa de Letras. Uma pena que só agora os editores brasileiros se tenham interessado pela sua obra. O livro de que falo é *Memórias de Adriano*, numa exemplar tradução de Martha Calderaro, que por ele se apaixonara desde 1962. *Memórias de Adriano* foi um lento e extraordinário trabalho de Yourcenar, feito ao longo de 27 anos. Apesar de ambientado na época em que viveu Adriano e de ser o sensível e inteligente Imperador o grande personagem, o livro não é, conforme já foi dito, nem biografia romanceada, nem texto histórico. É uma fascinante invenção de Yourcenar, a visão de um humanismo que transcende os séculos. O Imperador Adriano, filho adotivo de Trajano, a quem sucedeu, reinou vinte anos. Sob seu comando, o Império prosperou. Letras, artes e indústrias foram protegidas e a administração reformada. Como fato notável dessa época se inclui também a compilação do *Edicto Perpétuo*, pelo jurisconsulto Sílvio Juliano. No castelo que construiu, hoje Castelo de Santo Ângelo, Adriano passou os últimos anos de sua vida. Marguerite visitou museus, leu obras e mais obras, pesquisou documentos, foi em busca dos passos de Adriano e fez, na expressão da tradutora Martha Calderaro, “a história transformada em sentimento, sangue e vida. E em alma, porque a alma foi, acima de tudo, a suprema indagação de Adriano, para além do amor e da paz que perseguiu, conquistou e pelos quais sofreu, viveu e morreu.” A primeira edição de *Memórias de Adriano* saiu em 1951, pela Labrairie Plon. Houve outra da Gallimard, em 1974.

Outro livro de que desejo falar é *Le Chambre de dames*, editado por Editions de la Table Ronde, em 1979. No Brasil foi publicado pela Difel, com o título de *Quarto de senhoras*, tradução de Octávio Mendes Cajado. O romance de Madame Bourin é ambientado na Idade Média, na França,

mais precisamente Paris. É um levantamento da vida medieval francesa, não vista através das grandes tragédias ou de feitos lendários, de heróis, santos ou bruxas. Mas o cotidiano de uma família, seus amigos, suas relações, o estilo de vida da época, gente que sofre, ama, odeia, nasce, morre; como gente em qualquer espaço, em qualquer tempo. Conforme acentuou a prefaciadora, Régine Pernoud, o livro rompe com tudo o que se conhece da Idade Média dos romancistas, até no cenário: nas páginas do livro não se encontram servos torturados por senhores brutais; a fome, o terror e a miséria não são os únicos ingredientes da vida de gente que constrói catedrais; a existência não passa perenemente ameaçada por pestes e outros flagelos. Costuma-se dizer que a Idade Média é a época do obscurantismo. Há até aquele famoso dito – a longa noite de dez séculos. Essa visão de uma Idade Média de trevas foi alimentada nas escolas, desde o primeiro grau até a universidade – universidade que, aliás, foi criação da Idade Média. Costuma-se citar aquela época da história como sinônimo de atraso e intolerância. Talvez o nosso atraso e intolerância de hoje sejam camuflados com mil sutilezas, ou sutileza nenhuma, pois à claridade dos séculos das luzes, temos torturadores tão cruéis quanto os agentes da Santa Inquisição, sem falar de outros flagelos. Jeanne Bourin, certamente deve ter contribuído com sua criatividade para armar o romance, para traçar o fio da vida e o perfil de seus personagens, para pintar-lhe a ambientação. Contudo, tirou-os de documentos históricos. Pelo romance desfilam o mestre ourives Étienne Brunel, competente no seu ofício; a mulher Matilde, tão sensível e religiosa; os filhos; os goliardos; os menestrelis; os trovadores; os iluminadores; miniaturistas; livreiros; pergaminheiros; copistas que se instalavam às margens do Sena; os alegres e despreocupados estudantes. Há ainda a

ressaltar a minuciosa descrição de costumes: festas religiosas, profanas e familiares; hábitos alimentares, usos na preparação de pratos; preces; vestuários etc. Em suma é um bom livro.

Essas breves notas sobre duas autoras francesas da atualidade são para lembrar que, apesar das opressões, das discriminações e das barreiras, a mulher está sempre presente no campo da cultura, ganhando espaço, extrapolando fronteiras, merecendo respeito e admiração.

Goiânia, janeiro de 1981



## Notícias para a comadre

O título acima eu tomei emprestado de Carlos Drummond de Andrade. Não que ele tenha algo de especial ou seja bonito, mas é de Carlos Drummond, o que lhe dá importância. Aliás, a idéia também o grande poeta me deu. Lá do seu canto, no Jornal do Brasil, um dia ele mandara notícias do quente e trágico verão carioca, provavelmente a um compadre do interior mineiro, habitante dos verdes vales ou das montanhas ricas das Minas Gerais. Daqui, comadre, da boa terrinha do Anhangüera, eu lhe mando não as últimas, talvez as mais interessantes: ora trágicas, ora cômicas, ora pitorescas. Bem sei que quando estamos distantes do solo amado, as coisas mais insignificantes que se referem ao nosso chão, às nossas raízes, à nossa gente, têm para nós um enorme interesse. De começo, não direi que as coisas aqui estão pretas. Elas estão vermelhas (cor de guerra) ou amarelas (cor de desespero). A cor dos acontecimentos não é privilégio da terra dos goiases. É do país todo. Já que o assunto é cor, conto-lhe que o nosso alcaide ressuscitou a Área Azul, que em outras eras fora uma iniciativa fracassada. Tem muita gente enfurecida botando mandado de segurança em cima do governador da cidade. Um causídico argumentou que a cobrança de taxa para estacionar é ilegal, porque não se pode cobrar sem a devida contra-prestação de um

serviço. O alcaide respondeu pelo vídeo que o serviço a prefeitura já está prestando com a demarcação da área e o trabalho das garotas que fiscalizam a dita. Isso não é propriamente o serviço que ela presta, no meu humilde entender. O verdadeiro serviço seria a organização do trânsito no centro da cidade, o seu desafogo, tranqüilidade e conforto para motoristas e pedestres. Que tem gente prejudicada com a Área Azul, isso tem, como por exemplo os moradores dos edifícios sem garagem. São pessoas que têm que pagar estacionamento para almoçar em casa. Aliás, nós, nesse mundo de hoje, em pleno domínio da plutocracia, pagamos para tudo e por tudo: para nascer, para viver, para respirar, para receber um raiozinho de sol, para olhar o céu azul, para beber água e para morrer. Se for o caso de não se ter dinheiro ao morrer, vai-se para um buraco qualquer e que os vermes comam o corpo bem depressa para dar lugar para outro, pobre corpo mortal, desendinheirado, desimportante. Bem, voltando às moças de azul que vigiam a área da mesma cor, orientam os usuários e colocam o papelzinho “Infrator” se for o caso; e aos guardas, que vêem e sapecam a multa, eles são bastante zelosos do ofício. Imagine você que o pobre burro de uma carroça ganhou bem no meio da testa a estrela retangular “Infrator” e como se não bastasse essa humilhação para o pobre muar, lá vem o guarda e cola na dita testa a multa. Ah, se existisse nos homens públicos zelo de tal ordem, quem sabe se as coisas não estariam melhores?

Outra notícia, comadre. A gente que habita essas paragens, goiana ou forasteira, depois de sua partida, não melhorou um milímetro em educação, cultura, respeito pelas coisas públicas. Imagine você que agora deram para descascar árvores no silêncio da noite, o que provocará a morte lenta, a agonia quotidiana dos pobres vegetais, filhas de Deus. A sanha destruidora, o ódio fervente dentro do

peito, volta-se contra a natureza. E não fica só nisso. Fontes da municipalidade informaram que 30 mil mudas plantadas de espatódia, sibipiruna e outras, após três semanas, foram danificadas, quando não totalmente destruídas. O Jardim Botânico está sendo destruído aos poucos, com invasões, derrubada de árvores, pilhagem de madeira e outros males. Goiânia sempre foi admirada pelos visitantes pela sua luminosidade de primavera, pelo traçado das ruas, pelos flamboyants de suas avenidas, nota alegre e característica da cidade. Os flamboyants estão morrendo ou são mortos. Em matéria de destruição das coisas públicas, o goiano deve ser campeão, nesse infeliz campeonato tão do gosto do brasileiro. Você se lembra do Projeto Cura? Foi totalmente destruído por átilas caboclos e raivosos. Eu quase direi que foi bem feito (aqui para nós!), pois no meio de tantas carências de obras básicas para os bairros desassistidos, buraquentos e escuros, um tal projeto foi um luxo. A cidade tem que ser embelezada, todos concordamos, mas que isso não se faça em detrimento de uma infra-estrutura para os bairros. Governar uma cidade é fogo, compreendo. Houve até um prefeito de uma cidadezinha desse interior brasileiro de Deus que, um dia, enfurecido, comunicou à população que não mais mandaria limpar a cidade, pois o povo não colaborava com a limpeza. O povo goiano, como o brasileiro, não é de colaborar, muito pelo contrário. Os que agem diferente, constituem uma reduzidíssima exceção.

Assunto puxa assunto como agulha puxa linha. Os jornais andam falando por aí de um projeto meio louco do Ministro Andreazza: mudar o curso dos rios São Francisco e Tocantins para resolver problemas da seca no Nordeste. O governo goiano, numa atitude muito acertada, deu o grito de alerta. Mas como? Desviar o Rio Tocantins? E o Estado de Goiás, como fica nessa história? Não será



desvestir um santo para vestir outro? Esse desvio poderá provocar desequilíbrio ecológico, prejuízo para a economia etc. Um ecólogo afirmou que, ao invés desses projetos faraônicos, seria bem mais razoável o financiamento das propriedades às margens do São Francisco para a produção de feijão, milho e sorgo. Desviar rios... Meu Deus, as idéias dos dirigentes brasileiros subiram num balão e andam vagando por mundos fantásticos, gerando projetos malucos. Enquanto aqui embaixo, bem rente ao chão, no dia a dia, esteja claro ou escuro, andam roubando, seqüestrando, esfaqueando, a violência num doido índice, sem que nada se faça de prático e positivo para deter a ameaça. O cidadão está com medo, inseguro, desprotegido, desamparado, assustando-se até com a própria sombra. Sabe, comadre, há pouco dias, esfaquearam, uma moça bonita, jovem, mulher liberta, de boa família, bem no centro de Goiânia. Até agora, o mistério envolve o crime, e o criminoso deve estar por aí bem seguro de sua liberdade. Ah, chega de tragédias... Uma pitadinha de política pode dar um pouco de sal nas notícias. Todos sabemos que a atuação da bancada goiana na Câmara e no Senado – salvo as raras exceções – nunca foi das mais honrosas para a província. Agora, achou o nosso conterrâneo Anísio de Souza de fazer o papel inglório do servo mais que servil das forças do Planalto, tornando-se, como disse um jornalista, mais realista do que o rei. Seus projetos fazem até a cúpula do partido do governo ficar rindo amarelo e sem graça. Com essa pecha de laçao do poder, de coveiro da democracia, de provinciano de bobas ambições, anda seu nome citado nos grandes jornais do Rio e São Paulo. Seu último projeto prevê o voto distrital, voto vinculado em todos os níveis, voto distrital para eleição de governadores e sublegenda para eleições gerais. Enfim, todos os ingredientes necessários para manter o mesmo grupo no poder. O

projeto que prorrogou o mandato de prefeitos e vereadores foi de sua autoria. O distinto deputado federal, que é moço e sem dúvida inteligente, poderia ter uma atuação que melhor dignificasse o Estado de Goiás. Estamos tão perto do poder e estamos sempre de fora. Talvez seja por essas e outras da mesma natureza.



No mais, comadre, é pleno veranico de janeiro. Ah, por falar em veranico, por associação, lembrei-me do Siron. Esse menino, além do talento, é um bruxo. Nunca vi ninguém receber, em sua carreira artística, tanto e tão depressa quanto ele. Agora a Associação Paulista de Críticos de Arte acaba de escolhê-lo o melhor pintor de 1980, num certame de nível nacional. Há muitos gênios nesse mundo de Deus que sofreram, penaram, foram incompreendidos e morreram sem ver na frente os louros do reconhecimento. O menino Siron, na rota brilhante da glória, está andando como o gigante da bota de sete-léguas.

Pois voltando ao veranico, anda chovendo bastante por aqui, algumas enchentes no norte, flagelando os pobres, pois o flagelo vai é mesmo em cima deles. Mas o sol não esconde sempre a sua cara brilhante. Vez por outra, no correr do dia, escapando por entre pesadas nuvens cor do chumbo, o alento de sua luz nos ilumina. Eu sei que você está aí com os olhos cansados de bruma, nesse pesado inverno europeu. E sei que seu coração abriga um mundo de saudades do nosso calor, das noites estreladas “da pátria formosa do índio goiá”, do pequi, da pamonha, da empada. Em compensação, você beberá nas fontes uma cultura refinada pelos séculos e mais do que de bruma, encherá os olhos de coisas belas e nobres. Além disso, comadre, o tempo voa. Quem sabe se quando você voltar não estará tudo azul?

Goiânia, 22 de janeiro de 1981

## A poesia e o homem

**D**iante de tanta incerteza e de tantas misérias, de tanto medo e de tantas ameaças na penúltima década desse final de século, de vez em quando eu tenho saudade da poesia, de ouvi-la, de lê-la, de falar dela. É uma saudade doída, assim como a sede de beber a água cristalina de um regato, na palma da mão, de sair pelos campos, sem rumo, apanhando flores silvestres, de contemplar montanhas verdes. É uma vontade de escutar versos belos e profundos que falem da própria dor humana, da própria tragédia de viver. Há pouco tempo, vi pela televisão um grupo de poetas novos atirarem do alto de um edifício, no centro da barulhenta e poluída São Paulo, folhetos de poesia. Os retângulos brancos caíam do céu, enfeitando a tarde, sobre uma multidão neurótica e indiferente, como alvos e doces pássaros que tentassem pousar na alma das pessoas. Os poetas novos, idealistas e puros, queriam chamar a atenção da massa anônima para a poesia.

A poesia nasceu com o homem. Servindo de acalanto às dores humanas ou de expansão às suas alegrias, ela irrompeu, forte e viva no coração dos povos, os mais primitivos. Os australianos, bosquímanos e esquimós, cantando ao som de rudes instrumentos, celebram o regresso feliz dos viajantes, a caçada produtiva, a vitória dos guerreiros. O povo simples mostra-se na espontaneidade e singeleza de



seus cantos. E o que sabe e pode cantar, é amado. Desde o aparecimento do homem no cenário terrestre, a poesia é uma verdadeira força, presença viva no destino da sociedade e da história. Grandes civilizações florescem, declinam, morrem, são substituídas por outras, é inventada a imprensa – a poesia permanece, cresce, engrandece na alma de seus poetas, na alma do povo. Para E. Grosse, desde a decadência das artes plásticas, ressuscitadas pela Renascença, nenhuma arte pode igualar-se à poesia, do ponto de vista da influência social. Épocas inteiras da civilização são designadas pelo nome de um poeta ou de uma obra poética e mais de uma vez a poesia serviu para caracterizar toda uma geração. Afirmou-se que, dentre as artes, a poesia reúne os dons de todas elas. Nela, a subjetividade da música se entrelaça ao objetivismo das artes plásticas; ela modula, pinta, esculpe, edifica.

Entretanto, discute-se a significação da poesia para o homem moderno. Teria a poesia perdido o seu primado? Nos tempos antigos, lembra Leminsky Filho, o mundo em torno de nós era a natureza. Os signos eram escassos: pedra, árvore, céu, nuvem, vento, chuva, lua, maré, pó, alimarias. Na era de um mundo industrial, na atualidade, há “um desfile de implicações visuais”. Encharcou-se de letras, siglas, máquinas, tv, cinema, gás-neon, fotonovela, velocidade, luz, cores. E há os múltiplos impactos: da velocidade, das incursões pelo espaço, da cibernética, da automação, da estandarização, da guerra-fria, do amanhã da vida em Marte, da chegada à Lua, da edificação dos valores econômicos, da primazia material. Se Homero realizou a educação na Grécia, se Juvenal satirizou sua sociedade decadente, se os jograis exerceram papel importante sobre a opinião pública da Idade Média, se no Romantismo a poesia alcançou o máximo de popularidade, questiona-se a vigência dela no mundo de hoje.

G. M. Kujawski, analisando o problema, afirma que atualmente a poesia alcança o nível mais insignificante de sua história e o poeta contemporâneo é um ser camuflado sob as mais diversas profissões, sob as condições mais variadas; um anônimo perdido na multidão, quase envergonhado de suas aptidões criadoras e que só chama a atenção quando é excepcionalmente exibicionista. As transformações ocorridas na vida humana nesse século, as conquistas científicas e técnicas, deixaram o homem perplexo, desorientado, procurando um caminho. O poeta tenta alcançar a realidade, vê-la e entregá-la a seus semelhantes, que esperam encontrar na mensagem poética uma interpretação da caótica hora presente. O poeta busca um caminho.

Há algo na sociedade, quem o afirma é Maiakovski, que só através da poesia se resolve. A poesia é necessária, ela deve imperar na plenitude de sua força social. Ela é a expressão da consciência nacional. A poesia construída é a alma do povo transfigurada, sublimada, embelecida.

Se o poeta moderno está camuflado em outras profissões, é preciso que ele se levante e mostre o vigor da força que representa.

Os jovens poetas de nosso país, como os de São Paulo, estão tentando levar a poesia para o povo, nos bares, nas feiras, nos teatros, nos festivais de poesia falada, nos posters-poemas etc.

Não faz muito, uma de nossas redes de televisão fez uma pesquisa junto a populares, numa das grandes capitais do país, e muito pouca gente sabia citar o nome de um escritor brasileiro, de qualquer época. Entretanto, mesmo que os grandes poetas sejam anônimos para as grandes massas, mesmo que eles não sejam amados como o foram os grandes poetas da Antigüidade, eu não creio que a poesia em si tenha morrido na alma do povo, malgrado todos os

impactos sofridos pelo homem de hoje. A poesia está difusa nas canções que o povo canta, nas quadrinhas populares, nos versos do cordel, na toada caipira, numa canção de ninar, numa prece. A poesia está em toda parte, oculta, submersa, às vezes até nas almas mais sofridas e nos seres mais embrutecidos.

Foi Octavio Paz, o grande escritor mexicano, quem afirmou não crer no desaparecimento da poesia, pelo simples motivo de que isso representaria a própria desapareção da sociedade humana.

Goiânia, fevereiro de 1981



## Ainda a poesia

O escritor Caio Porfírio Carneiro, além de dizer que não crê no declínio de nenhum gênero literário, enquanto o homem for o centro do universo, afirma que está havendo uma nova e avassaladora investida da poesia, que parecia desfibrar-se ante o materialismo desvairado do mundo em que vivemos.

Há um dia marcado para se comemorar a poesia – 14 de março. Por que marcar um dia especial, se a poesia continua viva e é tão inerente ao homem, como sua própria existência?

Reconhecida eterna pelos mais insígnies escritores e pensadores, a poesia tem merecido debates, sob o aspecto de sua primazia no mundo atual, reconhecidamente endeusador dos valores materiais e envenenado pela febre do consumismo. Assim, alguns, desalentados, proclamam: a poesia morreu! Outros, mordazes, indagam: poesia, para que serve? Dá dinheiro? Mata a fome? Nas wall streets da vida, no burburinho infernal das bolsas de valores, diante das secas que flagelam os desvalidos, dos terremotos que sacodem e arrasam a civilização, dos ígneos vômitos dos vulcões, do terrorismo impiedoso – poesia, para que serve?

Se formos analisar a poesia sob esse prisma pragmático, utilitário, de interesse imediato, de nada ela servirá, como também a música, a pintura, enfim todas as manifestações artísticas.

O que é a poesia, então? Como defini-la, como entender o seu mistério? Nos rituais do homem primitivo, a palavra ritmada e cantada tem força mágica e o sentido sagrado. O homem primitivo fazia poesia para espantar o temor dos deuses, das forças cósmicas; para celebrar suas alegrias e suas vitórias. Em todas as civilizações, fez-se poesia e os poetas foram honrados, admirados e amados pelos seus povos. Civilizações ruíram, desapareceram. No entanto, o retrato de sua grandeza pôde ser transmitido aos pósteros através da obra poética de sua gente, um legado universal, ao qual se vem juntando a construção poética de todas as eras e de todos os povos.

Eu diria que a poesia é a vida, é o homem. Todos os sentidos que a vida assume para o homem, diz Adolfo Casais Monteiro, podem ter expressão na poesia, porque este mistério não depende do que o homem crê ou quer, mas daquilo que ele vive, entendendo-se por “viver” qualquer forma de existência interior. As idéias, os sistemas, as religiões passaram, sem que passasse a poesia que as expressava. A poesia, continua o mesmo autor, tem servido mal a todas as causas, que todas são demasiado pequenas para ela, que só conhece uma causa – a do homem – sem exclusões, nem excomunhões.

Sem nenhuma intenção didática ou repetidora, relembro algumas teorias que tentam definir a poesia. No Renascimento, por influência de Aristóteles, a poesia é a representação fictícia, cuja verdade está no geral e no universal, atividade portanto mais próxima da filosofia que da história. Para o Romantismo, ela tem a função determinante de expressar estados interiores (emoção, sentimento), centrando-se, portanto no particular. A teoria expressiva dos românticos pressupõe a existência de um conteúdo psicológico anterior ao poema, que se explicita e transmite ao leitor através da construção de uma

linguagem artística. A matéria-prima é, pois, a vida dos sentimentos e emoções. Alguns românticos viam na poesia, segundo a expressão de Herder, “a palavra primitiva revelada ao homem por imposição divina”. É esta também a posição de Platão para quem poesia é obra divina. A teoria da origem divina e dos poderes mágicos e proféticos da poesia percorreu séculos e tem adeptos até hoje.

A noção da poesia como “busca da palavra original, da aurora da linguagem” confunde-se com a tentativa de restauração do mito do homem originário, inocente, puro, livre.

Segundo a concepção retórica, a poesia não é mais que um objeto resultante da manipulação das palavras. Para Dante “a poesia é a ficção retórica nominalmente composta”. É a visão predominante da Idade Média. Sob o ângulo do formalismo lingüístico, que tem suas raízes na concepção retórica, “a poesia é uma máquina de combinações experimentais de palavras, de que resultam significados novos. Não existe experiência pré-poética capaz de mobilizar a atividade produtora da poesia”. Uma série de signos, caprichosamente combinados pelo poeta, é bastante para criar o objeto poema.

Na esfera da concepção lúdica, a poesia é vista, segundo Heidegger, como um sonho e não realidade: é um jogo de palavras, não é o sério de uma ação. A poesia é inofensiva e ineficaz. Ela exprime uma dada realidade jogando com as palavras.

Entretanto, concluem os estudiosos, as definições da poesia, vista sob a ótica de diferentes concepções, não a apreende em sua totalidade, em todos os momentos. Toda a tentativa de definir, quer procurando captar-lhe a essência, quer interrogando os mecanismos internos que a constituem, quer apontando o seu lugar na cultura e na História, com as devidas justificativas, serão sempre



definições insatisfatórias e limitadas ao ângulo de uma perspectiva formal. Tempo e espaço são múltiplos na poesia e é inútil tentar, pela definição, fixar um desses momentos. Daí ter T. S. Elliot afirmado que aprendemos poesia, lendo poesia.

A propósito dessa busca, às vezes até angustiante, da conceituação e entendimento da poesia, escreveu A. F. Schimidt em seu poema “Ars poética”(1).

“Enquanto procuravam conceituar a poesia  
E velavam sua face  
Com palavras perfeitas,  
Enquanto marcavam com sinais agudos  
As fronteiras do domínio poético,  
Enquanto a inteligência persegue o mistério  
Veio descendo a tarde  
E uma doçura mortal  
Envolveu a rua e o mundo  
No incerto e delicado,  
Asas escuras fugiam  
Do noturno próximo  
E, subitamente, sinos  
Soluçavam”.

A propósito de poesia e de grandes poetas no mundo moderno, discute-se que no “século das luzes” a humanidade não produziu um grande gênio, capaz de entender, captar e sintetizar a época presente. Não nasceram mais Dantes, Shakespeares, Camões, Platões. Will Durand lembra muito bem que devemos atentar para um fator: muito da força mental outrora canalizada exclusivamente para a literatura e a arte, hoje se volta para o vasto campo da ciência e da indústria. O esforço mental é consumido nas descobertas científicas, nos inventos, na construção

de um intrincado mundo econômico e financeiro. Assim, temos grandes inventores e cientistas, diretores de negócios internacionais e financeiros que governam o mundo. Não são uns gênios os que estruturaram, e fizeram prosperar, por exemplo, as multinacionais? Os que inventaram os engenhos que desvendam os mistérios do cosmo? No entanto, Gagarin deve ter sentido a poesia no coração ao exclamar encantado: "A Terra é azul!" Ou quem sabe se a humanidade, no futuro, cansada do materialismo desvaído, não produza um novo gênio capaz de sintetizar esse mundo de agora, ameaçado pelas bombas mortíferas, e dele não restará apenas essa grande obra poética, como de toda a glória de Portugal só restaram *Os Lusíadas*?

Enfim, voltando às indagações iniciais, sobre se é necessário haver no calendário uma data marcada para lembrar ao homem que a poesia existe, ou melhor, que ela ainda existe, eu creio que esse afastamento da poesia é apenas um lapso de tempo na história humana. O homem de hoje anda com mil demônios na cabeça e na alma. Não há lugar para a poesia. Assim é necessário que os poetas, quais os arautos dos antigos reinos, saiam pelas esquinas, pelos mercados e pelos bares rufando tambores, tocando cornetas para proclamar os seus versos. Ou mesmo que pintem os cabelos de verde, como Baudelaire, para que as multidões apressadas e aflitas, escutem, por um momento, a palavra poética.

Para que de fato a investida da poesia seja avassaladora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CIDADE, Hernani. *O conceito de poesia como expressão da cultura*. Coimbra: A. Amado, 1957.
- MONTEIRO, A. C. *Palavra essencial*. São Paulo: Ed. Nacional / EDUSP, 1965.

## Taça de Ouro

**N**ão, não é de futebol que eu vou falar. De futebol eu entendo tanto quanto de física nuclear. Falo, sim, de uma tarde de futebol.

Talvez seja, para os fanáticos, uma heresia alguém afirmar que não gosta do esporte amado por milhões de brasileiros. Não entendo, francamente, as discussões violentas, as longas contendas e as inflamadas trocas de idéias em torno do tema. Não entendo as alucinações coletivas nas vitórias, nem a funda decepção nas derrotas. Mas o assunto tem lá os seus doutores e os seus apaixonados.

Em nossa casa trabalhava uma moça, torcedora roxa do Vila Nova. De poucas letras, ao contar os fatos dos jogos, ela usava expressões assim: “O jogador Fulano foi confundido...” “gol de penúlti...” etc. No entanto, vez por outra, ela voltava do estádio descabelada, agitada, arranhada: era a defesa apaixonada, até com agressão física, de suas rubras e queridas cores. O Vila era a sua glória, a sua alegria, a sua dor.

Estamos em tempo de “Taça de Ouro”. Taça de ouro, expressão bonita, que lembra calix bento, reino de Midas, Santo Graal, quem sabe? Mas outra é a nossa taça de ouro. Quem escapa ao assunto? Nem os leigos, os indiferentes e os ignorantes.



Pois, descia eu a avenida, ao cair dessa tarde, tarde clara e bonita, de horizonte pegando fogo no crepúsculo, tarde de jogo do Brasil. Poucos carros e pessoas circulavam. Os ônibus, quase exclusivos donos das ruas, desciam lerdos. Dentro deles a agitação, motoristas e passageiros concentrados no rádio, o volume o mais alto possível. Vontade, certamente, tinham os motoristas de parar seus carros de transporte coletivo para dar vazão ao entusiasmo, ao frenesi que de todos se apossava, não fora a responsabilidade da prestação de um serviço público. Contudo, ao volante, davam o mínimo de atenção, hipnotizados pela narração do jogo.

A avenida estava uma delícia, vazia, silenciosa, tranqüila. Eu podia ouvir os pardais em festa nos flamboyants. Até os moleques sem donos, sumiram das ruas. Nas repartições, nas farmácias, nas lojas que ainda permaneciam abertas, viam-se montinhos de gente em torno de um aparelhinho mágico – o rádio. À porta de um restaurante, garçons e cozinheiros, de branco, transfigurados, reunidos em círculos, sacudiam os braços, tensos, à espera. Alcancei o meu prédio, que também estava quieto, sem nenhuma criança a correr pelas escadas, àquela hora de primeiro tempo. A cidade eletrizada, na expectativa. Parece-me ter ouvido a palavra “Gol!” proferida assim meio sem graça, meio sem vontade pelo narrador. Silêncio, ansiedade. E tardava e tardava. De repente, gritos nervosos e a voz aguda de uma criança, acompanhando o ritmo do craque atrás da bola, “a beleza do samba nos pés dos brasileiros”: “Vai! Vai! Vai!” Depois, uma explosão que me assustou: “Gooool!” A cidade inteira começou a encher-se de foguetes. Daí pra frente foi uma fatura de gols: mais um, mais outro e outro mais. Quatro a um: Brasil classificado. Papéis picados caíam das janelas dos edifícios,

copos tilintavam nas casas e nos bares e moleques saíam dando chutes nas latas de lixo, apanhando papéis e jogando-os ao léu para manifestar de alguma forma a sua alegria. Carros passavam buzinando doidamente. O foguetório deve ter ressoado de norte a sul desse país. O carnaval explodiu nas ruas do Rio de Janeiro, talvez em outras grandes cidades. O repórter, de cara alegre e sorriso vitorioso, mostrava triunfante o replay das jogadas geniais, dos momentos mais bonitos. Gente simples, mal vestida, torcedores embriagados de alegria, com o peito alevantado no orgulho de ser brasileiro, respondiam roucos, emocionados, as perguntas do repórter.

Sim, o futebol é uma anestesia e ao mesmo tempo um delírio. Nesses momentos de euforia, não passa pela cabeça do brasileiro o desastre de uma inflação de 110,2%. Nem os milhões de menores abandonados, de delinquentes, massa marginal, laboratório maligno de onde sai um adolescente que mata um homem como se matasse um inseto. Não passa o perigo que representa para a integridade nacional a ameaça rapina das multinacionais. Não passa a gravidade da demissão de milhares de funcionários pela Volks. Não, não passa nada. De partida em partida, de samba em samba, vamos indo, não sabemos bem para onde...

Não é à toa que até hoje – sim, até hoje – quando a gente viaja, ainda é do futebol e do carnaval que querem saber sobre o Brasil. Um conhecido meu estava na Inglaterra, mais precisamente em Londres, fazendo compras em uma loja. Descobriram que ele era brasileiro e perguntaram: “Do you know Pili?”. E ele: “Pili, que diabo é isso? Pili”, repetiu. Foi aí que ele acordou: “Ah, yes, eu conheço Pelé”. Ainda bem que o Rei faz conhecido o gigante ainda adormecido.

E para que eu não pareça uma brasileira indiferente ou pessimista: Viva o Sócrates! Viva o Toninho Cerezo!

Vivam os nossos craques que, pelo menos, dão esses momentos de suprema alegria e de suprema alienação ao povo brasileiro.

(s.d.)



## A partida de um grande amigo

Quando certas árvores tombam no seio da floresta, o fragor de sua queda produz uns momentos de terror e silêncio. Parece que os seres vivos, animais e vegetais, se calam por um momento, atônitos, procurando compreender a grandeza e o abismo do acontecido. Assim, eu sinto, quando certos homens, maiores que o espaço que ocupam, monumentais diante da fragilidade humana, modelo para nossas fraquezas e misérias, fortaleza diante de nossos medos, luz nas trevas da nossa incompreensão, partem para sempre. Sobretudo, se partem de repente, como meu pai. Mais ainda, de forma trágica, como esse grande amigo, Dr. Pila para os íntimos, o Dr. Luís Inácio Martins de Araújo. Igual desamparo senti, quando silenciou para sempre a voz de ambos.

Juiz, advogado, administrador público, procurador, meu mestre e colega de trabalho, logo que eu, tímida e apavorada, me formara em Direito, em sua trajetória por essa vida, o Dr. Pila foi o arquétipo do varão que o mundo moderno não mais produz. Sem nenhum pessimismo, mas bastante realista, eu vejo o mundo moderno, com suas violências, seus ódios, seu consumismo, seu utilitarismo, como um deformador de consciências e gerador de seres ora indiferentes, ora cruéis, ora covardes, ora interesseiros, ora experts, ora hipócritas. E os que não se enquadram

nesses ou em outros modelos símiles são uns raros santos, que têm vergonha de confessar que o são. Eles já não cabem no mundo.

Costuma-se atribuir aos mortos só virtudes. Mas homens como meu pai e o Dr. Pila e uns poucos que restam nesse mundo, se tiveram defeitos, foram tão insignificantes, tão um nada diante da nobreza de seu caráter, que, por mais que nos empenhemos, não conseguimos nos lembrar deles. E nem devemos.

Dr. Pila era assim: um ser bondoso, alegre, honesto, puro de coração, solidário, amigo, trabalhador, jovial e competente. Sua honestidade era daquela de um tempo que não existe mais.

Conta-se que em Silvânia, na época antiga em que se chamava Bonfim, havia um comerciante. Certa vez, ele recebeu umas camisas que não chegaram acompanhadas de suas respectivas faturas. Como os fregueses manifestaram muito interesse em comprá-las, o comerciante vendeu-as, calculando o preço pela prática. Quando as faturas chegaram, ele descobriu que ganhara demais às custas dos fregueses. Então, saiu de porta em porta devolvendo o troco! Dr. Pila era um homem desse tipo. Que hoje parecem seres lendários, cuja honestidade faz rir.

Da honestidade de meu pai, há também uma bastante curiosa. Meu pai era um homem nervoso, afobado e famoso por sua correção. Certa vez, quando ele morava no interior, veio meu irmão Francisco trazê-lo a Goiânia, em uma camionete de sua propriedade. Francisco, menor, dirigia com a carteira de outro irmão, o André. Por azar, na entrada de Goiânia, o guarda mandou parar o carro. Olhou os documentos, olhou a carteira e como meus irmãos se parecem, disse: "Muito bem, seu André, tudo em ordem. Pode ir". Meu irmão, aliviado, pôs o carro em marcha. Não

andara um minuto, meu pai mandou parar a camionete e dar marcha-à-ré. Queria falar com o guarda. Meu irmão não entendeu, mas obedeceu. Aí, meu pai disse ao guarda: “Olhe, seu guarda, eu nunca menti na minha vida e não vai ser por uma coisinha dessa que eu vou manchar o meu nome. Esse meu filho é o Francisco, é menor e a carteira não é dele. Se o senhor quiser multar, que multe. Mas ele vai me levar ao Banco para arrumar uns negócios e me levará de volta para casa. Disso o senhor fique ciente!”. O guarda arregalou os olhos de espanto. Era caso de apreender o carro, mas ele simplesmente multou e deixou-os partir. Arrumados os negócios, meu pai fez questão de ir ao Departamento de Trânsito para pagar a multa.

Assim eram esses varões ilustres, que já não têm mais lugar no mundo. Assim era meu pai. Assim era o Dr. Pila.

Mas eles viraram estrelas e foram morar lá no alto, onde não os alcança a podridão cá de baixo. Agora eles são eternos, estão livres das dores físicas e morais. Podem ser felizes.

Que eles brilhem sobre nós e nos dêem alento e valentia para suportar a grande solidão de suas ausências.

Goiânia, 19 de agosto de 1982



## O amanhecer no Barreirão

**E**ra de madrugada. Nós mal enxergávamos o caminho que subia, serpenteando o morro e descia, do outro lado, em caprichosos caracóis. Uma neblina, delicado véu de fios de seda, a tudo envolvia, docemente. As últimas estrelas foram desmaiando devagar, piscando, piscando, até fundirem-se na luz que invadia a imensidão. A aurora, devagar, foi pintando o horizonte com seus dedos róseos. As jaós piavam tristemente. Ah, quantas saudades ao ouvir esse pio delicado e melancólico. Os passarinhos começaram a se despertar. Sacudindo as asas, abriram os emplumados peitos e encheram a natureza de festa: sabiás, pássaros-pretos, pica-paus. A algazarra dos periquitos era pura festa. Essa festa que se repete sempre à beira dos doirados e maduros arrozais. A neblina foi-se esgarçando, delicadamente, como se mãos mágicas levantassem uma cortina para deixar a luz entrar. As seriemas cantavam animadas, em bando, ao pé do morro.

Lá embaixo, estava a casa, de paredes brancas e telhado vermelho. Parecia também sacudir-se para espantar o sono e arregalar os olhos para a manhã clara. Da chaminé subia uma fumacinha, serpente azulada, coleando no espaço, para depois perder-se na imensidão.

As fogo-apagou também se juntaram ao concerto. À beira do curral, berravam os bezerros famintos e do outro

lado, respondiam as vacas, ansiosas, sem dúvida, para alimentar seus filhos. Os berros escoavam na mata, à direita da casa, como se um espírito moleque repetisse todos os sons que enchiam os ares, nos arredores. As gotas de orvalho escorregavam das folhas, como pequeninos e vivos brilhantes que tombavam no seio da terra-mãe. Terra mãe, terra roxa, fértil, que devolvia em forma de vida, de esplendor, de pão, todas as sementes, as águas, os restos vegetais e minerais que tocassem as suas entranhas.

Os galos, cumprindo o seu dever de despertar os seres e as coisas, espichavam o pescoço, abriam o bico e seu sonoro canto também reboava em eco, na mata próxima. E o cacarejo desordenado das galinhas enchia o terreiro.

Pronto! Acabou de desmaiar a lua minguante, foicinha de prata, débil, que até há pouco enfeitava o céu.

O sol chegou e tudo encheu de vida e cor.

As águas do riacho despencavam buliçosas, pulando de pedra em pedra, despencando em pequenas cachoeiras, levando em seu morno seio os peixes prateados, uma tartaruga trânsfuga, folhas secas, flores fanadas, insetos mortos. Nas suas andanças, também formavam os pequenos lagos, os brejos, onde, à noite, os sapos cantariam para celebrar a chegada das sombras e para pedir chuva.

Os cocás, com seus “tô fraco! tô fraco!” colaboravam na orquestra do quintal. Depois voavam em bando, por sobre o curral. Imprevidentes e barulhentos, espantavam o gado que, sem compreender, formava uma pequena balbúrdia no curral. Um balde de leite puro, espumoso, branquinho, tombou no esterco e o vaqueiro praguejou: “Bicho escandaloso, só serve para aprontar confusão!” Empoleirados na cerca, os elegantes cocás, indiferentes à ira do vaqueiro, continuavam em coro os seus “tô fracos”, para saudar o dia.

Os cachorros latiram ruidosamente para os camaradas que vinham chegando para a capina da roça. Depois de os reconhecerem, saudaram-nos com um amistoso abanar de cauda.

O cheiro puro de café e de biscoitos fritos encheu o ar, misturando-se ao olor agradável das flores. Flores das laranjeiras, flores das jabuticabeiras, dos abacateiros, onde um enxame de abelhas e maribondos, zumbiam em festa, buscando o precioso néctar.

Ontem caiu a chuva das flores.

E hoje, nessa manhã de setembro, a natureza, esplendente de cor e vida, desperta, celebrando.

(s. d.)



## Homenagem à grande dama

**S**empre fui vibrante admiradora das grandes mulheres que souberam romper os preconceitos que as mantiveram durante longos séculos, como seres dependentes e marginalizados dos direitos políticos e sociais, das profissões de relevância, das atividades que as destacassem, que as fizessem maiores e além de um “simples objeto de cama e mesa”.

Houve mulheres que souberam, com grandeza e sem alarde, com firmeza e sem equívoco, sobrepor-se à estreiteza de estruturas sociais e atender à convocação para sua participação global na vida. Essas mulheres sempre me fascinaram, tenham sido ou sejam elas artistas e escritoras, guerreiras ou santas, profissionais ou líderes, cientistas ou mestras: quem não há de admirar uma Selma Lagerlöf, uma Cecília Meireles, uma Anita Garibaldi, uma Ana Nery, uma Teresa de Ávila (e tantas outras...) e entre nós, no meio de nós, com tanta lucidez e vitalidade espiritual uma Cora Coralina?

É para falar de Dona Gercina Borges Teixeira que eu alinhei alguns nomes de mulheres de minha admiração. Quando vi o corpo da Grande Dama baixar ao túmulo, eu não pude deixar de dar o meu testemunho, como um registro, sobre a grande personalidade que ela foi; seja porque isso me representa um consolo, seja porque é dever dos que

escrevem dar o testemunho sobre aqueles que souberam, pela sua própria grandeza, elevar-se acima da transitoriedade da existência humana.

Desde criança, eu aprendi a admirar Dona Gercina, pelo retrato que dela me fizeram: era uma mulher decidida, discreta, corajosa e profundamente humana.

Mulher de Pedro Ludovico Teixeira: um, digno do outro. Pedro Ludovico mudou o curso da história de Goiás. Dona Gercina, parece que em consenso com o fundador de Goiânia, avocou a si a responsabilidade do aspecto humano de sua empreitada: plantou na cidade que nascia no solo goiano e no interior do Estado as bases de uma obra social notável.

Ambos pioneiros: ele planta uma cidade com a coragem e o desassombro de um bandeirante, sem ajuda do poder federal, num Estado inexpressivo, de rendas ínfimas, perdido nos ermos do coração do Brasil. Ela erige uma obra social existente até então em poucos Estados brasileiros.

Dona Gercina não foi, pois, apenas o esteio do marido, para perder-se na sua sombra. Construiu ao lado dele a sua obra, personalidade inesquecível, firme e forte nos momentos difíceis.

Nascida em Rio Verde, filha de político que acompanhava a situação dominante no Estado – o Caiadismo – contestaria, ao lado do marido, as velhas oligarquias e se poria a seu lado, quando foi nomeado Interventor Federal em Goiás.

Quanto à sua obra social, foi o seguinte o trabalho que realizou: construiu a Santa Casa de Misericórdia, foi a primeira Presidente da Legião Brasileira de Assistência, Seção de Goiás; fundou vários postos de puericultura na capital e no interior; construiu o Lar Escola Nossa Senhora de Lourdes; promoveu a construção de sessenta casas

populares na Vila Cristo Redentor; fundou o Abrigo dos Velhos e o Lar Nossa Senhora de Lourdes. Foi cognominada a “Mãe dos Pobres” e no dizer do Professor Carlos Dayrell, era, na sua obra pioneira, a “própria Secretaria de Serviços Sociais”.

Quando morre uma mulher como Dona Gercina, nós diríamos como aquele repórter que anunciou a morte de André Malraux: ruíu para nós um monumento.

Entretanto, Dona Gercina, como todos os grandes que passaram, não morreu: está em nós, nos valores goianos, na história de nossa terra, nas nossas dores e esperanças, na nossa transitoriedade e na nossa eternidade – sempre viva, imperecível, um exemplo, um modelo.

Goiânia, 23 de novembro de 1976



## Uma bandeja de muriçocas

**A**s muriçocas, plebeiramente falando, são também chamadas pernilongos, para os que não se sentem bem, exprimindo como o povo. Alguém chamou-as de “rabecas do diabo”. Dependendo da região, podem ser conhecidas por muruçoca ou meriçoca. Um sinônimo é também carapanã-pinima, de origem indígena, sem dúvida. O que vem a ser essa carapanã-pinima? É um díptero hematófago da família dos *Culicidas*, que pode responder também por sovela ou perereca. O que significa dípteros para nós, leigos em ciência? São os insetos que têm duas asas. Culicidas, o que é mesmo? E tome dicionário. É a família de insetos dípteros, que compreendem os mosquitos e outras formas de longa trompa córnea. São insetos crepusculares e noturnos que voam nas proximidades das águas. Suas larvas e ninfas são sempre aquáticas. Restamos lembrar que, hematófago é o que se alimenta de sangue. Apenas a fêmea zune, pica e suga o nosso sangue. Quer dizer, elas é que são as vampiras. Ao menos para que se aprenda uma pitada de biologia, elas serviram!

Esse assunto, há uns dois meses, zoa nos salões, nas repartições, nas salas, nas cozinhas, nas praças e dá até passeatas. Muriçoca aconteceu em crônica social. Muriçoca zumbiu numa das sempre brilhantes páginas do Batista Custódio. Essas vampiras do inferno têm transtornado a

vida dos goianienses. Muitos de nós estamos vendo as noturnas horas escorregarem-se lentamente, atrozmente, ora dando tapas em nossos próprios rostos, ora saltando como almas penadas a lançar almofadas pelo teto e pelas paredes, ora sufocando-nos a tossir com a fumaça dos boas-noites e similares.

Quanto a mim, ando neurótica. Não durmo. Se ponho boa-noite a queimar, passo a noite em claro atiçando o foguinho, com medo de ser atacada. Se me falta boa-noite, ponho o velho ventilador a funcionar, conforme me ensinaram. Não durmo com seu ronco tenebroso. E penso que ele apenas me impede de ouvir a cantilela de minhas inimigas. Ficar com a luz acesa é bom, elas procuram a escuridão lá fora. Dizem. Que nada! Elas andam mais desavergonhadas do que nunca. Dançam com a luz acesa e vêm, atrevidas, pousar em nosso rosto. Continuo a ser picada. Prosseguem roubando o meu sangue e ameaçando a minha saúde com as doenças terríveis que podem transmitir-me. O meu horror anda tanto, que um dia desses consegui cochilar pela madrugada e eis que um pesadelo quase faz as batidas do coração romper-me o peito. Uma muriçoca gigante, vampira danada, entrara pela janela. Seu canto funesto e enjoativo estremecia o quarto. Ela começou a esvoejar sobre minha cama, prenunciando um ataque, no qual sugaria todo o meu sangue. Parada de terror, eu tentava apanhar a almofada que sempre trago à beira da cama. Que adiantaria, contudo, tão inocente arma, face a um inimigo tão feroz? Acordo. Acabara de soar o apito de uma construção próxima, anunciando aos empregados o início dos trabalhos!

O pior de tudo são as noites indormidas, os nervosismos, a falta de coragem que sentimos para enfrentar, à plena luz do dia, os fantasmas quotidianos que nos perseguem. Sim, são os fantasmas que atemorizam a



nação brasileira e que nos deixam inquietos quanto ao futuro. Ao lado do flagelo das carapanãs-pinimas o que vem aí? Os jornais estão cheios. Nem é preciso repetir. Nem tão pouco uma “ordem do dia” vai fazer-nos mudar de idéia e aceitarmos que o pessimismo generalizado é intriga dos inimigos da nação para indispor a opinião pública contra o governo etc. Mesmo o mais ardoroso discípulo do Dr. Pangloss há de convir que, nas atuais conjunturas, não está tudo bem, nem estamos no melhor dos mundos. Mal comparando, o povo já está começando a ficar igual a vaca brava: basta que se arraste o pé à sua frente para que o pau comece a quebrar. É bem verdade que essas reações violentas, desordenadas, isoladas, não levam a nada. Mas servem para mostrar que a paciência já está passando dos limites. Que a compreensão e a esperança não estão dando para suportar. Ah, deixemos para lá isso de fome, desabrigo, preço de coletivo, violência, desemprego, invasão de Angola, bomba de nêutron etc.

O assunto é mesmo muriçoca. Os jornais estamparam, a propósito de pernillongo, uma notícia que me deixou muito satisfeita. Um grupo de aproximadamente sessenta mulheres, integrantes do Movimento Feminino de Defesa dos Setores Criméia Oeste e Leste e adjacências, reuniu-se, numa dessas tardes, próximo à ponte em construção sobre o córrego Capim-Puba. Reivindicaram o término da construção da dita ponte, bem como diversas outras melhorias para os seus bairros. Da ponte, rumaram para a Prefeitura. Levavam faixas, cartazes e uma das mulheres carregava uma bandeja cheia de muriçocas. Como se sabe, o Capim-Puba, poluído, com águas paradas, é o viveiro desses perniciosos insetos.

Parabéns a essas valorosas guerreiras, mulheres goianas, que agora vêm a campo, organizadas, bradando por justas reivindicações. Que querem elas? Saneamento



básico, água potável, pontes para encurtar os seus caminhos, ruas por onde se possa caminhar como gente, escolas etc. São as mães as que sofrem na carne a miséria de seus lares. São elas que penam e choram por seus filhos mal alimentados e intoxicados pela poluição. São elas que padecem com suas panelas vazias, com suas roupas por lavar, com a violência que possa ameaçar seus filhos.

Bem sabemos que é extremamente espinhoso administrar uma cidade. Sobretudo uma cidade que cresce alta e desordenadamente como Goiânia e que vem acumulado erros, falhas e falta de planejamento através de muitas administrações. Há grandes cidades que chegaram quase à beira da falência, como foi o caso de Nova Iorque. Os problemas tanto mais se resolvem, quanto mais se multiplicam. Especialmente os que tornam o homem o centro das preocupações, exigem providências enérgicas da administração. Mesmo com dificuldades, soluções devem sempre, serem encontradas. Há recursos para mutilar monumentos históricos, como os há para as reconstituições. Há dinheiro para desmanchar praças e refazê-las, para arrancar palmeiras e replantá-las. Nunca haverá recursos para a construção de ambientes, onde as pessoas, mesmo pobres e simples, possam viver como seres humanos?

Que as heróicas mulheres de Goiás continuem a lutar por suas causas. Lembro aqui o jornalista Roberto Mello: "insultada há séculos, a mulher começou a reagir e o mundo tremeu".

Goiânia, agosto de 1981

## A eternidade de uma língua

O latim, língua do ramo indo-europeu, falada a princípio por um povo pobre e inexpressivo, de costumes bárbaros, habitante do vale do Tibre, Lácio, sobressaiu-se dentre as suas irmãs e, pode-se dizer, continua de certa forma viva até hoje. Transpondo o território onde era usada, suplantou as línguas da Itália, de grande parte do centro e do sul da Europa e norte da África. Ele se expandiu com o Império Romano e com ele dominou. De seu estágio primitivo, no século VI a.C., cujos sinais se encontram em vestígios de gravações, manteve-se até 250 a.C. em fase pré-literária. De 250 a 90 a.C., viveu o seu período arcaico ao qual pertence Plauto e Terêncio. De 90 a.C. a 14 d.C. teve a sua fase áurea, ou a do latim clássico, na qual brilham os nomes de Virgílio, Horácio e Cícero. De 14 d.C. a 117 d.C. atravessa o período de prata, com Ovídio, Tácito, Tito Lívio. Em seguida, vem a fase de decadência, com o desmoronamento do Império Romano. Nesse estágio, o latim fragmentou-se, tornando-se a fonte-mater das línguas neolatinas. Entretanto, o aparecimento destas, que começam a surgir no século IX, não significa o fim da língua-mãe. Durante quase um milênio, como bem lembra Paulo Rónai, ela ainda serviria de veículo à erudição, à ciência e à difusão do pensamento cristão. Outro aspecto interessante,

conforme acentua o citado professor, é o seu caráter político. O latim era língua ensinada nas escolas, pouco freqüentadas por mulheres, tornando-se assim um instrumento de comunicação essencialmente dos homens. Por outro lado, ela permitia dizer o que era conveniente calar nos idiomas nacionais. Sábios e latinistas são unânimes em reconhecer que o latim não é uma língua morta. Muito pelo contrário, é viva e sua importância perdura. Costumam-se alinhar os fatores que provam essa afirmação e que abaixo enumero:

1<sup>a</sup> - as obras de ciência e de filosofia foram redigidas quase exclusivamente em latim até o fim do século XVII e muitas delas até o século XIX;

2<sup>a</sup> - em todos os países civilizados é ainda a base do ensino clássico;

3<sup>a</sup> - é a língua oficial da Igreja Católica;

4<sup>a</sup> - é uma língua que atingiu o mais alto grau de perfeição sintática. Portanto, o seu conhecimento é importante para o estudo comparativo de outros idiomas e mesmo para auxiliar na aprendizagem deles, segundo opinião de Garret e de modernos educadores norte-americanos;

5<sup>a</sup> - por ser clara, completa, rigorosa, adapta-se otimamente à enunciação de leis, sentenças morais e inscrições;

6<sup>a</sup> - através da tessitura científica de suas construções, seu estudo serve para desenvolver o raciocínio e disciplinar a mente;

7<sup>a</sup> - é a principal fonte da terminologia científica;

8<sup>a</sup> - o seu conhecimento para quem fala qualquer das línguas neolatinas é fundamental, porque permite entender melhor as transformações fonéticas, morfológicas e sintáticas que operaram e estão operando na constituição do léxico dessas línguas.



Muitos combateram tenazmente a retirada do ensino do latim do 2º grau (antigo ginasial e curso clássico). Para o professor Wandick Londres da Nóbrega, o curso ginasial sem latim é uma aberração que as principais nações do mundo ocidental repelem. Tem-se criticado bastante o ensino brasileiro atual, em todos os níveis. Os resultados desastrosos e vexatórios dos exames vestibulares estão aí todos os anos fartamente divulgados pela imprensa. Simplesmente os jovens, de um modo geral, não são capazes de traduzir em palavras corretamente – ou num nível mínimo desejável – alinhadas, o seu pensamento. Se é que pensam! Talvez tenhamos saído do extremo do ensino com base na retórica, no formalismo, no palavrorio ornamental, para uma orientação tecnicista, vazia de conteúdo humanístico, levando o homem moderno a perder o sentido de sua própria horizontalidade.

O professor Napoleão Mendes de Almeida, no prefácio de sua gramática latina, lembra o episódio de três professores europeus que vieram ao Brasil. Incumbidos de ensinar na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, após três meses de ensino, ficaram espantados com o cabedal de fórmulas de matemática decoradas, com que os estudantes brasileiros deixam o ensino secundário. Fórmulas essas que na Itália são ensinadas só no segundo ano da faculdade. No entanto, ficaram chocados com a pobreza do raciocínio, com a falta de ilação dos estudantes brasileiros. Sugeriram, então, que na reforma do ensino se desse menos matemática e mais latim no curso secundário, para que se possa melhor ensinar matemática no curso superior.

O professor Paulo Rónai, conhecido ensaísta e tradutor, acaba a publicar o livro *Não perca o seu latim*. Diz ele que seria um inventário se se considerasse o latim uma língua morta, mas a rigor ele não morreu. Continua vivo

na fala e na escrita do Brasil. Nós usamos, a todo momento, expressões latinas. A imprensa está cheia delas. A política, a filosofia, as ciências humanas não dispensam o latim; a literatura, mesmo a mais moderna, não abre mão dele; no fórum não se vive sem ele.

Não nos parece arcaísmo, saudosismo, anacronismo, preocuparmo-nos com tais estudos. As cabeças ocas de hoje, essa geração sem palavras, sem dúvida são o produto de uma sociedade humana plutocrata, que se esqueceu de estudar, aprender e compreender as colunas-mestras de sua própria cultura.

Goiânia, fevereiro de 1981

## O papel social da mãe

**H**á pouco tempo, assisti a um filme de Buñuel, chamado *Os esquecidos*, cujo tema é a problemática da delinquência juvenil no subúrbio de um grande centro urbano, no caso, a Cidade do México. Os personagens, diz o cineasta, são reais. O filme impressionou-me profundamente, sobretudo um dos personagens da história, um garoto de uns dez anos chamado Pedro. Levado pelas circunstâncias, isto é, a miséria, a fome, o desamor, a falta de estrutura no lar, ele incorporou-se involuntariamente à gangue de companheiros de infortúnio, tornando-se ladrão, assaltante, cúmplice de um crime de morte. Sua mãe era uma pobre mulher viúva, com muitos filhos, faminta, cansada, amarga, endurecida pelos cruéis caminhos da existência miserável. E Pedro era um menino bom. Às vezes chegava em casa, aproximava-se da mãe em busca de uma palavra boa, de um olhar de compreensão, de um pequeno gesto de carinho. No entanto, a mãe, cheia de ódio e revolta, era incapaz de dá-lo. Um dia ele chegou a dizer: “Mãe, eu quero ser bom e não sei como”. Pedro perdeu-se, acabou sendo morto no caminho da delinquência. Sem dúvida, o amor da mãe tê-lo-ia salvo. Não culpamos a mãe que, certamente, naquela espécie de subvida, tinha perdido toda a capacidade de compreender, de perdoar, de ajudar, de proporcionar ternura. Não a culpamos, apenas ressal-



tamos a importância fundamental do papel da mãe na vida das pessoas.

O filho está intrinsecamente ligado à mãe, organicamente, emocionalmente. À mãe que o carregou no ventre; que o amamentou; que o ensinou a falar. Pode-se dizer, a mãe é o centro da vida do ser humano.

O homem, mesmo adulto, mesmo tendo encontrado o amor de uma companheira, o amor dos filhos, na hora da aflição, do medo, da dor, é o nome da mãe que invoca. No último instante de vida, é o nome da mãe que lhe aflora aos lábios.

Se o papel da mãe é de tão profunda importância para o homem, é-o ainda com mais força no mundo de hoje, com a desagregação dos valores morais, com as transformações sociais, onde se acentuam as injustiças e as desigualdades. A mãe é o pólo, o esteio, o farol.

A mulher moderna reivindica uma participação mais ativa na vida, nas decisões, na construção do mundo. Ela está buscando a sua liberação, inclusive, como bem lembra Heloneida Studart, a conhecida líder política e feminista brasileira, na relação homem-mulher, quando aspira amor igual, onde um parceiro não seja dono e o outro escravo.

A mulher deseja uma participação mais ampla na vida e essa mulher liberada deve preparar-se de maneira mais profunda para a missão da maternidade. Ao sair de sua condição de passividade, ela poderá estar mais apta para dar ao filho orientação na busca de seu caminho na sociedade, segurança e um amor consciente.

Para mim, a posição da mulher liberada é difícil e dura. Ao mesmo tempo em que ela assume a colaboração nos encargos financeiros do lar, ela não recebe, com raras exceções, a colaboração nos encargos domésticos. Marido e mulher retornam do trabalho, ambos cansados, mas só a ela ainda toca cozinhar, lavar a louça, arrumar a casa,

orientar os filhos nos deveres escolares, fazer feira, costurar. São poucos os homens que compreendem e aceitam que dentro da casa deverá haver também divisão de encargos. Aí ocorre, quase sempre, que a mulher esgotada, extenuada, descontente, não proporciona aos filhos, nas poucas horas livres que lhe resta, amor, carinho e paciência. Até que os homens compreendam, aceitem e assumam as responsabilidades nesse mundo transformado, a mulher tem que se tornar uma verdadeira heroína. Se da mulher, ao longo de toda a história humana, foi exigida uma fibra excepcional na conquista de espaço, hoje essa fibra deve fortalecer-se. Porque, mesmo sendo estadista, profissional liberal, funcionária pública, empresária, artista, ela nunca deve esquecer-se de seu papel primordial – a maternidade!

Daí é que eu defendo a tese de que a mulher deve se preparar muito bem, com muita coragem, com muita consciência de suas responsabilidades, para atuar na sociedade e para o desempenho de sua missão fundamental, inalienável, insubstituível – a de ser mãe.

Quero que fique bem claro que eu não defendo a tese machista de que a mulher nasceu para o lar e aí ela deve ficar; que nasceu para cuidar da casa e fazer quitutes; que nasceu para criar os filhos. Há as que optam por isso. Entretanto, a mulher pode perfeitamente conciliar as suas atividades profissionais ou outras com a responsabilidade do lar. Sim, desde que haja, por parte do casal, conforme já afirmei, uma divisão de encargos, uma relação de amor liberto e igual, uma colaboração mútua.

O mundo de hoje, pelas suas dificuldades econômicas, não comporta a mulher passiva. Sobretudo nas camadas sociais média e baixa, a participação da mulher para a manutenção do lar é imprescindível. Por outro lado, a mulher do lar que se aliena do mundo que a rodeia, desinformada, passiva, não será uma boa orientadora para



os filhos. Às vezes nem diálogo tem com eles, numa sociedade tão cheia de conflitos, contradições, violências.

Assim, é que reafirmo: nessa fase, digamos de transição de sua liberação, a mulher deve ser uma heroína, deve ter uma fibra sobre-humana e muita coragem para ser a verdadeira mulher e sobretudo a verdadeira mãe.

Ao saudar as mães, heroínas do século vinte, eu quero saudar também a minha mãe. Minha mãe, doce e querida velhinha, de olhos azuis e cabelos de prata, nove filhos, o primogênito perdido aos quatro anos; o companheiro, meu querido pai, de cinquenta anos de vida em comum, que também partiu. Minha mãe, mulher valente e guerreira, que sempre resistiu de cabeça erguida e fronte serena aos embates da vida. A paciência, a persistência, o amor, o trabalho, a dignidade – sobretudo a educação aberta que nos deu, construída na base do diálogo e da ternura – fizeram dela, para mim, o modelo de mãe.

A vocês todas, mães e a minha mãe, eu saúdo com as palavras do bispo chileno Ramón Angel Jara: “Há uma mulher que tem algo de Deus pela imensidade de seu amor e muito de anjo pela incansável solicitude de seu cuidado; uma mulher que, sendo jovem, raciocina como uma anciã, e na velhice trabalha com o amor da juventude; uma mulher que, se é ignorante, resolve os segredos da vida com mais acerto que um sábio; e se instruída, sabe acomodar-se à simplicidade das crianças; uma mulher que sendo pobre se satisfaz com a felicidade daqueles a quem ama, e sendo rica daria com satisfação todo o seu ouro para não sofrer a dor da ingratidão; uma mulher que sendo vigorosa estremece com o vagido de uma criança, e sendo débil se reveste às vezes com a bravura do leão; uma mulher que enquanto viva não a sabemos estimar porque a seu lado todas as dores se esquecem, mas à qual, depois de morta daríamos tudo o que temos e o que somos para a



olhar de novo um só instante, por receber dela um só abraço,  
por ouvir uma só palavra de seus lábios...”

Este é o retrato de uma verdadeira mãe!

(s. d.)

## Formar

**A** escolha do meu nome para patronesse da turma de 1984 encheu-me de alegria e honra. Além de termos passado juntos longas e gratificantes horas na tentativa de desbravarmos o áspero caminho do saber, nosso nome ficará associado a um momento importante de nossas vidas – A FORMATURA – pois esta vitória pertence também ao mestre.

Formar – por que e para quê?

Sabemos que a pátria está saindo de dias negros – do sombrio túnel da repressão e do silêncio – para um novo sol. Uma aurora está nascendo. Essa aurora significa sobretudo a liberdade de expressão, a liberdade de exercitar um direito inerente à própria condição humana: o de usar da palavra para dizer o que se pensa, o que se deseja, o que se espera. É uma grande conquista. Ou melhor, reconquista!

Reconquistando o direito de falar livremente, cumpre-nos fazer uma séria reflexão sobre o atual panorama da pátria. Dia de formatura é dia de festa. Portanto, seria mais agradável falar de sonhos e de esperanças. Falemos deles, mas sem esquecer que há uma dura realidade em torno de nós. Já não é tão risonho e esplêndido o retrato da pátria:

– A inflação já ultrapassou as raias do suportável.

- Milhões de menores abandonados perambulam pelas sarjetas sem a perspectiva de um amanhã digno.
- O ensino está decadente.
- A educação não é colocada entre as prioridades nacionais.
- Os professores estão mal pagos e desestimulados.
- A cultura está, como sempre foi, esquecida.
- Assiste-se ao massacre dos valores culturais nacionais pela indústria da cultura.
- Há conflitos pela posse da terra.
- Há fome, subnutrição e seca em muitas regiões.
- Cinturões de miséria e subvida proliferam nos grandes centros urbanos.

Perguntas perplexas escapam da boca de todos os brasileiros: para onde vai o nosso ouro arrancado às toneladas do seio de nossas montanhas? E as esmeraldas? Por que os grandes corruptos e desonestos envolvidos com o dinheiro público permanecem impunes? Haverá caminhos viáveis para se tirar o país da beira do abismo?

Quanto a vocês e a milhares de outros jovens que estão se formando, pode ser que ocorram indagações tais como: o meu diploma vai significar melhoria salarial? Subirei de posto no meu trabalho? Terei oportunidade de emprego ou irei engordar as filas dos desempregados? Valeu a pena obter um diploma com tanto sacrifício, se é provável que nada mude?

Essas preocupações são naturais. Entretanto, há outras que ultrapassam as fronteiras do interesse pessoal e egocêntrico e se voltam para a comunidade, para a pátria.

A redenção do Brasil é da responsabilidade de cada um de nós. O crescimento pessoal não se traduz pela investidura a um posto mais elevado ou pela melhoria do poder aquisitivo. O crescimento pessoal significa outra dimensão que passamos a ter, como pessoa humana, pela



janela da cultura que a faculdade nos abriu. É preciso que cada formando faça a sua profissão de fé perante a própria consciência.

Formei-me!

Rendo graças a Deus por ter tido esta oportunidade.

Vou ser melhor e mais consciente no meu trabalho.

Vou ter sempre uma palavra de ânimo para o meu próximo.

Quero agir e colaborar, antes que criticar destrutivamente.

Participarei das ações culturais e reivindicatórias da comunidade.

Assumirei a minha condição de professor com salários injustos e circunstâncias desfavoráveis para exercer com dignidade a minha profissão, mas lutarei pela conquista da justiça e da melhoria da educação. Sem nunca jogar em cima da juventude a minha frustração e incompetência.

Tentarei ser um agente transformador – através de minha coragem, de minha honestidade e de meu elevado nível profissional.

Meus caros formandos, os desanimados são mortos. É necessário que mudemos para que o Brasil mude. Se a esperança está finda, rasguem o diploma, porque não terão a necessária fibra para ser um bom mestre ou um profissional de qualidade a colaborar na tarefa de mudar este país.

Quanto à aurora que está nascendo, para nós brasileiros, passo para vocês, com a firmeza de minha fé e de minha esperança, a mensagem contida nos versos de Pablo Neruda.

“Vamos juntos está o mundo coroadado de trigo,  
O alto céu corre deslizando e rompendo  
Suas altas pedras puras contra a noite: apenas

Se encheu a nova taça com um minuto  
Que há de juntar-se ao rio do tempo que nos leva.  
Este tempo, esta taça, esta terra são teus:  
Conquista-os e escuta como nasce a aurora”.

Goiânia, 15 de dezembro de 1984

## Questionário Proust

- 1 - Qual é para você o cúmulo da miséria?  
*Um velho passando fome.*
- 2 - Como gostaria de viver?  
*Numa ilha.*
- 3 - Qual o seu ideal de felicidade terrena?  
*Gostar da vida e poder viver como bem se entende.*
- 4 - Quais os erros que mais merecem sua indulgência?  
*Sou propensa a perdoar qualquer erro.*
- 5 - Quais os heróis de romance que você prefere?  
*Dom Quixote, Riobaldo e Diadorim, David Copperfield e tantos mais.*
- 6 - Qual o seu personagem histórico preferido?  
*Napoleão.*
- 7 - E suas heroínas da vida real?  
*As mulheres que tiveram coragem de romper com as barreiras e viver sua própria vida e fazer alguma coisa.*
- 8 - Heroínas da ficção?  
*Já admirei tantas! Não me lembro de uma especialmente.*
- 9 - Pintor preferido?  
*Van Gogh.*



- 10 - Seu músico preferido?  
*Debussy, Villa-Lobos.*
- 11 - Qual a qualidade que mais aprecia no homem?  
*Inteligência e coragem.*
- 12 - Na mulher?  
*Idem.*
- 13 - Qual a sua virtude preferida?  
*Simplicidade.*
- 14 - Qual a sua ocupação predileta?  
*Conhecer terra e gente, além de ler e escrever.*
- 15 - Quem você gostaria de ter sido?  
*Eu, com outras dimensões.*
- 16 - O principal traço de seu caráter?  
*Timidez.*
- 17 - O que mais aprecia em seus amigos?  
*A abertura.*
- 18 - Seu principal defeito?  
*Omeda.*
- 19 - Seu sonho de felicidade?  
*Viver intensamente e ter sempre por perto gente que eu creia gostar de mim.*
- 20 - Qual a sua maior desgraça?  
*Não ser ousada.*
- 21 - O que você gostaria de ser?  
*Uma artista consumada.*
- 22 - A cor que você prefere?  
*Overmelha.*

- 23 - A flor?  
*Heliotrópio (Que perfume e que delicadeza!)*
- 24 - O pássaro que prefere?  
*Sabiá (ouvi-lo cantar no começo das águas, que coisa mais linda e que coisa mais triste!)*
- 25 - Prosadores de sua preferência?  
*Machado de Assis, Guimarães Rosa, Charles Dickens, Clarice Lispector, Carlos Fuentes e tem mais.*
- 26 - Poetas preferidos?  
*Cecília Meireles, Fernando Pessoa, Pablo Neruda, Florbela Espanca...*
- 27 - Seus heróis da vida real?  
*Jesus, Catilina, Frei Caneca e...*
- 28 - Heroínas.  
*Anita Garibaldi, Maria Antonieta.*
- 29 - Nomes favoritos?  
*André, Andréia, Francisco, Maria.*
- 30 - O que você mais detesta?  
*Falsidade, hipocrisia e gente esnobe.*
- 31 - Caracteres históricos que você mais detesta?  
*Os que representam idéias contrárias à liberdade e à felicidade do povo, de todos nós.*
- 32 - O fato militar que você mais admira?  
*?*
- 33 - A reforma que você mais admira?  
*As que visem limitar os privilégios e estabelecer uma vida mais digna para os pobres. Será a utopia?*

- 34 - O dom da natureza que você gostaria de possuir?  
*Odecompor.*
- 35 - Como gostaria de morrer?  
*Consciente.*
- 36 - Estado presente de seu espírito?  
*Esperando sempre o melhor, apesar de tudo.*

Goiânia, 1969



## A mulher goiana e a literatura

**D**o se estudar a presença da mulher goiana na história cultural do Estado é sempre forçoso partir da citação do viajante francês Auguste Saint-Hilaire, que traçou um retrato pouco lisonjeiro da mulher que encontrou nesse “país” perdido no coração do Brasil. Saint-Hilaire, por volta de 1819, referindo-se à mulher de Vila Boa afirmou que os olhos negros e brilhantes delas traíam as paixões que as dominavam, mas seus traços não tinham nenhuma delicadeza: seus gestos eram desgraciosos, sua voz sem doçura e sua conversa desprovida de encanto. Arremata dizendo que elas eram estúpidas e não passavam de fêmeas para os homens. Sem dúvida ele viu uma mulher que compunha o universo de uma sociedade não estruturada, turbulenta, inculta, constituída de aventureiros, em sua maioria do mais baixo extrato social, para quem só existia um valor: o delírio do ouro. Não era de se esperar que no seio de um conglomerado humano desse quilate se encontrassem mulheres refinadas e senhoras dignas de se emoldurarem no retrato ideal das damas européias. Em compensação, Cunha Matos, poucos anos mais tarde, ou seja, por volta de 1824, em seu relatório ao Rei de Portugal, escrevendo sobre as mulheres de Goiás, afirmou que várias senhoras eram instruídas em História e tinham verdadeira paixão pelos livros, e algumas delas, por acanhamento, não

mostravam o que sabiam e outras eram tão circunspectas que mal deixavam entrever que entendiam do assunto sobre o qual se conversava.

De uma maneira ou de outra, nas poucas pesquisas que até agora pude realizar, os estudiosos são unânimes em afirmar, como Gilberto Mendonça Teles, que a participação da mulher na vida literária e cultural tem sido constante e que, em determinadas épocas, o elemento feminino chega a dominar o ambiente cultural.

Mendonça Teles aponta como fatores que possam ter determinado a presença e a ascensão constante da mulher nos movimentos culturais de Goiás, os seguintes:

1º - A formação de uma sociedade culta e refinada, no final do Império, quando, cessadas as causas do nomadismo aventureiro, o homem, dedicando-se à atividade agrícola e pastoril, pode radicar-se, assumir responsabilidades sociais e alimentar ambições políticas. Nesse quadro, a mulher passou a ser valorizada.

2º - O movimento republicano e positivista passou a exaltar a figura da mulher. Nessa época já havia mulheres preocupadas com o movimento de sua emancipação e homens que empunhavam essa mesma bandeira. Xavier de Carvalho, em artigo publicado no jornal *Goyaz*, que assumiu uma posição liberal em favor da mulher, escreveu: "que a mulher deixe de ser a besta de carga e a escrava para ser a companheira do homem, com direitos e deveres iguais a este, no conflito da vida moderna".

3º - O sentimento da vida comunitária que se desenvolveu devido à distância e ao isolamento de Goiás, o que propiciou o conhecimento mútuo das pessoas, a amizade, e conseqüente participação da mulher em toda a vida comunitária. Sem dúvida, esse ambiente propiciou a ascensão do elemento feminino, a tal ponto que os maridos

se deixassem influenciar pelas esposas, surgindo assim um verdadeiro matriarcalismo.

Na evolução da cultura goiana, há dois fatos marcantes que bem assinalam a participação da mulher. Um grupo de moças, liderado por Arací Monteiro Guimarães, tomou a iniciativa de lutar pela fundação de uma Academia de Direito. Depois de anos de luta, a idéia tornou-se vitoriosa. Em 24 de fevereiro de 1906, foi instalada a Academia e na ata da fundação foram registrados os nomes de dezesseis mulheres. O outro fato é a fundação de uma Academia de Letras, em 1904, cuja primeira presidente foi a brilhante Eurídice Natal, numa época em que as academias do mundo ainda não abriam as portas para as mulheres.

Assim, ao longo de nossa história, em vários setores da atividade humana, reponta o nome de uma mulher, seja na educação, nas artes plásticas, na música, na literatura, na política etc. Começando com Damiana da Cunha, aquela que na opinião de Olegário Herculano da Silva Pinto foi “uma genuína brasileira, que consumiu sua vida no exercício da mais nobre missão que pode caber a uma mulher – a missão civilizadora”, até chegar em Gercina Borges Teixeira, há um desfile de nomes femininos que dignificam a nossa cultura.

Na literatura, o nome da mulher começou a surgir quando eclodiu o mais importante movimento literário de nosso Estado, na primeira década do século atual. O primeiro nome citado é o de Leodegária de Jesus, que publicou um livro de poemas *Coroa de lírios* (1906). Ela colaborou assiduamente no jornal *A rosa*, surgido em 1907, redigido por Rosa Godinho, Alice Santana e Ana Lins dos Guimarães Peixoto (Cora Coralina). Em 1926, depois de longo período de estagnação, surgiu em Vila Boa o jornal



*O lar*, dirigido por Altair de Camargo, Maria Ferreira, Laila Amorim, Ofélia Sócrates e mais tarde por Genezi de Castro e Silva. Nessa época, as mulheres lideraram o movimento cultural. A literatura continuou a caminhar e seguiu com a presença da mulher, como pode ser verificado na imprensa da época: Rosarita Fleury, Nelly Alves de Almeida, Genezi de Castro e Silva, Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, Amália Hermano Teixeira, Maria Paula Fleury de Godoy (que usava o pseudônimo de Marilda Palínia). E a lista de nomes de mulheres foi engrossando: Regina Lacerda (folclorista, poeta, contista), Ada Curado (contista, romancista, teatróloga), Lena Castelo Branco Ferreira Costa (historiadora, contista, poeta), Nita Fleury Curado (cronista e contista).

É mister que registremos, apesar de nosso trabalho se ater ao campo da literatura, os nomes femininos em outros campos, por seu trabalho marcante: Nanhá do Couto, Belkiss Spencièrre Carneiro de Mendonça, Glacy Antunes, Graciema Felix de Souza, Eli Camargo, Honorina Barra, Maria Augusta Calado, Maria Guilhermina, Goian-dira do Couto, Neusa de Moraes, Neusa Perez, Cléia etc.



A fundação de Goiânia divide a história de nosso Estado em duas etapas: antes e depois da nova capital. Antes, como acentua A. G. Ramos Jubé, citando Elísio Costa, o escritor não tinha condições culturais, intercâmbio, alargamento de fronteiras etc. Disso resultou uma literatura de intenso subjetivismo, passividade em face do já feito, ausência de uma tendência de superação, de revisão crítica. A mudança da sede do governo criou o fato novo, propiciando aquelas condições que nos faltavam e em consequência gerando perspectivas mais animadoras. A

construção de Goiânia favoreceu o surgimento do Modernismo, vinte anos depois da Semana da Arte Moderna. Podemos alinhar também como fator de mudança de mentalidade a criação das duas universidades, a Universidade Federal de Goiás e a Universidade Católica de Goiás. A criação de Brasília foi um fator de muito peso para nossa evolução material e intelectual.

Não temos ainda um estudo para avaliar o desempenho da mulher nas Letras, quando veio esse surto de progresso e fomos nos desprendendo aos poucos do romantismo tardio e exacerbado que, a bem da verdade, até hoje não abandonou muitas das damas de nossa literatura. Nem podemos falar na prevalência de um matriarcado. Certo é que a mulher nunca se faz omissa ou ausente do evoluir de nosso Estado.

É bem verdade que a condição da mulher, de um modo geral, continua a mesma da mulher brasileira e latino-americana: um ser oprimido, discriminado, vítima de uma estrutura arcaica e patriarcal. Ela ainda não alcançou o nível de destaque compatível com sua potencialidade. Diversos movimentos feministas têm surgido, com suas tendências características, mas sempre lutando em prol da liberação e da valorização da mulher: o Grupo Eva de Novo, liderado pela Profa. Telma Camargo; o Centro de Valorização da Mulher, liderado por Consuelo Nasser, brilhante intelectual e jornalista; a Associação da Mulher Goiana, liderada por Anésia Ferreira Galeta.



Fazendo uma pesquisa sobre a presença da mulher nas antologias literárias e livros de história da literatura goiana, a partir de 1943, encontramos os seguintes resultados:



1º - Na *Antologia goiana* de Veiga Neto (1943) – Não há a presença de uma única mulher.

2º - Em *Poesia em Goiás*, de Gilberto Mendonça Teles (1964) – De 108 poetas antologiadados, figuram 19 mulheres (17%).

3º - Na obra *Letras goianas – esboço histórico* – Victor de Carvalho Ramos (1967), a mulher começa a ser mencionada no século XX e a 1ª citada é Eurídice Natal, aclamada presidente da Academia de Letras, fundada em 1904.

4º - *Antologia do conto goiano* – Ramos e outros (1968). Dos 44 escritores, oito são mulheres (18%).

5º - Na obra *O conto brasileiro em Goiás* – Gilberto Mendonça Teles (1964) – Dos 37 autores estudados, há cinco nomes femininos (13%).

6º - Na *Antologia do novo conto em Goiás* – Miguel Jorge (1972), figuram doze prosadores, dos quais três são mulheres (25%).

7º - Na antologia *Colheita – a voz dos inéditos* – Gabriel Nascente (1979), dos 95 poetas presentes, 26 são mulheres (27%).

Fazendo uma avaliação dessa incidência de nomes femininos na organização dessas obras que tentam reunir os valores ou selecioná-los, observamos que partimos de uma presença de 0% (1943) a 27% (1979), o que representa um passo e um reconhecimento bem animadores.

Queremos fazer ainda alguns comentários sobre a presença da mulher nas obras que estudam a Literatura Goiana. Em *Síntese da história literária de Goiás*, A. G. Ramos Jubé estuda Leodegária de Jesus, Nelly Alves de Almeida, Cora Coralina, Regina Lacerda, Maria Paula Fleury de Godoy, Yeda Schmaltz, Moema de Castro e Silva Olival e foram apenas mencionadas Aída Felix de Souza, Maria



Helena Chein, Marietta Telles Machado e Nair Perillo Richter.

Em *Literatura contemporânea em Goiás*, Brasigóis Felício (1975), o autor estuda Yeda Schmaltz em quase seis páginas e reserva algum lugar para Edir Guerra Malagoni, Vera Americano e Ada Curado. Cita, quase *en passant*, nas considerações finais, Marietta Telles Machado, Aída Felix de Souza e Maria Helena Chein.

Em *Evolução cultural de Goiás* (1969) Jerônimo G. de Queiroz, ilustre e generoso professor, dedicou um capítulo inteiro para exaltar a figura da mulher. Nele, o autor citou o nome de mulheres que atuaram em todas as áreas.



O Grupo dos XV, que foi um momento renovador na Literatura Goiana, intelectualmente identificado com a Geração 45, teve a liderança inicial de uma mulher, em cuja casa se davam as reuniões – Regina Lacerda.

Com o “Grupo de Escritores Novos – GEN”, que atuou na década de 1960 e que foi a meu ver, um movimento, se não revolucionário, pelo menos sacudidor do marasmo em que se encontravam nossas Letras, diversos elementos femininos atuaram com destaque (Yeda Schmaltz, Maria Helena Chein, Edir Guerra Malagoni, Maria Evangelina, Marietta Telles Machado etc.). O GEN foi um laboratório onde se desenvolveu o talento dos principais escritores da atual literatura goiana.

Voltamos a afirmar que pretendemos aprofundar os nossos estudos, mas reiteramos a nossa concepção de que, através dos anos, se a mulher não liderou os movimentos culturais, ela não se omitiu. Sempre compareceu, contribuindo para inovar, para crescer. Na década de 1970,

firmaram-se importantes nomes de mulheres na Literatura Goiana ou surgiram livros que realmente foram marcos.

oOo

Todos nós sabemos que se publica muito em nosso Estado, demasiadamente. Obras apressadas, promissoras, mas sem amadurecimento. Muitos querem começar por onde os autores conceituados estão acabando. Mas o tempo será o grande juiz de tudo isso, isento das paixões, dos compadrismos ou dos grupos, se é que eles existem. Mas apareceram, no terreno da prosa e da poesia, da lavra da pena de mulheres, obras realmente dignas de atenção.

No campo da prosa, veio a lume o livro *Do olhar e do querer* (1974), coletânea de contos dessa excelente contista que é Maria Helena Chein. Foi uma estréia brilhante. Para Nelly Alves de Almeida, os contos de Maria Helena são ricos de beleza, não apenas pela qualidade, senão também pelo novo rumo que lhe foi dado pela sua concepção e visão literária. Todos esperamos ansiosamente o próximo livro de Maria Helena.

Yeda Schmaltz, celebrada poeta, reconhecida aquém e além Paranaíba, surpreendeu-nos com sua narrativa em prosa – *Miserere* (1981), que para Bernardo Élis “São ótimos contos: creio mesmo que raramente desponta coisa igual no Brasil”. O livro de Yeda, menção honrosa em concurso nacional, traz outra virtude: foi publicado por uma editora do Rio de Janeiro. Isso é mais um fator de sucesso. Publicar a obra fora de Goiás é livrá-la de ser condenada às traças e à poeira.

Zina Brill publicou *Os joelhos de Eva* (1981). Autora talentosa, seus contos, como afirma Miguel Jorge, “em sua maioria podem ser vistos como pontos de vista da autora em defesa dos direitos da mulher”.



Nelly Alves de Almeida, publicou *Tempos de ontem* (1972), livro em que a autora, com sua pena mestra, reconstrói uma quadra de simplicidade, de beleza, que se aninha na época da infância. Um tempo que será riscado de nossa memória, inexoravelmente, se não houver um registro fiel e talentoso como o de Nelly. Da mesma autora, apareceram na década, *Análise literária de "Homens de palha"* (1973) e *Literatura e sentimento* – discurso de posse na AGL (1977).

Nesse mesmo período, aparece a obra *Meu livro de cordel* (1976), poemas e crônicas de nossa poeta federal Cora Coralina. Surgiram também duas novas edições de *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*.

Aída Felix de Souza deu-nos dois livros: *É a noite* (1970) e *Filão extinto* (1981). Excelente contista e cronista, para Godoy Garcia "Aída não é uma simples contadora de causos. Esta é a sua marca registrada: ela é uma recriadora da realidade, que com a força da arte sabe transfigurar".

Ada Curado, firmando cada vez mais o seu nome, deu-nos o romance *Paredes agressivas* (1977) e a peça de teatro premiada no concurso da Caixa, *Sob o tormento da espera* (1976).

Devemos citar ainda outros livros de prosa surgidos nesta época, ou seja, a década de 1970 e começo de 1980, enfatizando que a nossa lista não pretende ser completa, nem definitiva. Este é apenas um esboço da produção intelectual da mulher, a mais representativa possível. Os estudos prosseguirão. Assim, pudemos anotar: *Disrritmia* (contos-1977) – de Alcyone Abrão; *Obstinação* (romance s. d.) de Maria Helena F. Garrido; *O triângulo* (contos-1979) de Helena Sebba Correia; *As doze voltas da noite* (Contos-1970), *Narrativas do cotidiano* (Contos-1978); *Encontro com Romãozinho* (contos infantis-1976) e o *Congresso das bruxas* (contos infantis-1978) – os quatro da autoria de



Marietta Telles Machado; *Rua do Carmo* (Crônicas - Artigos-1981) de Nita Fleury; *Vila Boa* (história e folclore, 2. ed., 1977) de Regina Lacerda; *Um raio de luz na noite escura* (romance) de Alice Godinho Batista; *Vidas em suspense* de Felícia Savini; *Vitrais em movimento* (crônicas-1978) de Maria Décia Alencar Rodrigues; *Vidas e vivências* (1979) de Vilda Guerra Fernandes e *Tempos de sonhos* (Crônicas, 1981) de Nair Perillo Richter.

No campo da poesia, além da presença ímpar de Yeda Schmaltz, que veio se instalando cada vez com mais força no território literário goiano e quicá nacional – e que nos deu na década de 1970, começo de 1980, *Secreta ária* (1972), *O Peixenauta* (1975) e *Alquimia dos nós* (1979) – apareceram importantes livros de poesia feminina (ou poesia de mulher?). Um deles seria, incontestavelmente, *Feminino plural*. Esse livro, além de ser renovador na estética e no conteúdo, pois revela a consciência da mulher na busca de sua identidade e de sua afirmação no mundo, é revolucionário no sentido de ser escrito a três mãos: Gilka Bessa, Zulma Bessa e Getulina Pimentel.

Outro livro a ser mencionado com destaque é *Sempre setembro* (1981) de Violeta Metran Curado. Trata-se de poesia de alto quilate, de apurado lirismo, de beleza formal inconteste. Dele afirmou Walmir Ayala: “Lendo-se os poemas deste livro breve e denso, ouve-se a voz que é música e transparência”.

Um nome importante é o de Darcy França Denófrío. Ela estreou com *Vôo cego* (1980). Carlos Drumond de Andrade assim saudou a obra: “Seu Livro – *Vôo cego* – testemunha tanto uma fina sensibilidade, quanto um espírito meditador, que aprofunda o sentido das coisas”. Com seu livro inédito *O risco das palavras*, Darcy foi uma das 15 finalistas do milionário Concurso Nacional Nestlé.

Devemos assinalar ainda *Espaços* (1980), de Maria Abadia. É um livro de estréia, “mas um canto de nova e promissora poesia”.

Runi Silva, artista plástica, trouxe-nos *A flor e o mundo*. É um livro original: poesia límpida e limpa, escrita em folhas soltas, com belíssimas ilustrações de Carlos Sena.

Assinalamos também *Cristal do tempo* (1982), de Maria do Rosário de Moraes Teles, menção honrosa da UBE do Rio de Janeiro. Trata-se de uma pequena coletânea de versos que, fiéis a um título feliz, são plenos de límpido lirismo, de cristalina singeleza, que revela a alma amorosa de uma mulher – uma mulher de talento poético.

Registro ainda a publicação de *Fragmentos do infinito* (1978) e *Esse tempo* (1981) da vibrativa Wilda Guerra Fernandes e estamos esperando o novo livro desse grande talento poético que é Maria Lúcia Felix de Souza. Também aguardamos o livro de Augusta Faro Fleury Curado.

Nesse breve apanhado, podemos notar que a mulher goiana, em quantidade e qualidade, impõe-se cada vez mais no campo cultural e em especial na Literatura, que é o enfoque do nosso trabalho. Aliás, diga-se de passagem, a projeção da mulher goiana nas Letras já não se circunscreve aos limites de nosso Estado: está rompendo as fronteiras e entrando vitoriosa nos grandes centros culturais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JUBÉ, A. G. Ramos. *Síntese da história literária de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1978.

QUEIROZ, Jerônimo G. *Evolução cultural de Goiás*. Goiânia: DEC, 1969 p.137-153.

TELES, G. M. *A mulher nas letras de Goiás*. Rev. da UFG. v. 1, n. 1, p. 25-33.

## A literatura infantil: problemas e perspectivas

### O QUE É A LITERATURA INFANTIL

Um dos problemas que tem preocupado escritores, educadores, bibliotecários, é o do livro infantil, como um dos instrumentos de fundamental importância na educação da criança: o que é a Literatura Infantil? Como incentivar a produção do livro infantil? É fácil escrever para a criança? Como facilitar o acesso da criança ao livro?

O escritor boliviano Hugo Molina Viana disse, numa linguagem poética, que colocar o livro nas mãos de uma criança é como dar-lhe uma caixa de música, uma caixa de mistério, um cofre de maravilhas, onde o menino possa divertir-se, convivendo com personagens que lhe falam de suas coisas e de seus interesses. A leitura deve significar um veículo de revelações, além dos limites de sua existência rotineira e quotidiana em torno do lar; deve ser asas com que a criança possa voar na fantasia de seus sonhos; deve ser um instrumento que satisfaça a curiosidade infantil e contribua para sua formação.

Em síntese, um bom livro infantil deve, segundo Molina Viana, despertar na criança as energias espirituais e os primeiros valores da fraternidade humana; deve dar maior capacidade de recepção a seus sentidos, para que evolua como ser humano íntegro e total; deve exercitar



sua imaginação rica, porém desordenada e confusa para torná-la transparente, ordenada e criadora.

Para Laura Sandroni, a Literatura Infantil tem de estimular e desenvolver a criança, suas potencialidades de pensamento crítico e criador e é com essas finalidades que deveria ser usada na sala de aula – como uma janela aberta para o mundo.

E que mundo é esse? O mundo da imaginação, o mundo interior da criança, o mundo das tradições culturais de seu país, o mundo do passado e a realidade que a rodeia.

É, pois, uma grande responsabilidade escrever para criança. Não se improvisa um escritor de literatura infantil. Aquele que se propõe a escrever, lembra a escritora Maria Lúcia Amaral, deve amar e conhecer a criança e sentir em si a poesia, esse modo mágico de ver as coisas, que só o artista possui. O grande poeta Jimenez, citado pela mesma escritora, afirmou: “O livro para a criança é o livro do conto mágico, do verso de luz, da pintura maravilhosa, da música deliciosa; o livro belo, em suma, sem outra utilidade que a sua beleza”.

## O FANTÁSTICO E A REALIDADE NA LITERATURA INFANTIL

Discute-se muito, nos dias de hoje, se o fantástico deve ser eliminado da literatura infantil; se as fadas devem ser banidas, por representarem elas um escapismo; se a violência e a agressividade de alguns contos clássicos seria prejudicial às crianças. Eu respondo que não. Maria Lúcia Amaral afirmou que mudam os tempos, mas não muda a criança. A criança continua animista e ela sempre verá estrelas dançando, bichos falando, botas caminhando e toda sorte de fantasia que faz parte de seu mundo. Com seu antropomorfismo, anima a tudo e a tudo dá vida. Sem isso

ela não pode passar. O maravilhoso, o temor do incógnito, o medo cósmico, nunca desaparecerão da alma humana. Para Ortega y Gasset, “O mito, a imagem fantástica, é uma função interna, sem a qual a vida psíquica ficaria mutilada. O mito é a harmonia psíquica”.

Quando eu era criança, tinha um cavalo de pau. Para mim, ele era um cavalo de verdade, um cavalo maravilhoso, de crinas brancas, um cavalo alado, talvez. Um dia, um adulto disse-me: “Seu cavalo é de pau, não tem carne, nem osso!” Fiquei profundamente triste. Foi como se aquela pessoa grande tivesse quebrado o encantamento do meu mundo, que, felizmente, depois eu reinventei. Assim é o universo da criança.

Lúcia Machado de Almeida, visitando uma escola de Minas, perguntou a uma menina, a primeira da classe. “Que histórias você prefere, de bicho ou de gente”? Ela respondeu: “Nem de bicho, nem de gente. O que gosto é de Cinderela”. “Por quê? tornou Lúcia, você não sabe que as fadas não existem?” “Eu sei, é tudo mentirinha, mas é tão gostoso!”.

Muitas crianças não acreditam em fada, nem em nada de fantástico. A televisão e outras opções de diversão têm contribuído para amortecer ou mesmo matar na criança o seu espírito criador, inventivo e crítico. Heróis importados, que nada significam para a nossa cultura, infestam a imaginação das crianças – são os “incríveis hulcks”, as “mulheres maravilhas”!

Talvez tudo isso seja culpa de nós, adultos, que não tenhamos sabido ou não tenhamos podido fazer dos modernos meios de comunicação e lazer, instrumentos que ofereçam algo melhor às crianças, conduzindo-as à descoberta do livro e da leitura.

Quanto ao problema, apontado pelos moralistas, sobre a violência e outros aspectos chocantes nas histórias



clássicas, reproduzo aqui, integralmente, o pensamento da escritora Ana Maria Machado, com o qual concordo sem nada tirar, nem acrescentar. Os contos de fadas (*Chapeuzinho Vermelho*, *Gata Borralheira*, *Branca de Neve* etc.), diz ela, continuam tendo muito a dizer às crianças e não devem ser rejeitados. Expressam uma sabedoria coletiva e anônima, acumulada através do imaginário de várias gerações, e tratam de problemas muito reais que continuam válidos e presentes em nossa sociedade brasileira de agora, porque são questões do próprio crescimento do homem: rivalidade entre irmãos, conflitos edipianos, passagem da infância para a idade adulta, processo de individualização, relação com autoridade etc. O diabo é que, na maioria das versões existentes no mercado, anda o bedelho de uma sabedoria de superfície, ou de um falso psicologismo, que tende a passar a limpo a sabedoria popular expressa nessas histórias, como se o adaptador se achasse infinitamente superior à ignorância do povo, corrigindo-a com atenuantes. Então, continua a autora, essas versões retiram a violência das histórias, eliminam suas reiteraões, desviam-se dos caminhos apontados, como se a criança vivesse numa redoma. Vê lá se o lobo comer a menina é mais violento que viver numa sociedade que convive tranqüila e indiferente com a mortalidade infantil, a fome, os trombadinhas e pivetes, sintetizando toda a tragédia do menor abandonado em um país que constrói autódromo e transamazônica e é incapaz de dar comida à sua gente. Na mesma linha de pensamento, coloca-se a Professora Maria Helena Martins, da UFRGS, para quem os pedagogos que pretendem passar as histórias a limpo se esquecem que boa parte da agressividade manifesta nas histórias infantis vem ao encontro de uma pulsão natural da criança. Ela lembra Bruno Bettelheim para quem o confronto com os monstros, as bruxas, a morte, antes de prejudicar a criança,



está ensinando-a, através de uma linguagem simbólica, a conviver com seus conflitos e a reconhecer a realidade.

É claro que com essa postura, o escritor não está partindo para uma de sádico, a perturbar e a tumultuar a cabecinha da criança com suas histórias cruas, mostrando-lhe um lado da vida selvagem e cruel, simplesmente por mostrar, simplesmente para sustentar a tese de que a criança não deve ser criada numa redoma. Tudo tem que ser dosado pelo bom senso, pelo talento, pela habilidade do autor: mostrar a realidade do mundo, unida à fantasia, ao maravilhoso, falando uma linguagem contemporânea e ao nível do universo da criança.

Qual foi a razão do imenso sucesso dos Irmãos Grimm, à época em que viveram e até hoje? Eles não se limitaram a recolher e reproduzir as lendas, muitas das quais tiradas da mitologia nórdica. Eles procuraram preservar o sabor da literatura oral, mas usaram da linguagem e hábitos contemporâneos da época em que viveram.

## O PROBLEMA DA LEITURA

Uma das grandes dificuldades com que se depara hoje é a inexistência do hábito de leitura, quer na criança, quer no jovem, quer no adulto. Parafraseando um conhecido adágio, um leitor não nasce, faz-se. Nos tempos que correm, e como já afirmei antes, o livro deixou de ser a única opção de entretenimento. Joga-se a culpa em cima da televisão e das revistas em quadrinhos e as razões da falta de hábito de leitura não são questionadas, como bem lembra a Professora Maria Helena Martins: o uso da literatura como pretexto para ministrar conteúdos gramaticais; as lamentáveis “fichas de leitura”; as falsas verdades onipresentes no que, geralmente, se recomenda para a criança e o jovem lerem. Na mesma tônica são as

afirmações de M. A. Antunes da Cunha para quem a leitura é a mais abandonada das formas de lazer. A principal causa, diz ela, de a leitura não vingar como lazer é ela ser “trabalhada” na escola. Ali, a leitura é apenas um elemento a mais do proclamado desenvolvimento da área cognitiva. A literatura não é explorada enquanto arte, mas enquanto material verbal utilizável para possibilitar ao aluno adquirir conhecimento. A literatura deve ser vista na mesma perspectiva das outras artes: tem que ser encarada como opção.

A escola e a família vêem no livro – mesmo o literário – uma fonte de conhecimentos importantes para o aluno na sua vida futura. Como nós, adultos, já estamos nesse futuro, não lemos mais. Para essa “forma enviesada” de ver a literatura, toda a estratégia escolar é falha: o livro é imposto para a leitura, que deve ser feita até determinado dia, quando é avaliada normalmente através de fichas ou provas (até de múltipla escolha). O melhor livro é fruto da escolha do adulto. Como modificar esse estado de coisas? A acima citada professora, responde: a solução parece não vir a curto prazo.

Lembra Laura Sandroni que em nosso país a literatura para criança não é levada a sério e, muitas vezes até, é considerada sublitteratura, um gênero menor. Poucos se dedicam a comentá-la. Os próprios órgãos de comunicação não se abrem à crítica e a matéria não é ensinada nas universidades. Nas Escolas Normais, não lhe dão verdadeira atenção. E, no entanto, a população de nosso país está formada por mais de 50% de jovens de menos de 18 anos. Por outro lado, há um aterrador índice de deserção escolar, o que explica o pequeno número de leitores. Não há tempo para a fixação do hábito de leitura que, segundo as investigações internacionais, se não se adquire até os 13 anos, não se adquirirá mais.



## O PROBLEMA DO ACESSO AO LIVRO

No II Seminário Latino-Americano de Literatura Infantil e Juvenil, realizado em São Paulo em 1978, o representante de El Salvador, debatendo o tema “A criança e o Acesso ao Livro”, apontou as causas que dificultam o acesso da criança ao livro na América Latina, causas essas que me parecem bem nossas, brasileiras e goianas:

- a) analfabetismo
- b) evasão escolar
- c) interferência de outros meios de comunicação de massa (A televisão com seus enlatados e falsos heróis).
- d) falta de bibliotecas e de livros
- e) inexistência de poder aquisitivo
- f) desinteresse pela leitura
- g) educação literária mal dirigida
- h) falta de recursos para a difusão literária
- i) problemas familiares (econômicos, culturais, de saúde etc.)

Durante o citado Seminário, foram amplamente debatidas essas questões, como outras de vital importância, tais como “A literatura infantil como forma de educação e lazer” etc.

Caminhos foram apontados. Cito aqui alguns dos mais relevantes, que fizeram parte das recomendações finais:

- 1<sup>o</sup>) A criação da disciplina Literatura Infantil e Juvenil nas Universidades, especialmente nos Cursos de Letras, Biblioteconomia, Educação e Comunicação.



- 2º) Um esclarecimento à família dos verdadeiros objetivos da educação e da leitura.
- 3º) Atualização e aperfeiçoamento de professores sobre as técnicas modernas para criar no aluno condições de fazer a sua própria seleção.
- 4º) Integração entre o professor e a biblioteca.
- 5º) Incentivo à criação de clubes.
- 6º) Maior abertura nas escolas, visando propiciar a integração escola/comunidade.
- 7º) Que o folclore na Literatura Infantil não seja associado só a mitos e lendas, mas seja visto no dia-a-dia da criança, por exemplo nas brincadeiras espontâneas, nos brinquedos por ela criados etc.
- 8º) Criação de bibliotecas escolares, ampliação do acervo e dinamização das existentes.
- 9º) Criação, ampliação e dinamização de bibliotecas públicas.
- 10º) Formação de seção de livros infantis, com pessoal especializado nas livrarias.
- 11º) Uma literatura infantil capaz de despertar na criança o senso crítico e de situá-la no momento histórico-social em que vive, e sobre ela aja de maneira construtiva e transformadora.
- 12º) Que se respeite a fantasia da criança e se permita o cultivo dessa fantasia, fonte mais poderosa da expressão criadora.
- 13º) Exploração da poesia e estímulo à sua expressão poética.
- 14º) Cabe ao adulto contribuir para a desmistificação da tecnologia, adotando e transmitindo à criança e ao jovem uma atitude de permanente questionamento.

- 15<sup>o</sup>) Que as entidades ligadas à literatura infantil e juvenil ofereçam condições de apoio aos escritores no sentido de aumentar a produção.

O problema é complexo e profundo, a solução, como já se disse antes, parece não vir a curto prazo. Mas é preciso que se tomem providências, o quanto antes, para que as coisas comecem a se modificar.

## O LIVRO INFANTIL E A LEITURA EM GOIÁS

Entre nós, a questão do livro infantil e da leitura agrava-se ainda mais, porque somos um Estado culturalmente pobre e pouco desenvolvido. Contam-se nos dedos os leitores adultos, o que se dirá do pequenino leitor! Se a falta de bibliotecas e as dificuldades do acesso ao livro, pelas causas já apontadas, são uma constante em termos de América Latina e em termos de Brasil, aqui a questão se agrava, porque não se tem uma consciência clara da importância do livro como instrumento da educação e do desenvolvimento total do ser humano. As bibliotecas públicas são pobres; as bibliotecas escolares, com as exceções de praxe, não existem. Bibliotecas infantis também não temos. As livrarias têm estoque limitado, devido a esse estado de coisas. De todos é sabido que entre nós não se tem o hábito de comprar livros, a não ser para fins didáticos e profissionais e olhe lá! A produção do livro infantil é ainda incipiente. Não há mais que uma meia dúzia de títulos. E quando os livros são editados por aqui – também esse fato é de todos amplamente conhecido e debatido – as edições são limitadas, a distribuição é ruim. Muitas vezes o autor vê-se obrigado, ele mesmo, a mercadejar seu livro a preço de liquidação. Ou constata que a edição se esgotou. Para onde foi, ninguém sabe, ninguém viu!...

Entretanto, temos em Goiás um magma de tradições, lendas, costumes, a serem explorados e mostrados, através do maravilhoso, à nossa criançada, a fim de que ela aprenda a conhecer e a amar as coisas de seu chão.

Se atentarmos para as recomendações do Seminário Latino-Americano de Literatura Infantil e Juvenil, de que atrás falamos, vê-se que há muito a fazer – e que muito se pode fazer – para que as coisas mudem!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, M. L. Crianças e crianças; a literatura infantil e seus problemas. Petropolis: INL / Vozes, 1971.

SANDRONI, L. C. La literatura infantil en el Brasil de hoy. Mimeo. (SLALIJ).

VIANA, H. M. Que es la literatura infantil. Mimeo. (SLALIJ).

Goiânia, 1980

De livros e autores





Uma voz que é música e transparência



## II

# De livros e autores







## Uma voz que é música e transparência

Como se sabe, floresceu na Espanha andaluza, do VIII ao XI século, uma civilização moura que, ao contato com a realidade ambiental, adquiriu contornos de originalidade e fulgurância. Haja vista que o segredo da fabricação do papel, transmitido aos árabes por seus inventores, os chineses, chegou à Europa via Espanha. Os árabes estabeleceram uma fábrica em Játiva, outra em Toledo. As ciências, as artes, a cultura enfim adquiriram em terras hispânicas um raro esplendor. Córdoba era o foco e o zênite da vida intelectual espanhola, embora Toledo, Granada, e Sevilha também fervilhassem de desenvolvimento e cultura. Diz um historiador que em Córdoba os poetas eram tão numerosos como as areias do oceano. Lembrei-me nesse instante da Espanha porque a poetisa Violeta Metran, em seu livro *Sempre, setembro*, se inspirou naquela maravilhosa terra para produzir dois dos mais belos poemas de sua obra, ("Andaluzia" e "Dança espanhola") e se referiu em outro verso à "Rosa de Espanha". Aliás, diga-se de passagem, eu que vivi por algum tempo em terras de Espanha, sou fascinada pelas coisas e pela cultura da pátria de Garcia Lorca. O que me fez vir Andaluzia à cabeça foi a quantidade de poetas a que se referiu o historiador.

Entre nós, não floresce no momento, nem floresceu no passado, nenhum movimento cultural de grande

ressonância, seja com tinturas alienígenas, como foi o caso da Espanha, seja de coloração cabocla. Muito pelo contrário. Dizem alguns que, atualmente, a literatura goiana anda marasmática. Falam da inexistência de crítica literária entre nós; do compadrio literário; da incensação mútua de elementos de um mesmo grupo. Quando se critica uma obra, o autor da dita toma a suposta verdade do crítico como ofensa pessoal. Outros põem-se a criticar não a obra, mas o autor, conforme os interesses e as conveniências. Dizem do provincianismo goiano, da timidez e insegurança de nossa gente; da falta de divulgação da obra literária, do baixo índice de leitores. Dizem do colonialismo cultural Rio/São Paulo, que nos esmaga e nos anula, por mais talentosos sejamos etc., etc. Esse pode ser um quadro verdadeiro, meio verdadeiro ou excessivamente pessimista. Não sei. O que todos sabemos, com nítida certeza, é que, com esses fatores negativos, mais a crise econômica e mais a carestia do papel, Goiás continua produzindo muitos livros. A praça, nesse fim de ano, então, está inflacionada de lançamentos. Sim, parafraseando o historiador de Espanha, entre nós há tantos poetas como as areias do Araguaia (e do Tocantins, talvez!). Mas isso é ótimo! É muito bom que haja mais escritores e poetas que leitores. Os leitores hão de vir, eles virão quando sairmos do nosso estágio de cultura agrária. E acharão o que ler. O que importa é que a memória de um momento cultural de Goiás, ou bem ou mal, está sendo registrada.

Entretanto, há um reparo a fazer. Entre nós existe uma pressa louca em publicar. Mal o poeta começa a rabiscar seus vacilantes versos, ei-lo vate oficial, a lançar os verdes frutos num mercado incipiente. Há por aí, na pátria formosa do índio Goiá, muitos livros promissores, mas imaturos; um punhado de idéias boas, mas não sazoadas. Há poetas inconvictos que confundem o ser poeta com o status social;



o fazer poético com desabafo de dores, incertezas, amarguras. Entendo o poeta como aquele que fala por uma coletividade e testemunha uma época. É necessário o amadurecimento para tal. A pressa é uma irresponsabilidade. Não que eu seja contra os jovens: ser moço, mais que os verdes anos, é ter uma atitude jovem diante da vida. Não tem juventude Cora Coralina, com seus cabelos brancos e sua sabedoria? Houve moços que, nos seus vinte e poucos anos, deixaram uma obra significativa. Eles são exceções. Gênios não nascem como cogumelos.

Bem, todo esse intróito foi para falar sobre um livro que veio sem pressa e veio para marcar presença: é *Sempre, setembro* de Violeta Metran Curado. Ele foi editado pela Oriente, com capa de Sanatan e contra-capa de Semeão Curado.

Violeta é goiana, de Morrinhos. Intelectual sempre integrada nos movimentos culturais de Goiás, tem larga convivência com os meios culturais do Rio de Janeiro. À sua bagagem de vivências, ajuntam-se as numerosas viagens, entre elas uma que fez ultimamente à Europa. Poeta de muitas estações, já figurando em antologias e suplementos literários, só agora, depois de muitas instâncias de seus amigos, decidiu entregar a Goiás e quiçá ao Brasil, o seu primeiro livro de versos.

O livro vem recomendado com a chancela de uma premiação: tirou o 2º lugar no prêmio "Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos" – gênero poesia. E outra mais: sua apresentação é assinada por Walmir Ayala. Consta que o pronunciamento de Walmir sobre *Sempre, setembro*, não foi encomendado. Ele o fez espontaneamente, ao tomar contato com a obra, através de amigos comuns.

Eis um livro que recebemos com alegria. Livro maduro, bem feito, pensado, equilibrado, vivido. Repito:



veio sem pressa, para marcar presença. O poeta nacional, Walmir Ayala, afirmou com muita propriedade: "A palavra de Violeta escoa com muita limpidez e singeleza. Nenhuma pesquisa verbal, nenhum laboratório específico, nem problema de recriação..." Nele não há a tortura da palavra em detrimento da poesia. Não se percebe uma busca artificial de originalidade. O verbo poético vem vindo como um vento doce; nele fulgura o brilho instantâneo de uma estrela ou a geometria do vôo de um pássaro. É uma poesia de cristal, ao mesmo tempo frágil e profunda, doce e intensa, leve e de bronze. Poesia que exala poesia, como evola o perfume da rosa pura. Poesia que brota de quem a traz na alma e na consciência, no coração e na inteligência; quer esteja a poeta a sentir o "Aroma da terra amada" ou o "Agreste da cidadezinha morta"; quer ande pelas terras de Andaluzia, vendo "os gerânios escorrerem dos pátios" ou a terra abrindo-se em "papoulas vermelhas e flores amarillas". Poesia de quem quer atravessar o tempo e a morte: "Unidos atravessaremos o tempo e a morte". A poesia de Violeta nos carrega nas asas do sonho, com seus "Corcéis negros galopando o espaço", "A balançar suas crinas douradas". Ela revisita o tempo como um momento essencial e pleno da vida, sem se prender a um passado de lembranças, mas à intensidade do instante: "Num retângulo/ puxei o tempo/ e a persiana azulada,/ gasta/ se abriu./ Setembro se esparramou,/ meus olhos deliciaram-se/ com as jabuticabeiras em flor./ Ah! sabiás! quantos eram cantando/ Encontrei uma flor amarela/ esquecida pelo vento:/ bem-me-quer, mal-me-quer.../ Será?/ E a persiana fechou."

Há em Violeta, pareceu-me, esse vôo que é um mergulho no mistério de viver, de amar, de sofrer, de vibrar. É uma viagem de penetração no espaço insondável, na ânsia absoluta de cumprir-se como ser humano e como poeta.

Benvinda seja, irmã Violeta, pela entrada oficial e solene, na casa infinita da poesia. Você vem com sua voz que "é música e transparência". Você entra com muita força e com muita presença. Veio devagar e fez muito bem. Esperou que os frutos amadurecessem e no-los oferece, agora, rubros e dourados, para a alegria de seus irmãos.

Goiânia, 1981

## Miguel Jorge: depois do túnel – um breve testemunho sobre seus vinte anos de literatura

**N**a década de 1960, um grupo de jovens, ansiosos por buscar novos caminhos para a Literatura Goiana, fundou o GEN – Grupo de Escritores Novos. O GEN era ousado, inimigo implacável da repetição decadente de uma literatura ultrapassada, estudioso e sintonizado com os movimentos de vanguarda que se instauravam no país. Um de seus fundadores, integrante dos mais ativos do grupo e por duas vezes seu presidente, foi Miguel Jorge.

Duas décadas se passaram. O trabalho do GEN, aliado a outros fatores que determinaram a transformação do panorama sócio-econômico e cultural do Estado (a criação de duas universidades em Goiás, a interiorização do desenvolvimento com a criação de Brasília etc.), frutificou. O nome de Miguel Jorge, ao lado de outros companheiros, conquistou espaço e respeito.

Ao lado do exercício da pena, ele é um batalhador sem tréguas pela causa da cultura. Dirigiu, por vários anos, o Suplemento Literário da *Folha de Goiaz* (jornal hoje extinto) e o Caderno Cultural de *O Popular*, até que aquela empresa jornalística acabasse com ele em 1982. Exerceu diversos cargos na Diretoria da UBE de Goiás, tendo sido seu presidente em duas gestões. Foi membro do Conselho Estadual de Cultura e é professor universitário.



Quanto à obra literária, tem uma bibliografia já rica e que demonstra a polivalência de seu poder criador: contista, poeta, romancista, teatrólogo, ensaísta e crítico de arte. De toda ela, pode-se dizer o que a propósito do romance *Veias e vinhos* escreveu Álvaro Alves de Faria: "... Escritor que conhece esse jogo que é a literatura e sabe conduzir sua narrativa sem nunca, nenhuma vez, perder o interesse pela própria criação". No mesmo tom se expressou Fábio Lucas, quando afirmou que a prosa de Miguel Jorge é séria e séria no sentido de não comportar, ao longo de seu processo expositivo, hiatos de relaxamento de espírito. Isso é bem verdade e é a característica do escritor que eu queria ressaltar em primeiro lugar. Trata-se de um prosador forte, que crê na própria obra, produzindo sempre com o mesmo entusiasmo e com a mesma expectativa da época de efervescência do GEN. Porque, com toda certeza, Miguel Jorge sempre foi muito preocupado com a renovação formal, ao lado da busca exaustiva de uma visão original e muito própria do mundo. Pode-se mesmo dizer que persegue a originalidade com obsessão e foge das formas gastas como o diabo da cruz.

Se no livro de estréia - *Antes do túnel* - procurava, em seus contos, novos caminhos, mergulhando naquele túnel de incertezas, luzes e sombras, diafaneidade, neblinas, alucinações, desdobramento do tempo e do espaço, tanto no campo das idéias, quanto na carpintaria do texto, ao sair do túnel, deparou-se com a certeza de sua trajetória de criador, de domador da palavra. Em *Texto e corpo*, livro de contos publicado a seguir, ele trabalha arduamente para atingir "a máxima eficiência verbal". A partir daí, tem a sua marca registrada: compõe o texto com a paciência e a competência do artesão. Aliás, como bem acentua Gilberto Mendonça Teles, a preocupação com o aspecto material da linguagem revela a vocação poética do autor. Prosador

e poeta somam as suas forças inventivas na alquimia do texto, engrandecendo-o.

Como romancista, na primeira obra no gênero – *O caixote*, ele realiza um trabalho experimental. Trata-se de “Uma pesquisa específica no interior das tradições literárias e no interior do homem”, o homem entediado e perplexo do mundo de hoje. Nesse romance, encontram-se, por vezes, experimentalismos formais, maneirismos, passagens obscuras, “Intervenções líricas injustificáveis”, como já acentuou a crítica. Isso absolutamente não invalida a obra. É uma construção no caminho.

Já em *Veias e vinhos*, ele compôs um belo romance, naquela prosa plena de poesia, de conteúdo denso e dramático. Os personagens, centrados em nosso espaço geográfico, estão mergulhados no risco, na dor e na aventura de viver, conduzidos pela trama da fatalidade, esmagados pela máquina do poder que antes massacra que protege. Embora transcorrendo nas paisagens, casas, ruas, vivências e valores que nos são familiares – e isso é de suma importância – essa tragédia humana é universal, tanto pode ocorrer entre nós como em qualquer cidade do mundo.

Quanto à temática de Miguel Jorge, atual e atuante, a solidão, a angústia, o compromisso do escritor perante um mundo em desagregação, a vida ameaçada, a reflexão sobre os caminhos do homem, as injustiças sociais – eis alguns dos aspectos mais candentes de seu universo de criador.

Ao manifestar-me sobre uma obra digna de respeito, bem acolhida pela crítica e já publicada por grandes editores do país, não posso me furtar à satisfação de dar, ao ensejo da comemoração do 20º aniversário de sua estréia literária, o meu testemunho pessoal sobre o Miguel, o ser humano, o amigo.

O que eu admiro nele, sobretudo, é a sua solidariedade. Ele está sempre pronto a estender a mão, seja nas horas duras da existência, seja para ajudar um companheiro nos espinhos da profissão de escritor. Como editor de suplementos literários, sempre abriu espaço para os novos e nunca negou orientação para os iniciantes.

Eu o admiro, porque ele não perde nunca a exaltação pela aventura e grandeza de criar. Não perde a juventude e a fé no seu trabalho intelectual, o que se reflete muito positivamente na sua convivência com os outros, na sua obra vária e vigorosa.

Seguro, tranqüilo e imperturbável, mesmo quando correntes adversas tentam criar obstáculos à sua caminhada, Miguel Jorge é um escritor que vive a sua condição, na plenitude.

Goiânia, 13 de fevereiro de 1985



## A esperada estréia

**É** curioso notar, diz Victor de Carvalho Ramos, que o elemento feminino caminha na vanguarda do movimento literário do Estado. Na verdade, se formos analisar a história da cultura goiana, sempre notamos a presença forte da mulher. No período de 1904 a 1928, registra-se o nome de Eurídice Natal, primeira presidente da Academia de Letras, prova do prestígio de que então gozava a escritora. Depois de Leodegária de Jesus, Marilda Palínia (Maria Paula Fleury de Godoy), os nomes de mulheres vão crescendo em número e em importância: Rosarita Fleury, com um prêmio nacional por seu importante livro *Elos da mesma corrente*; Ada Curado com respeitável bagagem de obras publicadas; Nelly Alves de Almeida, notável filóloga, já conhecida para lá das fronteiras goianas; Regina Lacerda, folclorista nacionalmente conhecida; Yêda Schmaltz, um dos nomes mais expressivos da moderna poesia goiana; Violeta Metran, que já devia ter-nos dado uma coletânea de seus poemas, que são de ótima qualidade; Maria Helena Chein, poeta e prosadora, jovem, de quem esperamos um livro para breve e outros nomes de autoras éditas e inéditas que atuam vivamente em nosso mundo cultural. Arrolamos esses nomes de escritoras de nossa terra, a propósito de mais um livro de mulher: *É a noite*, de Aída Felix de Souza.

Aída publica em jornais e revistas de nossa terra e do Rio desde 1945/1946. Deixando entrever a medida de sua pena a partir dos primeiros escritos, seu livro de há muito devia ter saído. Não importa, o esperado veio, já nos foi entregue. *É a noite*, é uma edição do Departamento Estadual de Cultura, feito nas Oficinas da Gráfica Oriente, com capa de Confaloni e orelha de Bernardo Élis. São dez contos. Refletem, como diria Fábio Lucas, "Uma sociedade semi-urbana, impregnada de resíduos rurais". Aída conta o mundo simples do interior goiano, de nossa gleba. Não é um livro regionalista, mas é um livro preso à terra, ao mundo semi-urbano das cidadezinhas interioranas, com alguns flagrantes da própria vida rural. A fala quotidiana "sem ser roceira", como disse Bernardo Élis, aí está bem captada, livre, espontânea, fiel. Os quadros, as histórias todas, são tocadas de poesia, os momentos dramáticos vêm surpreendentes mas comedidos, a surpresa se insinuando natural, sem choques, sem efeitos buscados, sem exageros. Ao lado dessa suavidade poética, dessa singeleza, Aída tem uma virtude a mais: sabe dar um fecho notável aos seus contos. Veja-se "Patuá" (página 33): "No dia seguinte, quando os machos da família de Douranda arribaram rumo em cima de seu rastro, para a vingança da lei, os dois já haviam sumido para outras bandas do mundo, onde buscaram ninho para seu amor". O mesmo se diga da última oração de "Na casa verde" (página 49) que encerra com o ápice de intensidade dramática a história: "Ainda percebeu o último arranco de uma das pernas se relaxando".

"A volta" é um conto despretenso, mas significativo. Como os demais, retrata com singeleza a vida de seres presos ao seu mundo tão pequeno, mas seres que também filosofam, têm os seus anseios, os seus desejos de romper o horizonte tão próximo. É o menino que pergunta



e pergunta, mas nunca encontra respostas satisfatórias. Seu meio já não lhe serve.

“– Mãe, por que a folha da sempre-lustrosa é verde e a flor vermelha?”

– Porque Deus quis assim menino. Fica mais bonito pra gente olhar, não fica?”

E mais adiante:

“– E as formigas, pra que serve formiga, mãe?”

– Sei lá da serventia, menino?”

Um dia o menino arriba para ir talvez buscar respostas para as coisas. A mãe procurando detê-lo. “Na cidade ou no sítio é tudo a mesma coisa no mundo.” O menino parte no comboio. Mas volta um dia, para a vida “Tudo igual e sempre”, que não o satisfazia, mas suas raízes lá ficaram plantadas.

Em “Iaqui no mundo de Cristo”, Aída, como Bernardo Élis em seu belíssimo conto sobre a índia Put-Kôe, cria o personagem índio, tirado da beleza e da inocência de sua vida selvagem, e corrompido e destruído pela civilização do branco. Iaqui com as saudades cantando no coração e a dor de um retorno impossível, morre “roído de fome e de miséria” e volta “pois dormiu e dormindo correu às matas do sertão lá longe, em busca das imagens da infância”.

“A espiga brota cheia” é um conto desordenado, mas muito bonito e talvez porque o fecho não tenha ligação nenhuma com a trama é que ele tenha se tornado interessante. Aí há três personagens bem feitos: a menina, Malva, a beleza pura, agreste; seu Miguel, o roceiro honesto, trabalhador, circunspecto; Amância, a mulher ambiciosa, reclamadeira. Ademais há os interessantes flagrantes do banho de madrugada da menina, com o gringo espionando; a visita do “Caçador de votos”; seu Miguel, no quadro ingênuo e tocante a cuidar comovido de uma ave doente.



É um conto de maior fôlego, talvez estruturado ao sabor da fantasia de Aída. E encerrando muito bem a coletânea, está o conto que dá nome ao livro. É um conto bem feito, firme, seguro, com a personagem que fala de sua vida, dos seres que a rodeavam, desnudando o seu mundo interior, com sentimentos misteriosos, contraditórios: sua sorte ruim, a fixação pela outra, a amiga, talvez inimiga no paralelo de suas sinas tão diferentes; é o pai de Maria Ester “Aquele sorriso raro e manso de homem me dominando ainda, eterno.” É a solidão e a dor da personagem, que perdida em seus sentimentos e lembranças acaba por concluir: “É a noite, decerto, fazendo a gente feito um inseto se perder, revolvendo o podre da vida.”

Assim, Aída Felix de Souza fez uma literatura honesta e séria. Sem reinventar a arte de contar, malgrado os erros gráficos que escaparam no texto, malgrado o nível menor de alguns contos, Aída fez um dos livros de mais peso da literatura Goiana.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOUZA, Aída Felix de. É a noite (contos). Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1970, 150p.

Goiânia, outubro de 1970

## Cora Coralina: lição de poesia e vida

**T**ardes inteiras eu conversei com Cora Coralina, enquanto lá fora o sol ia doirando as coisas, os morros estendendo seus braços vegetais, as abelhas enxameando nas flores de seu quintal, a água correndo incansável e eterna na biquinha, o Rio Vermelho saltando de pedra em pedra, casarões e lajes serenos guardando sua história, pássaros repetindo seu terno e sempre novo canto, o aroma de seus doces envolvendo a velha Casa da Ponte. E eu olhava respeitosa sua famosa casa, "Barco centenário encalhado no Rio Vermelho, contemporâneo do Brasil Colônia, de monarcas e adventos, ancorada na ponte, agarrada às pedras, de raízes profundas, que nem o rio raivoso, nas suas cheias transbordantes, conseguia arrastar." Eu a vi levantar os braços enfáticos, falar de suas lembranças, sem ser "Uma restauradora de crepúsculos", abordar com exata atualidade e com desassombro os problemas de agora, dizer à juventude e sobre a juventude suas palavras de imensa sabedoria. Eu apenas a ouvia sem nada acrescentar, por desnecessário.

Além de escritora, Cora é mulher incomum. Não veio do século passado, nem é do século futuro, ela viveu acima do tempo: traz a palavra viva e forte, poesia e prosa, as vivências todas de uma ancestralidade eternizada e as do mundo presente, com suas dores e agonias. Das lembranças

todas que guardou de seus caminhos, ásperos quase sempre, e das lutas enfrentadas erigindo uma obra de peso na literatura da terra, ela não nos ensina a amargura. Pelo contrário, autêntica e corajosa, convida-nos a ajuntar todas as pedras que vierem sobre nós, a levantar uma escada muito alta, a subir, a tecer um tapete floreado, a perder no nosso próprio sonho. Essa é uma esplêndida lição de fidelidade à própria vida e a à própria poesia. E é exatamente a contemporaneidade, a valentia diante da existência, o traço fascinante de sua personalidade. Sua biografia é o próprio existir, sem máscaras e sem mundanas grandezas:

“A vida não me deu cargos, mas encargos.

.....  
Nenhuma láurea.

Apenas a autenticidade de minha  
poesia arrancada aos pedaços  
do fundo de minha sensibilidade  
e este anseio:

procuro superar todos os dias  
Minha própria personalidade  
renovada,  
despedaçando dentro de mim  
tudo o que é velho e morto.”

oOo

Começando a escrever muito jovem, seu aparecimento nas letras foi saudado com entusiasmo incomum: pressentiu-se, pelas primeiras linhas, a originalidade e a força de sua escrita. Mais tarde viria a demonstrar sua capacidade de assimilar, recriar e cantar nossa geografia, nossos valores, nossas coisas simples, nossa história, nossas pequenas glórias, a goianidade enfim.



Cedo Cora partiu de Goiás. Seu barco foi lançado no rio-mar da vida. Defendeu-o com denodo, bracejando na tormenta, em um mundo indiferente e aflito. E depois no tumulto da vida, viu passar a seu lado “Barcos destroçados, corpos de naufragos, restos de embarcações naufragadas, crianças abandonadas ao acaso, solitários agarrados a uma tábua, criaturas desanimadas e maldizentes, destroços de vidas despedaçadas, arrastadas nas águas revoltas e sujas desse rio-mar sem fim...”

No entanto, essa visão desoladora do rio da vida, jamais fê-la capitular, porque era uma mulher forte, guerreira, uma poeta... E seguiu imperturbável, fiel a seu próprio destino.

oOo

Depois voltou, atendendo “Ao chamado das pedras”, ao grito forte de suas raízes. E nos deu o “Cântico da volta”. Foi então que eu a conheci e guardo com carinho o seu poema de retorno, com amável dedicatória. Em um de nossos encontros, vi-a falar com ternura da Velha Casa, do cheiro de jasmims, de resedá, e caldas grossas de doce de figo ou de caju. Da Velha Casa, da lenda do enterro do ouro, da biquinha trazendo de longe a água cristalina, das assombrações, dos anjos vigiando os quatro cantos, do Rio Vermelho valentão, pulando de pedra em pedra. Dos morros verdes, das casas soldadas umas às outras, solidárias, resguardando a história, da madeirama pesada e indestrutível, das velhas pedras, com muitas histórias, dos muros e beirais anacrônicos. Era a volta às origens da vida.

Cora veio e ficou. Depois nos deu *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, esse canto “Forte e generoso”, puro filão de nossa terra, fidelidade, beleza, espontaneidade. A primeira edição do livro, da Editora José Olympio, aparecida

em 1965, tornou-se rara. O exemplar autografado de minha biblioteca foi pedido emprestado por uma pessoa, já com a intenção não revelada de emprestá-lo a um amigo de fora, ou melhor, de ofertá-lo. Nunca mais o vi. Apesar de perdê-lo, no fundo eu não fiquei triste, primeiro porque tinha certeza de que outras edições viriam, segundo porque ele, certamente, iria seguir o caminho que Cora desejara para todos os seus livros "... Com o tempo lido, relido e trelido, rabiscado, amassado...". Ou às vezes criando asas, como o meu exemplar!...

Depois chegou-nos *Meu livro de cordel*.

O próprio nome já indica sua identidade com aqueles para os quais a poesia flui com a espontaneidade das águas a brotarem das fontes, como a flor que desabrocha no seu mistério de beleza. A própria aspereza da vida (quantas pedras nos seus versos!) aparece cantada sob intensa poesia. Com que encanto fala do trigo, a lenda do trigo. Conta que o Criador, no alvorecer da criação, estendera a mão e apanhara de uma galáxia recém-criada um punhado de estrelinhas douradas e lançara-as no Éden, para as bandas do Oriente, tendo dessas sementes nascido o trigo, por Ele abençoado, e que vem alimentando os homens em todas as gerações.

É extraordinário o respeito com que fala do pão, que nos é entregue cada manhã: "Por que não o receber numa toalha de linho puro e com as mãos juntas em prece de gratidão?".

Ela não canta somente o milho, o trigo, o pão. Canta a flor imprevista, aquela que anteviu numa "Grande e rude matriz fecundada, apanhada num monte de lixeiro, de entulho". No entanto, ninguém sente mais que ela "O mistério daquela liturgia floral". Só quem espera a beleza da eclosão vinda "Do conúbio místico da terra e do sol".

Com que carinho e solidariedade fala da lavadeira  
“Enrodilhada no seu mundo pobre, dentro de uma  
espumarada branca de sabão”. Também tem palavras para  
Pablo Neruda, esse arauto da liberdade e grande cantor  
das Américas, perguntando “Em que estrela remota terá  
pousado tua cabeça/de poesia total?”

Também fala de suas próprias mãos, calejadas na  
dura peleja da vida, mãos que estiveram mais tempo  
ocupadas na luta pela sobrevivência, que manejando um  
instrumento que devia ser sua ocupação permanente – a  
pena. Oxalá de pena tivesse sido todo o seu tempo:

“Mãos que varreram e cozinham...

....

Minhas mãos doces

....

Mãos de semeador

....

Mãos tenazes e obtusas,  
feridas na remoção de pedras e tropeços,  
quebrando as arestas da vida”.

Sou grata a Cora Coralina, por quanto nos transmite  
de integridade, por sua palavra sábia e forte, por sua  
coragem de mulher, pelos ensinamentos que nos dá. Tendo  
nascido em berço de pedra, tendo encontrado caminhos  
de pedra, no entanto, sabe passar pela vida, deixando um  
rastro de luz e sabedoria:

“Numa ânsia de vida eu abri  
vôo nas asas impossíveis  
do sonho”.

Goiânia, 28 de janeiro de 1977



## Cora Coralina no I Festival Nacional de Mulheres nas Artes

O I Festival Nacional de Mulheres nas Artes, realizado em São Paulo, de 3 a 12 de setembro, promoção do Teatro Ruth Escobar e da revista *Nova*, contou com a presença de estrelas nacionais e internacionais, em vários campos da produção artística. Ele teve como objetivo, conforme expressão da própria Ruth Escobar, fazer um "Mapeamento das inquietações femininas através da manifestação artística". Buscou antes conhecer perguntas, que encontrar respostas. Bastante ambicioso, pois abrangeu as áreas de Literatura, Música, Dança, Artes Plásticas, Cinema e Teatro. Durante a sua realização aconteceram as atividades mais incríveis, como recitais de poesia, cursos diversos (dentre os quais um de defesa pessoal), seminários, espetáculos de dança, painel fotográfico sobre parto de cêcoras, teatro montado por uma associação de ex-presidiárias da Penitenciária Feminina, varais de poesia, passeata de protesto etc., etc. Se pecou pela excessiva abrangência de temas e atividades, pela falha na divulgação dos eventos ou nas informações desencontradas, pela improvisação em determinadas atividades, foi um acontecimento altamente positivo e notável, pois mostrou toda a capacidade criativa da mulher brasileira (ou tentou mostrá-la), sua pontencialidade, o peso e a importância de seu trabalho, suas inquietações, suas possibilidades. A área

da Literatura foi excelente. Além dos seminários, onde houve exposições e debates de alto nível, as estrelas da Literatura Brasileira, como Nélida Piñon, Lígia Fagundes Teles, Adélia Prado, Nelly Novaes Coelho, Olga Savary, Astrid Cabral, dentre outras, puderam falar e circular, dando uma “colherzinha de chá” e um dedo de prosa às tímidas irmãs provincianas, isto é, as que estão à margem do eixo Rio-São Paulo-Minas. Na área da Literatura, houve uma noite particularmente bela. E inesquecível para nós, mulheres goianas. Foi a noite de segunda-feira, 6 de setembro. A partir das 18 horas, trinta mulheres, aproximadamente, escritoras e poetas, assentaram-se em mesinhas enfileiradas ao longo da entrada do Clube Homs, na Avenida Paulista (esse clube foi, ao lado do Teatro Ruth Escobar, um dos centros do Festival). Eu tive a satisfação de assentar-me ao lado de Nélida Piñon e não muito distante da badaladíssima e maravilhosa Adélia Prado, com minha amiga Maria Helena Chein bem próxima. Começou a função com as famosas autografando sem parar, é claro. De repente ouve-se um burburinho e um corre-corre de fotógrafos e de homens da tv. Algumas escritoras levantaram-se rapidamente e deixaram suas mesas. Era Cora Coralina que entrava. Eu senti um tremendo orgulho de ser amiga e conterrânea dessa extraordinária mulher que vem arrancando aplausos e admiração de todo o Brasil, quer pela sua obra poética, quer pela sua dimensão humana.

Depois de algum tempo, todo o pessoal que lotava as dependências do clube e que circulava vendo as escritoras, as exposições de artesanato e artes plásticas, os varais de poesia etc., foi aos poucos se deslocando para um dos salões do clube. Ali seria homenageada Cora Coralina. Ali seria reverenciada a memória de grandes mulheres, cujos nomes estavam escritos em flâmulas penduradas ao longo do salão azul: Zuzu Angel, Pagu,



Leila Diniz, Dolores Durand, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Cacilda Becker, Lupe Garaud. Cora Coralina demorou um pouco a entrar no salão. Não queriam soltá-la: autografava sem descanso. Quando entrou, a assistência se pôs de pé e aplaudiu. Começaram as homenagens com flores. Três grupos musicais de São Paulo musicaram poemas dela: do poema "Santos", fizeram um fado, magnificamente interpretado por um jovem cantor; depois foi "Menor abandonado", em ritmo moderno e o terceiro foi "Hino ao lavrador", composto em ritmo nordestino, também muito bonito, tanto a melodia, quanto o excelente texto.

Então, Cora Coralina, naturalmente emocionada, pediu para falar. Encaminhou-se lentamente ao palco, iluminada pelos focos da tv. Ficou de pé, estendeu suas mãos trêmulas, num gesto de bênção e luz e declamou "As mãos". Sua voz era firme, a ênfase comedida, as palavras bem pronunciadas, poesia jorrando. Terminou. Um momento de intenso silêncio. O salão prorrompeu em aplausos. De pé. Veio outro poema e mais outro. Agora, quem não conseguia conter a emoção era a platéia. Após os poemas, Cora Coralina se dispôs a responder perguntas, afirmando que "Para Cora não há perguntas indiscretas". A primeira a pegar o microfone foi a esfusiante e bela Tônia Carrero, que disse ser Cora a mulher mais linda que ela já conhecera e perguntou o que era importante na vida. Cora, como costuma fazer sempre, respondeu que em nossa existência há três coisas de fundamental importância: a luta, o trabalho, a pobreza. Solange Padilha, uma das organizadoras do Festival, pegou do microfone para homenageá-la pela grande lição que ela estava dando a todos. Ela prosseguiu respondendo com brilho e espírito às perguntas que a platéia lhe dirigia, deixando visível a grande sabedoria de vida acumulada através dos anos, pois



como ela mesma diz, veio do século passado. Entretanto, um dos traços de sua personalidade é sempre ter sido a mulher do futuro: quer pela coragem pessoal de vencer os obstáculos e a pobreza cultural do meio em que vivia, quer colocando-se, pela amplidão das idéias, ao lado da mulher moral e socialmente oprimida, quer impondo-se como escritora. Sem dúvida nenhuma, ela é uma mulher do ano 2000! Se não houvesse no programa outros acontecimentos, Cora ficaria conversando com a assistência pela noite adentro. A todos causava admiração a sua fortaleza, a firmeza de sua voz, gestos e idéias, na aparente fragilidade de seus noventa e três anos.

Em seguida, veio Ruth Escobar e leu um poema de Cecília Meireles. Tônia Carrero leu um de Lupe Garaud e a atriz Cristina Pereira leu textos de Clarice Lispector. Entretanto, depois de Cora Coralina, nada tinha muita graça.

A beleza da noite não parou aí. Quando se desfez a postura de uma sessão solene, todos rodearam a poetisa goiana. O foco da TV em cima. Os fotógrafos não querendo perder um lance. Jovens choravam, moços e moças, abraçando-a e beijando-lhe as mãos. Eu vi com esses meus olhos que também se nublaram com as lágrimas da emoção e da alegria. Todas as mulheres goianas presentes, a nossa poetíssima Yêda Schmaltz, Maria Helena Chein, a Maria Abadia, a querida contista e romancista Ada Curado viram e podem testemunhar. Cora é um desses seres raros e que são difíceis de se encontrar no mundo de hoje. Talvez seja por isso que os jovens choraram.

Cora é uma lição de arte. Cora é uma lição de vida.

Goiânia, 1982

## A palavra poética da mulher guerreira

**A**o pé da Casa Velha da Ponte, onde ela vive, o Rio Vermelho passa murmurando estórias e lendas, que só ela sabe entender. Eu a vejo, o olhar perdido nos longes do tempo, recriando um passado vivo e esquadrinhando, talvez, o futuro fantástico da era eletrônica. Eu a sinto como uma deusa de bronze milenar, “Mais velha que o tempo e mais jovem que as alvoradas”, na qual habitam as vozes e os corações de milhares de mulheres.

Como deusa, ela fala, ensinando a vida, através dessa arma sublime e poderosa, que é a palavra.

“Celebradora de adventos” ou “Cora dos goiases”, assim como Juana de Ibarbouru foi a Juana de América (comparação feliz de Oswaldino Marques), a Cora da antológica “Oração do milho” e de “O prato azul pombinho”, de “A dívida paga” e de “O chamado das pedras” (páginas de seus dois primeiros livros *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* e *Meu livro de cordel*), ela oferece-nos hoje *Vintém de cobre – meias confissões de aninha*. “Livro tumultuado, aberrante da rotina de se fazer um livro”, como ela própria diz, nele vamos encontrar o mesmo sabor, a mesma exaltação, a mesma beleza que fizeram da escritora Cora Coralina a pessoa mais importante de Goiás, consoante a afirmação de Carlos Drummond de Andrade. Em *Vintém de cobre* vamos encontrar as fortes raízes da



terra, a estória e a história, o folclore, a lenda, a evocação, a lição ao jovem, a fortaleza de uma inteligência lúcida, que desafia o tempo, as pedras, os impactos – tudo contado com uma linguagem lírica e forte, realista e sábia, doce e áspera. Este livro, diz ela, foi feito no tarde da vida – “Procurei recriar e poetizar caminhos ásperos de uma dura caminhada.”

*Vintém de cobre* tem o cheiro da terra e a força telúrica e imanente da gleba. Tem um sabor amargo, quando evoca as leis de uma educação prepotente e despótica, que um dia feriu sua alma sensível de criança, que a magoou, como a milhares de outras crianças e jovens daquele tempo. E tem a dolorosa sombra da solidão – “Vou caminhando sozinha / Ninguém me espera no caminho.”

Se é comovente de beleza e de lirismo em “É abril”, onde transmite o cheiro da colheita farta, o odor da fecunda terra-mãe, é rude e trágica ao cantar em “Moinho do Tempo” a poeira, a teia de aranha, as gavetas cheirando a barata, as taipas caindo, as coisas se decompondo, até os velhos santos cansados e enfastiados – símbolo da ruína física, do vandalismo do tempo, da face vazia e inútil dos bens materiais.

Entretanto, a “Velha Rapsoda” transfigura-se ao falar da Fazenda Paraíso. Aí se sente toda a força daquela que canta: “Sou árvore, sou tronco, sou raiz, sou folha, / Sou graveto, sou mato, sou paiol e sou a velha / tulha de barro.”

Pelos versos / prosa perpassam as figuras inesquecíveis: a bisavó – “Daquela bisavó emanava um cheiro indefinido e adocicado/ de folhas murchas a que se misturava fumo desfiado, cânfora / e baunilha”; o tio Jacinto – “Astucioso e aluado, inventor e competente em algarismos e charadas, conhecedor de todos os ofícios”; o avô, a Nhá Bá, o carreiro Anselmo. A Fazenda Paraíso exala o cheiro fecundo de vegetais e apoio e o perfume



doce das flores; dali se ouve o longínquo cantar do carro de bois; ali acontecem os rituais familiares, as conversas, as visitas, os costumes desaparecidos; ali transitam os animais de estimação. Sem dúvida nenhuma, são as mais belas páginas de *Vintém de cobre*.

Cora Coralina, Aninha, a Mulher Guerreira, é também a mulher do presente e do futuro. Nas páginas desse livro encontramos, por exemplo, uma lúcida definição de universidade e a missão desta instituição no mundo moderno. Aqui está a preocupação com problemas contemporâneos, que são, por assim dizer, um espinho na consciência de todos nós: a trágica vida do nordestino; o futuro sombrio do menor abandonado e a infame situação dos presídios brasileiros.

Através de suas páginas perpassam estranhas e originais lembranças como a da “Mortalha roxa” e os “Urubus”.

Vintém de cobre – a moeda – é um símbolo: símbolo de um tempo perdido, de uma vida áspera, mas pura e bela na sua singeleza; de uma infância pobre, mas povoada de sonhos; de uma felicidade autêntica, só muito tarde pressentida.

Mergulhar na obra de Cora, Aninha, a Mulher Guerreira, a Velha Rapsoda, a Cigarra Cantadeira e Formiga Diligente, sobretudo nesse livro, é uma lírica, telúrica e emocionante aventura: é um evocar de dados, lembranças, referências às nossas raízes e acima de tudo – esplêndida imagem de uma vida forte e sabiamente vivida e muito bem expressa na sua palavra poética.

Goiânia, 24 de fevereiro de 1983

## Cora Coralina: pela minha voz cantam todos os pássaros

### ENTREVISTA (IMAGINÁRIA) A MARIETTA TELLES MACHADO

Marietta – Como foi o começo de sua vida literária?

Cora Coralina – Segundo os princípios goianos, moça que lia romance e declamava Almeida Garret não dava boa dona-de-casa. Moça romântica em Goiás não achava casamento. Nunca recebi estímulo dos familiares para ser literata. Sempre houve na família, senão uma hostilidade, pelo menos uma reserva determinada a essa minha tendência inata. Menina atrasada da escola da Mestra Silvina “...Alguém escreve para ela ... Luís do Couto, o primo”. Assim fui negada, pedrinha rejeitada, até a saída de Luís do Couto para São José do Duro. “Vamos ver agora, como faz a Coralina...” A família limitava. Jamais um pequeno estímulo. Somente minha bisavó e tia Nhorita.

Marietta – No entanto, desde muito jovem, você teve o reconhecimento dos intelectuais goianos. Já em 1910, o professor Francisco Ferreira dizia que você era um dos maiores talentos que Goiás possuía e que era a maior escritora do Estado, apesar de não contar, à época, vinte anos de idade.

Cora Coralina – Ajuntei todas as pedras que vieram sobre mim. Levantei uma escada muito alta e no alto subi. Teci um tapete floreado e no sonho me perdi.

Marietta – Perdeu-se no sonho e se tornou a maior figura humana e a grande literata da história de Goiás. A propósito, como surgiu o seu pseudônimo, já que você tem um nome comprido, que pouca gente conhece: Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas?

Cora Coralina – Procurei o meu pseudônimo porque me chamo Ana e, sendo Sant'Ana a padroeira da cidade, tinha muita Ana naquele tempo e eu tinha medo que a minha glória literária fosse atribuída a outra Ana. Procurei, então, um nome que na cidade eu não tivesse xará, achei Cora. Cora só... não chegava, encontrei Coralina. Juntei os dois e hoje me identifico, mesmo na minha cidade onde nasci, por Cora Coralina e pouca gente sabe o meu verdadeiro nome.

Marietta – Cora, você é identificada como a extraordinária habitante da Casa Velha da Ponte. Fale-me sobre ela.

Cora – Casa velha da ponte... Velho documentário do tempo, vertente viva de estórias e lendas. Acolhedora e amiga, recende a coisas antigas de gente boa. Vem de dentro um cheiro familiar de jasmims, resedá e calda grossa – doce de figo ou caju. Um tacho de cobre areado referve numa trempe de pedras. Uma braçada de lenha e gravetos acende o fogo ancestral. A “porta do meio” com sua aldrava de palmatória, sempre cerrada como no tempo das Sinhás-moças. A “porta da rua” sempre aberta, num corredor de lages largas e polidas pelo pisar das gerações.

Marietta – Através de seus livros, nos seus depoimentos e entrevistas você sempre fala com carinho de sua primeira mestra.

Cora – Minha memória reverencia minha velha Mestra. A escola da Mestra Silvina... Tão pobre ela. Tão pobre a escola... Sua pobreza encerrava uma luz que ninguém via. Reconheço a paciência infinita da Mestra



Silvina, sua memória sagrada e veneranda. Ela está no céu. Tem nas mãos um grande livro de ouro e ensina a soletrar aos anjos.

Marietta – Quase todos os escritores têm na memória o nome de um ou mais livros que exerceu uma influência profunda em sua vida. Você se lembra de algum?

Cora – O melhor livro que me foi dado foi *Estórias da Carochinha*, edição antiga, capa cinzenta, papel amarelado, barato, desenho pobre, preto e branco, miúdo. O grande livro que sempre me valeu e que aconselho aos jovens, é um dicionário. Ele é pai, é tio, é avô, é amigo e é mestre. Ensina, ajuda, corrige, melhora, protege. Dá origem da gramática e o antigo das palavras. A pronúncia correta, a vulgar, a gíria. Incorporou ao vocabulário todos os galicismos antes condenados.

Marietta – Você sempre foi muito ligada às suas raízes e delas tirou a substância para sua poesia forte e impregnada do odor da gleba. Fale-me sobre isso.

Cora – Meus versos têm o cheiro dos matos, dos bois, dos currais. A gleba me transfigura. Dentro da gleba, ouvindo o mugido da vacada, o mééé dos bezerros, o roncar e o focinhar dos porcos, o cantar dos galos, o cacarejar das poedeiras, o latir dos cães, eu me identifico. Sou árvore, sou tronco, sou raiz, sou folha, sou graveto, sou paiol e sou a velha tulha de barro. Pela minha voz cantam todos os pássaros, piam as cobras e coaxam as rãs, mugem todas as boiadas que vão pelas estradas. Sou a espiga e o grão fecundo que retornam à terra. Eu sou a mulher mais antiga do mundo, plantada e fecundada no ventre escuro da terra.

Marietta – Assim, qual a imagem que você tem de si mesma como mulher e como escritora?

Cora – Que tenho sido senão cigarra cantadeira e formiga diligente desse longo estio que se chama vida... Meus doces, meus tachos de cobre... Antes, lá longe, no

passado, parindo filhos e criando filhos e plantando roseiras, lírios e palmas, avencas e palmeiras. Mulher primária, roceira, operária, afeita à cozinha, ao curral, ao coalho, ao barreleiro, ao tacho. Fiz doces durante quatorze anos seguidos. Escrevi livros e contei estórias. Verdades e mentiras.

Marietta – A propósito, o que tem a dizer da mulher goiana?

Cora – A mulher goiana do passado foi de um heroísmo ímpar: tranqüila, eficiente, trabalhadora, vivendo e sobrevivendo num tempo de pobreza, criando uma família numerosa, produzindo tudo dentro de sua casa, no tempo em que os elementos do trabalho eram representados pelos pilões, pelo caldeirão de ferro, pelo tacho de cobre, pelo almofariz, pelo pote de barro, pelo poço donde se tirava a água por meio de um balde na força dos braços pois não havia sarilho. (...) Essa mulher levantou sua família numerosa com esses elementos mais pesados, mais rudes, todo ele feito e manipulado em casa. A mulher tinha que ajudar o marido que geralmente era empregado público, ganhando pouco, ou comerciante de poucos recursos.

Marietta – Assim, ela era realmente um esteio do marido e do lar...

Cora – A economia constante sempre ajudada pela esposa compreensiva, trabalhadora, modesta, esta foi a mulher antiga que conheci na minha infância e na minha mocidade. Sua mesa era farta, as suas latas eram cheias de biscoitos, fazia para o consumo da casa e para vender. Foi sempre uma criatura de produção e não uma criatura de consumo.

Marietta – Na sua obra, você critica a educação antiga. Fale-nos a respeito.

Cora – Quanto mais enérgicos e ríspidos fôssem os pais, maior soma de elogios e gabos captavam, avantajados



na aura dos louvores. A mãe cansada, esgotada de partos sucessivos, entremeados, não raro, de prematuros e hemorragias, delegava, na filha mais velha, sua autoridade materna. Esta (a Mana) assumia a responsabilidade de cuidar dos irmãos menores quase sempre autoritária e despótica com direito de ásperas correções e castigos corporais.

Marietta – Assim, como era tratada a criança?

Cora – Criança, não valia mesmo nada. Sem a compreensão de seus responsáveis, vítimas desinteressantes de uma educação errada e prepotente que ia da casa à escola, passando por uma escala de correções absurdas, a criança se debatia entre as formas anacrônicas e detestáveis de castigos e repreensões disciplinares, do puxão de orelhas ao beliscão torcido, o cocre que tonteava, até as chineladas de roupa levantada, em cima da pele e não raro a palmatória.

Marietta – Mas a violência contra a criança é praticada até hoje. É muito triste constatar que o mundo não evoluiu o suficiente para dispensar a cada ser humano o tratamento digno que ele merece, dentro de cada faixa etária de acordo com as circunstâncias. Bem, mas esse é outro tema empolgante. Nós temos tempo e espaço limitados. E há outras perguntas importantes a serem feitas. Você sempre foi tida como uma mulher sábia. Eu mesma, em certa oportunidade, comparei-a a uma deusa milenar na qual habitam as vozes e os corações de milhares de mulheres. Apelo para sua sabedoria de vida, vou fazer outra série de perguntas. Por exemplo, a primeira, o que é envelhecer?

Cora – Envelhecer é entrar no reino da grande Paz. Serenidade maior. Olhar para frente e para trás e dizer: dever cumprido!

Marietta – E a morte?



Cora – Quando eu morrer, não morrerei de todo. Estarei sempre nas páginas de um livro, criação mais viva de minha vida interior em parto solitário. Não morre aquele/ que deixou na terra/ a melodia de um cântico/ Na música de seus versos.



Marietta – Você sempre exaltou o trabalho. Até foi condecorada por esse aspecto de sua vida intelectual. Fale-me sobre isso.

Cora – A vida tem a melhor expressão no trabalho constante. E o melhor da vida é o trabalho. No trabalho está a poesia e o ideal. Assim possa sentir o poeta. Só o trabalhador sabe o mistério de uma semente germinando na terra. Só o cavador pode ver a cor verde se tornar azul. Saber viver é dar mais dignidade ao trabalho. Façam bem feito tudo o que houver de ser feito. Seja bordar um painel de fios de seda ou lavar uma panela cascorenta.

Marietta – O que é para você a verdade? Por que em *Vintém de cobre* usou o subtítulo “Meias confissões de Aninha”?

Cora – Quisera eu ser dona, mandante da verdade inteira e nua, que nua, conta a sabedoria popular, está ela no fundo de um poço fundo e sua irmã mentira foi a que ficou em cima beiradeando. Quem dera a mim esse poder, desfaçatez, coragem de dizer verdades... Quem a tem? Só o louco varrido que perdeu o controle das conveniências.

Marietta – Você sempre foi uma mulher atualizada, chamada de “Professora da Existência”, que só frequentou a Escola da Mestra Silvina, primário incompleto, e que, no entanto, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* concedido pela Universidade Federal de Goiás. Responda-me, por favor, o que é para você a Universidade?

Cora – As universidades vêm de milênios e caminham para milênios, resguardando as conquistas do

passado e ampliando os conhecimentos do presente e projetando a ciência do futuro. Cumpre aos alunos e mestres defender seus valores ancestrais, inalienáveis. Honrá-las e dignificá-las na sua constante renovação. Novas descobertas da ciência que vão assimilando e coordenando e que fazem delas corpo vivo do presente e alavanca das conquistas do futuro.

Marietta – Já que falamos em conquistas do futuro, o que você sonha para o futuro do Brasil?

Cora – Combater o pessimismo e acreditar nos valores humanos, no patriotismo dos que governam e na recuperação demorada dos erros e violências do presente. Garimpar mentalmente, batear numa serra distante, no estado vizinho, dita Serra Pelada. Toda de ouro e mais Carajás, toda minérios insondáveis, para pagar todas as dívidas do Brasil e seus contratos onerosos. Exportar minérios, tantos, ainda não catalogados. Ferro e ouro, ouro e ferro. Quebrar grilhões do débito. Estas e outras esperanças e certezas.

Marietta – Estamos quase encerrando a nossa conversa, que para mim, se possível fosse, não teria limite de tempo e de espaço. Mas esta é a penúltima pergunta. Preocupa-me bastante a pressa que têm os jovens poetas goianos em publicar as suas obras, resultando muitas vezes em trabalhos impressos imaturos que mais tarde vão envergonhar o próprio autor. O que você diz a respeito?

Cora – Detesto os que escrevem mal e publicam livros. A linguagem escrita, simples e correta, deve vir de alguém que sabe escrever. Que dizer a um jovem ansioso na sede precoce de lançar um livro... Tão pobre ainda a sua bagagem cultural, tão restrito seu vocabulário, enxugando lágrimas que não chorou, dores que não sentiu, sofrimentos imaginários que não experimentou. (...) Alcançar a estatura de um poeta, publicar um livro.

Marietta – E para encerrar a nossa entrevista, eu faço uma pergunta a você, que foi a eterna jovem – por isso admirada e amada – tem uma palavra especial para os jovens?

Cora – Acredito nos jovens! Vejo nos jovens a pureza, idealismo e generosidade. Contestadores como todos os jovens, eu também fui uma jovem contestadora dentro do meu tempo. O desejo que eles têm em reformar a sociedade, a família e o mundo, incompatibilizados muitas vezes, avançados, incertos, vacilantes, ansiosos, aflitos, insatisfeitos – é da juventude, é o período deles. Assim eu vejo e respeito esses jovens nos seus anseios. Recebo esses jovens como uma contribuição que trazem para a minha grande idade e eles me procuram como uma fonte de otimismo, porque eu aboli de meu vocabulário escrito ou falado, todas as palavras negativas e o jovem quer ouvir palavras de incentivo, de estímulo, de ânimo, palavras que o impulsionem para frente e que dêem a eles a tranqüilidade espiritual que procuram e não encontram nem na família, porque a família, infelizmente, é a que menos compreende o jovem.

(s. d.)



## Depoimento sobre Cora Coralina

A primeira vez que ouvi falar em Cora Coralina, fazia eu o curso Clássico no Liceu de Goiânia, em 1956, e ela voltava de São Paulo, distribuindo um folheto "O cântico da volta", do qual eu ganhei um exemplar autografado. No seu retorno às raízes, depois de 45 anos de ausência, foi recebida festivamente pelos intelectuais goianos. Mais tarde, passando a integrar o Grupo de Escritores Novos - GEN, tive oportunidade de conviver com ela, que incentivava e aplaudia o Grupo. O que todos nós, jovens e iniciantes na carreira de escritor, admirávamos em Cora era o espírito moço, progressista, renovador. Ela sempre viveu à frente de seu tempo, como uma jovem eterna. Se os escritores maduros - alguns já consagrados - viam o GEN com reservas e mesmo com desconfiança, ela nos apoiava e vibrava conosco pelo nosso empenho em buscar novos caminhos na literatura goiana.

De uma franqueza rude, às vezes até mesmo malcriada, ela não tolerava a burrice, a mediocridade, as perguntas tolas, o que não de raro chocava as pessoas. Em certos casos, não tolerava também que lhe contrariassem a vontade.

Certa vez, na década de 1960, num grupo de parentes e amigos, fomos passar um fim de semana em Goiás. No roteiro de nossas andanças estava incluída, naturalmente,

uma visita à Casa Velha da Ponte. Integrava nosso grupo um francês, que não entendia muito bem a nossa língua. Na casa de Cora, ele quis tirar uma foto dela, que protestou violentamente. Nessa época não gostava que a fotografassem. O francês não entendeu bem o porquê, entretanto guardou a máquina. Mais tarde, encontramos com ela noutro local da cidade e, enquanto conversávamos, descontraidamente, nosso amigo bateu-nos uma foto. Ao perceber, enfurecida, tentou arrancar a máquina das mãos dele. Ficamos todos constrangidos e saímos rapidamente. Não me lembro se o negativo foi-lhe devolvido ou se a foto foi revelada. Partimos dali com uma lembrança desagradável, que o tempo, felizmente, apagou.

Mais tarde, entrando eu de corpo e alma na literatura, tornamo-nos grandes amigas. Passei a compreender a sua personalidade forte, e a sua determinação, a sua franqueza. Eu a visitava constantemente na Casa Velha da Ponte. Cora gostava de falar de “coisas antigas”, dos “autos do passado”, pois tinha uma clara consciência da tragédia que seria para nós deixar que “o tempo passe tudo a raso”. Seria a perda de nossa própria identidade cultural. Conversávamos também sobre a atualidade, pois ela era sempre bem informada e opinava sobre questões políticas, econômicas, sociais e culturais do momento.

Em 1983, no primeiro semestre, as edições de seus livros estavam todas esgotadas. Enquanto ela aguardava novas, pediu-me que levasse alguns livros meus para serem vendidos, porque havia sempre muita procura de livros em sua casa. Encaminhei meus livros. Algum tempo depois voltei lá. Ela me disse que havia vendido todos, que fosse ao quarto apanhar um coité. Trouxe o coité cheio de notas. “Esse objeto tem mais de cem anos, minha filha. Tome, o dinheiro é seu”. Eu respondi: “Cora, tem dinheiro demais aqui. Não é isso tudo não!”. “Não, Marietta, respondeu

ela, o dinheiro é todo seu. Você deu um preço muito barato. Seu livro vale muito mais. Vendi-o pelo dobro!”.

Nesse mesmo ano, ela me convidou para ajudá-la a organizar o *Vintém de cobre* e que fizesse a orelha do livro. Vibrei. Trabalhei com ela dias e dias seguidos, em Goiânia, revendo os poemas, dando-lhe títulos, dividindo o livro em partes, fazendo o índice. Foi um tempo gratificante e de muita satisfação para mim.

Outra lembrança bonita que eu guardo da Cora foi a da noite de sua homenagem no I Festival Nacional de Mulheres nas Artes, em São Paulo, promoção de Ruth Escobar. Era o dia 6 de setembro de 1982. O Clube Homs, na Avenida Paulista, sede do Congresso, estava cheio de mulheres famosas, do Brasil e do exterior: escritoras, artistas, atrizes, políticas, profissionais etc. Quando Cora chegou, eclipsou todas as presenças. Ao final da homenagem que lhe prestaram, ela pediu a palavra. Quando terminou de declamar “As mãos”, com sua voz firme e expressiva, embora frágil a figura e trêmulas as mãos, o salão prorrompeu em aplausos. Ante as respostas vivas e inteligentes, após a declamação de outros poemas, houve gente que chorou, inclusive jovens.

Qual o segredo do magnetismo pessoal de Cora? Qual o traço de sua personalidade que tanto fascinava?

Em primeiro lugar, o seu espírito forte, com o qual suplantava as próprias limitações do envelhecimento. A idade jamais pesou na lucidez, na atualidade, na ousadia de suas idéias. Em segundo lugar, sua juventude perene, o otimismo, a sabedoria de vida, o amor às raízes, a fidelidade à memória. Cora era mulher guerreira, forte, liberta, corajosa.

Um dia, ela me convidou para escrevermos juntas um livro. No tema que me propôs, eu faria as pesquisas e juntas daríamos a forma. O tempo de Cora sempre



ocupado na criação de poemas, nos doces, nas peregrinações de tantas pessoas que desejavam conhecê-la, consumiu-se nos compromissos que se tornaram mais freqüentes na medida em que seu nome crescia; o meu tempo, muitas vezes perdido por tantos feitos inúteis, não me permitiu voltar ao assunto com ela. Nunca mais. Ficou a honra do convite. E a possibilidade de um trabalho conjunto que só morreu no dia em que ela cerrou os olhos.

Cora partiu em abril, nesse mês que ela amou e cantou:

“É abril na minha cidade.

É abril no mundo inteiro.

Sobe da terra tranqüila um estímulo de vida e paz.

Um docel muito azul e muito alto cobre os reinos de Goiás.

.....  
.....É abril de bênçãos e aleluias  
e cantam na madrugada todos os galos do mundo”.

Cora Coralina morreu depressa como um passarinho. Sem sofrimentos, sem dar grandes incômodos a ninguém.

Dizem que as fadas não morrem. Mas chega um tempo em que suas energias parecem exaurir-se, quando elas se tornam cansadas de viver. O corpo delas torna-se cada vez mais diáfano, até transformar-se numa entidade astral.

Cora Coralina, a fada, o ente mágico da palavra e da sabedoria de ser e de existir, apagou-se para a temporalidade das coisas terrenas, mas renasceu como estrela. De uma luz que não se apaga.

Goiânia, 7 de maio de 1985

## Depoimento sobre Bariani Ortencio

**A**o comemorarmos o 25º ano da estréia literária de Bariani Ortencio, eu anoto, em primeiro lugar, o volume de sua produção literária: Bariani é um trabalhador incansável, um escritor exemplar pela fidelidade ao ofício e constância no labor. Na ligeira biografia inserida em seu livro *Estórias de crimes e do detetive Waldir Lopes*, foi dito que não se sabe como o autor de *Vão dos angicos* arranja tempo para escrever. Realmente, embora sendo homem de negócios, fazendeiro, industrial, escreve seus contos, novelas e romances, e ainda pesquisa e participa ativamente dos movimentos culturais de Goiás. Hoje, no jubileu de prata de sua estréia literária, apresenta-nos uma produção digna de respeito.

Bariani Ortencio, com seu jeitão calmo como do matuto com quem conviveu e sobre quem tanto escreveu, diligente e esperto, é também uma personalidade supreendente. Começou com *O que foi pelo sertão*, e seguiu com *O sertão, o rio e a terra* e *Sertão sem fim*, integrante da linha que Gilberto Mendonça Teles chamou de "Ciclo do Sertão", na literatura brasileira feita em Goiás. Veio-nos a *Cozinha goiana* e a seguir *Vão dos angicos* e *Força da terra*. Depois, para espanto nosso, publica um gênero que, salvo engano ou ignorância de nossa parte, não foi ainda feito por nenhum escritor goiano e pouco tentado por escritores

brasileiros sérios: o gênero policial. E nesse campo, conforme se expressa Paulo Medeiros de Albuquerque, seus contos são de elevado nível, bem narrados, bem construídos. Aliás, mesmo quando se aventura a criar um detetive ou a situar os crimes na zona urbana, ele não se desgarra do sertão, quando, por exemplo, insere em seu último livro policial uma parte chamada “Crimes do sertão”. Além do gênero policial, está por sair uma obra muito importante, resultado de pesquisa de muitos anos, o *Dicionário do Brasil Central*. Isso para citar as suas obras de vulto, porque há outros trabalhos, participação em antologias, além da já citada intensa atividade na vida cultural de nosso Estado.

Por outro lado, eu quero ressaltar a importância da obra de Bariani pelo que ela registra de profundo conhecimento de nossa terra. Admirar e amar as coisas da própria terra é uma questão de amadurecimento cultural. Resultado do colonialismo a que sempre fomos sujeitos, somos uns deslumbrados com o que vem de fora. Não vai nessa afirmação nenhuma xenofobia ou estreiteza de perspectiva. Os elementos das culturas mais avançadas são necessários ao nosso próprio desenvolvimento. Entretanto, até há pouco tempo não se ensinava nos lares, nas escolas, a conhecer e a amar as coisas do chão natal. Eu fui uma estudante – da escola primária à universidade – a quem não se despertou para ler uma página de autor goiano. Eu li, a não ser por conta própria e através de jornais. Um dia fui ler Bernardo Élis. Com espanto e alegria vi escrita a expressão: “Eta, chão parado!” Essa expressão eu já ouvira tantas vezes da boca de minha mãe. E que beleza ver nos livros, escrito e registrado o nosso modo de dizer as coisas, nosso espontâneo modo de expressar nossas idéias e sentimentos. Foi assim que, ao revisitar a obra de Bariani, me deparei com palavras simples, que há tanto



tempo eu não ouvia. Pareceu que foi em Bariani que as vi escritas pela primeira vez. Eu as li, reli, pensei com força para arrancar lá de dentro, da lembrança, o significado de muitas delas, palavras perdidas, nem sei se usadas atualmente!

Ao se referir à linguagem de Bariani que, segundo ele, evoluiu e enriqueceu de livro para livro, Gilberto Mendonça Teles fala da "Ânsia de documentação lingüística ou folclórica" que persiste no autor, o que, às vezes tira a espontaneidade ou oportunidade de certas expressões. Realmente, na qualidade de pintor do sertão, nota-se em nosso autor a preocupação de registrar, de descrever, de mostrar com rara fidelidade não só a linguagem, como a vida, usos e costumes da roça e dos pequenos aglomerados humanos.

Entretanto, Bariani usa de vez em quando expressões que chocam por impróprias ao contexto e ambientação de suas histórias, como por exemplo, um "psicodélico" ou um "pleiboí" na boca de um matuto. Talvez seja a busca de modernização, pois os críticos são unânimes em registrar a ascensão do autor ao longo de suas obras. Mas, mesmo com a invasão da televisão e sua influência no meio rural, parece-me difícil que um matuto empregue esses termos. E mesmo que fossem usados pelo narrador dos casos, não ficaria bem colocado, a meu ver. Também eu dispensaria expressões tais como "neca, necuorum, nequibis", mesmo com intuito de fazer humor, ironizar ou ridicularizar. No entanto, são ligeiras observações no mar de riqueza e de documentação de linguagem que sua obra representa.

Sua temática é variada. Seus contos são lidos com interesse, pois é um fabulador de mão-cheia, um inventor como poucos. Embora não tenha trazido inovação na estrutura da história – sua estrutura é linear – ele sabe como poucos armar um conto, com mão de mestre.

A crítica já afirmou que Bariani Ortencio não deu ao homem a densidade humana, por exemplo, dos personagens de Bernardo Élis e que o homem na sua obra é apenas um componente da paisagem. Ele tem a sua forma característica de modelar o sertanejo e registrar o seu meio. Nem por isso o drama humano por ele traçado deixa de nos tocar ou nos comover ora pelo lirismo e pungência, ora pela crueza de uma realidade muitas vezes dura e trágica.

No livro *Força da terra*, Bariani faz incursões na área urbana. Mas a excelência dos contos fica mesmo com os temas do sertão. É muito bom o conto “O crucificado”. É magistral na técnica, no desenvolvimento do tema, na linguagem limpa. “O velho Chico” é outro conto pungente, poético, bonito e trágico. Comove a ternura do pai pela filha, a desonra dela pelo cruel cigano e a vingança silenciosa do velho Chico. Há que ressaltar também os finais surpreendentes e fortes de alguns contos. Em “Força da terra”, toda a dedicação e fidelidade do velho peão de confiança, o Sinhô, está nessas frases finais: “Nunca ia permitir o meu menino virar criminoso!... Aquela sepultura que você viu, não é a de seu pai”. Além disso, o conto retrata muito bem o apego do menino ao mundo que o chamou de volta, ao apelo da força da terra.

Em “Algumas vidas” Bariani revela o conhecimento da terra e do rio, com seus bichos e os obstáculos à sobrevivência do homem que o leva a uma trágica luta. Há no final a frase que revela toda a resignação do sertanejo diante de sua peleja para sobreviver. Quando ele enche a ubá com suas tralhas e sua família, tendo botado fogo no rancho para fugir do barranco do rio, da enchente e ir não sabe bem para onde, ele diz: “Tudo agora na vontade de Deus, o Pai”. Em “Lua amarela”, o autor assinala o progresso vindo com a luz elétrica e a transformação que

vem sofrendo aos poucos o sertão. O autor finaliza o conto com muita simplicidade, mas com muita força: "A lua é a mesma. O mundo é outro".

No livro *A cozinha goiana*, há um interessante estudo sobre o que se relaciona com o tema: hábitos alimentares, usos, costumes, folclore, um pouco de história, glossário e entra até uma listagem de provisões para uma caravana de dez pessoas para um passeio ao Araguaia. Isso, além das receitas. Denota-se aí o espírito do pesquisador preocupado em investigar e documentar.

Nestas linhas, mal traçadas, a intenção não é, pelo que ficou visto, fazer uma análise profunda ou exegese do texto de Bariani Ortencio. Isso fica para os especialistas. O que pretendo, acima de tudo, é deixar o meu testemunho de escritora ao companheiro Bariani Ortencio pelo 25º ano de sua entrada oficial para o mundo da literatura. Quero que fiquem registrados os meus cumprimentos e o meu aplauso pelo seu trabalho sério, honesto e constante no campo da cultura em Goiás, ao longo desses cinco lustros.

Goiânia, 26 de abril de 1982



## Em louvor de Eli

**N**o ano passado, Eli Brasiense, escritor goiano bastante conhecido aquém e além fronteiras, completou trinta anos de militância literária, tendo sido o marco inicial de sua trajetória o romance *Pium*, publicado em 1949. No trigésimo aniversário de sua estréia como romancista, Miguel Jorge, então Presidente da União Brasileira de Escritores, colocara na pauta de realizações daquela entidade uma homenagem a Eli, o que afinal veio acontecer na atual gestão da UBE-GO, quando foi promovido, em colaboração com o Centro de Cultura Goiana, da UCG, o I Seminário sobre Regionalismo Goiano. Nessa oportunidade, a obra do vigoroso romancista foi estudada e debatida.

Eli Brasiense, além de ser um dos prosadores mais fecundos da literatura goiana, é uma figura humana admirável: culto, modesto, um trabalhador sério, um bom escritor que não alardeia sua própria obra, simplesmente trabalha e prova o talento com o produto de sua messe.

Reli há pouco a sua obra para fazer uma revisita ao seu denso universo e defrontar-me novamente com os tipos humanos que criou, na sua luta contra os percalços do meio, contra as forças econômicas, políticas e sociais que os oprimem e os impedem de viver na plenitude de sua dignidade humana. Revisitei e reforcei o meu apreço por essa obra de real peso na cultura goiana.

Em *Pium*, o romancista relata a vida na região do garimpo, a linguagem de seus habitantes e sua psicologia. Embora obra de estréia, foi bem recebida pela crítica que nela ressaltou "o estilo olímpico e sugestivo e poderosas faculdades de observação". O escritor já mostrava a sua garra. Veio depois *Bom Jesus do Pontal*, narrativa sobre a destruição do lugarejo do mesmo nome pelos índios e o início da construção de Porto Nacional. A seguir, o romance *Chão vermelho*, no qual a grande personagem é Goiânia, cidade em formação. O quarto livro é o romance *Rio Turuna*, prêmio do I Concurso Literário da Universidade Federal de Goiás, editado em 1964. Depois veio o *Irmão da noite*, contos, editado pela Edições Correio da Manhã, do qual se escreveu que "o autor nos entrega seu pedaço de mundo e seu punhado de humanidade, criaturas vivas respondendo ao meio e ao destino, com a paixão e a ternura que lhe conferem caráter universal". Publicou ainda o romance *O perereca* e mais dois livros de cunho filosófico, *O grão de mostarda* e *A morte do homem eterno*. Finalmente, saiu o romance *Uma sombra no fundo do rio*, editado pela José Olympio e aplaudido pela crítica nacional. Assim, dando um balanço na produção de Eli Brasiliense, vamos encontrar (não contando trabalhos esparsos e inéditos) seis romances, um livro de contos e dois de cunho filosófico, o que é uma bibliografia bastante rica para um ficcionista goiano.

Conversando com a escritora Nelly Alves de Almeida sobre Eli Brasiliense, ela afirmou encontrar na sua obra uma estrutura firme e grande unidade; contém referências históricas valiosas sobre o norte goiano; apresenta um regionalismo intelectualista, em que a linguagem é usada de acordo com o meio cultural em que vive o personagem. A paisagem humana e física e a trágica luta do homem

contra o meio e as forças opressoras são muito autênticas, pois coletadas da experiência do romancista. Ele foi colher a matéria de sua ficção nas fontes que conheceu e vivenciou.

Bernardo Élis, analisando recentemente a obra de Eli, também nela vê uma produção vasta e coerente, atingindo o autor maior maestria, maior equilíbrio no romance *Uma sombra no fundo do rio*. Bernardo chama a atenção para a linguagem, na qual reside o forte de sua obra. Sabedor de nossos hábitos e costumes, de nossa linguagem, apanhou palavras e expressões típicas, que se aproximam do mais castiço português. Ele emprega expressões curiosas, inventadas, dando assim um sabor genuíno e original à sua linguagem. Do mesmo teor é a afirmação de Modesto Gomes, falando sobre *Irmão da noite*: Eli capta, com propriedade impressionante, toda a riqueza dialetal da região eleita para cenário de sua ficção. E depois, trabalhando com técnica de artesão consciente de seu ofício todo o material coletado, reproduz aquele linguajar de forte gosto telúrico, imprimindo-lhe os acentos de oralidade, que são, em última instância, a simbiose plena do popular com o erudito... Certas frases, por outro lado, além da maravilhosa construção, ajustam-se esplendidamente à situação considerada.

Assim, o romancista Eli Brasiliense, que é, na expressão de Waldemar Cavalcanti, a um tempo regional e universal, representa um nome digno de respeito na literatura brasileira.

A ele a minha homenagem e a minha admiração pelo trigésimo ano de sua entrada vitoriosa no mundo das letras.

Goiânia, dezembro de 1980



## Um cronista inesquecível

Foi num sábado, manhã de muita claridade e azul, na terra o alegre verde do tempo das águas, que falei com ele pela última vez. Estava na loja de nosso amigo e colega Ferola, à Rua do Lazer, ponto que freqüentava com assiduidade. Como sempre, alegre, brincalhão, crítico impiedoso da burrice humana, fazendo comentários engraçados e inteligentes sobre coisas e intelectuais de Goiás, sem abandonar o seu charuto e a jovialidade de seu espírito. Como das outras vezes, eu lhe falei: "Juruena, estou esperando até hoje o seu livro de crônicas. Falta um livro e um livro importante na estante goiana. Você foi e é um dos melhores cronistas que já apareceu nas letras desta terra". "Eu quero que você escreva isso e assine". Pode ser que ele tenha dito isso por brincadeira – é claro que não precisava de ninguém dizer nada disso para que ele publicasse seus livros. Inteligente que era, tinha consciência de seu próprio valor. Entretanto, eu levei muito a sério e coloquei na agenda de meus trabalhos um estudo sobre suas crônicas publicadas na sua famosa coluna "Di Binóculo", aparecida por largo tempo em *O Popular*, bem como outros trabalhos publicados em outros órgãos de comunicação da cultura goiana. Aliás, eu pretendia aprofundar e ampliar uma crônica que eu lhe escrevera, por volta dos anos 60, intitulada "Um candidato a imortal

e suas binoculadas”. Essa seria uma homenagem ao brilhante jornalista e escritor que eu aprendera a admirar desde a minha adolescência.

A morte, implacável e sorrateira, levou-o de repente. Perplexa, eu não quero acreditar que ele já não esteja entre nós.

Tomei contato com os escritos de Juruena desde a época em que eu, estudando o Clássico no Liceu de Goiânia, tornei-me colega de sua filha France, a Dra. Francisca Guilhermina Di Guimarães Melo, inteligência que hoje honra os quadros jurídicos de nosso Estado. Encantava-me o estilo das crônicas do Juruena, quer pela originalidade, pela limpeza e elegância da linguagem, pela poesia e tocante beleza que, mestre, sabia extrair das coisas – sobretudo de sua velha Goiás; quer pela lucidez crítica, pela ferina ironia com que conseguia vergastar os que merecessem e passassem pela ótica implacável de seu “binóculo”. Posso afirmar que aprendi muito com ele, lendo-o, admirando-o. Digo mais que ele me incentivou muito, tendo mais de uma vez publicado coisas minhas em sua coluna. E esse incentivo foi importantíssimo, pois tratava-se, à época, de uma das mais respeitadas penas de nosso Estado.

Hoje, revirei os meus arquivos em busca das crônicas do Juruena, por mim recortadas, quando apareciam em *O Popular*. Não as encontrei. São as andanças, as mudanças, as idas e vindas da vida que vão mutilando as coisas nossas. Procurei, infatigavelmente, ao menos a crônica que eu lhe escrevera, na qual reuni – ou procurei fazê-lo – as pérolas de suas expressões mais carregadas de beleza e originalidade. Também não a encontrei. Apenas uma crônica foi achada. Aquela chamada “A cronista e o poeta”, aparecida em *O Popular*, em 9 de novembro de 1960. Eu desejava esse material para estudá-lo e, com base nele, prestar uma homenagem à altura daquele que tanto me ensinou e a quem tanto admirei.

Creio, contudo, que importante é o meu testemunho, na singeleza e sinceridade desta homenagem. Importante é que – usando da própria linguagem dele – eu tenha escrito e assinado.

Fica aqui, fazendo coro às vozes que se levantaram para homenagear Antônio Juruena Di Guimarães, uma sugestão à sua família: não deixem guardada na gaveta a obra daquele que representa um ponto alto na cultura de nosso Estado, quer pelas qualidades humanas que possuiu, quer pela inteligência de brilho incomum, quer pela produção literária que nos legou.

Goiânia, 30 de junho de 1980



## Teresa de Ávila: mística, escritora e Doutora da Igreja

### ÁVILA, FANTÁSTICO CENÁRIO MEDIEVAL

**D**epois que vi as esplêndidas muralhas de Ávila douradas pelo sol da tarde, nasceu em mim uma grande curiosidade de conhecer a lendária cidade e a história de uma mulher que a celebrizou através dos séculos: Teresa de Cepeda y Ahumada, nobre de nascença, ou Teresa de Jesus, a santa, a mística, de certa forma, a revolucionária, a escritora, a Doutora da Igreja.

Em outubro de 1982, a Espanha celebrou, com grandes festividades, o quarto centenário da morte de Santa Teresa. Como admiradora profunda da grande figura humana que ela foi e da obra que deixou, junto estas humildes linhas às homenagens que lhe são prestadas.

A província de Ávila, abrangendo campos e montanhas de Castela, a Velha, estende-se sobre o vasto espinhaço da Serra de Gredos. Bosques de pinheiros, pedras, montanhas de cumes desnudos, igrejas românicas, catedrais góticas, ruínas de castelos, povoados repousando ao pé das rochas, à beira dos rios, à sombra dos bosques, em toda ela ressoa o espírito castelhano, que, “entre a mística e a guerra, constitui a mais depurada essência de Castela”.

A capital, do mesmo nome, rodeada de muralhas, situa-se sobre uma colina à beira do Rio Adaja e é a cidade

mais alta da Espanha. De lá, avistam-se os picos nevados de Gredos e o amplo vale de Amblés. As origens de Ávila encontram-se na antiga Óbila, fundada por celtiberos. No século I d.C., o Bispo São Segundo cristianizou a cidade. A reconquista definitiva, fê-la o Conde Raimundo de Borgonha. A cidade, então, povoou-se de cavaleiros espanhóis de diversas procedências, guerreiros orgulhosos, que ergueram as muralhas da cidade para fortificá-la. Ávila começou, desde essa época, a ter importância histórica em terras hispânicas. No século XVI, surge a figura de Teresa de Cepeda y Ahumada, filha de austero fidalgo espanhol da velha cepa, que se tornou a mística Teresa de Jesus. Desde então a história e a glória da cidade “de pedras, de cantos e santos”, com suas igrejas, os conventos, os nobres palácios, as casas fidalgas, em cujos pórticos se vêem os escudos heráldicos, ficou impregnada da presença de Teresa.

As muralhas são as mais antigas e as mais bem conservadas da Espanha e impressionam pela monumentalidade. Elas têm a figura de um trapézio e estão reforçadas por 88 torreões e torres coroadas por 2.500 ameias e foram construídas de 1090 a 1099. Nove portas dão acesso à cidade.

## A INFÂNCIA E A JUVENTUDE DE TERESA

Teresa nasceu numa época em que as portas do maravilhoso se abriam para o mundo. O homem já não olhava dentro de si, mas em redor de si.

O século de Teresa viu Cortez conquistar o México, Magalhães dobrar a extremidade meridional do Novo Mundo e descobrir as Filipinas. América, Índia, Java, Panamá, foram revelados aos povos. Os navios voltaram abarrotados de ouro, o ouro que reabasteceu as veias do



Velho Mundo e excitou a imaginação dos audazes cavaleiros. Kepler descobriu as leis da gravitação, Bâle abriu um corpo humano e o estudou, Servet descobriu a circulação capilar do sangue. Lutero proclamou o cisma, Calvino fez de Genebra um centro religioso e Henrique VIII fundou sua própria Igreja.

Ávila tinha sido, na Idade Média, um dos baluartes da cristandade. Com o despontar da idade moderna e as novas táticas guerreiras e armas mecanizadas, a cavalaria tornou-se supérflua e as armaduras transformaram-se em peças de museu. Contudo, atrás das muralhas de Ávila, nos casarões fortificados, havia cavaleiros que guardavam a honra, os sonhos, o valor e a nobreza do passado. Dentre eles, D. Alonso Sanchez de Cepada, pai de Teresa.

Ele educava os filhos conforme sua tradição de honra, valor e fé. Ele os amava e tentava moldar o seu caráter de acordo com os livros dos santos e as crônicas dos heróis medievais. A mãe de Teresa, D. Beatriz de Ahumada, era uma mulher como o foram todas as espanholas de todos os tempos: esposa e mãe. Contudo, a bela e frágil Beatriz era diferente numa coisa: ela sonhava. Viajava nos altos mares e vivia as perigosas e galantes aventuras de Amadis de Gaula, desses romances da moda, que os prelos de Sevilha, recém-estabelecidos, lançavam em profusão. D. Alonso lia os livros edificantes para subir ao céu. D. Beatriz corria mundos nas asas da imaginação, ao lado dos cavaleiros audazes. Ambos, longe do novo mundo descoberto, tinham um ponto de referência comum: a Idade Média. Nessa atmosfera, nasceu e cresceu Teresa. "Seu caráter ficou marcado por certa ambivalência, na qual as aspirações celestiais se combinavam com os interesses do mundo". Era uma menina de imaginação fértil, que sonhava com eventos extraordinários. A sua habilidade em inventar jogos, a vivacidade e a audácia, fizeram dela a



líder natural de crianças que brincavam no pátio circundado de colunas, centro da vida dos lares espanhóis, na austera casa fortificada.

Um dia, ela fugiu de casa com Rodrigo, seu irmão mais velho, para ir à terra dos mouros. Queria tornar-se mártir nas mãos dos infiéis! Ao anoitecer, quando o cansaço lançava uma sombra em sua ardente imaginação, um parente alcançou-os e levou-os de volta para os braços dos pais aflitos. Mais tarde a brincadeira era serem as meninas freiras e os meninos frades: ficavam em silêncio, rezavam, cantavam, e jejuavam.

Teresa transformou-se numa mocinha bonita, de cabelos longos e crespos, olhos negros e grandes, duas covinhas no rosto. Viva, alegre, cheia de um encanto irresistível, era o centro das atenções. Rindo-se da época em que era piedosa, tornara-se vaidosa e gostava de ser cortejada e admirada. Atraía a todos os jovens cavalheiros de Ávila, que disputavam o privilégio de uma palavra sua, de um olhar, uma primeira dança. Um dia descobriu entre eles um que fazia estremecer seu coração. Uma prima mais velha e experiente bancava o pombo-correio das cartas secretas que começavam a entrar e a sair da casa fortificada. O amor também mudara com os novos tempos. Já não era simplesmente os suspiros românticos e os lânguidos olhares. Tornara-se realista. Os seres que amavam eram de carne e osso. A prima tratou de arranjar um encontro secreto dos dois. Entretanto, no momento de se render aos novos costumes que invadiam os austeros lares espanhóis, falou mais alto a formação moral de Teresa: ao invés de ir ao encontro do amado, dirigiu-se ao pai e revelou tudo. A mãe de Teresa morrera cedo e a irmã mais velha estava prestes a se casar. Assim, o pai achou melhor mandá-la a um convento para completar a sua formação.

Foi para o convento das agostinianas, onde prevalecia a rigorosa disciplina medieval. A princípio, sentiu-se infeliz na prisão. Com o tempo, tornou-se a favorita das freiras, que tudo fizeram para que ela tomasse o véu de religiosa. Nessa época, contudo, a idéia de tornar-se freira causava-lhe verdadeira aversão. Teresa estava com quinze anos. Até então, fora uma moça saudável. Preparando-se para deixar o convento, estava cheia de planos para o futuro. Tinha ânsia de ser feliz. Queria voltar a brilhar numa sociedade que a cortejava. Era jovem, rica e bela.

### O DOLOROSO CAMINHO DA DOENÇA E A DOAÇÃO A DEUS

Um dia, entretanto, foi dominada por estranha doença, ela que até então tivera uma saúde perfeita. Começou com uma fraqueza, que mal lhe permitia pôr-se de pé. Depois uma dor funda penetrou-lhe o peito e esparramou por todo o seu corpo. Quando a viram tremendo, suas faces flamejantes, as palavras mal balbuciadas, a respiração curta e ofegante, as freiras pensaram que haviam chegado para a jovem os últimos momentos.

Foi esse o primeiro ataque e o início da santidade. Teresa não voltou a ser a mesma. Não encontrava repouso, vivia aterrorizada, temendo que nova experiência pudesse persegui-la. De volta à casa do pai, não a encontrou como antes. Um silêncio sombrio a dominava. Já não era frenquentada pelos mesmos cavalheiros que antes a faziam brilhar. Muitos deles partiram atrás dos sonhos do ouro, no Novo Mundo, outros foram para Sevilha dedicar-se a atividades lucrativas. Só dois de seus irmãos permaneciam em casa. Suas amigas haviam-se casado. Joana, a predileta, fizera-se freira. Doente e desalentada, o olhar de Teresa percorria as paredes, as colunas, o pátio da quieta casa



paterna, que lhe parecia agora uma prisão. Os ataques se amiudaram. O pai a adorava, mas não lhe fazia companhia. Vivia fechado na biblioteca a ler seus livros piedosos. Ela estava enferma, triste e só. Então, Dom Alonso mandou que a levassem para a casa de sua irmã Maria, que vivia numa pequena propriedade rural em Castelanos. Na viagem, a cavalo, fizeram pouso na casa de um irmão de Dom Alonso, uma mansão magnífica, onde ele levava uma vida ascética. O tio emprestou à jovem sobrinha um livro que sobre ela teria grande influência: *Os escritos de São Jerônimo*. A retórica do santo, quer ao falar das delícias dos céus, aos prometidos, quer ao descrever os tormentos infernais reservados aos pecadores, muito a impressionaram.

O carinho dos que a cercavam, a amenidade da vida no campo, a paz e o silêncio, nada serviu para que ela melhorasse. Sofreu outro ataque. Os familiares estavam desanimados e sem esperança. Um dia, para espanto geral, Teresa despertou completamente boa. Ela tomara em segredo uma decisão: decidira trocar as vaidades terrenas pelas alegrias do céu. Tornar-se-ia freira. As dores físicas abandonaram-na. Enquanto fazia os preparativos para entrar para o convento, continuou uma vida normal. Participava dos acontecimentos sociais, namorava, era alegre como antes. Por fim, terminados os preparativos, decidiu informar ao pai do passo a ser tomado. Dom Alonso, ao receber a notícia, sentiu como se um raio o fulminasse. Ele, cristão convicto e fervoroso, mas entregar sua filha ao convento, isso não, era demais. Um sacrifício demasiado grande que o Senhor exigia dele. Não deu o consentimento.

Como fizera outrora, almejando tornar-se mártir nas mãos dos mouros, Teresa, aos dezessete anos, tornou a fugir. E fugiu de novo com um irmão. Ela foi para o



Convento da Encarnação e ele, Antônio, para o de Santo Tomás. O irmão foi levado de volta para casa, mas ela havia preparado tudo muito bem e o pai não teve remédio senão aceitar e abençoá-la. E assim o fez.

Viveu o tempo inicial de seu noviciado cheia de alegria, mas esta durou pouco. Ela observou que não encontrara o recolhimento e a solidão necessários para aperfeiçoar-se e aproximar-se de Deus. Os tempos modernos haviam transposto as sólidas paredes dos conventos e invadido sua quietude. Neles reinavam as frivolidades, os mexericos, a falsa aparência de pobreza e no parlatório as freiras participavam do burburinho mundano. Obrigados a aceitar as imposições das casas senhoriais que os sustentavam, a regra mitigada deixava entrar as amenidades. As cerimônias suntuosas e os corais constituíam, mais que piedade, um exibicionismo para o mundo exterior. As freiras usavam jóias e outros adornos, tinham permissão para passear fora e as filhas da nobreza recebiam um tratamento especial. Esse primeiro impacto que teve Teresa, seus temores e suas dúvidas foram a gênese da reformadora, cuja influência se espalharia pelo mundo todo. No entanto, como noviça, cumpria a ela obedecer. E esperar.

Depois de haver professado os votos, os ataques de Teresa voltaram. Seu corpo todo era afetado pela agonia das “pequenas mortes”, que se assemelhavam cada vez mais à agonia da verdadeira morte. Seu corpo ficava frio e rígido. Todos os esforços eram vãos para chamá-la à vida normal. Antes, havia semanas de intervalo entre um ataque e outro. Depois, eles foram se amiudando e se estendendo por todo o corpo da jovem freira. Teresa encarava essas provações com desamparo e desespero. A doença era um fator a contribuir para o desenvolvimento de sua santidade, mas a santidade, amadurecendo sob o véu da dor, era ainda invisível.

Dom Alonso retirou Teresa do convento e chamou os melhores médicos de Castela para examiná-la. Mas eles, com toda a sapiência e escudados em Galeno, foram incapazes de explicar os desmaios, a contorção muscular, as convulsões e a rigidez tônica, quadro da enfermidade de Teresa. O pai resolveu recorrer a uma curandeira. Na viagem, Teresa teve oportunidade de passar novamente na casa do tio que, dessa vez, presenteou-a com outro livro, *Abecedário do terceiro*, de Francisco de Osuna. Nessa obra, o autor ensinava uma forma espiritual de oração silenciosa. "Deus vive sem falar, é a essência da quietude e somente aqueles que se aproximam d'Ele podem ouvir e receber uma resposta". Era uma espécie de ABC espiritual em linguagem silenciosa, que Osuna chamava a língua-mãe do céu. Os ensinamentos de Osuna foram para Teresa o começo de uma luz a brilhar na vastidão de sua procura de Deus.

No começo da primavera, ela se submeteu ao tratamento da curandeira. Foram-lhe administradas todas as espécies de ervas vomitivas e purgativas para limpar o corpo. Como o mal era também atribuído ao demônio, aos expelentes naturais eram juntados cozimentos exorcísticos preparados por meio de fórmulas mágicas, de dedos de rãs da fonte, asas pulverizadas das primeiras moscas e excrementos frescos de cobras.

O tratamento foi mais desastroso que a doença. As convulsões de Teresa tornaram-se "um delírio de dor". Até que ela foi dada como morta. Nessa época, ela já se encontrava na casa de Dom Alonso, onde o corpo estava sendo velado. O pai, como se estivesse perturbado das faculdades mentais, repetia sem cessar: "Minha filha não está morta!" As freiras do Convento da Encarnação preparavam os serviços funerários e abriam a sepultura. A priora foi buscar o corpo para ser enterrado no convento.



Dom Alonso persistia em dizer que a filha não estava morta. Na terceira noite, o irmão mais novo em vigília, acordou de um cochilo com o ataúde em chamas. Em pânico, gritou pelos criados que acudiram e evitaram que o fogo consumisse o corpo. Voltou a priora, irritada, a reclamar o cadáver. Ao entrar no quarto mortuário, viu com espanto que Teresa estava assentada no ataúde, pedindo um confessor. Mas seu estado era terrível: o corpo estava todo dolorido, a garganta ressequida, a cabeça em desordem. Assim, ela foi transportada para o convento.

Durante três anos, levou uma vida de inválida, com semiparalisia e contrações no corpo. Com o tempo, melhorou um pouco, mas continuou a sofrer de diversos outros achaques, como dores, fraqueza do estômago etc. A medicina escolástica era atrasada, mas como afirma Fullop-Muller, a medicina moderna poderia diagnosticar a doença, mas não o fenômeno oculto atrás dela. Havia uma interdependência entre a doença e a grandeza criativa. O fenômeno patológico apenas aprofundava o milagre. A doença foi a estrada que fez Teresa atingir o “fascínio extático” e sentir a presença de Deus. Em seus êxtases, Teresa “via o que os olhos não podem ver, ouvia o que os ouvidos não podem ouvir; e compreendia o que o pensamento não pode imaginar. Ela encontra no êxtase uma luz celestial, uma tão grande maravilha, que é impossível descrever. É o vôo da alma para o infinito. O tempo se dissolve na eternidade e a natureza abre caminho para o sobrenatural. Seu corpo paira acima do chão a sua alma é arrebatada para o céu. A existência humana torna-se divina. A doença castiga o corpo, mas a alma chega ao esplendor de Deus. Teresa tinha quase dezessete anos quando sofreu o primeiro ataque. E quarenta e três quando recebeu a graça do primeiro arrebatamento extático”.



## A MÍSTICA E O SEU CALVÁRIO

Em 1540, Teresa recobrou a saúde de um dia para o outro. Estava inválida na sua cela. De repente, saiu andando ao encontro de suas companheiras. Para o convento, foi um milagre. Ela passou, dessa forma, a ser uma atração para sua casa religiosa. Parentes, amigos, curiosos, faziam fila para falar com ela. Tornou-se uma exibição sacra, um exemplo vivo de fé e – por outro lado – uma fonte de renda para o convento!

Teresa estava agora mais bela do que nunca. A todos fascinava com sua palavra fácil, seu encanto pessoal, sua inteligência e sua graça. Se na cela era um anjo que rezava, no parlatório ela sentia um certo deleite em ser cortejada e admirada. Ela também tinha seu amigo “favorito” e acabou por abandonar a oração do silêncio. Assim, foi-se cavando um abismo entre sua vida de santa e o parlatório.

Algum tempo depois, seu pai veio a falecer. Ela aproveitou para confessar-se e pedir conselhos ao confessor de seu pai, Frei Vicente de Barrone. O frade perdoou-a e orientou-a a retornar à oração espiritual, mas não entendeu os conflitos da alma de uma santa. Contudo, seu conselho foi fundamental. Ela recomeçou a sua silenciosa comunhão com Deus e voltaram as visões místicas. Os tormentos não cessaram porque era incompatível sua vida de contemplação com o parlatório, e ela não tinha forças para abandoná-lo. Chegou a hora de receber as visitas e Teresa ia falar com o seu “predileto”. Ao aproximar-se do parlatório, viu junto de seu visitante a figura de Cristo. Ela ficou atônita e perturbada. O Senhor, severo e grave, deixava transparecer que estava ofendido. O visitante ficou desconcertado com o alheamento de Teresa. Com os olhos vagos, ela parecia não enxergá-lo, nem sequer respondia às suas perguntas. Naquele silêncio incompreensível, o

visitante partiu decepcionado. A santa não o viu partir. As freiras carregaram-na para e cela, rígida e imóvel.

Como lembra Fullop-Muller, os livros sempre desempenharam na vida de Teresa o papel de marcos indicadores, na sua peregrinação para Deus. Veio-lhe às mãos as *Confissões de Santo Agostinho*. Lendo-as, viu a si própria. Renascia pelo arrependimento. Em 1553, durante a oração matinal, viu o Senhor. Conforme ela própria se expressou, desde então, sua vontade ficou retida no céu. Ela decidiu, de uma vez por todas, a abandonar as coisas mundanas pela causa divina. A alma estava livre do corpo. Libertara-se da escravidão da matéria.

Começou para Teresa outra espécie de vida, uma vida ativa na terra pela causa do Senhor. Era o início de seu próprio calvário. Levaria uma pesada cruz que a própria Igreja terrena ajudava a colocar em seus ombros. Frei Gaspar Daza, seu confessor, começou a duvidar de suas revelações, crendo serem as visões, ardis do demônio. Ante a sinceridade dela em continuar a afirmar que as recebia, Daza recusou-se a ouvi-la em confissão. Isso acarretou graves conseqüências: a maior parte das freiras e muitas amigas apartaram-se dela, evitando sua presença. Ela teria sido envolvida pela Inquisição, não fora a amizade com os discípulos de Inácio Loyola, que haviam chegado a Ávila. Eles acreditavam na sua sinceridade e na veracidade de suas visões. A companhia de Jesus estava impregnada de um espírito novo e os confessores jesuítas tinham compreensão psicológica e prática de direção. Aproximaram-se de Teresa sem temor e preconceito. Mesmo que fosse um ser humano doente, Deus poderia muito bem aparecer-lhe na pessoa do Redentor. A conversa dela com Francisco de Borja foi bastante para convencê-lo da verdade e da divindade das visões. Entretanto, devido à trama de seus opositores, os jesuítas foram proibidos de



ter acesso ao Convento da Encarnação. Uma rica e influente senhora da nobreza espanhola, Dona Guiomar de Ulhoa, amiga de Teresa, obteve permissão para levá-la para sua casa, onde, isolada, ela podia recolher-se, no silêncio, às suas preces e continuar a receber a visita dos jesuítas. O padre Baltazar Álvarez, jovem teólogo sábio e austero, inteligente e perspicaz, tomou a direção espiritual de Teresa para investigar o seu caso. A santa sofreu sob os rigores de seu novo diretor espiritual, mas ele foi a estrada estreita e dolorosa que a conduziu mais depressa à santidade.

Por essa época, as visões de Teresa eram o escândalo e o assunto do dia. Para uns, ela era santa, para outros, uma impostora, que devia ser julgada pelo terrível tribunal da Inquisição. Ante o rumor do caso, Álvarez tornou-se ainda mais rigoroso. Finalmente encontrou resposta na *Suma teológica de São Tomás de Aquino*. As visões de Teresa eram divinas. Sua confiança na veracidade delas estava justificada. Quando se dispôs a ir a público para defender a Santa de Ávila, mandaram-no fazer uma viagem de inspeção. Sem dúvida, era o diabo que conspirava! O novo confessor de Teresa passou a fazer o jogo da ala dominante e conservadora da Igreja, que exigia fosse a santa exorcizada e suas alucinações diabólicas exterminadas. A santa submeteu-se obediente, embora humilhada. Ao regressar Alvarez, o antigo confessor e toda a Espanha discutiam as visões de Teresa. Com exceção de Dona Guiomar, as amigas abandonaram-na. O povo exigia que o caso fosse investigado pela Inquisição. O espírito do terrível Torquemada ainda pairava vivo e forte no seio da Igreja e de seu rebanho. Até Alvarez vacilava. No entanto, o Senhor apareceu e disse: "Não tenhas medo, minha filha, eu não te abandonarei".

Teresa encontrou defensores como Frei Pedro de Alcântara, santo e pregador, conhecido em toda a Espanha,



que foi a Ávila especialmente para conhecê-la e falar com ela. Outros dominicanos passaram a admirá-la como Pedro de Ibañez, o prior do convento de São Tomás. Ele aconselhou a Teresa que se adiantasse aos expedientes da Inquisição, fazendo um livro sincero, no qual narrasse por completo sua vida e suas visões. Assim a primeira versão da *Vida da Santa Teresa* foi escrita por ela mesma. Encaminhado o material manuscrito à Inquisição, nada encontraram no documento que pudesse ferir a fé cristã ou incriminar a autora. Pelo contrário, encontraram nele as provas da revelação divina.

Conta-se que por essa ocasião, num dia santo, à hora da missa, numa igreja cheia de fiéis, estava Teresa de joelhos diante do altar, quando foi subitamente arrebatada em êxtase. Seu corpo pairava acima do solo e seu rosto irradiava uma grande beleza. A veneração e a admiração tomou conta de todos os fiéis, diante de quem o milagre acontecia. Teresa vencera os inimigos e a força temporal da Igreja.

## A FUNDADORA

A vitória de Teresa sobre a ala conservadora da Igreja e os incrédulos não a sossegou. Ela devia cumprir outra missão. Mística, santa, prezando acima de tudo o silêncio e a solidão, era, contudo, uma mulher prática e ativa, idealista, dinâmica e trabalhadora. Não queria a graça do senhor apenas para si. Tinha que reformar os conventos, que fundar novas casas, de acordo com as diretrizes da reforma, que abraçara: verdadeira pobreza e verdadeira oração. Nos últimos vinte anos de sua vida, fundaria 17 conventos. Seu desejo de reformas monásticas nasceu de sua experiência pessoal. Depois de algum tempo de recolhimento e oração na casa de Dona Guiomar, observou

o quanto a vida na Convento da Encarnação era falsa, ruidosa, mundana e frívola. Lá, queria rezar, praticar os seus exercícios de contemplação e era constantemente interrompida. "Oh! Que extrema ruína!", exclamou ela um dia ao ver o triste quadro que a rodeava. Ela própria vencera e entregara sua alma ao Senhor. E as outras, pobres criaturas que nada mais faziam que seguir as normas vigentes nos conventos secularizados, dignas de piedade, que seria delas?

A idéia da reforma crescia firme em seu coração. Começaria por fundar um convento que fosse o modelo de pobreza, de simplicidade, de oração e do verdadeiro amor a Deus. Teresa era também uma mulher que tinha na determinação um dos lemas de sua vida. "Antes quebrar que dobrar!". Sabia que não era possuidora de bens materiais; que teria que enfrentar "homens astutos, freiras ciumentas, religiosos intrigantes". Era uma mulher da Espanha do século XVI, vivendo numa cidade e num país cujas tradições e convenções excluía as mulheres da participação em todas as atividades públicas. Mas Teresa sabia querer com firmeza e conseguiria afastar todas as pedras do caminho. Para enfrentar as dificuldades, ela própria escreveu em versos seus princípios:

"Nada te turbe  
nada te espante  
Dios no se muda.  
La paciencia  
todo lo alcanza.  
Quien a Dios tiene  
nada le falta  
solo Dios basta".

Lutando pela fundação de seu primeiro convento, ela desenvolveu espantosa habilidade no trato com homens

de negócios e comerciantes. Nenhuma complicação financeira embarçava-a. Nas negociações era astuta e conseguira fazer, dos adversários, amigos e dos perseguidores, auxiliares.

Fullop-Muller, na biografia de Teresa, conta que um dignitário da Igreja, estando a discutir com ela questões teológicas, exclamou cheio de desespero: "Grande Deus, eu preferia discutir com todos os teólogos do mundo a discutir com esta mulher!". Um padre, a quem ela procurou com uma carta de apresentação, escreveu a seu correspondente, depois da visita: "Falais em vossa carta de uma freira, mas haveis-me enviado um homem barbado!"

O primeiro convento a ser fundado serviria de modelo à reforma e seria implantado dentro de um novo espírito. De acordo com o regulamento, não haveria donativos, isto é, estaria independente da riqueza e do poder do mundo. Extinguir-se-ia o pedido de esmolas. O provimento das necessidades primárias devia ser deixado à mercê daquele que veste os lírios do campo. As religiosas trabalhariam para se sustentar. O novo convento não teria parlatório, a missa deveria ser despida de pompa e o auditório não seria senão Deus. As carmelitas deviam vestir um grosseiro burel e nada de jóias e enfeites. A alimentação frugal e o jejum contínuo. Na verdade, Teresa era uma revolucionária, que viria restaurar a simplicidade, a fé e a humildade, enfim uma verdadeira vida religiosa. Por isso ela estava fadada a ser combatida com furor. Iria pôr um fim à vida alegre, divertida e folgazona dos conventos.

Entretanto, ao ser descoberto o plano de fundação do primeiro convento reformado, desencadeou-se sobre a cidade e sobre o Convento da Encarnação uma rede de intrigas, uma verdadeira tempestade. Uma louca querendo fundar um novo convento! A cidade estava enraivecida. Os homens zombavam, porque era uma mulher que tratava



das negociações para a fundação de uma nova casa religiosa. A priora da Encarnação acreditava que viria um convento rival para atrair a proteção dos nobres e endinheirados, prejudicando o seu. Sob a pressão da burguesia, o provincial, pusilanimemente, retirou o consentimento para a fundação do convento. Teresa não desanimou. Continuou a lutar. Através de amigos fiéis, da alta hierarquia da Igreja, apelou ao Papa. A dispensa papal sobrepor-se-ia à decisão de um provincial.

Nesse meio tempo, maquiavelicamente, ela foi afastada de Ávila, sob o pretexto de consolar uma rica viúva, duquesa, pela morte de seu marido. Essa missão ela a recebeu como uma penitência. Era uma tormenta viver no meio do ouro e do brilho faustoso de uma casa senhorial, para ela que tanto amava a pobreza e a simplicidade e já se desgarrava dessas vaidades humanas. Sobre isso ela se expressou: os ricos são prisioneiros, pois escravos de etiquetas, de cerimônias, de conveniências, sua existência não passa de uma eterna representação. Naquele meio, ela aprenderia mais uma vez a apreciar a verdadeira liberdade que a pobreza voluntária pode proporcionar.

Ao voltar a Ávila, a bula papal chegou com a autorização para a fundação do convento. Teresa tratou de arranjar tudo no mais absoluto sigilo. Mas as dificuldades prosseguiram. A bula papal não estava sendo cumprida e faltava dinheiro, pois a herança de uma sobrinha fora suficiente apenas para comprar uma propriedade que carecia de reformas.

Quando tudo parecia impossível, chegou a Sevilha um navio abarrotado de ouro. E nele vinha uma quantia que o irmão Lourenço mandava do Peru. Foi o suficiente para completar as obras. Nesse ínterim, o bispo foi convencido de que devia aliar-se a Teresa. E o fez.

O convento foi fundado, dedicado a São José e inaugurado em 1562, no dia de São Bartolomeu. Entretanto a tempestade não passou. Teresa foi chamada ao Convento da Encarnação, onde ficou praticamente prisioneira. A polícia tentou fechar o novo convento. A Junta da cidade, com os próceres da nobreza, reuniu-se para exigir o fechamento. Teresa conseguiu vencer a todos. Voltou ao convento de São José levando quatro novas discípulas. Depois outras foram chegando, como a lendária Maria d'Ávila, que veio num pomposo cortejo, despediu-se de seus amigos à porta, despiu-se de suas ricas roupas e jóias e entrou para sempre. Tornou-se, depois, um dos pilares da obra de Teresa.

Assim, a Santa de Ávila, já com meio século de existência de lutas e pelejas, o corpo temperado pelas doenças, passou a viajar, na sua carruagem sem molas, pelas estradas esburacadas e poeirentas, em todas as direções, pelos campos de Espanha. Para plantar os seus conventos.

Ela lutou, não se vergou ante às dificuldades e foi conquistando a vitória. E uma prova incontestável dela, foi o seu exemplo começar a ser seguido pelo ramo masculino da ordem carmelita. Em pleno século XVI, que grande espanto! Uma mulher ensinando os homens a fundar uma instituição, da qual iriam participar pessoas de todas as idades, de todas as nações.

Seus primeiros discípulos seriam o prior do Mosteiro dos Carmelitas Calçados de Medina, Antonio de Heredia e o Frei João. O humilde frei João se tornaria mais tarde São João da Cruz, um dos mais insignes poetas místicos da Literatura Espanhola e que, na prisão, escreveu o sublime e apaixonado hino místico, "Cântico Espiritual". Ele se tornou um grande amigo de Teresa.

A obra da reforma prosseguia. Como toda grande obra, encontrava, por toda parte, diversas espécies de



oposições, calúnias, de acusações falsas. O Núncio papal pintou esta imagem de Teresa: "É uma desobediente, uma mulher contumaz, que promulga doutrinas perniciosas, sob o disfarce de devoção, que abandonou o claustro contra as ordens de sua superiora, que é ambiciosa e ensina teologia, como se fosse um doutor da Igreja, com desprezo do ensinamento de São Paulo, que condenava o ensino das mulheres". Por fim, Teresa foi obrigada a retirar-se para um convento em Toledo e foi proibida de prosseguir com suas fundações. Contudo, do exílio, através de suas cartas admiráveis, acompanhava, nos mínimos detalhes, o prosseguimento de seu trabalho. Quando a situação parecia insuportável e os inimigos sorriam triunfantes, ela se lembrou de Felipe II, o homem mais poderoso da cristandade. Foi, corajosamente, pedir o apoio dele. Defrontaram-se os dois num memorável encontro: ele, um poderoso rei, senhor de domínios deste mundo, ela, a que representava um reino divino e eterno. O poderoso monarca inclinou-se diante dela, abandonou a sua postura real e dominadora. Deu à Santa todo o apoio. Teresa vencera definitivamente.

Então, apesar dos anos e da saúde precária, prosseguiu a sua missão. Continuou suas viagens, enfrentando mil trabalhos e dificuldades. Inspecionava sua obra, corrigia, aperfeiçoava. Já exausta, viajou para Málaga, onde sofreu um ataque. Melhorou, seguindo para Toledo. Dali foi para Segóvia. Parecia haver pouco tempo para as últimas e importantes providências. Esgotada, ainda encontrou forças para ir a Valadolid e Salamanca. Voltou para Ávila e foi a Palência. Torturada de dores, mas firme em sua decisão e cheia de alegria, enfrentando toda sorte de perigos, foi a Burgos, onde estabeleceu seu último convento. Resistiu e ainda encontrou forças para ir a Alba de Tormes. Aí, soou a sua hora, a sua tão esperada hora, conforme ela mesma escreveu:



“Ay! Que largo es esta vida,  
que duros estos destierros,  
esta cárcel y estos hierros,  
em que el alma esta metida!  
Solo esperar la salida,  
me causa un dolor tan fiero  
que muero porque no muero”.

A 15 de outubro de 1582, voou para aquele por quem sempre viveu. Após a morte, o corpo de Teresa rejuvenesceu e tornou-se de uma grande beleza.

A Santa viveu incansavelmente pela causa de Cristo. Mas nem a morte deu descanso a seu corpo. Ele foi enterrado em Alba de Tormes. O povo de Ávila, sua terra natal, como era de se esperar, reclamou a honra de sepultá-lo. Foi removido em segredo ou, claramente falando, roubaram-no. Tão logo foi enterrado em Ávila, começou a fazer milagres e o segredo espalhou-se. A Duquesa de Alba, poderosa filha da nobreza espanhola, solicitou ao Papa ordem para que o corpo lhe fosse devolvido. O que obviamente conseguiu. Em sigilo, removeram-no para Alba. Na verdade, sem descanso, pois o túmulo foi aberto várias vezes e pilhado por ladrões devotos.

Oito anos depois de sua morte, ela foi canonizada. Juntamente com São Tiago, declarada padroeira da Espanha e proclamada Doutora da Igreja, por Paulo VI.

Em, 1636, foi construído o convento de Santa Teresa no solar onde nasceu a santa. Em seu interior se guardam relíquias dela e do horto onde brincava com seus irmãos fizeram um jardim. Construíram uma capela sobre o quarto de Santa Teresa e na clausura conservam-se manuscritos seus. O manuscrito de sua vida encontra-se na Biblioteca do Escorial.

## A MULHER E A ESCRITORA

Teresa, juntamente com o dom de receber as visões divinas, foi aquinhoada com a graça da palavra.

Enquanto os conquistadores descobriam vastos mundos e riquezas, Teresa buscava o reino de Deus, explorava o “universo da alma por meio de visões extáticas”. Descobriu Deus, centro do universo, e Cristo como realidade viva. Disso deu testemunho na sua palavra cheia de graça.

Suas comparações e metáforas foram consideradas por Cervantes como “jóias da poesia”. Lope de Vega era também seu grande admirador.

Ela escreveu a segunda versão de sua vida, incluindo as fundações, destinada ao exame da Inquisição. Nas noites frias de inverno, quando os ventos assoviavam nas fendas das janelas, a Santa assentava-se no chão de tijolos e escrevia noite após noite, guiada pela mão divina. Muitas vezes, levantava-se de sua tarefa de escrever já para assistir à missa matutina. Sua autobiografia é considerada, no gênero, uma obra-prima. “A agudeza e a penetração de sua auto-análise encham de admiração os psicólogos modernos e induziram o grande filósofo dinamarquês Haraud Hoeffler a arrolar Santa Teresa entre os fundadores da psicologia atual”. Do livro de sua vida, emerge uma pintura completa e viva de seu caráter, de sua personalidade extraordinária, uma mulher transbordante de vida, de grande determinação, de humor, de sensibilidade.

Esses traços de seu caráter são também revelados em suas fascinantes cartas, das quais deixou 650. Através delas, observa-se que conhecia profundamente a natureza humana, especialmente a sua própria e a de suas religiosas. Realista, sem esquecer nunca a experiência cotidiana dos fenômenos religiosos, funda sua doutrina espiritual que



consiste na verdadeira união de recolhimento contemplativo e da prática religiosa. Inimiga de fraquezas e de sentimentalismos, ela ensina a suas discípulas: “Não pense que tudo é feito com lágrimas, mas sim com trabalho e virtude”. Recomenda que a meditação seja acompanhada de uma saudável atitude. O trabalho é tão importante quanto a oração. Teresa era alegre, espirituosa e afirmava sempre: “Deus me livre de monjas tristes”. Buscava Deus no fundo de sua alma, mas tinha sempre presente na consciência a humanidade de Cristo.

Em *Caminho da perfeição*, a santa e escritora ensina passo a passo, a suas freiras, a estrada da santidade. Da oração vocal à oração mental, da meditação à contemplação, do ascetismo físico ao ascetismo espiritual, ela escreve um tratado com os mesmos traços de seu estilo: sensibilidade e naturalidade. Essa obra é considerada pelos críticos “um conjunto de imagens admiráveis e apaixonada eloquência”.

Para falar de sua experiência mística, de Deus, cuja presença ela tão vivamente sentiu, escreveu os belos poemas “Gritos da alma a Deus” e “Cânticos Espirituais”.

*As moradas* ou *O castelo interior* é o livro onde sua doutrina mística se desenrola com maior amplitude. Nele, Teresa resume suas experiências sob a forma de alegorias. A alma se acha representada por um castelo com muitas moradas e no centro de todas elas é “Onde se passam as coisas de muito segredo entre Deus e a alma”. Neste livro se encontra, por assim dizer, uma teoria completa da oração e uma classificação dos estados psicológicos. As “moradas” são os sete graus da oração, através dos quais penetramos em nós mesmos, até chegar ao castelo interior, onde encontramos Deus.

Em seus livros, Teresa usou uma linguagem comum, a corrente em Castela, a Velha. Do cotidiano, ela tirou suas



metáforas e fez, continuamente, referências pitorescas à vida simples, o que alcança grande força expressiva, beleza e encanto. Espontânea, a palavra escrita brota de seu temperamento afetuoso e vivo, bem humorado e cordial, como as águas claras de uma fonte cristalina.

É mister ainda que se registre que os livros de Teresa foram escritos em obediência a ordens de seus confessores. Tinha relutância em escrevê-los, pois não se julgava com dotes de escritora, não tendo nenhuma vaidade pessoal. Escreveu o *Castelo interior* numa época difícil em que as perseguições contra ela tinham atingido o auge: seus adversários davam golpes um atrás do outro contra a reforma; os partidários da mitigação espalhavam panfletos caluniosos contra ela: fora exilada para o convento de Toledo condenada a continuar lutando através da correspondência. Por essa época, andava também muito mal de saúde. Mas quando começava a escrever, a graça divina descia sobre ela e trabalhava de forma admirável. O êxtase a inspirava a exprimir o inexprimível.

Teresa de Cepeda y Ahumada ou, na constelação dos santos – Teresa de Jesus – mística, santa, poeta, Doutora da Igreja, é uma figura que estará sempre viva na memória dos homens. Sua obra foi feita com paixão, com inteligência e com muito amor. É uma personalidade fascinante e inesquecível.

Dom Marcos Noronha, citando Ernest Hello, diz que se Santo Agostinho e Santa Teresa gozaram da simpatia de todos, é porque não foram sempre santos e nos contaram eles próprios as suas fraquezas, colocando-se de tal modo ao nosso alcance, que a gente sente vontade de visitá-los.

Talvez seja esse aspecto muito humano de Teresa, sua inteligência, sua determinação, o que mais nos encanta na personalidade da Santa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUCLAIR, Marcelle. *Vida de Santa Teresa de Jesus*. Madrid: Cultura Hispânica, 1972.

ENCICLOPÉDIA LABOR. La Literatura. La Música. Barcelona, 1957. v. 7, p. 517-519.

FULLOP-MULLER, René. *Os santos que abalaram o mundo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968, p. 298-387.

## Goiás em um conto de Machado de Assis

**S**empre se pode garimpar coisas em nosso velho e grande Machado de Assis. Sua obra, estudada através de gerações, dissecada por críticos, por estudiosos, por escritores, pelos amantes de sua arte, conta hoje com uma das mais vastas bibliografias que se possa escrever sobre um homem de letras num país. Mas eu diria do autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o que se diz de Jorge Luís Borges: ler Machado de Assis é sempre uma fina aventura intelectual.

Relendo alguns contos do volume *Histórias da meia-noite*, velha edição da Jackson, de 1938, deparo-me com a quase novela "A parasita azul", publicada originalmente em 1872, no *Jornal das Famílias*. O conto abrange 82 páginas e está dividido nas seguintes partes: I - Volta ao Brasil; II - Para Goyaz; III - O encontro; IV - A festa; V - Paixão; VI - Revelação; VII - Precipitam-se os acontecimentos.

É a história de Camilo Seabra, goiano de Santa Luzia. O pai, rico proprietário, dera-o por afilhado a um amigo, naturalista francês, e sob a orientação e assistência do padrinho, o moço vai para Paris estudar medicina.

Formado, depois de "ter percorrido todas as escolas dos prazeres sensuais e frívolos com uma sofreguidão que parecia antes suicídio", volta o moço. Sai do cérebro da



França, muito a contragosto, sob ameaças do pai de cortar-lhe a mesada, para vir internar-se em Goiás. Do Rio, toma o vapor para Santos e daí vem a cavalo para seu Estado, quem viveu oito anos em Paris! Nos pousos tristes das estradas de tropeiros ainda mais punham ao herói as saudades de Paris. “Um tropeiro sacou da viola e começou a gargantear uma cantiga que a qualquer outro encantaria pela rude singeleza dos versos e da toada, mas ao filho do comendador apenas faz lembrar com tristeza as volatas da ópera”. Agora a ópera é outra: os grilos e também as rãs e os sapos, formavam o coro da ópera do sertão. E depois, já na fazenda do pai, morto de saudades, Camilo pensa: ficar aqui mais treze meses não posso. Paris ou o cemitério.

Mas as coisas não continuam assim por muito tempo. No sertão de Goiás, o jovem doutor viria encontrar uma formosa conterrânea, uma flor do sertão, que abalaria seu coração nas mais fundas raízes e o faria, sem muita demora, esquecer Paris, suas mulheres, seus vinhos e as óperas. O objeto da paixão era Izabel, “Morena, de um moreno acetinado e macio... os olhos de infinita luz, a elegância nativa do busto, o desalinho dos gestos, a espontaneidade dos movimentos...”

É um conto “água-com-açúcar”, de final feliz sem as profundezas psicológicas do autor, mas escrito com a característica elegância do grande mestre. Entremendo o casto amor de Camilo e Izabel, Machado vai contando coisas interessantes. E o interesse da história está justamente na descrição da festa do Divino Espírito Santo em Santa Luzia. Vão rareando, escreve Machado de Assis, os lugares em que de todo se não apagou o gosto dessas festas clássicas, resto de outras eras, que os escritores do século futuro hão de estudar com curiosidade, para pintar aos seus contemporâneos um Brasil que eles não hão de conhecer. No tempo em que esta história se passa, uma

das mais genuínas festas do Espírito Santo era a da cidade de Santa Luzia. Então, fala o autor da honra e da alegria do tenente-coronel Veiga, um dos personagens de seu conto, em ser o festeiro, o imperador do divino. “E ponto duvidoso, e provavelmente nunca será liquidado, se o tenente-coronel Veiga preferia naquela ocasião ser ministro de Estado a ser imperador do Espírito Santo.” A festa começa com serenata de pastores à casa do imperador. Depois, ouve-se o sino a repicar alegremente, os fogos a espoucarem e mais demonstrações de alegria. Cada imperador esforçava-se para que sua festa suplantasse em brilho e em pompa a do precedente. Ao clarear do dia, um cortejo composto de uma banda de música, da Irmandade do Espírito Santo e dos Pastores, vai à casa do imperador para conduzi-lo à missa festiva. Ele surge à porta vestido de “calça preta, de rodaque de brim, envergando uma casaca, trazendo no peito uma rutilante e vasta comenda da Ordem da Rosa e à cabeça uma brilhante e vistosa coroa de papelão forrada de papel dourado”. À aparição do imperador com a coroa “a despedir faíscas quase inverossímeis”, a banda prorrompe em música e, ao aproximar-se o cortejo da igreja, os sinos começam a repicar. Um mestre de cerimônias vai receber o imperador. E o povo, curioso para pôr os olhos em tão rara figura, a custo vai abrindo alas para a passagem do imperador que está sendo levado para o seu trono ao lado do altar-mor.

Mais tarde, no jantar que reúne à mesa do tenente-coronel as notabilidades do lugar, vêm os infundáveis brindes os comentários sobre a festa, entremeados de reflexões políticas. Pena que o autor não tenha falado sobre o baile e outros pormenores, que seriam rica fonte para o estudo de uma época.

Raras cidades em Goiás (talvez apenas Pirenópolis e algumas outras poucas) conservam essas festas com a

beleza e o esplendor originais. Lembro-me, a propósito do desaparecimento de costumes tradicionais que encerram tanta beleza e tanto colorido, do que escreveu Pier Paolo Pasolini ao escolher Nápoles para cenário de um de seus filmes: "Nápoles constitui o último baluarte da expressão popular, não tendo sido ainda envenenada pela sociedade de consumo que apesar de trazer bem estar, nivela todo mundo, destruindo todos os caracteres que permitem distinguir um povo do outro". E isso é a mais pura verdade.

Com o progresso, vamos nos desfigurando, estandarizando-nos, perdendo o que há de mais característico em nós, perdendo os traços que nos distinguem dos outros. Pouca coisa ou quase nada se salva...

Bem, todas essas reflexões vieram a propósito de um conto de Machado de Assis, que eu por acaso tornei a ler...

Goiânia, abril de 1971



## Carta a uma escritora

Goiânia, 30 de setembro de 1969.

Maria Helena,<sup>1</sup>

A vida é boa, é linda, como diz você. Nessa tarde de verão, quarta-feira, céu embaçado, uma cigarra extraviada arrebatando-se de cantar, homens na luta cruel para prosseguir vivendo, e eu aqui, privilegiada, terminado de ler o seu livro. Mas não saí do mundo bonito, limpo e ingênuo por onde penetrei por sua mão. Ainda percorro sua estrada luminosa e perfumada. Escuto você dizer, quando entrei, "Tudo vale a pena viver". Terminei. Fecho o livro. Não é tudo, quero falar com você. Arroguei-me o direito de ser sua amiga, porque, ao lê-la, tornei-me sua confidente, passei a participar de sua vida.

Também a vejo como Maria: uma mulher ainda jovem, cabelos louros, alta e esguia, morando numa casa à beira da Lagoa, uma vida completamente solitária, entregue aos livros e à música... um ser estranho, uma mulher misteriosa. Vejo mais que isso: uma criatura que é pura vibração, capaz de sublimar todos os sentimentos,

<sup>1</sup> CARDOSO, Maria Helena. *Por onde andou meu coração*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968, 391 p.

todas as emoções, todos os atos. Tudo em você é vida e amor. Veja como escreve no primeiro capítulo: "... a plantinha, que na ânsia de viver, lança as raízes como num abraço de amor..."

Até nas brumas de seu livro há luz. Aquela manhã de neblina em que vai ao encontro de Hans, ambos escutando o apelo mudo do coração e um mundo mágico, de pura luz, de puro amor. Não entendo porque Hans nunca se decidiu a ficar para sempre a seu lado. Alguma coisa o afastava. Talvez se ele tivesse ficado, teria cerrado para você o círculo do amor e sua vida não teria as aberturas que teve.

É lindo, Maria Helena, saber que no mundo materializado e louco de hoje, de tantas pesquisas frustradas e achados inúteis, ainda brote um livro, o seu, como uma flor. Não é que eu me agarre ao que se foi. Creio-me com um pouco de experiência de vida, e em que pese a educação tradicional que tive, integrada ao mundo de hoje. Adoro essa juventude maluca, que desrespeita tudo, quebrando, não importa a que preço, todos os grilhões para ser livre. Mas há certas coisas que são básicas, são inerentes ao homem, por mais loucas e inesperadas sejam as rotas trilhadas pela humanidade: o amor, a ternura, a capacidade de sonhar, a capacidade de ver a beleza. E outras mais, talvez. Se os seres humanos do futuro passarem a ser criados em laboratório, produzidos em série, com tendências e aptidões catalogadas, num admirável mundo novo, poderão ser tudo, menos homens.

Você mostrou o quanto é lindo o mundo familiar, apesar das pequenas misérias, fraquezas, dissensões que o dividem e agitam, existindo porém, aquele liame misterioso que o preserva, que o torna algo indispensável e insubstituível em nossa vida.

Você, simples, espontânea, faz um livro cheio de criaturas que acabamos por amar, que, mesmo se mortas, persistem, existem. Que encanto deve ter sido o Vito e que perfeita comunicação e afeto sem mácula atingiram! (Como gostaria de ter alcançado, com um amigo, a compreensão e a ternura que houve entre vocês...) Grande pessoa foi seu pai. Sonhador, de certa forma libertino, mas que personalidade! É uma presença em seu livro. E com que sinceridade você descreve os defeitos de cada um, as miserinhas, as coisas ridículas e sublimes dos que a rodeavam.

Por outro lado, você, sem intenção de fazer história, sociologia, folclore, seja lá o que for, conseguiu reconstituir com vivacidade aquele mundo ingênuo e belo que se foi. Você sabe que Minas e Goiás têm muito em comum. Herdamos muita coisa de vocês, já ouvi de meus pais e avós muita coisa parecida com o que contou, como aquela viagem dentro de dois caixotes de querosene pendurados na cangalha de um burro, você de um lado, seu irmão do outro "Começando cedo o aprendizado do sofrimento". Aliás, estamos cercados de mineiros por todos os lados. Muita gente ilustre nossa é originária da terra da gente desconfiada e que trabalha em silêncio...

Outra coisa que me encantou foi sua capacidade de crescer e de evoluir com o tempo, rodeando-se de juventude, fazendo as suas esticadas, conquistando a sua liberdade de ser, malgrado os séculos de tradição e de preconceito que trazia sobre os ombros, sobretudo na sua condição de mulher. Malgrado os choques que tinha com os seres que amava.

Por tudo quanto você é e por tudo que escreveu, arrebatou-se-me esta vontade enorme de lhe dizer alguma coisa. E a curiosidade enorme de saber o que anda fazendo, o que anda pensando, o que anda esperando.



O mais é dizer-lhe muito obrigada e mandar-lhe  
aquele abraço!

P.S. Já receitei seu livro para o mundo e o fundo.

## Três encontros nos pampas

Venço por terra esses 2.062 quilômetros que separam Goiânia da capital dos gaúchos. Não me canso, porque me deslumbra essa paisagem rica de verde, ora com pradarias extensas, ora com montanhas cobertas de espessa vegetação, ora com pinhais elegantes. Chego e é a terceira vez que visito esta capital, o terceiro centro urbano do país em progresso material e em cultura. Ali está a agitada Porto Alegre, com o trânsito mais louco desse país, com meus amigos queridos, com a hospitalidade excepcional de sua gente. O Guaíba corre manso, dando à cidade aquele toque de encanto. E revejo, do morro de Santa Teresa, um dos instantes mágicos de mais um pôr-de-sol, o rio se incendiando de luz e poesia em final de tarde.

Não faz muito frio, embora seja inverno, porque também o tempo anda louco. No dia seguinte cairia uma chuvinha manhosa, provocando essa umidade que dói até nos ossos. Mas um churrasco com amigos, o excelente vinho gaúcho, um show típico, o fandango, enchem a gente de calor.

No terceiro dia, eu desejava conhecer Érico Veríssimo, porque eu tivera notícia da acolhida cordial e simpática que esse grande escritor dá a quantos desejam conhecê-lo.

Com essa minha timidez tão característica do goiano (para mim os escritores famosos são sempre monstros sagrados e aproximar-se deles é quase ousadia), procurei seu telefone no guia e num assomo de coragem ligo o número e uma voz de mulher atende (é D. Mafalda, sua esposa, que eu viria a conhecer depois) e eu:

– Aqui é uma goiana que desejaria muito falar com Érico Veríssimo.

Prontamente ela responde:

– Pois não, um minuto.

Quando ele diz alô, não sei se o chamo de doutor (nunca chegou a terminar um curso acadêmico), se Seu Érico.

Fico meio embaraçada de emoção, porém ele é tão simples e tão aberto, que tudo se resolve da melhor forma.

– Venha a minha casa às 8,30 da noite. Será um prazer. Durante o dia estou escrevendo o segundo volume de minhas memórias, mas a noite eu tiro para receber os amigos.

Às 8,30 em ponto chamo à porta. É aquela mesma casa, no bairro Petrópolis, que ele diz em suas memórias ser um falso colonial português de mistura com falso colonial espanhol. Ele próprio vem abrir a porta. Pensei que fosse um gaúcho alto, corpulento, entretanto, é magro, de média estatura. Talvez eu o imaginasse grande (fisicamente) por seus depoimentos corajosos nos agros momentos políticos ou pela coragem pessoal demonstrada algumas vezes e que se relata em suas memórias: enfrenta desarmado um soldado que o queria balear, em Cruz Alta (sua terra natal), porque desejava acompanhar o enterro de um antigetulista; de outra feita enfrenta um vaqueiro armado que tentava obrigá-lo a vender um remédio fiado na farmácia de sua propriedade. Talvez também eu o pensasse um homem forte e grande à semelhança de seus



heróis. No entanto é um homem franzino, afável, cativante. Ele me conduz ao interior da casa e pelo caminho damos com os netos que riem e brincam com a ruidosa alegria das crianças. Entramos numa sala retangular, em nível mais baixo, cheia de livros, de quadros originais, de objetos vários trazidos das terras mais distantes por onde andou. Dentro em pouco chega Dona Mafalda, extrovertida e simpática como uma velha conhecida. A conversa é informal, ele pergunta pelo meu Estado, por Goiânia, que não conhece, mas cujas notícias acompanha com interesse e admiração. Eu lhe indago se conhece Bernardo Élis, ele diz que sim, que é um ótimo escritor. Constantemente o telefone chama: é um repórter do nordeste que desejaria ouvir sua voz, é um estudante que quer fazer-lhe uma pergunta. Com sua afabilidade e humanismo profundo, tem uma palavra para todos. Depois vem Dona Mafalda com o cafezinho. Chegam dois jovens que fazem cinema, um deles é português, diretor, o outro gaúcho, ator. Querem filmar *Incidente em Antares*. Fala-se sobre Portugal, a euforia da libertação, a esperança de novos rumos para o país. Mas os dois rapazes falam muito e eu gostaria era de ouvir o Érico, de deixá-lo falar, falar sobre seus livros, suas experiências de escritor, suas alegrias e tristezas com a literatura. Três horas haviam decorrido e eu, timidamente, interrompo o assunto, peço a ele que me autografe *Solo de clarineta*, que eu já começara a ler.

Nosso “papo” continuaria com a leitura desse primeiro volume de suas memórias, onde ele conta com sinceridade e com simplicidade suas lutas, seus temores, suas vitórias de um homem acima de tudo humano. Este livro é um depoimento sincero de sua vida em Cruz Alta, os dramas da família, o pai, um encantador perdulário, a mãe, dedicada e reservada, que, na máquina de costura Singer trabalha para mantê-lo nos estudos e depois para

ajudá-lo a encontrar o caminho na vida. Depois a busca da cidade grande para se dedicar à profissão de escritor (e é um dos raros no Brasil que vive da pena e para a pena). Maurício Roseblatt, seu amigo, interpreta a criação literária de Érico Veríssimo como a "Catarse de sua libertação desses dolorosos fantasmas do passado".

Autor de vinte e oito livros, com inúmeras edições no país e no exterior, "Homem de contínuo e cada vez mais aberto exercício de preocupação social" é um escritor de fecunda carreira literária. "Possuidor de um estilo acessível, mas de boa qualidade, um ficcionista que escreve sem hermetismos nem fórmulas cabalísticas, abordando problemas de vivência quotidiana do brasileiro médio" é realmente um romancista conhecido e amado pelo povo.

E deixei a casa de Érico Veríssimo com aquela alegria que se sente quando se defronta com personalidades que são na verdade incomuns.



O segundo encontro seria com Carlos Nejar, esse jovem e grande poeta dos pampas. Procuro-o no Palácio da Justiça, pois ele é promotor. E me recebe ali, amável, de contagiante simpatia, autografando *Danações* e *Casa dos arreios*. Nejar diz que conhece Goiás, que amou Goiás Velho e a hospitalidade goiana e di-lo com um entusiasmo que me deixa feliz. Um dos mais importantes poetas da geração moça desse Brasil, ele não tem nenhuma impostação de gente famosa, de nome elogiado pela crítica mais credenciada de nosso país.

Nosso diálogo foi breve e só agora tento penetrar nesse universo poético que sua pessoa nos faz pressupor. Autor de *Sélesis*, *Livro de Silbion*, *Livro do tempo*, *O campeador e o vento*, *Danações* e agora *Casa dos arreios*, neste que ele



me põe a sua dedicatória, naquela fria e clara tarde de maio “Para você a hospitalidade da *Casa dos arreios*”. De raiz humanista, diz Nelly Novaes Coelho, sua poesia primeira já apresenta a pulsação da corrente épico-mítica que vai ser a dominante dos livros posteriores. O poeta, aceitando o papel de testemunho do processo histórico que lhe cabe viver e reinterpretar (ou reinventar?) assume os paradoxos irreduzíveis da condição humana: desvalida no plano natural da existência; poderosa no plano construtivista da Arte e da História. E Walmir Ayala diz que Nejar vai tecendo uma das poesias mais tensas, verticais, vibrantes e lúcidas do nosso hoje poético.

Entro em *Casa dos arreios*, que “Agora se abre ao leitor e o convida ao repouso, à meditação e que representa o desvendamento ao homem de um outro ultrapassar-se”.

E aí encontramos “Poesia, Amor, Transcendente – habitantes dessa casa que não perecerá e onde o homem ao entrar descobre enfim a face do ser total que se oculta em si.”

“Entra nesta casa  
tão vasta que é o mundo,  
pequena aos enganos,  
perdida, encontrada.  
Os dias, os anos  
são palmos de nada.”

O seu testemunho, a sua preocupação com o humano:

“Onde existir o humano,  
irão meus ossos.  
Insígnias não pretendo  
por servir ou abdicar.



Vivo o que não desvendo  
mas sou de muito amar.

.....  
Onde existir o humano,  
irá meu reino vivo.”

A inquietação diante da condição humana, embora  
a crença na luta e a certeza da busca:

“A condição humana  
é alucinada chama,  
é o último reduto.”

oOo

“Devagar  
que a vida é pouca  
para tamanha resposta.”

oOo

“Viver é um trato de esperança  
que não estanca nos passos ou valores;

.....  
“Viver são rédeas soltas  
onde a memória destrança  
o tropel dos símbolos.  
Não tem contradança.”

E o poeta encerra seu livro e não a sua Casa:  
“com a eternidade ao meio  
da eternidade.”

oOo

O terceiro encontro que tanto me gratificou nesses poucos dias com a gente gaúcha foi o de Ieda Inda. Jovem, arquiteta, contista. Busquei-a em seu apartamento numa das ruas centrais de Porto Alegre. Delgada, de estatura mediana, tímida nos primeiros momentos, é uma criatura fascinante e envolvente, profundamente lúcida. Vamos falando de nosso processo de criar, de sentir as coisas. Criar é sempre um ato de angústia. Ela diz que ama conhecer gente, que tem necessidade de pessoas a seu redor, mas prefere o sossego de cidades menores, mais quietas. Irrequieta, gosta de andanças, de conhecer gentes e coisas. Lidou com cinema, que conhece bem, tem vivência de música (o que se denota em um de seus contos). É autora de um único livro de contos, que foi saudado pela crítica como uma das obras mais importantes aparecida no cenário das letras gaúchas. Trabalha atualmente num romance, que já tem editor garantido. Seu livro de contos *O arquiteto ou o encantamento da Sexta-feira Santa*, da Editora Movimento, é um livro fenomenal para uma escritora estreante. Consta de três contos: o que dá o título ao livro e mais "Profanação" e "Paixão e Morte do Molusco". O que ressalta à primeira vista é a solidez da estrutura "E essa frase justa, elaborada", de que falou a crítica. De fato, sente-se em Ieda a sensibilidade profunda, expressa através de uma linguagem correta, econômica, própria. É minuciosa na descrição, minúcias que são partículas de sua vivência intensa e tocada por uma incomparável capacidade de captar os seres e as coisas e vê-los impregnados daquela dramaticidade silenciosa, daquela grandeza ou miséria, daquela poesia ou angústia que tecem o destino humano. A presença das flores e dos animais, a lembrança da infância vivida na campanha gaúcha, o encontro com a vida real – de um realismo algo triste (em "Paixão e Morte do Molusco": "Apenas me parece que, às vezes, nos tornamos

fósseis depressa demais”) são os tons dessas três peças. O crítico Cleber Teixeira disse ser ela “Proustiana no ajuste de contas com a memória. Mansfildeana no clima e ambientação.”

Em suma, temos em Ieda Inda uma ficção do melhor quilate.

Goiânia, junho de 1974



## Monteiro Lobato – “núcleo de cometa”

**E**dgar Cavalheiro escreveu que Monteiro Lobato andou sempre adiantado, uns vinte ou trinta anos, à frente dos nossos problemas. Como fazendeiro, experimentou processos de mecanização avançados para a época. Como editor, inundou de livros um país que ainda não aprendera a ler e a amar os livros. Sobre o petróleo, o ferro e outros problemas políticos, falou verdades que até hoje são válidas e por ter tido coragem de dizê-las foi processado e preso. Sua obra foi de combate. Combateu com paixão, jogando nesse combate sua vida e seu gênio. Ele criou o tipo imortal do Jeca Tatu, é certo que um retrato caricatural, revelando a princípio, mais os traços exteriores, do que o drama profundo que se escondia sob o aspecto do homem do campo: o roceiro pobre, doente, preguiçoso, ignorante e esperto, sob a aparência de sonso. Contudo, *Urupês*, no fundo, não passava de uma advertência trágica, enérgica, desapiedada, mas necessária. A figura do Jeca Tatu abriu o debate sobre o homem do campo e sua condição.

Sem ter-se filiado ao grupo que desencadeou o movimento modernista no Brasil, Lobato foi um autêntico revolucionário: precursor da renovação estética, denunciador do marasmo por que passavam as nossas letras. *Urupês*, para Oswald de Andrade, pode ser considerado o primeiro manifesto modernista e o livro, coletânea de contos

aparecido em 1918, foi o “marco zero” da revolução modernista. Aliás, Lobato sempre foi um homem muito independente, avesso a grupos, jamais se prendeu a preconceitos e escolas. Em 1944, quando quiseram fazer dele um membro da Academia Brasileira de Letras, pelo processo novo de indicação espontânea, em certo trecho da carta de agradecimento e recusa, ao então presidente da ABL, ele escreveu: “... considero-me eleito – mas numa nova situação de academicismo: o acadêmico de fora, sentadinho na porta do Petit Trianon, com os olhares reverentes pousados no busto do fundador da casa e o nome dos dez signatários gravados indelevelmente em meu imo. Fico-me na soleira do vestibulo. Mal comportado que sou, reconheço o meu lugar. O bom comportamento lá de dentro me dá aflição...”

Rude, altivo, franco, às vezes azedo, e desiludido no fim da vida, estava (2) certa vez em um teatro, onde também se encontrava, instalado em seu camarote, Getúlio Vargas. O presidente mandou um oficial chamar o escritor. Lobato mandou dizer que a distância entre os dois era a mesma, que se Getúlio quisesse falar com ele que fosse até lá.

No que tange ao seu trabalho como editor, sabe-se que sua empreitada foi considerada, à época, obra de um louco. O Brasil não possuía, então, praticamente, um editor nacional. Não havia leitores, nem oficinas tipográficas e as livrarias não passavam de umas trinta. Os livros eram impressos na França e em Portugal e os raros daqui eram muito mal feitos. A Casa Alves especializava-se em obras didáticas ou lançava de vez em quando o livro de algum medalhão da Academia Brasileira de Letras. Lobato passou a escrever na *Revista do Brasil*, foi seu diretor e depois dono; importou máquinas tipográficas, imprimiu seus próprios livros e depois foi atrás dos moços, desengavetando e



publicando seus originais. Organizou uma eficiente rede de distribuição através dos assinantes e distribuidores da sua revista e chegou até a anunciar seus livros pelos jornais, o que provocou escândalo, porque naquele tempo livro era um objeto do Olimpo e não mercadoria vendável. Ele editou e soube vender, espalhou livros pelo país, de norte a sul. É verdade que sua empresa faliu, mas ele alargou as fronteiras do livro e criou para ele um comércio regular. Nesse sentido, até hoje o Brasil padece dos males do subdesenvolvimento cultural. Continuamos a não formar leitores e as tiragens de livros, com raras exceções são ainda insignificantes em relação à população. O livro brasileiro é caro e as bibliotecas são deficientes. Os escritores do interior do país sofrem os problemas do colonialismo do eixo Rio-São Paulo e da má distribuição do livro. O panorama não mudou muito da luta de Monteiro Lobato para cá.

Com respeito à sua obra para adulto, que o próprio escritor chamou de "Literatura Geral", ele foi sem dúvida um renovador: estilo novo, maneira original e pitoresca de contar, com o uso do linguajar brasileiro, domínio do assunto e da língua. Sua linha estética vinha contrapor-se à literatura bombástica, às ocas frases de efeito, à literatura de pastiche, a uma realidade falsa e ufanista, ao ranço e ao mofo. Werneck Sodré afirma que, do ponto de vista da construção, os contos de Lobato são deficientes e raíam muitas vezes os limites da anedota, ou não se completam – revelando um esforço porventura penoso do autor para lhes dar forma de ficção. Entretanto, o citado crítico reconhece que Lobato realiza uma alteração interessante, com seu horror ao solene, ao postiço, ao rebuscado. Dessa opinião não posso partilhar inteiramente, porque Lobato deixou uma obra vasta – artigos, crônicas, contos, correspondência – toda ela revolucionária. No conto,



legou-nos verdadeiras obras-primas e *Urupês* foi um marco, um indicador de rumos.

E como surgiu o criador de Emília e de toda essa constelação do reino encantado que é o Sítio do Picapau Amarelo?

Raquel de Queiroz viu no conto “Tragédia de um capão de pintos”, que figurava no livro *Cidades mortas*, os germes do futuro escritor infantil. Escrever para criança foi coisa (3) em que Lobato jamais pensara, durante o aprendizado de escritor. Uma tarde em que jogava xadrez, ele ouviu uma pequena história – a do peixinho que desaprendera de nadar e por isso morrera afogado. A idéia ficou em sua cabeça. Não conseguiu mais prestar atenção ao jogo. E não sossegou enquanto não escreveu a “História do peixinho que morrera afogado”. Parece que foi esse o toque mágico. A mente do genial escritor voltou-se para a infância e daí nasceram as histórias e personagens que vieram revolucionar a Literatura Infantil no Brasil.

Surgiu um mestre que, sem nenhum exagero ou excesso de admiração de nossa parte, continua insuperável, apesar de contarmos com excelentes escritores para crianças, na atualidade.

Em nosso país, até a época do surgimento de Monteiro Lobato, as crianças praticamente não tinham o que ler. Não havia mais que os livros europeus, quase sempre traduzidos em Portugal, caros e raros, ou os insossos e descoloridos livros didáticos. As nossas crianças esperavam por um milagre. *A menina do narizinho arrebitado* surgiu em 1921 e fez um sucesso sem precedentes. E por quê? A causa da acolhida pode ser assim resumida: linguagem objetiva, vivacidade dos personagens, perfeita sintonia do real com o maravilhoso, o colorido brasileiro das histórias. “Tudo é direito, preciso. Nada de rodeios inúteis ou de retórica pedante. As coisas possuem seus

nomes próprios e o autor tem sempre o bom gosto de não os mudar para outros mais bonitos. Fogo é fogo mesmo e não lume. O sol jamais surgiu xingado de astro-rei. E a lua, para todos os efeitos, aparece como lua mesmo e não como astro argênteo..." (3).

Essa preocupação de renovar, que era quase uma obsessão em Monteiro Lobato, está na boca dos próprios personagens dessa obra-prima que é *Reinações de Narizinho*. Nele, o Pequeno Polegar foge das páginas do livro de Dona Carochinha e vai se esconder no Palácio do Príncipe Escamado, no Reino das Águas Claras. Dona Carochinha, furiosa da vida, vai capturar seu pequeno personagem fujão. Lá, topa com Narizinho, que indaga da velha a causa da fuga, ao que ela responde: "Não sei, mas tenho notado que muitos dos personagens de minhas histórias já andam aborrecidos de viverem toda a vida presos dentro delas. Querem novidade! Falam em correr o mundo a fim de se meterem em novas aventuras. Aladim queixa-se de que sua lâmpada maravilhosa anda enferrujada. A Bela Adormecida tem vontade de espetar o dedo noutra roca para dormir outros cem anos. O Gato de Botas brigou com o Marquês de Carabas e quer ir para os Estados Unidos visitar o Gato Félix. Branca de Neve vive falando em tingir os cabelos de preto e botar ruge na cara. Andam todos revoltados, dando-me um trabalhão para contê-los. Mas o pior é que ameaçam fugir, e o Pequeno Polegar já deu o exemplo".

O Sítio do picapau amarelo é um mundo mágico, onde as crianças brincam sem terror e repressão, convivendo com o real e o maravilhoso, aprendendo e divertindo-se; encontrando-se com os personagens das histórias clássicas, com os heróis gregos, com as figuras mitológicas de todos os tempos, que o engenho e arte da imaginação humana criou. No sítio(1) Lobato criou uma constelação



familiar *sui generis*, a única talvez na qual seria possível, sem parecer forçado, aquele relacionamento ideal, livre das naturais tensões que existem na família normal. Narizinho e Pedrinho são primos e seu encontro não é uma rotina mas uma festa permanente. Os adultos não pressionam nem atrapalham, porque a autoridade no Sítio não é o pai nem a mãe, e sim, a avó. Dona Benta é culta, sensata, enérgica, mas compreensiva; realista, porém topa a fantasia dos meninos e sua autoridade é aceita. Tia Nastácia é respeitada e a afeição entre ela e as crianças é mútua; o Visconde de Sabugosa é um boneco de sabugo, em quem é criticado o adulto pomposo e professoral. E Emília, por ser boneca, pode, sem maiores conseqüências, ser malcriada, egoísta, interesseira, esperta, mas é desculpada por ser inteligente, engraçada, marota. É um relacionamento sem tensões.

Da mesma forma, a preocupação de Monteiro Lobato com a renovação da linguagem, da maneira de dizer as coisas, é exercitada não apenas na elaboração de sua obra infantil. Ele quer transmitir essa preocupação aos pequenos e a coloca na fala de seus personagens. Narizinho pede à avó que leia um livro. Mas “Leia de seu modo, vovó!” E que modo era esse? A moda de Dona Benta ler era boa. Lia “diferente” dos livros. Como quase todos os livros para crianças que havia no Brasil eram muito sem graça, cheios de termos do tempo do onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto, em língua do Brasil atual. Onde estava, por exemplo, “lume”, há “fogo”, onde estava “lareira”, lia “fogão”. E sempre que dava com um “botou-o” ou “comeu-o” lia “botou ele”, “comeu ele” – e ficava tudo mais interessante”.

Outro fator de sucesso da obra infantil de Lobato é a destreza e o brilho com que ele soube trabalhar a questão



do real/maravilhoso. Sabe-se que na primeira versão do *Sítio*, por ser obra didática e que necessitava de uma explicação lógica para as coisas, os acontecimentos extraordinários foram um sonho de Narizinho. Ela sonhou as aventuras maravilhosas que aconteceram no Sítio. Despertou, estava tudo explicado. Essa necessidade de explicação foi eliminada nas versões posteriores. Lobato, penetrando cada vez mais o mundo da criança e a psicologia infantil, reescreveu as suas histórias, aperfeiçoou-as, refundiu-as até chegar na versão definitiva em que elas atingiram a unidade e a perfeição de hoje. Assim, no Sítio e outros reinos, não há limite de tempo e de espaço. Passa-se do real para o maravilhoso e vice-versa, com a maior naturalidade. A sua teoria do maravilhoso é também expressa por seus personagens. A certa altura, Pedrinho pergunta a Peter Pan, que está invisível: "...Mas onde é esse mundo das maravilhas?" Responde ele: "Em toda parte. Olhe, tenho aqui o mapa..." Depois continuou: "O mundo das maravilhas é velhíssimo. Começou a existir quando nasceu a primeira criança e há de existir enquanto houver um velho sobre a Terra". "É fácil ir lá?" Volta Pedrinho a perguntar. E o pequeno responde: "Facílimo ou impossível. Depende. Para quem possui imaginação, é facílimo."

Assim, sob o efeito ou não do "Pó de Pirlimpimpim" ou "Fechando os olhos com toda força", passavam do cotidiano ao "Estado de graça". De repente os meninos planejam arranjar o Sítio, para receberem numa festa, reis, rainhas, princesas, heróis e tudo acontece muito naturalmente, inclusive com Dona Benta e Tia Nastácia tomando parte das brincadeiras.

A obra lobatiana é um apelo à criatividade, à invenção, à imaginação. Alegre, divertida, bem humorada, realista, sincera, crítica, irônica por vezes. E encerra outro

traço importante: não tem nenhum intuito moralizador, nem apresenta o maniqueísmo que ainda em nossos dias se percebe na obra de alguns autores. Ela ensina, mas ensina divertindo. As matérias mais áridas e enjoadas tornam-se divertidas e facilmente assimiláveis pelas inteligências mirins.

Há algumas colocações negativas quanto à obra de Lobato. Uma delas seria o preconceito racial. Realmente, se se for analisar a obra sem compreender o universo do escritor – que foi um homem sincero e que tentou mostrar uma realidade sem escamoteações e sem hipocrisia – pode-se até chocar com certas passagens. No Sítio, em certa altura dos acontecimentos, quando as crianças e seus amigos fabulares esperavam por Dona Benta e Tia Nastácia para começar o espetáculo, Pedrinho informa a Narizinho que não sabe se tia Nastácia virá. Ela deve estar com vergonha, por ser preta. E quando Narizinho vai apresentá-la a seus ilustres convidados, ela diz: “Também apresento a princesa Nastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel, na barriga de um certo peixe. Então o encanto se quebrará e ela virará uma linda princesa loira.” A irreverente Emília escreve em suas memórias, referindo-se à Tia Nastácia: “Só não compreendo por que Deus fez uma criatura tão boa e prestimosa nascer preta como carvão.”

A meu ver, essa é apenas uma forma sincera de mostrar a realidade. Essas coisas não eram e não são ditas até hoje? Eu não acredito que o escritor endossasse o preconceito. Talvez fosse uma forma de chocar para denunciar. Lobato é, muitos vezes, incompreendido. Ele trata de um tema tabu, com abertura, com ironia e é interpretado como se fizesse a apologia de uma mazela social. Tia Nastácia, uma criatura ignorante nas letras, mas



de grande sabedoria de vida, respeitada pelas criaturinhas do Sítio, demonstrava ela própria que a cor não afasta, mas é a dimensão humana que aproxima. Martha, última filha sobrevivente de Monteiro Lobato, declarou recentemente que o pai não tinha preconceito. Chegou, certa vez, a receber em casa um jovem negro que pretendia tornar-se escritor. Convidou-o para jantar. A empregada da casa, que era preta, recusou-se a servir o jovem, alegando que ele devia reconhecer o seu lugar. A própria família se serviu e o moço jantou com eles. Não creio, pelo contexto da obra e pela coerência de suas idéias – embora descendente de uma aristocracia rural – que o escritor endossasse tais posturas.

Por outro lado, a obra de Lobato, em alguns de seus livros, é criticada por transmitir idéias perigosas às crianças. Emília, único personagem que foge dos padrões normais (é, como se sabe, a “voz” de Lobato dentro de sua obra), veicula idéias tais como o individualismo (reflexo das idéias filosóficas nietzchianas do autor), a vitória na vida pela esperteza, o ceticismo quanto à vida *post mortem* ou outras tais como “A verdade é uma mentira bem pregada” etc. Lobato, como bem assinala Nelly Novaes Coelho, zomba de tudo com seu radicalismo, tudo satiriza. Ele registra situações e realidades que existem, mas que nunca são ditas às crianças ou mesmo aos adultos. “A imprensa de hoje tem tratado do problema de uma História de povos e civilizações com passagens totalmente falsas e que são aceitas oficialmente e veiculadas há séculos”. A Literatura ou as Artes em geral, por mais que pretendam registrar a Verdade do Real... nunca se afastam do ideal a ser alcançado, como meta do aperfeiçoamento que a humanidade busca há milênios.” (4)

Entretanto, como afirma a citada Nelly Novaes Coelho, esse ceticismo ou descrença na condição humana,



esse niilismo não pesa na leitura e é mesmo neutralizado pela brejeirice, imaginação e graça com que a efabulação é inventada.

A despeito dessas questões – e o que mais importa – é que o universo lobatiano, com suas adoráveis criaturinhas, é amado pelas crianças brasileiras e por muitas outras do mundo. O Sítio do picapau amarelo é o paraíso onde a imaginação da criança se expande ao infinito. Monteiro Lobato chegou e revolucionou. Cumpre aos novos seguir a estrada por ele aberta e enriquecer a literatura infantil brasileira da atualidade de elementos e projetos que atendam às inspirações das crianças, numa sociedade violentamente transformada em suas múltiplas facetas.

E que a lição maior de Monteiro Lobato, nesse seu centenário, nos fique bem viva: “Nada de imitar, seja lá quem for. Temos de ser nós mesmos... Núcleo de cometa; não cauda. Puxar fila; não seguir.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BELINSKI, Tatiana apud ALMEIDA, Nelly Alves de. *A literatura infantil, história, teoria, análise*; das origens orientais até hoje. São Paulo: Quiron/ Brasília: INL, 1981.
2. CAMPOS, Martha Lobato. Monteiro Lobato, meu pai. *Manchete*, Rio de Janeiro, 27 mar. 1982. n. 1562.
3. CAVALHEIRO, Edgar. Vida e obra de Monteiro Lobato. In: LOBATO, J. B. Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1968. p. 3-59.
4. COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil, história, teoria, análise*: das origens orientais até hoje. São Paulo: Quiron/ Brasília: INL, 1981.
5. LOBATO, J. B. Monteiro. *Cidades mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

6. \_\_\_\_\_. *Memórias de Emília*. São Paulo: Brasiliense, 1978.
7. \_\_\_\_\_. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

Goiânia, 28 de março de 1982

## Nossa prosa enriquecida

**M**ilitando ainda muito jovem, desde os anos 60, no Grupo de Escritores Novos (GEN) e participando de três antologias, *Poemas do GEN*, *Antologia do conto goiano* e *Antologia do novo conto goiano*, só em 1974, no final do ano, lança Maria Helena Chein seu primeiro livro, *Do olhar e do querer*, uma coletânea de 14 contos, numa bem cuidada edição da Editora Oriente. A autora fez muito bem em amadurecer seu labor literário. Pois é patente nas Letras goianas a pressa em se publicar: a seara é abundante, mas os frutos bons são raros. O que se nota de um modo geral é a improvisação, a falta de maturidade, a falta de profundidade nas abordagens. Aliás, é um mal de que sofre o mundo moderno: a explosão bibliográfica, não apenas no terreno das letras, mas inclusive no campo científico. Publica-se muito, quase sempre sem se acrescentar nada.

Maria Helena trabalhou esses anos todos, pensou, pesou para nos trazer um livro de estréia seguro, consciente, sério. Estreou não apenas como uma promessa, mas como uma certeza. Por isso, há bastante equilíbrio no livro, todas as peças que o compõem apresentam um bom nível, o que nos deixa à vontade para dizer, sem nenhum favor: essa é uma escritora.

O que faz de seu livro um bom livro, é exatamente a faculdade que teve de extrair do cotidiano, das dores de cada dia, das glórias simples e inglórias dos anônimos, o



toque de vida e de dor tão bem delineado, tão feito de simplicidade, tão humano e ao mesmo tempo tão profundo, com uma visão pessoal isenta de sofisticacões, de ousadas inócuas, de investidas falsas.

Dela se poderia dizer o que se escreveu sobre a excelente contista de São Paulo, Maria Geralda do Amaral Mello, autora de *As três quedas do pássaro*: “A gente de Maria Helena é singela, não ostenta grandeza nenhuma; a sua aventura cotidiana de viver é despojada de grandes lances, a partir do próprio momento estético eleito e utilizado pela contista. São histórias de gente comum, sem nenhuma das convencionais posturas e inspirações importadas da arte estrangeira. São todos homens, mulheres, amores, crianças e só.”

Outro fato que me chamou a atenção (a bem da verdade, diga-se entre parêntesis, que não sou nenhuma filóloga, lingüista ou crítica literária – é este apenas o depoimento de uma irmã de ofício) é a linguagem bem cuidada e até de certa forma rica de invenções, o que aliás ficou bem demonstrado pela prefaciadora Nelly Alves de Almeida e que ao correr da leitura fui notando e anotando: “esbarrando-se em si mesmo”; “sei de cor tua dor, e não sabes que eu sei”; “e me encontro uma vez mais no desencontro de ti”; “a expectativa do nada cada vez maior”; “no entanto a ausência pode quebrar a felicidade em milhares de pedacinhos e nunca mais recompô-la”; “um nome nunca está suspenso no tempo”; “não precisa me entender, basta que me sinta”; “no abraço desajeitado, senti que eras novamente”; “então gemeu tão alto que ninguém escutou”; “novamente estou me vendo dentro de ti”.

Quanto ao enfoque do real nas suas peças, há muitos aspectos a serem estudados. Por exemplo, no conto “Amanhã depois das 8”, a autora trabalha o tema da libertação da mulher, a busca dos próprios caminhos, o rompi-

mento dos grilhões da sua subserviência às imposições da estrutura social estabelecida. A decisão firme da personagem, como que enunciando a nova posição da mulher conscientizada de sua própria condição, se faz naquela frase simples e tranqüila, sem lances folhetinescos, que encerra o conto: “Dizendo bom dia, Flávio, entras no apartamento que agora será teu mundo”.

Já em “Que dor meu filho”, há uma denúncia: a dos infelizes que sofrem esmagados pelas contingências da própria vida, sem dispor às vezes dos recursos mínimos que lhes permitam viver com dignidade. A caracterização da própria personagem denuncia seu mundo: “Feia demais, pobre demais e muito sofrida”. O enfoque pungente do relato atinge seu tom maior naquele ponto em que a mãe peregrina em postos de saúde, isolamentos, hospitais, à procura de seu filho – esse filho que era sua fortuna – até chegar à constatação final de que morrera, morrera como um indigente: “Ele estava lá, sabia disso, eu era uma alucinada, um diabo velho, com o peito estourando de dor.”

Um dos pontos altos do livro, a nosso ver, o conto “De como uma mulher burguesa (?) teve sua noite triste”, começa pelo título – burguesa com interrogação. Seria uma falsa burguesa, uma mulher tentando sê-lo ou uma mulher colocada em qualquer estrutura tentando esconder a dor e a humilhação da ausência do marido numa noite em que essa ausência pode “Quebrar a felicidade em mil pedacinhos e nunca mais recompô-la”? É um conto muito bem construído, que consegue, a partir da consciência da personagem, delinear o quadro de azáfama e expectativa em torno das comemorações da última noite do ano, com os preparativos todos, a chegada dos filhos, os minutos contados de um por um na espera do homem que ama, do chefe, do pai de seus filhos. Enfim a ceia posta e a verdade dolorosa: ele não vem. O conto se constrói com firmeza,





com excelente técnica, num crescendo de espera, de medo, de dor mesmo e aquele esforço todo para sustentar uma atmosfera de lar feliz, para cair numa realidade de dor inteira, com ela a querer gritar: "Sorriam, meus filhos, aleluia", e a quase suplicar "Não, meus filhos, não me olhem assim. Estou bem. Muito bem."

Quero referir-me ainda ao conto "Do cotidiano", que está construído com uma linguagem poética e com uma ternura tocantes. Nele a personagem vai montando para o leitor seu mundo cotidiano, seu dia-a-dia de atividades domésticas e de mãe, como limpar xixi, mas cujo pólo é seu homem, o homem que ama, seu rei. Um rei que tem uma coroa que às vezes pesa, mas que ela sabe tirar para aliviá-lo. Assim, ela fala desse homem: "...eu tive a idéia exata de você: sol...Ariel é o sol constante, onde meus dedos vão buscar ternura, onde meus pés procuram rumos, onde meu corpo se esquece de mim."

É um dos poucos contos onde o lirismo se sobrepõe ao realismo doloroso o que é uma tônica constante do livro. Porque no cômputo geral, Maria Helena mostra um mundo triste, em que as criaturas sofrem ora suas solidões, ora seus desencontros, ora as desumanas conseqüências do mecanismo de uma organização social quase sempre omissa e indiferente. Veja-se à página 92: "Estava pensando como tudo é triste"; à página 85: "Agora sinto a presença do indefinido, do vago rumor das loucuras vazias...Estou vendo o desalento, meus receios, a espera feita de enganos, a expectativa do nada cada vez maior"; à página 69: "É revolta mesmo. É ódio contra a vida. Tudo errado."

Assim, vou concluir as minhas notas afirmando que o livro de Maria Helena veio de fato enriquecer a prosa goiana e situar em sólido suporte mais um nome de mulher na cultura goiana.

Goiânia, abril de 1975



## Apresentação do livro *Minha estrela companheira*, de Ida Artiaga Moreno

**E**ra eu menina em minha terra natal, Hidrolândia, filha do numeroso clã dos Telles e dos Machados, quando lá chegaram Seu João Alves Moreno e Dona Ida Artiaga Moreno com seus três filhos pequenos. Eu brincava, então, nos grandes quintais com suas mangueiras, suas jabuticabeiras, os abacateiros, cajazeiros, as flores, o ar puro, os pássaros, um bando de primos, a nossa alegria, a fartura da mesa e os sonhos e fazia também os meus primeiros versos, enquanto o jovem casal se entrosava com a nossa e com as grandes famílias que naquele tempo ainda existiam pelo interior do estado.

Dona Ida teceu laços indestrutíveis de amizade.

Um dia, todos nós partimos de Hidrolândia. Cada um tomou seu rumo.

Eu cresci, fiz-me escritora. Mas a imagem desta senhora inteligente, viva, inquieta – como as belas lembranças de minha infância – jamais se apagou de minha mente. Hidrolândia é um elo de ligação entre nós. Hoje nos liga outro elo perene – o caminho das Letras. Foi com emoção que recebi D. Ida em minha casa, com o honroso e emocionante convite para apresentar esse livro de tão lindo título – *Minha estrela companheira*.

Antes de falar no livro que, segundo bem expressa José Mendonça Teles, “São crônicas, são memórias, todas

retratando um momento, um momento poético, sensível, histórico” – quero falar na mulher, na autora.

Lamento que a vida nos tenha distanciado tanto, que não pudesse ter havido uma convivência mais estreita entre nós para a troca de idéias e enriquecimento mútuo. Lamento-o, sobretudo depois de ter formado um retrato de D. Ida através da leitura de *Minha estrela companheira* – o retrato de uma mulher valente, questionadora, inquieta e, de certa forma, pioneira, que eu confesso, desconhecia.

Ainda bem que, em plena maturidade, deu-nos seu primeiro livro, registro lírico, observador, inclusive até com dados históricos – de sua caminhada ativa pela existência. Como Pedro Nava, como Cora Coralina, só após cumprir determinadas missões, a vida deu-lhe tempo e condições de dar o seu testemunho escrito de tudo o que viveu, viu, observou e reteve na memória. E, segundo confessou em nosso breve e recente encontro, não vai parar só no livro de estréia. Pretende continuar. Faço votos para que isso aconteça.

Falemos, pois, em síntese, da vida da autora.

Ida nasceu em Inhumas. É filha de Joaquim Raimundo de Lima e de Carolina Artiaga Lima. Aliás, ela narra em páginas interessantes o casamento de seus pais, no capítulo “Processo Social de Acomodação”. Estudou na antiga Goiabeira, depois em Goiás Velho. Na capital do Estado de Goiás, ainda muito jovem, trabalhou como revisora, foi cronista, participou de movimentos estudantis reivindicatórios, entrosou com mulheres independentes e pioneiras do movimento de libertação feminina, enfim levou uma vida de participação, busca e inquietação. Transferiu-se para Goiânia nos primórdios de sua fundação, aqui casando-se com João Alves Moreno. Em 1951 foi nomeada funcionária da Secretaria da Educação, tendo exercido vários cargos de chefia e funções de confiança.



Fez estágio no INEP, no Rio de Janeiro e foi vereadora na cidade de Aruanã. Teve em sua vida um interregno de mais de uma década, quando se dedicou exclusivamente às lides domésticas. Aposentando-se em 1971, filhos criados e bem sucedidos, ela pôde dedicar-se, então, àquilo que talvez tenha sido uma das metas prioritárias de sua vida – a de escrever – já que, desde os tempos de estudante, fora elogiada pelo seu talento e, ainda, por pertencer a uma família de políticos e de intelectuais.

Quanto ao livro – *Minha estrela companheira* – que hoje D. Ida entrega ao público, tenho a observar, em primeiro lugar, seu estilo vivo e agradável, os capítulos curtos, a sua qualidade de observadora arguta, às vezes gaiata, às vezes lírica; ora imaginosa, ora emocionada. Creio, sinceramente, que sua pena se afinaria com o exercício constante e contínuo do ato de escrever, pois só a constância no ofício, a experiência sempre renovada na carpintaria do texto é que leva ao aperfeiçoamento desejado.

Entretanto, há um aspecto em seu livro que me interessou particularmente, pois pretendo ser uma estudiosa da participação feminina na cultura em Goiás: a percepção aguda e inconformada da condição da goiana e brasileira, desde a juventude da autora, o que é uma atitude absolutamente pioneira e corajosa. Ela nos relata, à página 82 de seu livro, que publicara no jornal *O Estado de Goiaz* o artigo “A triste realidade da mulher brasileira” – o que levou seu irmão Getulino Artiaga a dizer que ela ainda ia parar atrás das grades por causa de suas idéias. Relegadas, às mulheres restava a participação acanhada na vida social, limitando-se a atuar, anonimamente, nas campanhas beneficentes. Quanto à vida intelectual, diz ela, a pena feminina escrevia crônicas amenas, poesias descomprometidas, sempre pairando à superfície dos temas, sem nunca



aprofundá-los. Quando recorda que, aos dezesseis anos, conheceu na Velha Capital uma equipe de pioneiras que batalhava pela emancipação da mulher (Consuelo Caiado, Maria Péclat e Angélica dos Reis Gonçalves) – ela escreve: “Vivíamos num regime machista, no qual a mulher era relegada a um segundo plano e vivia confinada entre as quatro paredes de uma casa, uma espécie de muralha que a separava do mundo, num processo de submissão e até mesmo de sublimação, sendo máquina-mulher, máquina-mãe, máquina-tudo, antes mesmo de ser humana”. “A mulher”, continua ela, “obedecendo às tradições impostas por essa mesma sociedade, anula seus próprios valores aceitando, conscientemente, essa cumplicidade no processo de sua desvalorização”. Ela se refere ainda ao orgulho com que recebeu o seu título de eleitora e votou pela primeira vez, considerando esse um marco histórico na própria marcha da civilização.

Essas são idéias precursoras de uma jovem profundamente inteligente e de uma mulher lutadora, madura, experiente, vivida e comprometida com a condição de suas companheiras, condição que aliás, não mudou o suficiente para que a mulher ocupe os espaços que lhe são devidos no mundo atual, sobretudo em Goiás.

Outro fato que me chamou a atenção – também relatado nas páginas do livro – é a sua saída de casa, na Velha Capital, deixando a tranquilidade e a segurança do lar para procurar trabalho em outras cidades do interior goiano. Esse fato deve ter causado assombro naquela época, década de 1930. Assim, em toda sua trajetória de vida, ela se revelou uma pessoa realista, independente, inconformada com o *status quo* reinante. Era também impulsiva, contraditória, achando, às vezes, a vida insípida.

Isso, certamente, porque ela procurava algo além, muito além.

Quanto às suas qualidades de narradora, ademais do que já afirmei, devo registrar que dois capítulos, sobretudo, chamaram-me a atenção. O primeiro deles, é aquele em que fala de seus problemas com a matemática. À véspera de uma prova, ela viu uma “ciranda alucinatória” de números, revoada de pequenos insetos bailando no teto, insetos virando números, números se transformando em fantasmas. É um texto bastante original, que só poderia ter saído da pena de uma pessoa que tem talento.

O outro capítulo que me tocou foi aquele que dá nome ao livro, “Minha estrela companheira”, já pelo tema – que é a partida da mãe – já pela maneira segura com que narra o acontecimento, já pela poética e dolorosa emoção do pai, comparando a partida da companheira ao apagar de uma estrela no céu. É um texto de intensa beleza.

Assim, querida amiga e prezada colega – que inicia com esse livro a trajetória no caminho das letras – eu a cumprimento, estendendo as minhas felicitações ao Sr. Moreno, aos filhos e aos demais familiares. Saúdo a chegada de *Minha estrela companheira*.

Que a luz dessa estrela ilumine a sua mente, o seu coração e o seu caminho para que ele seja sempre fecundo, rico, inovador, como foi e é a sua vida!

## Guimarães Rosa (1908-1967)

**G**uimarães Rosa morreu. Sua voz se calou, na plenitude da criação. Nome maior das letras brasileiras, talvez nenhum outro, depois de Machado de Assis, tenha atingido tais culminâncias. No prefácio de *Tutaméia* escrevera: “Quando conseguir vencer um pouco mais em mim esse medo miúdo da morte”, que soou como prenúncio incômodo pois silenciou de repente, não resistindo às emoções da posse na Academia Brasileira de Letras, conforme as notícias. Sua glória era muito maior que a de vestir um fardão da Casa dos Imortais. A glória seria dela, Academia. Muito retraído e recolhido em seu mundo, pouco se sabia de sua vida íntima. Fugia da imprensa “Mais do que com unhas e dentes. Unhas e tridentes. Com quentes e frios”. Seria um místico? Um religioso? Um vidente? Quando ia trabalhar gostava de ouvir uma peça de Luiz Gonzaga, uma toada de Tonico e Tinoco. “É preciso ambiente. Chamar os cablocos, eles baixam. À ‘Buriti’ (*Noites do sertão*) quase inteira ‘assisti’, em 1948, num sonho duas noites repetido. ‘Conversa de bois’ (*Sagarana*) recebi-a em amanhecer de sábado, substituindo-se a penosa versão diversa apenas também sobre viagem de carro de bois e que eu considerava como definitiva ao ir dormir na sexta. ‘A terceira margem do rio’ (*Primeiras estórias*), veio-me, na rua, em inspiração pronta



e brusca, tão 'de fora' que instintivamente levantei as mãos para pegá-la como se fosse uma bola vinda ao gol e eu o goleiro. 'Campo Geral' ('Manuelzão e Miguilim') foi caindo já feita no papel, quando eu brincava com a máquina, por preguiça ou receio de começar de fato um conto, para o qual só soubesse um menino morador à borda da mata e duas ou três caçadas de tamanduá e tatus; entretanto, logo se moveu e apertou, e, chegada ao fim, espantou-me a simetria e ligação de suas partes. *Grande sertão: veredas*, forte coisa e comprida demais seria tentar fazer crer como foi ditado, sustentado e protegido por forças ou correntes muito estranhas".

Mas ele, segundo confessa, desvenda-se nos livros, "Ali é que está o miolo".

Guimarães Rosa criou um maravilhoso universo, extraído dos gerais, onde vivem seus vaqueiros; seus animais; seus jagunços; a poesia; o esplendor da vida; as cores brasileiras; os ditos do povo; as crendices; os mitos; Deus; o diabo. Mundo do faz-de-conta, da magia, do alumbramento.

Escritor discutidíssimo, há em torno de seus livros as mais acesas polêmicas. Uns o acham difícil, mas reconhecem na sua obra o fator lingüístico. Outros o olham como regionalista. Ambas as correntes, escreveu um estudioso, se dissociaram da universalidade ontológica que informava a fala e o viver primitivo do sertanejo mineiro. Guimarães Rosa não é apenas o mago da palavra (alterando-as, juntando-as, ressuscitando-as, prenhes de significado e de valor expressivo). É muito mais. "Atrás da experiência lingüística atrevida, aparentemente anárquica e muito brasileira, palpita uma verdade humana válida em qualquer latitude".

Maria Luisa Ramos, estudando o elemento poético em *Grande sertão: veredas*, assinala que um dos recursos de

que Guimarães Rosa lança mão é o som, mas não é apenas o som um dos elementos intrínsecos de sua prosa. Os fonemas se combinam em vocábulos compreendidos em várias classes gramaticais e os próprios vocábulos se harmonizam em unidade de sentido. Houve nele a estilização da língua, a dinamização da linguagem de maneira a poder cumprir sua finalidade poética. E a mesma autora arrola diversos exemplos: “o fechabrir de olhos”; “o homem foi avontadeando”; “a brumalva do amanha-cer”; “nonada”; “a bala beijaflorou”; “soldados aiando gritos”; “homem ossoso”; “enchente temposa”; “noitou”; “o senhor mire veja”; “fui ver o madrugara manhã”. Há uma riqueza inesgotável de linguagem figurada, umas concretas, sensoriais: “estaquei na porta do pensamento”; outras antitéticas: “ele não largava o fogo de gelo daquela idéia”; “proseava gentil sobre as sérias imoralidades”. Há imagens de grande força poética, essa poesia tão rica, tão comovente em toda a obra: “Diadorim, minha neblina”, os bandos de arara no ar “pareciam um pano azul ou vermelho, desenrolado nos lombos do vento quente”; “tempo instante que empurrou morros para passar”. Ele inventa imagens para fugir dos lugares-comuns: “Lua de com ela se cunhar dinheiro”, por lua de prata; “sentei em cima do nada”, por fiquei no ar.

O professor Wilton Cardoso assinala o conto “O burrinho pedrês” em que Guimarães Rosa terá levado ao máximo o aproveitamento estilístico da sonoridade das palavras. Extrai um texto, em que a seleção de palavras transmite nitidamente a impressão de uma boiada enfileirada, logo seguido de outra seqüência de palavras, prosa desmontável em versos de cinco sílabas, que reproduz a visão de uma boiada começando a se movimentar para a marcha: “falhudos, gaiolos, estrelas, espácios, combucos; cubetos; lobunos; lompardos, caldeiros”...etc.;



e o outro: “As ancas balançavam e as vagas do dorso, das vacas e touros, batendo com as caudas, mugindo no meio”...etc.

Mas em Guimarães Rosa não é a linguagem que se acomoda à realidade, mas a realidade que se transforma em linguagem. O artista não é o que conta, é o que faz.

*Grande sertão: veredas*, uma obra-prima, é estruturado à Joyce, no *Ulysses*: a narrativa de Riobaldo é um processo de inovação, em que os acontecimentos da vida pretérita não defluem, coerente e cronologicamente. Arrumam-se justapostos a incidências presentes, vão e voltam sem obediência ao imperativo do tempo. É como um rio, comparou alguém, cheio de meandros, despencando por precipícios, sumindo-se reaparecendo. De par com a beleza poética, com o deslumbramento da linguagem, há as figuras humanas ricas e profundas que não se consegue esquecer jamais. É Riobaldo, o jagunço inteligente e filósofo que cheio de admiração e respeito pelo doutor, um possível interlocutor, narra os episódios de sua vida. É Diadorim, de porte épico e gentil, figura mítica que ora é um menino de olhos bonitos, ora cabra dos mais valentes do bando e no fim revela-se mulher.

Ao ler a obra de Guimarães Rosa, na qual sou apenas iniciada, confesso, experimentei um sentimento de alegria, comoção, estonteamento. Talvez seja explicável por aquele aspecto que possui e que foi tão bem demonstrado por Henriqueta Lisboa, nestes termos: há uma aura de tresloucada candura ao longo de suas páginas as mais realistas. A alegria inexplicável das coisas amanhecidas, a descoberta da natureza, o despontar do pensamento através de palavras anteriores à lógica, a trepidação do diálogo, o fluxo e refluxo dos monólogos, o jogo de metáforas, a própria filosofia matreira dos primitivos, personagens de sua dilação, os quais devem o que pensam



ao que vêem, tocam e degustam as fontes ocultas no magma em potencial, o bárbaro e o primevo, tudo isso remonta à infância do autor, tudo isso demonstra a sua faculdade de prolongar a infância. De fato, o mundo de Guimarães Rosa, o mundo do faz-de-conta, é muito lírico, rico de fabulação e de humanidade.

Afirmou-se que quando o autor de “Manuelzão e Miguilim” começou a escrever não estava pensando em realizar obras monumentais. Sua obra é um monumento, a despeito de. Ele não terá dito como Horácio: *Exegi monumentum aere perennius... non omnis moriar*. Ele não morreu. Ficou encantado.

## Breve estudo sobre o Naturalismo: Prosa

### NATURALISMO: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E CARACTERÍSTICAS. NATURALISMO E REALISMO

**C**om as descobertas científicas e a conseqüente Revolução Industrial, com a formulação de novas concepções filosóficas e científicas, com o vislumbrar de um mundo novo calcado sobre a deterioração das velhas estruturas, a segunda metade do século XIX veria o nascer de um movimento estético acorde com a nova visão: o Realismo.

O delírio da personalidade, o egocentrismo literário, o subjetivismo empírico, o primado da fantasia e da imaginação – pilastras do Romantismo – tornaram-se incabíveis em tal mundo. O positivismo de Comte, o determinismo de Taine, as idéias fisiológicas de Claud Bernard, introduziram nova maneira de ver a realidade: não a entrevista através de um ideal (classicismo) ou a criada pela emoção (romantismo), mas a realidade positiva, como ela é. O indivíduo deixou de ser a medida de todas as coisas, subordinando-se à vontade do meio físico e psicológico. Criar contemporaneamente com a verdade, repelir a monumentalidade retórica, trabalhar à luz da ciência, documentar, eis o que ordenavam os novos comandos. Assim é que o mundo viu nascer as obras de

Flaubert, Balzac, Stendhal, Anatole France, Dickens, G. Elliot, Dostoievski, Turgueniev, Gogol, Schopenhauer e outros.

O Naturalismo seria uma das modalidades do Realismo ou o Realismo levado às suas últimas conseqüências.

Na França, Zola escreve o romance experimental (*Germinal*, *Besta humana*, *Nana* etc.) obedecendo a um plano de estudos. Em Portugal, Teixeira de Queiroz escreve a *Comédia burguesa*, em que pretende fazer estudos fisiológicos e sociais da classe dominante. Abel Botelho, em sua obra *Patologia social* enfeixa os tipos mais abjetos e sórdidos da sociedade.

São, pois, características do Naturalismo:

- a) subordinação da criação às leis biológicas e fisiológicas;
- b) preferência por temas de natureza patológica; focaliza a ralé, a escória humana, pois quer retratar objetivamente o homem natural;
- c) uso de linguagem simples, direta, coloquial, e até vulgar, quando necessário;
- d) intenção clara e determinada de imprimir à literatura cunho científico;
- e) tendência reformadora – denúncia dos fatos negativos visando reforma;
- f) amoralismo – o que interessa para a literatura é o ato em si, sem indagações morais;
- g) criação do romance documental.

O Naturalismo, como assinala Werneck Sodré, escolheu a realidade como mero observador, sem descer-lhe à essência, como se ela fosse estática. Daí decaindo para o excepcional, para o isolado, para o extremo, para o arbitrário. Acaba por fixar-se no patológico, nos tipos



descomedidos, no ébrio, no criminoso, na histeria, no anormal, como se esses seres espelhassem o conjunto.

Quanto à linha demarcatória entre Realismo e Naturalismo, se é que ela existe, Massaud Moisés marcou os seguintes pontos:

a) ambos partiram dos mesmos postulados filosóficos, mas o Naturalismo foi ao extremo e nessa extremação se perdeu.

b) cronologicamente, o romance realista surgiu primeiro.

c) o Realismo vê a realidade esteticamente; o Naturalismo cientificamente. O Realista vê de longe (com binóculo e luva como se tivesse medo ou asco da feia realidade). O Naturalista penetra na intimidade. Por exemplo, nas cenas de adultério: o realista fecha as cortinas, o naturalista abre-as e dá detalhes. Por outro lado, o adultério para o Realismo é consequência de causas educacionais e morais (vício social, convenções); para o Naturalismo, de distúrbios fisiológicos e nervosos.

## NATURALISMO NO BRASIL

Lúcia Miguel Pereira assinala que o Naturalismo no Brasil chega tarde, só quando Zola e Eça faziam retumbante sucesso na Europa. Para se fazer uma idéia, basta notar que quando Flaubert entregava ao público *Madame Bovary*, os leitores brasileiros vibravam com o aparecimento de *O Guarany*, de José de Alencar. Isso não é de se espantar, sempre estivemos atrasados! De par com esse atraso, a mesma autora e outros, assinalam que o Naturalismo veio-nos (como outras escolas e modelos importados) não como uma solicitação do meio, mas como imitação dos modelos europeus. O problema europeu era

bem diferente do nosso. A Revolução Industrial provocara na Europa a derrocada das velhas instituições, a diluição de valores até então estabelecidos. O ambiente era de conflito, burguesia *versus* proletariado. Nós, sem revolução industrial, não saímos de nossa velha e superada estrutura colonial. O nosso meio achava-se despreparado para receber e compreender as manifestações da nova escola. Nele calhava muito melhor a fórmula romântica. Por isso o nosso Naturalismo apresenta aquele caráter híbrido: cenas naturalistas ao lado de lampejos românticos. Ao lado disso, é válido como reconstituídor de nossos costumes. É nisso que ele se salva e salva-se pelo que não é específico no Naturalismo. O Naturalismo brasileiro durou pouco e representou em nossas letras mero episódio.

Costuma-se colocar no rol dos naturalistas brasileiros: Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Júlio Ribeiro, Raul Pompéia, Inglês de Souza, Domingos Olímpio, Adolfo Caminha.

Machado de Assis, a nosso ver, não pode ser filiado ao Naturalismo (embora tenha passagens em seus livros nitidamente naturalistas, como em *Brás Cubas*), pois foi mais um psicólogo, um inventor, acima de sistemas e esquemas ou correntes literárias. Raul Pompéia, foi mais um realista. Júlio Ribeiro apenas conservou os vícios da estética naturalista sem nunca transcendê-la. Os demais naturalistas apegaram-se aos casos de alcova e às descrições escabrosas, apresentando, ao invés de quadros penetrantes da realidade social, criaturas governadas por instintos depravados. O legítimo representante deste movimento nas letras nacionais é Aluísio Azevedo.



## ALUÍSIO AZEVEDO E SUA OBRA

Aluísio Azevedo nasceu em São Luís do Maranhão em 1858 e morreu em Buenos Aires 1913. Foi professor, jornalista, funcionário público, caricaturista, gerente de casa comercial, diplomata. Sua obra é vasta: *Uma lágrima de mulher* (1879); *O mulato* (1881); *Memórias de um condenado* (1882), que mais tarde sairá com o título *Condessa Vésper*; *Mistério da Tijuca* (1882); *Casa de pensão* (1884); *O coruja* (1884); *Filomena Borges*; *O homem* (1887); *O cortiço* (1890); *A mortalha de Alzira*; *O livro de uma Sogra* (1895); *Demônios e Pegadas* (contos).

Aluísio Azevedo começou como romântico, no pior estilo folhetinesco, depois descambou para o Naturalismo, no livro publicado no ano seguinte, *O mulato*. Como se vê, sua pena foi abundante. Ele escrevia para viver, por isso produziu romances ruins. Mas basta que tenha escrito *O cortiço*, para que seu lugar na literatura brasileira estivesse garantido.

Aluísio Azevedo escrevera num artigo publicado em *A semana* que pretendia fazer sua obra de ficção tentando pintar cinco épocas distintas, durante as quais o Brasil se vai transformando, até chegar ou a um completo desmoronamento político e social ou a uma regeneração de costumes imposta pela revolução. Enumerou os tipos: o vendeiro amancebado com a preta, o capadócio, a capoeira, o portugês enriquecido, os egressos do cortiço, os mestiços em vias de galgar posições, assumir o governo e consolidar o espírito nacional.

Embora não tivesse seguido os métodos de Zola com meticulosidade científica, seu plano revela a preocupação de ser fiel à realidade, de pô-la em evidência, explicando-a mediante as influências do meio e da hereditariedade. Como mostra Werneck Sodré, Aluísio Azevedo foi um



ficcionista desigual, com grandezas e trivialidades e ao lado da crueza realista, coloca as fantasias românticas. Em *Casa de pensão*, o mais equilibrado de seus livros, procura fazer a colocação de todos os postulados naturalistas: a teoria de Charcot se configura numa personagem feminina, cujos ataques histéricos são de natureza fisiológica e o casamento há de curá-la; Raimundo fatalmente sofre de reumatismo, porque foi amamentado por uma ama portadora desse mal; o mesmo Raimundo possuía uma personalidade deformada porque teve uma má educação. Há um momento cru e nauseante no livro, quando um hóspede tísico, agoniza na casa: seu aspecto físico é descrito, seu desespero, a tosse, as hemoptises, no melhor estilo naturalista. Entretanto as maiores qualidades de A. A. estão reunidas em *O cortiço*, quer pela estrutura do romance, quer pela linguagem, quer pelas descrições, quer pela pintura dos quadros. Realizando *O cortiço*, o autor enfoca um drama social do Segundo Império. É um romance urbano e tipicamente carioca. Nessa habitação coletiva, o cortiço cheio de misérias materiais e morais, refugiam-se os vencidos, ou os que esperam vencer, os párias da sociedade; no meio da promiscuidade há alguém que dança e que promove os “fandangos” dos fins de semana, há alguém que defende a honra de uma filha e espera vê-la sair daí; desfilam dezenas de personagens, uns em primeiro plano, outros em segundo, outros insignificantes. Aí topamos com João Romão, personagem de relevo, português que anda de camisa riscadinha e tamancos, que trabalha noite e dia, rouba o quanto pode, usa de expedientes escusos para fazer sua fortuna – é o dono do cortiço; o Miranda, comerciante rico, vende por atacado e sonha com o baronato que há de comprar da Coroa Portuguesa (mora num sobrado ao lado do cortiço); Rita Baiana, a mulata, que dança com a força do sangue tropical e por quem lutas e sangue haverá; Firmo, capadó-

cio, amante de Rita, esperto, vivo, janota; Jerônimo, que aos poucos vai perdendo a austeridade e a tenacidade da raça lusa, amolecendo-se e se rendendo à força da vivência tropical; D. Isabel, portuguesa, viúva, arruinada e infeliz de morar ali, e sua filha Pombinha, flor do cortiço e candidata a prostituta; Leonie, a cocote (meretriz), que nutre por Pombinha um amor duvidoso; Seu Libório, o judeu miserável; Albino, moço de modos e profissão de mulher; e as lavadeiras. Com essa variedade de personagens, movimentando-se, vivendo com muita força e quase sempre com muita dor, formando um todo, constituindo uma unidade, o grande personagem é o próprio cortiço. No tocante à criação de tipos, observa-se que Aluísio Azevedo não foi profundo na análise psicológica. As criaturas são vistas de fora, por suas ações. Por outro lado, no episódio do encontro de dois cortiços rivais, ele demonstra conhecimento da psicologia de massas. Quanto à linguagem, seu diálogo, é rápido, conciso, sugestivo. A rapidez e a densidade, são também qualidades da ação, o que o aproxima da linguagem teatral. Logo nas primeiras páginas de *O cortiço*, o leitor toma conhecimento do passado, do presente e das aspirações de João Romão. E, por fim, o romance termina com um trágico e forte traço romântico – a paixão abolicionista, quando a escrava Bertoleza rasga o ventre para não tornar à escravidão, ludibriada que foi por João Romão, após ter sido sua companheira e de certa forma escrava por uma vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*.

\_\_\_\_\_. *Casa de pensão*.

\_\_\_\_\_. *O mulato*.

CARVALHO, Ronald. *Pequena história da literatura brasileira*.

GOMES, Eugênio. *Aspectos do romance brasileiro*. Salvador: Progresso, 1958.

TAVARES, Ênio. *Teoria da literatura*. Belo Horizonte: B. Alvares, 1966.

WERNECK SODRÉ, N. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1964.

Goiânia, junho de 1968



## Notas sobre *Aparição*

"Tu vives adormecido nesta quietude da terra e no fundo não sabes que és mortal".

VIRGÍLIO FERREIRA

**A** *parição*, do escritor português Virgílio Ferreira, é um romance no qual se procura, sobretudo, configurar o problema da vida e da morte e seu paradoxo; a consciência do ser e do próprio eu, com toda a dramaticidade humana e densidade problemática que semelhante incursão envolve. Não há propriamente entrecho ao sabor do romance tradicional. Nesse ponto é profundamente inovador. Montado nessa técnica nova, resultado de pesquisas e experiências, apanha momentos significativos da trajetória existencial de determinadas criaturas, quando então se debatem os problemas acima referidos. Não há o personagem importante. Há seres que vivem o quotidiano, que pensam e que sofrem e por isso existem. Alberto Soares, o professor do Liceu, narra na primeira pessoa do singular e é o elemento ligador dos fios daquelas vidas, no plano do romance. Sofia é ébria de existência, sente na plenitude a vertigem da vida, e sua morte é violenta: morre assassinada. Cristina é suave e silenciosa. Morre cedo e tragicamente. Ana é bela e angustiada, mas por fim se recolhe no misticismo e na entrega ao amor do marido, para fugir ao questionamento metafísico. Carolino, ou o Bexiguinha, possuiu-se do desvairo na busca da consciência de si, dos seres e das coisas. "Havia nele uma inquietante separação de si não se sabe se para um encontro lúcido consigo mes-

mo ou para uma união de loucura". Atingiu a loucura. Outros passam pelas páginas de *Aparição* com uma presença menos intensa. O Moura é o pai das figuras femininas apontadas. O Chico é um amigo "Quadrado homem de ferro e de cimento", que ironiza as buscas filosóficas e as angústias do professor, que tenta resolver seus problemas filosóficos. Alfredo, rústico e inculto fazendeiro, é nobre e digno na consciência de suas limitações, é o marido de Ana. O pai do professor se presentifica através de sua morte, que é longamente meditada, e a mãe, através de sua solidão e de sua dor de viúva. Há ainda os irmãos que aparecem em cenas familiares, quando o professor vai estabelecer o contato com os seus, e algum outro aparecimento inexpressivo.

Em *Aparição* não há tempo: fixa momentos no infinito. Ontem, agora, amanhã, fatos. Os problemas filosóficos começam desde a primeira página, e é o professor que os levanta, e é dele que as idéias saem para contaminar aqueles com quem se relaciona. Logo de início ele propõe: "Tento descobrir a face última das coisas e ler aí a minha verdade perfeita". Procura atingir a totalização de si próprio, a consciência das coisas que o rodeiam: "Os astros, a terra, esta sala, são uma necessidade, existem, mas é através de mim que se instalam na vida..."

É em Évora que o professor inicia sua carreira. Aliás, Évora não escapa à crítica: "Cidade absurda, reacionária, empanturrada de ignorância e de soberba; qualquer iniciativa cultural é logo abafada de desprezo e de banha; o peso da Idade Média enegrecia ainda as almas".

Mas é em Évora que se instala, é aí que se constitui o seu núcleo de relacionamento humano, é aí que transmite suas idéias: ajustar a vida à morte; achar e ver a harmonia de ambas; achá-la depois de se saber bem o que é uma e outra, depois de se encadear na sua iluminação.



O romance todo é a procura da justificação da vida em face da inverossimilhança da morte. O estarrecimento diante dos que se foram e dos que estão indo. A ausência que não se justifica. A presença que ainda é. O pai morre à mesa, quando todos celebravam em banquete festivo a vindima, como era costume. A memória do pai não se desfaz: "Ouço para lá dos teus lábios cerrados a tua palavra grave, vejo as tuas mãos erguerem-se, povoadas de um gesto que era teu. Agora ainda vives para mim porque te sei". E o professor continua a examinar as várias facetas da morte: quando o pobre campônio enforca-se deixando oito filhos, porque já não tinha uma boa mão para semear; ou quando Carolino mata a galinha, "Eu fui-me aproximando, Carolino, imóvel, seguiu ainda a galinha suspensa. E olhava fascinado, olhava-lhe o bico, donde o sangue pingava, olhava-lhe as penas da asa que segurava, toda aberta em leque, a outra asa descaída, as patas negras com anéis de ruga e os dedos unidos"; ainda quando Cristina, após um desastre trágico, agoniza no hospital: "À luz frouxa da lâmpada que rezava ao pé de ti, vi-te enfim a face branca coroada de ouro".

Essa preocupação do existir é latente no professor desde muito cedo. Em criança, pergunta ao pai: "Mas eu, o que é que eu sou?". Ainda em menino, espanta-se com a revelação de si próprio ao se contemplar num espelho: "Aproximei-me fascinado, olhei de perto. E vi os olhos, a face desse alguém que me habitava, que me era e eu jamais imaginava. Pela primeira vez eu tinha o alarme dessa viva realidade, que era eu, desse ser vivo que até então vivera comigo na absoluta indiferença de apenas ser e em que agora descobria qualquer coisa mais, que me excedia e me metia em medo".

Sofia, já o dissemos, aparece como uma jovem ébria de vida e que já tinha atingido a revelação de sua própria



aparição. A ela o professor ensina latim e ama materialmente, pode-se dizer. Ao discutirem, o professor constata esta revelação da verdade: em momentos fulgurantes, pelo meio da noite, ela descobrira também a vertigem da vida, de sua pessoa, da gratuidade desse absurdo de interrogação. “Eu já conhecia tudo”. E falou, falou, falou: “Quando enfim calou, uma beleza demoníaca, como de uma criança assassina, fulgurava-lhe nos olhos líquidos, na face branca, na boca ávida e sangrenta. E um apelo de união trágica e blasfema subiu-me pelo corpo como um grito estriado, uma raiva destorcida com longos olhos chorando... Então serenamente tomei Sofia nos braços e ambos nos sentimos perdidos de aflição como no último amor de dois condenados a morte”. Nesse enfoque, percebemos que há algo de trágico nesse diálogo e nesse amor, é como se ambos procurassem penetrar na própria essência da vida e se apossar totalmente dela.

Nesse teor, e nos momentos destacados, *Aparição* prova-se existencialista. É lavrado, não obstante, numa linguagem ora de sangue e negro, ora de sombra e luz. Os diálogos, como observava João Maia, são perfeitos, “Se a vida falasse exprimir-se-ia assim”. Observe-se este:

– “E perguntei: estudou a lição?

– Não peguei em livro, disse ela sorrindo por entre o fumo do cigarro. Não está contente?

– Contento? Por quê?

– Ouça, doutor: se alguma coisa me preocupou sempre foi ser consequente, unir o que faço ao que sinto. Por que não faz o mesmo?

– Como não faço o mesmo?

– Oh, não faz... Se o fizesse, já me tinha beijado...”

Sobre o estilo, a crítica já afirmou que Virgílio Ferreira não deixa de resvalar, às vezes, para o maneirismo, o preciosismo. Às vezes as divagações filosóficas são lon-

gas, mas a linguagem é surpreendente, bordada de imagens, sem excessos, as frases são mais ou menos curtas, há expressões que são verdadeiros achados poéticos, as páginas não cansam.

O manejo do tempo em Virgílio Ferreira, de que fizemos referência no começo, é feito com uma segurança tal, que culmina num efeito notável. Suas incursões no passado, no presente e no futuro se tecem numa harmonia excepcional, que só os bons escritores conseguem, sem descambar para a confusão medíocre. Examinemos. Bem no começo do romance, o professor, novato em Évora, é introduzido no lar de Moura, quando é apresentado para Cristina. Está no presente. É um momento no caminhar do romance. Entretanto, o professor/autor reporta-se a outro presente, que é quando escreve o livro e fala de um passado que no momento da apresentação seria futuro.

1º) o presente da cena: “a miúda com seus olhos azuis sorriu imperceptivelmente e sentou-se ao piano”.

2º) o futuro, presente na realidade do ato de escrever o livro, e ao mesmo tempo passado, porque é uma recordação: “Toca uma vez, Cristina, agora só para mim. Eu te escuto, aqui entre os brados deste vento de inverno. Chopin, Nocturno n.27. Ouço, ouço...”

3º) Retorno ao presente da cena: “Quando Cristina acabou, todós a quisemos beijar”.

É uma inovação grande nas letras portuguesas, que outros autores contemporâneos têm levado a um grau mais avançado.

*Aparição*, escreveu-se, é uma obra clássica pelo estilo, pela densidade temática, pelo acabamento da estrutura romanesca e profundamente inovadora.

FERREIRA, Virgílio. *Aparição*: romance. 4. ed. Lisboa: Portugalia, 1964. 267 p. (Coleção Contemporânea)

*Dados biográficos do autor*: nasceu em Melo (Portugal) em 1916. Licenciado em filologia clássica, é professor do Liceu Camões de Lisboa.

#### Bibliografia:

a) Ficção: *O caminho fica longe*, *Onde tudo foi morrendo*, *Vagão J*, *Mudança*, *A face sangrenta*, *Manhã submersa*, *Apelo da noite*, *Cântico final*, *Aparição*, *Estrela polar*, *Alegria breve*.

b) Ensaios: "Do mundo original"; "Carta ao futuro", prefácio à edição portuguesa de *L'existencialisme est un humanisme*, de Sartre; "André Malraux (Interrogação do destino)".



## Sobre Alberto de Oliveira

**Q**uando me sinto acabrunhada, nada há de melhor para curar-me que ler poesia.

Não apenas ler, mas sentir e viver os versos, como se o poeta os tivesse escrito para mim. Um literato chamou a poesia de refúgio sublime. Não apenas é o remédio para o nosso tédio, o lenitivo para os males espirituais, como também arrebatada pela sua beleza. A poesia é a rainha das artes, porque ela tem música, esculpe, modula, pinta... Seja qual for a sua forma e o seu tema, ela infunde a noção do Belo, do Harmonioso.

oOo

Instada por uma grande necessidade espiritual, comecei a ler as poesias escolhidas de Alberto de Oliveira. Elas vêm sintonizar com a minha preferência porque, como aquele poeta, eu sou uma “adoradora” da natureza. A terra, com seus frutos e seus encantos, as forças naturais, o sol, o vento, as paisagens, os passarinhos, no meu entender são temas eternos e inesgotáveis. Poetas de todas as gerações tiveram como fonte de inspiração a Natureza Mãe. A pena de alguns pode ter cantado os temas sociais, os motivos metafísicos e psicológicos. Mas a alma do verdadeiro poeta sempre há de vibrar ante a delicadeza de

uma flor, a radiosidade de uma manhã e o mistério de um entardecer.

oOo

Alberto de Oliveira era fluminense, nascido em Palmital de Saquarema, Estado do Rio, em 1857. Teve uma vida longa – faleceu em 1937 – e foi parnasiano na plena acepção da palavra. Cultuou com paciência, com arte, com maestria, a “forma” do verso. No princípio de sua carreira deixou-se influenciar pelos poetas arcádicos dos séculos XVII e XVIII, e produziu versos em que divindades gregas, histórias e lendas são o tema capital. Isso, aliás, é nele algo de que não gosto. (Segundo dizem os críticos, há defeitos na sua forma, apesar da atenção a ela dispensada). Contudo, ele tem versos maravilhosos.

A vida de Alberto de Oliveira transcorreu numa época em que se desenrolaram grandes acontecimentos na História do Brasil. Abolição da escravatura, proclamação da República, revoluções. Fora da pátria, houve a Primeira Guerra Mundial. Nada disso, porém, deixou reflexo na obra desse grande poeta nacional. Ele isolou-se nas alturas triunfantes da sua arte, e nada dessas transformações sociais o influenciou. Inspirou-se diante das belezas eternas, dos temas eternos, sentindo-os, vivendo-os e descrevendo-os de acordo com sua personalidade e capacidade de se expressar poeticamente. O amor, às vezes frio e insensível, às vezes sensual, fez-se presente nos seus versos. Dos poetas da velha guarda, lembra Geir Campos (que fez a seleção dos versos que eu li), foi o único a não ser combatido e fustigado pelos mentores da Semana de Arte Moderna. O próprio Mário de Andrade apreciava-o.

Transcrevo “Horas Mortas”, soneto leve, sutil, bonito, sem as inversões de que às vezes, abusa Alberto de Oliveira. Acho-o de uma doçura e de uma beleza ímpar.

## HORAS MORTAS

Breve momento, após comprido dia  
De incômodos, de penas, de cansaço,  
Inda o corpo a sentir quebrado e lasso,  
Posso a ti me entregar, doce Poesia.

Desta janela aberta à luz tardia  
Do luar em cheio a clarear no espaço  
Vejo-te vir, ouço-te o leve passo  
Na transparência azul da noite fria.

Chegas. O ósculo teu me vivifica.  
Mas é tão tarde! Rápido flutuas,  
Tornando logo à etérea imensidade;

E na mesa a que escrevo apenas fica  
Sobre o papel – rastro das asas tuas –  
Um verso, um pensamento, uma saudade.

oOo

Uma poesia deve ser lida e apreciada nos seus mínimos detalhes. O poeta lança mão de determinadas palavras que, juntas, vão produzir este ou aquele som, vão sugerir esta ou aquela imagem.

Geir Campos, em comentário ligeiro à obra de Alberto de Oliveira, chama a atenção para a poesia “Torrente”, onde o poeta usou do recurso de aliteração “t” e “tr” para reforçar a idéia de atrito e choque das águas da torrente:

“Negra socava, tétrica, soturna,  
Treme e retumba;”  
Nesta mesma poesia:



“Investe, abala, desimplanta,  
destrói, derruba”.

Essas palavras foram envolvidas pelo seu sentido, de acordo a produzir um efeito cada vez mais forte como se a torrente fosse crescendo e inchando até estourar e destruir tudo.

Em outro verso:

“Na trama do ouro em que treme”, tem-se a idéia de trepidação.

E muito mais podemos ler e sentir na poesia desse autor merecidamente entronizado na galeria dos grandes poetas nacionais.

## Dostoievski e sua obra – aspectos de *Crime e castigo*

### O MOVIMENTO LITERÁRIO DO FIM DO SÉCULO XIX E A LITERATURA RUSSA

**N**a segunda metade do século XIX, (após o predomínio do Romantismo, em que a lírica era o traço predominante), dado o agudo subjetivismo da época, o interesse pela realidade objetiva predominou no desenvolvimento dos gêneros literários, nos quais à análise de tipos humanos e costumes do momento, se aliava uma finalidade prática, visível no desejo de demonstrar uma tese de tipo moral, psicológico, social, sobre problemas que afligiam um dado povo no contexto social coevo. Esse fenômeno era patente não apenas no romance, como também no teatro, que abandonou os temas heróicos dos dramas românticos, para atingir uma maior vinculação com as circunstâncias determinantes do ambiente contemporâneo.

Na Rússia, após as reformas que iniciam a ocidentalização do país, política que prossegue com Catarina, a Grande, a literatura começa a tomar por modelo os escritores alemães, franceses e ingleses. Uma obra realmente significativa passou a surgir com o movimento romântico, no qual brilham as figuras do genial Puchkin, de Gribovedof, Lermontof, Turguenief. A partir de Gogol,

o célebre autor de *Almas mortas*, é que se inicia o realismo de intenção social. O romance russo adquiriu rápido desenvolvimento graças a importantes nomes que – seguindo as linhas marcadas pelo realismo, traçando análise psicológica dos tipos russos e retratando as terríveis circunstâncias sociais e políticas do país sob o regime czarista – exerceram considerável influência na Europa, durante as últimas décadas do século, consequência mesmo da vigente tensão espiritual e enfoque dramático da existência humana.

Dentre esses se coloca Fedor Mikhailovitch Dostoievski.

### DOSTOIEVSKI E SUA OBRA

Se Turguenief, partidário da ocidentalização, escreve com enternecida simpatia sobre a vida dos sofridos camponeses, com romântica exaltação artística, com estilo psicológico e límpido, a ele se contrapõe Dostoievski, tanto por seu atormentado temperamento, como pelo seu desdém pela materializada civilização ocidental, a que se opunha com ímpeto messiânico a religião ortodoxa russa. Desde sua primeira obra, *Gente pobre*, de 1846, mostrou qual seria o motivo de sua obra: a imensa piedade pelos humildes, a profunda compreensão, com base essencialmente cristã, das debilidades e misérias do homem. Essa atitude viu-se favorecida pelas terríveis provas a que foi submetido, como consequência de uma condenação à morte, e os quatro anos de prisão na Sibéria. Ali brotaram os germes de sua posterior produção na qual o crime e a dor serão os elementos capitais. Em todas as obras – *Crime e castigo*, *Humilhados e ofendidos*, *Os irmãos Karamazov*, *Os possesores*, *O idiota* – veremos desfilar uma série de estranhos e miseráveis personagens: enfermos, loucos, visionários,



delinqüentes, cujos atos e impulsos interiores analisa com penetrante agudeza, o que manifesta sua capacidade extraordinária para descobrir os mais ocultos segredos da alma humana, inclusive os mais irracionais e misteriosos. Daí o tom (3) de angústia de suas descrições no que antecede as teorias das “situações extremas” da novelística atual, imaginando uma variada galeria de tipos anormais para descobrir neles, com profundo respeito e compassivo amor, um alento de humanidade e uma justificativa para sua desgraçada existência. Foi precisamente esta aguda consciência do sofrimento humano que o levou a buscar na religião o último sentido da vida e a ver na dor plenamente aceita, o segredo íntimo da paz espiritual. Não de raro mal construídas (3), as obras de Dostoievski são cheias de divagações prolixas e inverossímeis. Porém seu extraordinário valor psicológico, produto de uma surpreendente intuição do mundo interior, e a simpatia cordial que denota pelos aspectos mais repulsivos da humanidade doente, obrigam a situá-lo entre as mais altas expressões do gênero narrativo, não só na Rússia, senão na literatura mundial. Sua obra atingiu um tom patético (2) jamais excedido em nenhuma literatura. Ela é um mundo imenso que, se muitas vezes não corresponde à estrita realidade, emana sempre uma atmosfera de vitalidade empolgante, convincente e generosa.

*Crime e castigo* é “Um dos mais belos e significativos monumentos que o engenho humano levantou à Dor em solidariedade ao sofrimento universal”. Raskolnikof é um estudante miseravelmente pobre que vive em São Petersburgo. Recebe dinheiro da mãe, uma pobre viúva, e da irmã, uma bela jovem que não hesitam em fazer os maiores sacrifícios pelo único amor e esperança des suas existências: o querido Rodia. Raskolnikof dá lições, o que o ajuda a suportar melhor a pobreza extrema. Jovem dotado de

talento, sonhador, com a cabeça cheia de idéias, permanece dias e dias no seu quarto, numa grande imobilidade, sem se alimentar, isolado de todo o mundo, abstrato, imerso naquelas meditações que dominavam todo o seu ser. Já não dá mais aulas. Premido pelas necessidades, empenha com uma velha usurária um anel da irmã e um relógio de prata que pertencera ao pai. Voltado todo um mês aos sonhos doentios que a solidão produz, estava tão fatigado no seu isolamento que precisava avistar-se, embora por uns momentos, com alguém. Numa taberna cheia de pobres operários conhece um homem que, apesar das roupas nodosas e do aspecto desolador, era um indivíduo culto e educado. Era o pobre bêbado Marmeladof, que lhe foi debulhando o rosário de dor: viúvo, tinha das primeiras núpcias, uma filha de quinze anos, a bela e meiga Sônia, "De cabelos cor de trigo e olhos azuis". A segunda mulher, Catarina Ivanovna, que conhecera dias melhores, pois era diplomada e já fora distinguida com medalhas, agora era tísica e no seu desespero surrava-o pois chegava sempre bêbado. Mas a desgraça não se limita e esse quadro. Vieram mais três filhos e Sônia era obrigada a vender-se, na formosa verdura de seus quinze anos, para ajudar a família, porque trabalho não arranjava. Razoumikin é outro personagem, um estudante honesto, de poucos recursos. E o romance se desenrola nessa atmosfera de dor e de angústia. Aquela ideiazinha diabólica que se insinuara um dia no pensamento de Raskolnikof vai ganhando corpo, cresce e domina-o, sobretudo quando vem a saber do casamento da irmã com um homem rico, enlace sem amor, que se realizaria apenas para poder fazê-lo prosseguir nos estudos. A idéia atormenta-o, domina-o, subjuga-o, escraviza-o, até que o projeto monstruoso se realiza: mata a usurária Alena Ivanovna, mata-a para roubar. E seu crime agrava-se terrivelmente quando se vê obrigado a eliminar a irmã da



vítima, porque esta o surpreende no ato do crime. Procura, a princípio, justificar-se, pensando que agira daquela maneira para o bem dos seus. Se sua irmã não titubeava em sacrificar por ele a sua própria vida, não era para o bem dela e dos demais o ato que praticara? Os grandes homens com seus atos acobertados pelo poder não fazem correr rios de sangue? A mesma força que o fizera entrar na casa da assassinada Alena Ivanovna, fá-lo apanhar a bolsa da mulher e com ela afastar-se, sem sequer examinar-lhe o conteúdo. Por mais que procure justificar-se, seu calvário começa. Por onde quer que ande, sente que o apontam, que o acusam, que o denunciam, que o vão prender, que o condenam à força. Chamado na chefatura para pagar os aluguéis em atraso, desmaia ao ouvir comentários sobre o assassinato. Adoece. Delira. A perda da razão está a consumir-se. Não pode encarar mãe e irmã que chegam a São Petersburgo. Foge dos amigos. Encontra Marmeladof esmagado pelas rodas de um trem, entrega à viúva do infeliz todo o dinheiro que a mãe lhe trouxera. É em Sônia, a doce criatura de corpo corrompido pela desgraça e miséria quotidiana, a que vendia o corpo impelida pela fome, porém de alma limpa e incorruptível, é nela que vai encontrar o oásis. É a ela que confessa o crime, que livra sua alma da grande tormenta. Sônia ama-o, crê nele e sabe que Raskolnikof não é um criminoso comum, vulgar. Já dera provas de sua solidariedade ao sofrimento alheio, dava seu último kopek para mitigar a dor do próximo. Era vítima das circunstâncias. Hipocondríaco, dera um curso errado às suas idéias. Com a mente cheia de loucas fantasias pensara praticar um ato bom no gesto que consumara. Depois, sem mesmo aproveitar-se dos frutos do roubo, quando a culpa do crime por um desses comuns erros da justiça humana recai sobre um infeliz pintor, confessa a autoria. É condenado a oito anos de trabalhos forçados na Sibéria.



Tendo a oportunidade de sobreviver e recuperar a liberdade, as tormentas a respeito de seu comportamento, de sua punição, continuam a martirizá-lo. Porém, um dia, num momento de devaneio, sente perto de si a presença de Sônia, aquela terna companheira que o seguira no exílio. Mergulha os olhos nos olhos azuis de Sônia, lágrimas rolam nos rostos de ambos, há um momento de descoberta, de perfeita comunicação: brilha para eles a aurora de uma renovação, de um renascimento completo. É a redenção pelo amor.

Após fazer desfilar por *Crime e castigo* criaturas humanas marcadas pelo sofrimento, vítimas das circunstâncias sociais, perdoadas e ungidas de compreensão, após pintar os quadros de terrores que as pessoas podem experimentar completamente sós na sua solidão, após enfocar trechos de uma subvida que foi a do bêbado Marmeladof, Dostoiévski encerra sua obra dando-nos um pouco de alívio. Se somos solidários, se choramos por Marmeladof, por Sônia, por Catarina Ivanovna, por Raskolnikof, pela usurária Alena Ivanovna, que são tão semelhantes a milhares de outras criaturas que passaram anônimas pela vida e que estão passando agora, nesse preciso instante, Dostoiévski ainda nos dá uma esperança: a salvação pelo amor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDREOTTI, Décio. "Crime e castigo" de Dostoiévski. Porto Alegre: Studia, 1957.
2. BANDEIRA, Manuel. *Noções de história das literaturas*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960.
3. ENCICLOPÉDIA LABOR. História de la literatura. v. 7. Madrid, 1957.

(s. d.)

## "Rescueros" da Colômbia

Não há como esquecer os resgateiros que durante anos se dedicaram a salvar os sobreviventes das montanhas andinas, em meio a desastres olímpicos. Da Colômbia, no lado norte, mais que em Bogotá, trabalhar não podia ser mais difícil: de lá, plantou-se o dia, com o sol e o vento de lá, a cada hora. Um pouco mais longe, de perto de Bogotá, para ignorantes, a vida era mais difícil.

## III Viagens

Por meio de viagens, a Colômbia tornou-se uma nação, o esplendor de verde das Andes, montanhas modernas "carreteras" (rodovias) que sempre ligavam as montanhas, as florestas e os campos, com uma única gente, depois que gente de trilha e "carreteras" se tornaram, depois "Bos de Caba", a Colômbia de gente, entre outros, a cada hora.

Medellin, depois de Bogotá, é a primeira cidade da Colômbia. Fundada em 1624, é a capital de uma nova departamental (Estado). Anteriormente, Medellín foi fundada por europeus, que quase não se consideravam como o lado e o negro. E os anos, a cidade mudou-se para o lado da cidade, de uma montanha de uma montanha. Medellín está a 1.212 metros acima do nível do mar, no lado das Andes, cercada por uma paisagem montanhosa, que inclui as montanhas, que se erguem no lado da cidade. Medellín é





## “Recuerdos” da Colômbia

**N**ós, latino-americanos, conhecemo-nos muito mal. O de que temos certeza exata é que somos subdesenvolvidos, ou melhor, eufemisticamente, em vias de desenvolvimento. Da Colômbia eu não sabia mais: que, em Bogotá, mulher não podia sair com jóia e de bolsa à plena luz do dia sem correr o risco de ser assaltada. Um pouquinho mais: país de guerrilhas, de “pueblos” pobres, ignorantes e analfabetos; país das esmeraldas e do café.

Por isso, a Colômbia se abriu ante meus olhos como uma surpresa: o esplendor de verde dos Andes majestosos, as modernas “carreteras” (rodovias) que entram atrevidas pelas montanhas, as flores cultivadas com raro amor, a gente alegre que gosta de bailar a “cumbia” e tomar o famoso “Ron de Caldas”, a Colômbia de muitas outras coisas mais.

Medellín, depois de Bogotá, é a primeira cidade do país. Fundada em 1674, é a capital do mais rico departamento (Estado), Antioquia. Antioquia foi colonizado por europeus, que quase não se mesclaram com o índio e o negro. E os antioquenhos são muito orgulhosos de sua prosperidade, de suas riquezas, de suas tradições. Medellín está a 4.823 metros acima do nível do mar, ao pé dos Andes, rodeada por uma paisagem maravilhosa, que enche os olhos, que se grava na memória para sempre. A orquídea é

o símbolo da cidade. Há viveiros dessa flor, de qualidades raras, e dali a Colômbia exporta. Ocasionalmente se faz o desfile dos "floreteros". Homens e mulheres com suas cargas de flores, às costas, ou conduzindo burros carregados de flores, desfilam para uma multidão que apinha as ruas, que vibra e aplaude, com prêmios para os mais bonitos e originais. Medellín, além de ser uma cidade bonita, onde na arquitetura, nos bairros mais antigos se guarda a marca visível da influência espanhola, possui modernos edifícios, indústrias e uma das universidades mais importantes do país, a Universidade de Antioquia. Dela faz parte, além de numerosas unidades que ministram o ensino de ciências e humanidades, a Escola Interamericana de Bibliotecologia. Essa escola é subvencionada pela Fundação Rockefeller e recebe estudantes de toda a América Latina para os cursos regulares e especializados. Sua biblioteca possui rico acervo sobre documentação e ciência bibliotecológica. Medellín tem uma vida universitária e intelectual bem desenvolvida e uma juventude de intelectuais renovadores. A cidade oferece à noite um espetáculo esplendoroso. De um grill (boate), num penhasco a 3.000 metros de altura, pode-se apreciar com emoção a vista noturna. Os morros muito iluminados a mim me deram a impressão de que todas as estrelas descem do céu para se refugiarem nas montanhas, coroando-as de luzes. Há poucos brasileiros em Medellín. Lá se fala muito o inglês. Em compensação o português, com raras exceções, é grego para os colombianos. Nossa literatura, nossos valores, são ignorados. É o problema do idioma que nos isola, apesar da semelhança do português com o espanhol.

Assim como os espanhóis, os colombianos adoram as corridas de touro. Além das temporadas que se realizam no início do ano, há as touradas que se fazem com aspirantes a toureiros, não só em Medellín, como nos



“pueblos”, onde uma multidão alegre, tomando aguardente nas “botas”, recipientes de couro à moda espanhola, gritam, cantam e aplaudem os bons lances dos toureadores. Para as temporadas, os espetáculos são anunciados com muita antecedência, os bilhetes vendidos antes e nas ruas se colocam cartazes enormes dos toureiros famosos, tanto nacionais como espanhóis. O colombiano é um povo alegre, que gosta de “bailar” a cúmbia e o bambuco, músicas nacionais. Um compositor de sucesso ali é Armando Manzanero, com suas músicas românticas, aliás muito bonitas. Do Brasil, ainda perguntam por Carmem Miranda. Mas apreciam muito Roberto Carlos, Miltinho e Altemar Dutra, que gravaram em espanhol.

Uma das características da Colômbia é a religiosidade. É um país latino-americano onde a Igreja Católica, bastante apegada ao seu tradicionalismo, herança espanhola, tem grande força. Ao longo das belas “carreteras”, vê-se grande número de estátuas da Virgem, como também nos jardins internos das residências, prova de que a cultuam com amor. As cerimônias religiosas se realizam com muita pompa e com grande assistência de homens, mulheres e crianças. Os “pueblos” colombianos são interessantes, às vezes encarapitados nas montanhas, deixando ver de longe as torres e as abóbadas das igrejas, que em geral são grandes, maiores que o próprio “pueblo”, como se toda a riqueza se concentrasse nos templos.

Os índios, os campesinos, oferecem um espetáculo digno de nota, vestidos comumente com suas ruanas (ponchos), usando chapéu redondo, tanto os homens, quanto as mulheres. Os homens usam o “carriel”, um bolsa de couro a tiracolo, que, embora pareça pequena, tem mil e um compartimentos e é o encanto dos turistas.

Em Bogotá visita-se a Catedral de Sal, obra que impressiona pela originalidade e grandeza, esculpida em



BC  
77

cavernas de sal-gema, próxima ao “pueblo” Zi-Pakirá, nome de um cacique chibcha. Foi inaugurada em 1950. Está a 143 metros da superfície e para alcançar o seu interior se caminha por um túnel de quatro quilômetros, com sinais luminosos para indicar o caminho. O silêncio desse túnel é aterrador. A catedral compõe-se de 4 naves. O altar é um bloco de pedra de sal, com uma cruz rústica de eucalipto. A erosão e a umidade bordam estranhos desenhos esbranquiçados nas paredes e no teto. Quando a visitamos, estava quase deserta. Mas os ofícios religiosos se celebram aos domingos e a afluência de turistas é muito grande. Eu imaginei os cânticos sacros e os sons de um órgão ecoando por aquelas paredes, rompendo o silêncio sem fim... Há vários museus, mas um se destaca pelo valor e importância das peças que são únicas no mundo. É o Museu do Ouro, fundado em 1939. Possui 8.500 peças de ouro da cultura indígena pré-colombiana, que representam a riqueza, os mitos e os costumes dos Quimbayas, Chibchas e outras culturas nativas. A capital colombiana abriga também várias bibliotecas universitárias e públicas. Destacam-se a Biblioteca Nacional, com 350 mil volumes, e a Biblioteca “Luis Angel Arango”, com 100 mil volumes. Essa última, além da riqueza de seu acervo, está instalada no edifício do Banco da República, ocupando três andares. É toda atapetada, com salas e seções especiais, tais como salão nobre, salas de reuniões, salão de concerto, seção infantil, enorme sala de leitura e pesquisa. Sem exagero, quase que não se pode comparar com nenhuma do Brasil pelo luxo e ambiente de conforto que oferece a seus frequentadores.

A uma hora de Bogotá visita-se a linda cidadezinha de Guatavita, especialmente fundada pelo governo para abrigar os habitantes de um “pueblo”, que foi inundado pelas águas de uma represa, construída em estilo colonial.

O colombiano costeno é conhecido pelo temperamento extrovertido e sua alegria. Na costa estão cidades importantes como Barranquilla, Cartagena, Santa Marta. Cartagena é uma cidade histórica, onde se desenrolaram fatos heróicos da resistência colombiana contra os espanhóis. É ainda uma relíquia da arquitetura colonial.

Importante cidade é Cali, grande, moderna, com intensa vida universitária. Seu principal atrativo é a casa onde se diz ter vivido Maria, a heroína romântica da mais popular novela do século XIX até hoje, da autoria de Jorge Isaacs, expressão máxima da prosa romântica colombiana.

Aí está um pouquinho da Colômbia, país rico em ouro, em esmeralda, em petróleo, em café, mas que também é rico em analfabetismo, na pobreza das populações mestiças, na agitação política. Também nação de juventude que espera e confia, de um povo nacionalista e persistente. De um povo que, nas grandes datas nacionais, da casa do mais humilde ao mais rico, faz tremular o pavilhão nacional.

Nós, latino-americanos, precisamos nos conhecer melhor, conscientes de nossas possibilidades e de nossas fraquezas para irmos juntos em busca do futuro.

Goiânia, janeiro de 1969

# Em terras de Espanha

## I MADRID

Um sonho vindo de longe, esse de conhecer as terras de D. Quixote. Não um conhecimento rápido e superficial que uma excursão nos dá. Mas uma vivência maior, que me permitisse sentir de perto a luminosa e alegre Andaluzia, caminhar tranqüila pelas ruas da medieval Toledo e ver de perto o grandioso Escorial, onde até hoje se pressente a sombra de Felipe II. Enfim viver esse país, cuja fecundíssima história foi escrita com a contribuição de fenícios, gregos, cartagineses, romanos, visigodos, muçulmanos, onde o traço de cada cultura se mantém vivo e eloqüente.

Cheguei a Madrid numa manhã de outono. O céu cinzento de chuva, as folhas amarelas dos plátanos tremendamente de ouro desprendendo-se com lentidão, bordando os espaços com geometrias douradas. Os edifícios cor de ocre, cor tão madrilena e tão espanhola, e vasos de flores nas sacadas. Do Aeroporto de Barajas alcançamos a Avenida del Arco de la Victória e chegamos à Casa do Brasil, zona oeste, na bela Cidade Universitária.

### A ORIGEM DA CIDADE E O NOME

Madrid, a capital da Espanha. Quando foi fundada? De onde vem seu nome? Nada há de concreto sobre a origem de Madrid. No século X, seu nome – Magerit – foi



citado pelos árabes. Contam-nos os documentos históricos que em 932 Ramiro II tomou-a dos árabes, mas não pôde manter a conquista. No século XI, Afonso XI, rei de Castilha, dela se apoderou e concedeu-lhe privilégios e foros que propiciaram seu desenvolvimento. Felipe II fê-la capital da Espanha em 1561. Felipe III levou a capital para Valladolid, porém a corte regressou em 1607.

Diversos estudiosos pesquisaram a origem do nome. Para Sebastian Covarrubias, Madrid é nome árabe, no sentido de “terrones de fuego” ou de “madre del saber”, pelas escolas de ciências do tempo dos mouros. Para Francisco Lopes Tamarid, Madrid significa em árabe “terrones de fuego”. Para Sebastian de Quintana, a capital espanhola chamou-se primeiro Mântua, depois Maioritum, depois Magerito e daí Madrid. Mil significados procuraram descobrir no seu nome, mas arremata Sainz de Robles(1), grande conhecedor da crônica madrilenha: “veias de água, mãe do saber, povo do sol, casa de ares saudáveis, lugar deleitoso, torrões de fogo!... Quantas coisas bonitas pode significar Madrid!”

De fato. Situada em Castilha, a Nova, no centro geográfico da Península Ibérica, ocupando todo o município 531 Km<sup>2</sup>, com quatro milhões e meio de habitantes, Madrid é uma das mais lindas capitais européias, cuja alma não pode ser morta nem com as guerras, as demolições, o progresso, a estandardização de nossa era tecnológica. Madrid, como a Espanha, apesar dos turistas, ainda consegue ser espanhola, cheia de poesia, de vida, de alegria.

## A CASA DO BRASIL

A cidade Universitária, com avenidas largas, seus jardins, edifícios modernos, foi iniciada por Afonso XIII e quase totalmente reconstruída depois da guerra. Ali está a

Casa do Brasil, um dos chamados colégios maiores, residência para estudantes. Situa-se nas vizinhanças de casas de vários países – Casa da Argentina, da China, de Velasquez (da França), Colégio Maior Colombiano, dentre outros. A Casa do Brasil, além de oferecer conforto material para o estudante (quartos individuais com banho quente, roupa lavada, refeições), propicia um ótimo ambiente cultural, havendo sempre promoções como projeção de filmes de arte, exposições de pintura, conferências, seminários, concertos etc. Por outro lado, a Casa recebe estudantes de várias nacionalidades (sendo 80% de brasileiros), o que enseja o contato e a troca de idéias e o intercâmbio cultural entre os residentes. Na minha época, havia estudantes japoneses, egípcios, palestinos, gregos, americanos, espanhóis, sul-americanos, alemães etc.

É um edifício moderno, de cinco andares, com auditório, biblioteca, sala de música, sala de televisão, sala de pintura, bar, capela, salões-de-estar. Os salões são decorados com murais de D. J. Oliveira. Do outro lado da Avenida Del Arco de la Victória, fronteiro à Casa do Brasil, está o Instituto de Cultura Hispânica, órgão que outorga milhares de bolsas a estudantes estrangeiros e que promove cursos de especialização em diversos ramos: curso de Literatura, de Língua Espanhola, de Arte etc.

Vizinho à Casa do Brasil, o belíssimo Parque do Oeste tem esplêndida vegetação, fontes, monumentos. É um parque feito para “Las soledades pensativas, los idílios secretos, los juegos infantiles sossegados”. Sua formação data de 1906. Ficando bastante arrasado com a guerra, hoje recobrou sua beleza. Na parte baixa do parque está a Rosaleda, onde se celebram na primavera concursos internacionais de rosas. É uma festa de rosas. Um mundo de rosas.



## APLAZA MAYOR

Teatro de festas natalinas e de tantos outros fatos, fastos, apoteoses, a Plaza Mayor, rica de profundas tradições na história espanhola, é um dos recantos fascinantes de Madrid. Foi mandada construir por Felipe III, em 1617, e projetada pelo arquiteto Juan Gomes de Mora. Com seus arcos, as fachadas dos elegantes edifícios da “Panaderia” e “Casa Real” e fronteiroço o da “Carniceria de la Villa”, tem nove portas que desembocam nas ruas mais típicas da cidade. Sofreu três incêndios de 1631 a 1790. Foi um sensacional teatro, segundo os cronistas de Madrid, sobretudo durante os reinados de Felipe IV e Carlos II. Ali se realizaram grandes festas por ocasião da canonização de cinco notáveis santos espanhóis: São Isidro, São Felipe Neri, Santo Inácio, Santa Tereza, São Francisco Xavier. Os festejos, celebrados com fogos de artifício, corridas de touros, bailes de máscaras, vinhos, justas poéticas, tiveram as representações teatrais dirigidas por Lope de Vega.

Na Plaza Mayor se realizaram autos de fé, se decapitaram sentenciados, se casaram príncipes, se proclamaram reis.

Na época de Felipe V, ela se converteu em mercado público, transformando-se num ambiente de pó, mau cheiro de peixe em decomposição, frutas podres, gritaria, pregões, brigas, tumulto. No século XIX houve ali alguns atos oficiais, mas a praça já perdera aquele esplendor da Madrid renascentista.

Ela mudou de nome várias vezes, por injunções políticas, mas segue sendo a Plaza Mayor, não o turbulento e esplendoroso teatro da época das cortes, mas “a geografia urbana modesta e até popularesca”, cenário de romancistas espanhóis.



Nas noites de verão ou nas claras noites dos “cielos velasqueños”, na praça se reúnem madrilenos e turistas que ocupam as mesinhas dos bares que a circundam, onde vão tomar “el tinto”, “la caña” ou “sangria”. Também acontecem as serenatas dos Tunos, grupos de estudantes universitários, com trajes próprios de cada uma das escolas que representam e que se reúnem para cantar. Também se apresentam shows folclóricos, há a Bolsa Filatélica nas manhãs de domingo, feira e venda de pinheiro na época de Natal.

Bem no centro, o Felipe III de bronze, bravo e imortal em seu cavalo, vela pelos madrilenos e espia com olhos complacentes esses forasteiros que pisam emocionados os caminhos percorridos por D. Quixote, que contemplam as muralhas que guardaram tantos bravos, esses casarões silenciosos onde cismaram tantos filósofos e tantos poetas.

### UMA “CUEVA”

Uma das nove portas da Plaza Mayor é o Arco de los Cuchileros. Por ele se alcança uma rua cheia de “mesones” ou “cuevas”, tavernas típicas espanholas, que às vezes têm nomes pitorescos: Mansion de Drácula, Meson del Toro, Meson de la Guitarra etc. Uma das “cuevas” famosas é a de Luiz Candellas. Tem esse nome em homenagem ao famoso bandido, que viveu no começo do século XIX, que roubava dos ricos para dar aos pobres e que, conta a lenda, não poucas vezes se escondera na “cueva” que tem seu nome. Os garçons se vestem como o famoso personagem. Logo à entrada se depara com o balcão, onde expõem os famosos “pinchos”: boquerones, mejillones, gambas, tortillas, queso manchego etc. A decoração é rústica: barris, recipiente de vinho em forma de porco – o “pellejo”, uma cabeça de touro, numerosos

objetos antigos e nas paredes a sabedoria popular, tendo como tema central o vinho:



“Beber com medida  
alarga la vida”.

“Olvida y bebe  
Que la vida es breve”.

“Se esta tu alma entristecida  
puedes olvidar tu pena,  
gustando de la bebida  
en esta cueva tan amena.”

“La mujer y el viño com tino  
porque el viño y la mujer  
el juicio hacen perder.”

E a homenagem a Luiz Candellas:

“Famoso fué Luiz Candellas  
por su arrojo y valentia.  
Hoy son famosas sus cuevas  
por su excelente sangria.”

Nas salas subterrâneas se imerge no mundo do vinho, da sangria, das músicas alegres e apaixonadas, dos jovens em grupos tocando guitarra, das infalíveis palmas que acompanham o “canto flamenco”, às vezes uma “chica” bailando. Há andaluzes, madrilenos, estrangeiros, todos exaltados sob o efeito do vinho, irmanados no canto, na alegria e nas palmas.

São pois deliciosas as “cuevas” espanholas, com os tetos baixos abobadados, como se cavadas nas montanhas,

BC  
UFG

a decoração rústica, os vapores etílicos, a alegria barulhenta que é um convite insistente e irrecusável à participação, essa atmosfera envolvente que nos leva a aceitar a verdade contida naqueles versos: "Olvida y bebe / que la vida es breve."

## UM CONCERTO NO RETIRO

Dizem os que há vários "Madriles", isto é, o traço vivo de cada época não desapareceu da cidade, apesar do vandalismo do progresso, das guerras, das revoluções, das modificações, dos acrescentamentos, das restaurações que às vezes desfiguram. Assim, há uma Madrid medieval ou dos Reis Católicos, Madrid dos Áustrias ou dos Felipes, Madrid dos Bourbons ou dos Carlos e a Madrid contemporânea. Seguindo o itinerário da Madrid dos Bourbons se passa por Cibeles, fonte maravilhosa com a deusa da fecundidade esculpida por Michel; e pela porta de Alcalá, de Sabatini e Michel, construída em 1778 em honra de Carlos III, e dali se alcança o Retiro, outro dos esplendrosos parques da cidade.

Nas manhãs de domingo, na primavera, pode-se ir ao Retiro para ouvir um concerto ao ar livre. O sol filtrando-se pelas copas das árvores, os pássaros revoloteando pelo céu, a multidão no embevecido silêncio e a linguagem da música penetrando mágica nas coisas e nos seres.

Entra-se no Retiro por qualquer dos quatro portões monumentais de estilo neoclássico. E dentro é aquela festa de alamedas, de monumentos, de estátuas de reis, de árvores de nobre porte, de fontes, de flores. Estive lá tantas vezes, nas manhãs brilhantes de primavera, nos pôr-de-sóis fulgurantes e mesmo numa noite fria de inverno, com o vento vergastando as velhas árvores. Nunca consegui



ver o Retiro todo. Sempre me faltava algo e sempre algo novo e surpreendente eu descobria. São cento e trinta hectares de bosques.

## ORASTRO

Nas manhãs de domingo há também o Rastro. A grande e emocionante feira do Rastro, que, segundo os entendidos, não tem rival nas grandes feiras da Europa. Um mar de gente enche aquelas ruas, espanhóis e espantados estrangeiros, talvez menos para comprar que para observar esse mundo variado e pitoresco, onde os objetos mais inverossímeis são oferecidos, onde se mescla o ladrão, o vendedor com seus pregões mentirosos, o turista quase sempre enganado, o vagabundo, o suburbano, o provinciano, o artista, o que toma vinho nas tascas das imediações, o que namora, o que faz um galanteio à moçoila que passa...

Vendem-se pássaros e cachorros, roupas velhas com o odor rançoso dos corpos, botões em profusão, de material, cor e tamanho os mais variados, máquinas enferrujadas, velhos retratos, postais com as dedicatórias desbotadas pelos anos, louças desbeijadas que pertenceram (?) ao duque fulano de tal, móveis isabelinos que dariam para mobiliar cinco reinados no dizer de um cronista, instrumentos musicais, navalhas, punhais, moedas, frascos, estatuária de duvidoso gosto e autoria, santos, estampas, medalhas, incunábulo, o livro antigo com um autógrafo famoso, o canapé da duquesa fulana, a casaca do conde X, o traje de um toureiro decadente. Que mais, Deus, o que mais? Da inspecção do Rastro, diz Sainz de Robles, as mais variadas emoções se experimentam. De repugnância e até de calafrio ante calçados, trajes, roupas íntimas, roupas de cama, chapéus, que ainda conservam o suor de seus donos,

muitos deles já respeitáveis cadáveres. De angústia indefinível e peso no coração, ante os retratos a óleo e fotografias amareladas de anônimos, com indumentárias fora de moda, em atitudes e gestos francamente grotescos. De melancolia ante a máquina de coser, de lavar, braseiros, gramofones, berços, camas de latão... signo categórico de um lar em ruína. De curiosidade malsã ante as tranças negras ou loiras ou castanhas que foram cortadas ao vivo e vendidas a quilo; frascos com restos de cremes e loções, delicadas caixinhas de louça...

Tudo nos leva a imaginar as vidas que se ligaram àqueles objetos. Onde estarão seus donos, seus descendentes, que por miséria ou desamor expuseram à venda por qualquer tostão essas velharias que um dia significaram tanto?

## ASTOURADAS

Quando se chega da Espanha, a primeira pergunta: você foi à tourada? É quase uma obrigação, como ir a Roma e ver o Papa e ir a Londres e ver a troca da guarda no Palácio de Buckingham. Fui. Não era a primeira vez que presenciava uma corrida de touros. Vi em Quito, no Equador, com toureiros espanhóis, e me pareceu um espetáculo mais colorido e mais alegre que a corrida de Madrid. Devido ao sol claro de Quito, os expectadores usavam, em sua grande maioria, chapéus coloridos o que com a animação, a bebida, a banda de música dava um encanto todo especial ao espetáculo. Em Madrid, fui a uma das últimas corridas de outono, numa Praça de Touros que não era a monumental da cidade. Só me lembro daquela multidão entrando apressada pelos portões, muitíssimos turistas. Perto de nós assentaram-se alguns americanos, grandões, loiros e vermelhos, tomando vinho e aplaudindo. Não sei



se entendendo ou não. Os touros, valentes e nobres, torturados e depois sangrados, foram tombando um por um. Eram cinco. A arte de tourear – vitória da inteligência sobre a força bruta? – não deixa de ser um espetáculo cruel. Dizem que as corridas de hoje, como todas as coisas humanas, já não têm o esplendor do passado. Os bandos de turistas que despejam nas praças são os mais interessados. É uma afirmação que passo adiante. Não posso garantir se expressa a verdade.

Em nosso grupo estava uma amiga que a certa altura gritou, com a graça característica do carioca: “viva el toro!” Um espanhol voltou-se para ela enraivecido: “Esas extranjeras prefieren que viva el animal y que mora el torero, un hermano, que pelea con inteligencia y valor!”

## O MUSEU DO PRADO

O Museu do Prado é um projeto do arquiteto Juan de Villanueva e sua construção foi iniciada em 1785 e estava destinado a uma galeria de história natural. Depois resolveram instalar ali um museu de belas artes que foi inaugurado em 1819. É o mais rico e completo do mundo, dizem os espanhóis, e acrescentam que essa afirmação pomposa não é por mero patriotismo, mas verdade comprovada por muitos críticos estrangeiros.

As pinturas estão ordenadas por escolas e dentro de cada escola, por época. Além de pintura, exhibe peças de escultura, cristais, cerâmica, miniaturas, moedas, esmalte, peças de ourivesaria etc.

A história da pintura espanhola está quase totalmente representada, do século XII ao XIX, como também as escolas flamenga, alemã, holandesa, inglesa. Quantas obras estão expostas no Prado? Cerca de 4.000. Uma cifra aproximada.



Aos domingos, costuma haver palestras, cursos e não poucas vezes se vêem grupos de alunos com aulas "ao vivo".

No Prado estão 114 obras de Goya, além de 500 desenhos. Dos estrangeiros, Rubens está representado com 83 quadros, Brueghel com 40, David Terniers com 39 e Tiziano com 36.

É, em verdade, inenarrável a emoção que senti quando pus os olhos pela primeira vez num original de Goya, de El Greco, de Velasquez, de Jeronimo Bosch...

Se não é o mais rico do mundo, o Prado é uma atração permanente, é um veio sem fim de beleza, é ponto obrigatório de quem passa por Madrid.

Goiânia, maio de 1974

## Em terras de Espanha

### II

#### ANDALUZIA (1ª parte)

**U**ma das experiências maravilhosas para quem tem a oportunidade de viver como estudante na Europa são as viagens de auto-stop (carona). Há, como em toda parte, os que desencorajam esse tipo de aventura, desfilando um rosário de histórias trágicas, de crime, roubo, violência e até de morte. Entretanto, a despeito de todas as agressões e loucuras do mundo de hoje (ou de sempre?), o europeu, de um modo geral, é uma criatura humana que sabe respeitar a liberdade e o modo de ser dos seus semelhantes. Tarados e loucos há-os em toda parte. Certamente Deus nos livrou deles.

Éramos um grupo pequeno, homogêneo, consciente do que pretendíamos. Fazíamos o nosso programa de viagem. As coisas não eram decididas ao léu: planejávamos. As nossas andanças, sobretudo pela Espanha, resultou numa experiência válida e inigualável. Não só encontramos a solidariedade, a camaradagem, o desejo sincero de comunicação, como pudemos ter conhecimento mais profundo do povo. Experiência que não obteríamos se fôssemos arrebanhados em excursões ou se freqüentássemos só os ambientes refinados ou sofisticados e artificiais. A viagem de carona é um diálogo pronto com pessoas as mais variadas: é um membro do corpo diplomático, um

industrial, um estudante, um comerciário, um chofer de caminhão, um fazendeiro, um profissional liberal...

Lembro-me de um dia especialmente, esperávamos há várias horas na estrada (o que não era freqüente, geralmente a espera era curta, dez, quinze minutos), vencíamos o cansaço e a fome. Parou um carro. Era um senhor de cabelos brancos. Falamos em espanhol, ele não nos entendeu. Mostramos o mapa. Ele apontou qual seria sua rota. Coincidia com a nossa. Passaria pela cidade onde planejavamos pernoitar: Granada. E prontificou-se a nos levar. Através da viagem, fazíamos o máximo para nos comunicarmos. Compreendemos que ele era professor da Sorbone, saíra de madrugada de Paris, com destino a Málaga. Estava profundamente rouco e cansado. E, por estar rouco, quase nada entendíamos de seu francês. E, então, resolvemos cantar. Nosso corinho era afinado. Cantamos "Frère Jacques" e outras músicas francesas. Vimos tanta alegria no rosto do solitário professor que ficamos emocionadas. Depois foram músicas brasileiras. E o professor se descuidava do volante para exclamar: bravo! bravo! E numa tarde bonita, deixou-nos cheias de expectativa e de emoção à entrada da lendária Granada, para seguir sua rota.

Foram muitos os lances de sorte. Quando seguíamos para Málaga, conseguimos carona por poucos quilômetros e descemos em um posto de gasolina. O tempo passava e o frio incomodava muito. Faltava-nos ainda muita estrada para atingir o nosso destino e por prudência não viajavamos à noite. À porta do café parou um carro vermelho. Um carrão. Não me lembro a marca, aliás nem sabia, pois desses objetos de luxo não sou muito entendida. Seu proprietário (que era médico, soubemo-lo no decorrer das conversas), não se mostrou muito entusiasmado em nos levar, mas não se negou a fazê-lo. Pela estrada desfilavam os morros



coroados de olivais, os vinhedos, os trigais e a visão áspera e impressionante da serra de Antequera. No carro, uma coleção de fitas de música de bom gosto e o papo agradável tornaram a viagem uma delícia. Ao pé da serra, à beira da estrada, há uma “venta” (taverna), que é também um museu (de bandoleiros) e que fora em épocas remotas freqüentada por famosos bandidos da região. No museu se encontram armas e objetos que pertenceram a eles, bem como documentos, livros e ilustrações. Uma parte da construção é o museu e a outra é a taverna. Experimentamos pela primeira vez o famoso e divino vinho de Málaga, com o fogo crepitando na lareira, e a música bem espanhola e arrebatadora.

Prosseguimos e, dentro de pouco tempo, surgia Málaga aos nossos olhos, com o cenário de casas branquinhas emolduradas pelo Mediterrâneo, que ainda se percebia muito azul sob o final de luz na tarde em despedida. Uma tarde de abril.

## AL – ANDALUZ

A Andaluzia é uma das 54 províncias da Espanha Meridional. Compreende as cidades de Almeria, Cádiz, Córdoba, Granada, Huelva, Jaén, Málaga e Sevilha. Guarda as marcas indeléveis da esplendorosa civilização árabe, ali vigente durante oito séculos.

Em 711, os árabes invadem a Espanha e aí tem início essa civilização – os elementos culturais árabes amoldados ao cenário e à alma ibéricos – que iria ter o seu esplendor máximo em Córdoba, que chega a ser um dos principais centros culturais da Alta Idade Média.

Durante o califato de Córdoba, a Andaluzia foi foco de uma cultura brilhante, não apenas sob o ponto de vista material – palácios, mesquitas, muralhas, cúpulas douradas,

minaretes cintilantes –, mas sobretudo quanto ao refinamento espiritual. Para ali acudiram homens de ciência, artistas, filósofos, poetas, gramáticos, teólogos, juristas, médicos. Diz Al-Maqqari (1) que os poetas que floresceram sob Hisham II e Al-Mansur eram tão numerosos como as areias do oceano... Havia grande número de bibliotecas, meninos e meninas iam à escola e muitas mulheres mouras se sobressaíram na literatura e nas artes. Uma princesa – Wallada – comandava uma corte brilhante, freqüentada por intelectuais e artistas. Ela própria era poeta de renome.

A indústria da seda, bem como objetos em ouro, peles, marfim tornaram-se famosos e foram exportados para toda a Europa.

Washington Irving nos dá uma bela síntese do que foi o domínio árabe em terras espanholas: “Longe de seu país natal (os árabes) amaram a terra que acreditavam lhes concedera Alá e procuraram embelezá-la com tudo aquilo que pudesse contribuir para o bem-estar do homem. Puseram os fundamentos de seu poder em sábias leis; cultivaram ativamente as ciências e as artes; fomentaram a agricultura e o comércio e formaram pouco a pouco um próspero império, sem rival entre todos os povos cristãos; e ao rodear-se de todas as delícias e refinamentos que caracterizaram o império árabe do Oriente na época mais culminante de sua civilização, difundiram a luz da inteligência oriental por todas as regiões ocidentais da obscurecida Europa.”

E no entanto, diz o mesmo autor, o império muçulmano na Espanha não foi mais que uma brilhante planta exótica que não arraigou de modo duradouro na terra que havia embelezado. A terra que adotaram e ocuparam tanto tempo se nega a reconhecê-los a não ser como invasores e usurpadores. Uns poucos monumentos ruinosos é tudo o que resta para testemunhar seu poderio



e soberania. O Alcácer de Sevilha, a Mesquita de Córdoba e o Alhambra de Granada são eloqüentes testemunhos desse passado de esplendor.

## GRANADA

Para falar de Granada, suas ruas estreitas, seus palácios, os jardins, as fontes, as flores, os aconchegantes pátios internos, a paisagem e a Sierra Nevada “orgulho y delícia de Granada”, as “Cuevas de los gitanos” ao pé da montanha, a colina do Alhambra, a Catedral, o tocar dos sinos ao cair da tarde feito mistério tocante, é conveniente não se usar adjetivo algum. Ou melhor, um apenas, invocando toda sua força significativa: esplêndido! Como talvez seja esplêndida toda a Andaluzia.

Diz-se que quando o árabe nômade e guerreiro irrompeu na Península Ibérica, era um povo duro e austero, áspero e lutador, impulsionado pelo seu fanatismo religioso. Porém, quando os Reis Católicos conquistaram Granada, o último reino mouro a cair, encontraram um povo sensual, refinado e sonhador, que se deleita na contemplação da arte e da natureza. É a magia do cenário granadino.

A cidade é sobretudo famosa pelo Alhambra, mas há uma infinidade de coisas a ver: o Generalif, residência de recreio dos reis nazaritas (que governaram a Espanha nos séculos XIV e XV); a Catedral renascentista, traçada por Siloé, uma jóia; a Capela Real com o túmulo dos Reis Católicos; o Palácio de la Madraza, antiga universidade árabe; a Alcaiceria, mercado mouro, hoje mercado de artesanato; as igrejas e conventos; o Sacromonte, bairro de ciganos.

Mas o chamamento primeiro dessa cidade encantada é mesmo o Alhambra. Visto de fora, com diz Irving, é uma tosca agrupação de torres e almenaras, sem regularidade



de planta nem elegância arquitetônica, que mal dá idéia da graça e beleza que reinam em seu interior. É, pois, um palácio-fortaleza construído pela dinastia nazarita. Em 1238, Al-hamar trasladou para aí a corte, e Granada se converteu na capital de um importante reino, o último a capitular com a Reconquista. Está construído na colina do mesmo nome, defendido por muralhas e torres. É um conjunto formado por setores diferenciados: Alhambra (palácio real), os palácios e os recintos ajardinados constituídos pelo Partal, as Torres e o Secano. Fora do palácio real havia um conjunto para residência dos cortesãos. Essas construções desapareceram em sua maior parte e suas ruínas foram convertidas em jardins, em dois grupos, os do Partal e os do Secano. O famoso Pátio dos Leões, rodeado por 129 colunas de mármore branco, tem uma fonte de alabastro sustentada por doze leões de mármore negro. Para esse pátio, convergem as salas de "Las dos hermanas", a de Abencerrages (diz a lenda que é assim chamada devido aos cavaleiros de ilustre linhagem que nela foram vilmente assassinados e contam que em noites escuras se ouve no Pátio rumores confusos e ruídos de correntes que se arrastam... São os espíritos dos Abencerrages que rondam por ali) e a dos Reyes, lindas, apresentando no teto delicadas composições de moçárabe e finos arabescos. O salão do trono possui o teto em madeira policromada, com figuras de estrelas dando-nos a mágica impressão de um firmamento. Admiráveis são os jardins, com as fileiras de ciprestes, as flores variadas, as fontes. Envolto em atmosfera de sonhos e lendas, riqueza e bom gosto nos ornamentos, profusão de luzes e cores, quando se entra nesse palácio, tem-se a impressão de que se penetra num mundo encantado onde tudo é fantástico.

No Generalif se chega por uma alameda formada por ciprestes de grande altura. Dos seus pátios tem-se

excelente panorama da cidade com o Alhambra em primeiro plano.

“La Alcaçaba” é castelo sentinela do Alhambra, com a Torre da Vela, assim chamada porque dali se velava pela segurança da cidade. À porta de entrada da torre está gravado em mármore o famoso poema de Francisco de Icaza:

“Dale lismona mujer  
que no hay em la vida nada  
como la pena de ser ciego em Granada.”

### COM OS CIGANOS

Visitamos Sacromonte, bairro de ciganos, para ver de perto como vive essa gente e conhecer uma legítima “cueva”. Branquinha por dentro, pequena, o teto abobadado, escasso mobiliário, com dois compartimentos, numa delas vivia uma família, um casal relativamente moço, com uma filha de uns doze anos, mais três filhos menores. O cigano era um homem moreno e bonito e na mulher percebia-se resto de beleza oriental, de uma talvez “bailaora” famosa das tavernas gitanas. A pedido nosso o casal dançou, não ao som da guitarra, mas de um disco que rodava rouco no pequeno e velho toca-discos. Também a menina dançou, agitando com graça e sedução seu corpo e seus longos cabelos, a sensualidade da raça no rosto, não parecia uma garota – isso nos espantou –, mas uma mulher sensual.

Sáímos e seguimos por um trilheiro que descia para as primeiras ruas de Sacromonte, ao pé da montanha, lá onde se enfileiram as cuevas com shows noturnos para os turistas. São lindamente decoradas com artesanato de cobre reluzente (caçarolas, candeias, colheres, floreiros, pequenos

tachos) que se dependuram no teto branco. Ali belas mulheres morenas, com suas saias longas e coloridas, rosas nos cabelos, dançam a zambra ao som de guitarras e palmas.

Atrás de nós ia ficando a colina árida e nua, que parecia dormir como um animal informe, envolta no silêncio e na escuridão da noite.

Apenas, lá embaixo, os acordes da música flamenga. E a algaravia e o riso ébrio de gente – ciganos, espanhóis, estrangeiros – submersos na atmosfera do vinho.

Naquela tarde passáramos também por Virgencica, um bairro proletário de ciganos. Casinhas pequenas, brancas, iguais, foram construídas para abrigar famílias que habitavam covas numa parte do monte que ameaçava ruir. Pelas ruas havia pequenas fogueiras onde homens, mulheres e crianças esquentavam as mãos naquele frio fim de tarde. Nossa presença despertou curiosidade, pois forasteiros não costumavam fazer incursões por aqueles lados. Foi juntando gente em torno de nós, examinavam nossas vestimentas, dançavam, pediam dinheiro, faziam comentários em seu dialeto. Então percebemos que o mais prudente era partir.

Passamos pelo Albaicin, bairro árabe, onde além de igrejas e monumentos, notáveis, chamaram-nos a atenção as casas com as fachadas ornamentadas com pratos de cerâmica decorada, maravilhosos jardins internos, pequenas praças poéticas e floridas.

Do miradouro da praça de San Nicolás descortinamos a Serra Nevada, origem da fresca brisa que acaricia Granada, seu verdor perpétuo, suas fontes puras, seus caudais perenes. Também contemplamos a silhueta iluminada do Alhambra, que à noite adquiria uma beleza fascinante.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURAND, Will. *História das civilizações*. São Paulo: CEN., 1957, v. 9.

IRVING, W. *Cuentos de Alhambra*.

Goiânia, maio de 1974



## Em terras de Espanha

### III

#### ANDALUZIA (2ª parte)

#### DE MÁLAGA A TANGER

**M**álaga, de origem visigótica, é porto de grande importância no Mediterrâneo. Fundada pelos fenícios – Malaka – passou aos cartagineses e foi município romano. Ocupada em 711 pelos muçulmanos, conquistada pelos reis católicos em 1487, saqueada pelos franceses em 1810, bastante castigada com a guerra civil, tem uma crônica fecunda de acontecimentos históricos e guarda na eloquência de suas ruínas as marcas de seu passado. E, no presente, a beleza imperecível de sua condição de cidade à beira-mar. Riqueza que as guerras não podem destruir.

Da viagem para Málaga guardo bem vivos na lembrança aquelas estradas ladeando as montanhas, as plantações, os morros bordados de olivais. Da cidade, seu passeio à beira-mar cheio de palmeiras que trazem amenidade e emprestam ar de poesia e de alegria quando agitadas pela brisa marinha. Famosas são as suas procissões da Semana Santa, essas ruidosas procissões andaluzas. Igualmente famosas são suas passas e divino o seu vinho.

Aproveitando a proximidade do extremo sul da Espanha, resolvemos cruzar o Estreito de Gibraltar para pisarmos o chão da África.

De Málaga rumamos para Algeciras, a cidade onde tomaríamos o barco para cruzar o Estreito e alcançar o

Marrocos. Com certa dificuldade atingimos Algeciras, porque naquela região o “auto-stop” não se faz com facilidade. Contaram-nos de crimes cometidos contra um médico e outras pessoas, gente respeitável que cordialmente oferecera carona e recebera o troco ingrato à amabilidade hospitaleira.

Mesmo assim conseguimos atingir Algeciras numa noite tempestuosa em que a cidade estava cheia de estrangeiros, as pensões repletas, os lugares disputados a peso de ouro e os barcos que não partiam havia três dias devido ao mau tempo. Por nossa boa estrela conseguimos alojamento, descansando por uma noite numa simpática pensão. E pedindo a Deus que o barco partisse no dia seguinte pois do contrário ia ser um desastre para a nossa rota planejada. Também nos falaram dos perigos dessa viagem pelos agitados rumos da raça muçulmana. No entanto, fomos felizes.

O céu amanheceu azul, o mar calmo, o tempo promissor. Cruzamos o estreito de Gibraltar num barco carregado de estrangeiros de várias origens, hipies, árabes, desentendimentos com funcionários alfandegários, discussões em vários idiomas, perda de tempo, muita bagagem, confusão no desembarque. Enfim chegamos a Tanger. Combinamos um *tour* pela cidade com um chofer muito amável, que falava perfeitamente o espanhol. Tanger, linda cidade! As praias, as casas alvas, o farol que marca o encontro do Atlântico com o Mediterrâneo, os meninos que nos ofereciam flores do campo na esperança de ganhar balinhas (oh, não, não queriam dinheiro, apenas balinhas...), um palácio muçulmano, mulheres de véu nos rostos e as mãos pintadas de vermelho (com uma tinta especial para protegê-las), homens vestidos de batas, velhinhos de bordão, com seu fez e lindas barbas brancas (seriam dervixes?), o mercado cheio de mil coisas tentadoras, um artesanato barato e



de qualidade, bolsas de couro com franjas e pintadas, vestidos bordados de dourado, ladrões (um tentou roubar-nos), as preces de um muezin soando do alto de um minarete ao entardecer, um mundo estranho e fascinante.

Momentos inesquecíveis foram os que passamos no restaurante Hamadi, onde nos serviram comidas árabes as mais finas, num ambiente todo decorado de vermelho, o bom vinho, as músicas, as flores que nos ofereceram, o chá à moda árabe perfumado com água de Azahar.

Houve o clássico passeio de camelo e uma foto (para documentar a façanha, é claro!). Enfim, dias intensos, uma impressão forte, um passeio de que não se esquece.

Na volta, pernoitamos em Jerez de la Frontera. Famosas são suas bodegas, o seu jerez e também sua Semana Santa.

Estávamos agora a caminho de Sevilha.

## SEVILHA

Os andaluzes são comunicativos, alegres e prestativos. Assim, o próprio estudante que nos deu carona ofereceu-se, à entrada de Sevilha, para levar-nos a dar uma vista dolhos pela cidade. Logo de início mostrou-nos o famoso parque Maria Luiza, cujos jardins paradisíacos imitaram, dizem, o estilo britânico, para depois serem reformados pelo francês Forestier. Ali estão as edificações da Exposição Ibero-Americana, com as lindas praças da América e da Espanha.

Chegamos ao centro da cidade: gente, gente, gente. Hotéis e pensões lotados. As procissões passando, barracas de comestíveis por toda parte, e o vulto dessa maravilhosa e impressionante catedral sevilhana surgindo pela primeira vez ante meus olhos. E imediatamente procurei a famosa Giralda, da qual dizem ser a obra-prima das torres árabes e

uma das mais belas criações artísticas da Espanha. Costumam dividir a arte islâmica espanhola em períodos, e um deles é o de influências africanas (Almorávida e Almoáda), no século XII, que se caracteriza pelo uso do ladrilho e do desenho romboidal nas decorações geométricas(1). A grande mesquita de Sevilha que os árabes levantaram desapareceu, conservando-se somente a Giralda, seu esbelto minarete. No dia seguinte subiríamos pela escada espiralada ao alto da torre para contemplar a paisagem sevilhana.

Tivemos a princípio dificuldade em achar alojamento. Graças à solidariedade do andaluz, conseguimos quarto numa pensão de um bairro pobre. Gente limpa, honesta e muito humana.

As cerimônias da Ressurreição, assistimo-las na Catedral de Sevilha. A Catedral foi construída no lugar onde antes se erguera a Mesquita, tendo a construção se iniciado no início do século XV. Consta de cinco naves e é a terceira do mundo por suas dimensões.

Contíguo à Catedral se visita o “Pátio de Los Naranjos”, que também o foi da Mesquita e se conservou íntegro até 1618. Hoje, do original restam as arcadas, uma das quais foi reconstruída recentemente, e a fonte visigótica. A Catedral também abriga a famosa “Biblioteca Colombina”, tesouro bibliográfico deixado por Fernando Colombo, filho de Cristóvão Colombo. Apesar das perdas sofridas com o tempo, essa biblioteca conserva ainda cerca de três mil volumes, incluindo preciosidades como miniaturas, impressos raros e manuscritos de Colombo.

Na visita à Sevilha, não se pode deixar de ver a famosa “La Macarena”. Imagem de impressionante beleza, de comovente expressão, veste-se de manto de ouro e traz nas mãos um terço de esmeraldas e é de brilhante a lágrima eterna que parece prestes a deslizar em sua face perfeita.

Em sua capela, espanhóis e devotos dos mais longínquos rincões acendem velas, pagam suas promessas, rezam mirando com admirável fé aquele rosto, em busca de alento, repouso, esperança.

Passamos uma manhã visitando o Alcácer sevilhano e seus jardins maravilhosos. Ele é um dos mais expressivos monumentos da arte islâmica espanhola. Embora tenha sido construído por D. Pedro, o Cruel, sobre as ruínas do palácio do rei Al-Mutamid, ele é<sup>(2)</sup> a mais clara demonstração de como em Andaluzia os dominadores cristãos se adaptaram e aceitaram as formas de existência muçulmanas. Sua disposição recorda a dos palácios islâmicos e seu estilo se aproxima bastante do Alhambra. Consta que Pedro I pediu a seu aliado Muhammad V que lhe enviasse hábeis artífices. Além disso intervieram artífices cristãos e operários mudéjares. Assim Sevilha foi cenário de intercâmbios artísticos. O Alcácer sofreu modificações introduzidas pelos Reis Católicos e por Carlos V. No interior do palácio, são dignos de menção o “Pátio de las Doncellas”, núcleo da vida oficial, e o “Pátio de las Muñecas”, onde se concentrava a vida privada de seus reais moradores. Dos salões, as peças mais importantes são o dos Embaixadores, com cúpula do séc. XV, e o dormitório dos reis mouros, com portas mudéjares.

O bairro de Santa Cruz, o mais típico e original de Sevilha, nos encantou. Antigamente ali se localizou o gueto dos judeus. É um labirinto de ruínas estreitas, de casas brancas, com seus pátios floridos, uma profusão de flores subindo pelos muros, nas fachadas das casas, nas sacadas, nas escadas, nas pequenas praças. Ah, Deus, vendo tantas flores, me lembrei de Ramon Jimenez: “Mira, Platero, que de rosas caem por todas partes: rosas azules, rosas blancas, sin color.... Diríase que el cielo se deshace en rosas. Mira cómo se me llenan de rosas la frente, los hombros, las manos... Qué haré yo com tantas rosas?”



Quando despertei do meu sonho de rosas, me vi passando naquela pracinha que guarda as cinzas de Murillo, que é sevilhano, como sevilhano era o famoso barbeiro de Beaumarchais, era a Carmem de Merimée, era Velasquez. São apenas alguns nomes dos muitos famosos que estão ligados a essa maravilhosa Sevilha. Ah – uma omissão que seria imperdoável! – num cárcere sevilhano, Cervantes fez nascer o Don Quijote de la Mancha.

O Arquivo Geral das Índias (que infelizmente não pude visitar) é riquíssimo em documentos que se relacionam com a conquista e colonização da América Espanhola. Ele conserva 35.793 unidades documentais, bem como mapas, cartas, autógrafos etc. Esse Arquivo está na Casa Lonja, projeto do arquiteto Juan de Herrera, o mesmo que construiu o Escorial. (Diga-se de passagem que deixei de visitá-lo pela inflexibilidade dos burocratas: estava aberto, funcionando, mas a visita do público em geral suspensa. Eu invoquei a minha condição de bolsista, de aluna do Curso de Documentación de Madrid, mostrei uma carta de apresentação de uma professora minha, nada. Garanto que se fosse no Brasil se tinha dado um jeitinho!).

Assim, findara o nosso tempo de Sevilha. Muitas, muitíssimas coisas faltava serem vistas. Não nos era possível esperar as famosas “Férias de Abril”, uma festa das mais típicas, talvez de toda a Espanha. Mas... não se pode ver tudo.

Tínhamos que partir. E Córdoba nos esperava a 140 quilômetros.

## CÓRDOVA

Registra a História que o império muçulmano espanhol atingiu seu esplendor máximo em Córdoba. E essa cidade, independente da presença da Mesquita, a mim,

pareceu a mais linda de toda a Andaluzia. É simplesmente um sonho, com suas ruelas de casas brancas, os pátios mais floridos, as praças pequeninas e cheias de poesia. O Guadalquivir correndo manso e encimado pela ponte romana que data dos tempos de Júlio César, os numerosos monumentos e a Mesquita, considerada a maior e a mais bela do mundo islâmico. Não sei realmente por onde começar a falar dela, nem sei explicar o que mais me comoveu por seu passado e por seu presente. Saímos andando sem saber onde entrar primeiro ou querendo entrar ao mesmo tempo em todos os lugares: Rua das Flores, Rua da Lua, Rua dos Judeus, Rua dos Sete Infantes de Lara... Entrávamos nas casas para ver os famosos pátios. Em um deles estava uma velhinha de cabelos brancos e roupas pretas, ao estilo tradicional espanhol, assentada nas bordas do poço, porque nos pátios há sempre um poço ou uma fonte. Pareceu que sempre estivera ali e que estaria para todo o sempre. Fazia parte daquele chão centenário, daquelas arcadas centenárias, daquelas flores de que cuidava com amor, sempre renovadas e portanto eternas. Flores nos vasos presos nas paredes, nas escadas, nas sacadas. Trepadeiras que se enroscam pelas colunas e pendem dos arcos, roseiras carregadas, rosas de todas as cores e feitios. O sorriso bom da velhinha, o canto de um pássaro visitante e o nosso silêncio emocionado.

No labirinto das ruazinhas, fomos dar na Porta de Sevilha, onde está o monumento a Ibn-Hazan, onde se lêem os versos:

“Tu amor me há hecho celebre entre la gente  
Por ti se preocupan mi corazon y mi pensamiento.  
Cuando te ausentas nada puede consolarme  
y cuando llegas todo el mundo esta presente.”

De noite, a visita ao “Cristo de Los Faroles”, uma imagem austera e tocante, colocada em 1794 na praça dos Capuchinhos, pequenina praça que é uma moldura adequada para aquele Cristo.

Córdova tem também o seu Alcácer (al-qasr - castelo; do latim, *castrum*), o chamado Alcácer dos Reis Cristãos. No ano de 1328, Afonso XI, o Justiciero, começou a construção desse palácio no mesmo local onde antes estivera o “Telonium” ou aduana da Bética (parte da antiga Espanha, banhada pelo rio Bétis, hoje Guadalquivir e que tinha por capital Hispalis – hoje Sevilha. Foi uma florescente colônia romana onde nasceram Trajano, os dois Sênecas, Lucano e outros nobres) – de que foi questor Júlio César. Em forma de quadrilátero, com quatro torres, das quais restam três, possui pátios e jardins maravilhosos, fontes, o banho dos califas com abóbadas estreladas por onde se filtra a luz produzindo o efeito de um pequeno firmamento. Ele guarda valiosas peças arqueológicas de várias épocas. Esse Alcácer foi testemunha de momentos importantes na vida da Espanha: a Rainha Isabel e o Rei Fernando aí viveram por oito anos; aí se fizeram os preparativos para a reconquista de Granada e aí esteve muitas vezes Cristóvão Colombo para falar à Rainha de seus planos de conquista do Novo Mundo.

Passeando por aqueles jardins, senti um momento de rara e plena felicidade, pois era-me profundamente gratificante pisar naqueles caminhos históricos, sentir a presença de tantas flores, de tantas árvores com seus respeitáveis séculos de existência e testemunho, o ruído sonoro das fontes e do vento em bailado pelas folhas. Caminhávamos em silêncio: falar quebraria o encantamento. Senti que o tempo se aprofundou no infinito: eu já estivera nesse lugar e nele estaria sempre para evocar um momento de felicidade completa.



É claro que é difícil resumir Córdoba numas linhas: passar por alto sobre o rico Museu Arqueológico Provincial, sobre o fabuloso Museu Júlio Romero, o pintor das mulheres morenas, o Museu Taurino e de Artes Cordovesas e a Sinagoga.

É sobre a Mesquita que eu devo falar um pouco mais.

Sua construção fez-se sobre a basílica moçárabe de São Vicente, foi iniciada no século VIII por Abduhaman I e recebeu sucessivas ampliações nos reinados de Abduhaman II e Al-Hakan II, tendo sido terminada no século X. Dá acesso à entrada principal o pátio de abluções com muitas fontes. E ela está orientada para o sul. As fileiras de colunas formam dezenove naves, dando a impressão, como se afirmou, de um verdadeiro bosque de mármore. Sobre as colunas encimadas por capitéis de rica variedade (romanos, visigóticos, muçulmanos) se estendem os arcos de ferradura (de origem visigótica e muito usados pelos árabes, alternando listas brancas e vermelhas, na primeira linha; e de meio ponto na arcaria superposta). As colunas da nave central são de mármore rosa. As ampliações de Al-Hakan II culminam na construção do Mirhab (santuário de onde se dirigia a oração) que é uma verdadeira jóia dentro da Mesquita. Ostenta a mais bela cúpula e os mais ricos mosaicos da arte muçulmana espanhola. À entrada do Mirhab há um esplêndido arco de mosaicos.

Encravada dentro da Mesquita (uma pena e um absurdo!), Carlos V mandou, em 1523, construir uma catedral cristã. Essa catedral, em caráter ogival, foi-se transformando com a mudança de estilos arquitetônicos, até terminar no barroco. Essa profusão de estilos se explica pelo tempo que levou para ser terminada: 243 anos! Apresenta um magnífico coro, esculpido em caoba pelo artista Pedro Duque Cornejo. Esculturas, pinturas e

ourivesaria enriquecem o templo com obras de Arfe, Valdés Leal, Alonso Cano, Palomino etc.

A Mesquita de Córdoba é, sem dúvida, uma das coisas mais impressionantes que se vê na Europa.

Próximo de Córdoba encontram-se as ruínas de Medina Al-Zahara que foi, dizem, o Versalhes do mundo islâmico espanhol. Foi assim descrito: "O palácio real de Al-Zahara, que se eleva a três milhas a sudoeste de Córdoba, foi ricamente desenhado e mobiliado. Sustentavam-no 1.200 colunas de mármore. O harém podia acomodar seis mil mulheres. O salão de audiências tinha o teto e as paredes de ouro e mármore, oito portas incrustadas com ébano, marfim e pedras preciosas e um tanque de mercúrio, cuja superfície refletia os raios oscilantes do sol. Al-Zahara tornou-se o centro residencial de uma aristocracia famosa pelo seu donaire e polidez de maneiras, o refinamento de seus gostos e a largueza de interesses intelectuais." Foi completamente destruído pelo fogo na revolução de 1010. Hoje se realizam escavações para reconstruir esse palácio que os viajantes descreviam maravilhados.

Mais uma vez tivemos de partir. Desta vez, partir de Córdoba. Em mim, só havia uma esperança, quase uma prece: que eu possa um dia voltar à Andaluzia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Tormo Cervino, Juan. *História del arte y de cultura*. Valência: Bello, 1969.

1. ENCICLOPÉDIA Labor. Madrid, 1967, v. 5.
2. DURAND, Will. *História das civilizações*. v. 9.

Goiânia, maio de 1974

## Na terra dos deuses

**H**á momentos na vida em que nos perguntamos se são reais o espaço e o tempo em que estamos vivendo, se não é um reencontro ou um instante sonhado: assim me vi, quando, numa noite de dezembro, desembarquei no Aeroporto de Atenas. E pisando o chão grego e andando por aquelas ruas coloridas – pois era véspera de Natal –, parecia-me ver no rosto das pessoas com que me defrontava aquela “serena dignidade e sinceridade” que seus geniais artistas esculpiram no mármore para toda a eternidade. Estar em Atenas não é como visitar qualquer cidade. É sentir aquela polis que produziu a “sociedade mais civilizada que jamais existiu”, é lembrar um povo que deu à cultura humana a mais espantosa contribuição jamais superada.

Foram-me aparecendo, como numa sequência mágica, as avenidas adornadas de flores, iluminadas de luzes de todas as cores, depois o vulto da Acrópole banhada de luz, depois as ruínas do templo de Zeus...

Grécia: “tout homme est – aussi bien par l’esprit que par le coeur – un peu fils de ce pays”!

Fomos esticar a noite no Plaka, um bairro típico onde se concentra a vida noturna. Tavernas e mais tavernas, gente de todas as partes, música, animação nas ruas. Foi no “Attalos” que entramos, uma casa noturna como muitas outras, mas achei o nome lindo. As mesas estavam cheias



de frutas, de dourado vinho com sabor de resina, e a alegria se mostrava no rosto de todos. Um jovem cantava com muita emoção, velhos e moços dançavam o “sirtaki”, e quando a animação estava no auge e os vinhos nos espíritos, lançavam pratos ao pé do tablado. Quebrar pratos nas tavernas é uma das maneiras de o grego demonstrar sua vibração. E não há quem fique insensível e não mergulhe de corpo e alma na alegria geral.

Voltamos outras vezes ao Plaka para ver shows, bailados e observei que têm finura, beleza, muito da alma grega, ao contrário de outros países em que a maioria do que se prepara para turistas é artificial, com sabor de coisa enlatada.

Numa manhã ensolarada, começamos a descobrir a cidade. E Atenas se abria aos nossos olhos, com seus dois milhões e meio de habitantes, assim esparramada e aberta, branca, plantada nas suas colinas, banhada por um mar diáfano e imaterial – onde o Mediterrâneo é mais azul que em qualquer outro lugar. Por onde começar, se todos os fascinantes caminhos nos atraíam?

Optamos pelo Museu Arqueológico Nacional. Foi a mais forte emoção de minha vida. Depois de algum tempo de visita, uma companheira de viagem, uma jovem americana, chorava. Eu lhe perguntei assustada se se sentia mal. Não, respondeu ela, pelo contrário. Que mais se pode fazer do que chorar, diante de tais maravilhas?

É um mundo de beleza: esculturas da idade do ouro, célebres por sua atitude nobre e perfeição de contornos – sua serena dignidade e sinceridade; as estranhas figuras das Cíclades; os Kouroi (adolescentes) do período pré-clássico; obras micênicas em ouro (máscara mortuária de Agamenon); vasos do período geométrico com ornamentação regular e quase abstrata; baixos-relevos, afrescos, jóias de todas as idades.

Já foi dito que na Grécia não houve apenas a excelência da produção artística, mas também a abundância, tal era o nível desse povo. Apesar do que foi levado, – peças famosíssimas estão no Louvre, no Vaticano, no Museu de Berlim, no British Museum – muita coisa, felizmente, ainda restou no país.

## A ACRÓPOLE

Escalamos a pé a colina desde o centro da cidade. A Acrópole é uma cidadela situada a 156 metros acima do nível do mar. Domina a cidade e é fortaleza natural, inacessível de todos os lados, menos o flanco oeste, onde está a entrada. Fortaleza e centro religioso dedicado ao culto de Atenéia, a protetora da cidade, em sua honra foram construídos os belos templos que formam aquele majestoso conjunto. Os monumentos mais importantes da colina sagrada são o Partenon, o Erectéion, os Profileus e o templo de Atena Nicéia. Foram construídos na segunda metade do séc. V a.C., sob a inspiração de Péricles. A porta de acesso, de proporções monumentais, foi concebida e executada pelo arquiteto Mnesicles entre os anos 437 e 432. Essa porta de entrada tem um pórtico central flanqueado de duas alas assimétricas, em duas concepções: dórico no exterior e jônico no interior.

O Partenon, construído no ponto mais alto da Acrópole, é a criação mais importante da arquitetura grega antiga – o símbolo da perfeição – e é o marco supremo do espírito clássico da idade de Péricles. Foi construído durante os anos de 447 – 432 pelos arquitetos Ictine e Calicrate, sob a direção de Fídias. É um templo períptero, de forma retangular, construído de mármore pentélico, outrora enriquecido com as esculturas do grande Fídias, com frisos nos frontões inspirados na lenda heróica de Palas Atena.



Nesses frisos adornados com métopas, havia 320 figuras que representavam o cortejo das Panatenéias (festas em honra de Atena). Algumas dessas métopas se encontram no Louvre e no British Museum. Em uma das três partes em que internamente se dividia o templo, havia a famosa Atena Poliade de marfim e ouro, colocada sobre um pedestal decorado com relevos que representavam o nascimento de Pandora e vinte deusas. As colunas tinham 10,30 metros de altura e 1,72 metros de diâmetro. Acanaladas com capitel simples, sem astrágalo e unidas ao fuste com quatro filetes. Não tinham base e estavam ligeiramente inclinadas até o interior do templo. O Partenon já foi igreja cristã, já foi mesquita, já foi depósito de pólvora dos turcos (infame profanação!). Mas do que resta, ainda se recebe o impacto daquela grandiosidade, que uns restos de colunas atestarão para sempre e que fazem dele o que já foi tão dito, mas é tão lindo que eu repito: "o silogismo de pedra".

Outro templo da Acrópole é o Erectéion, uma das relíquias mais velhas e mais sagradas da antiga Atenas. É um retângulo de três pórticos construídos em níveis diferentes. No interior se encontram os santuários, um dedicado a Poseidon Erecteo, com entrada no flanco norte, outro dedicado a Palas Atena, com entrada no flanco leste. O encanto desse templo e sua fama residem nas cariátides que ornaram o pórtico sul. São seis estátuas de horeas (isto é, moças), de extraordinária beleza e elegância; quatro estão na frente e duas de lado, suportando o peso do teto, com uma das pernas ligeiramente avançada, dando a impressão de serenidade e firmeza.

Na Acrópole há também um museu onde se podem ver muitas preciosidades, esculturas e relevos de vários períodos.

A tarde caía com o horizonte pincelado de ouro e luz, Atenas branca a nossos pés, e o mar Egeu de um azul



puríssimo. A Guarda Real entrou com seu uniforme de calções e túnicas brancos, capuz vermelho com pontas caindo pelas costas. Era a hora de descerrar a bandeira e fechar as portas da Acrópole. Ouviu-se o hino nacional, enquanto uma brisa leve estremecia seres e coisas. Foi um momento inesquecível, que despertou em mim o êxtase da beleza, aquele apelo misterioso, vontade de que o tempo não acabasse nunca.

Ao sopé da Acrópole está o Odeon de Herodes Ático, teatro e auditório para cinco mil pessoas. Na ponta sul está o teatro de Dionísio, que desde o século VI foi teatro oficial e era parte integrante do grande santuário de Dionísio, onde, durante os festivais, eram representadas as peças teatrais. Aí foram encenadas pela primeira vez obras de Sófocles, Ésquilo, Eurípedes e Aristófanes. Nesse teatro também se faziam reuniões públicas.

## OUTROS MONUMENTOS

Visitamos no dia seguinte o porto de Pireu. Temístocles, o pai da marinha ateniense, estabelece aí o porto da pólis, no fim do séc. V a.C. A construção do famoso Longo Muro, que vem de Atenas ao mar, transforma o porto num centro comercial cosmopolita. Modernamente, ajuntou-se-lhe um complexo industrial bastante desenvolvido.

Avançamos pela esplêndida costa até o cabo Souúion, onde está o templo de Poseidon. Ali os marinheiros ofereciam sacrifícios propiciatórios ao deus do mar, antes de se aventurarem pelas águas perigosas e incógnitas. O templo arcaico foi destruído pelos persas em 480 a.C. e depois reconstruído. Hoje restam doze colunas dóricas o que nos dá um cenário impressionante com a visão do mar em torno.

## ASILHAS

Outro dos encantos da Grécia são as suas ilhas, não apenas por suas lindas paisagens, mas também porque nelas o gênio grego deixou seus traços e por elas andaram os deuses.

Cada ilha tem o seu encanto próprio, sua história, sua personalidade.

Nas Cíclades (Kea, Kithnos, Mikonos, Santorini etc.) predomina uma arquitetura graciosa e estética, as casas brancas e luminosas, os telhados ora planos, ora em forma de cúpula; as fachadas irregulares, os moinhos de vento.

O Dodecaneso (Rodes, Cós, Patnos...) são ilhas, que estão situadas mais distantes da Grécia continental, mais próximas da Ásia Menor. O nome significa doze ilhas e vem da época bizantina, embora na realidade elas sejam vinte. Essas ilhas são cumes das montanhas de Egeida submergidas pelo mar Egeu há milhares de anos. Devido a sua posição-chave, foram objeto de cobiça e de conquista no mundo antigo.

As Espórades, das quais fazem parte dentre outras Skíato, que conserva em Horus, a capital, a casa onde nasceu o escritor Papadiamantis. Skópelos, com numerosas igrejas e conventos dos séculos XVII e XVIII, que guardam verdadeiros tesouros em murais, ícones e madeiras talhadas. Alonissos, coberta de oliveais, bosques de pinheiros e vinhedos. Skiro, onde segundo a lenda, Tetis escondeu seu filho Aquiles para livrá-lo do funesto fado que lhe predizia o oráculo de Tróia e onde há também uma tradição artesã de influência bizantina.

Destaque especial merecem as ilhas do golfo Sarônico, nas costas do Peloponeso: Egina é a mais próxima de Atenas, famosa por seus pistaches e sua cerâmica – de casas brancas, ruas estreitas e limpas, bosques de pinheiros



circundando-a, os habitantes amáveis saudando os estrangeiros e no alto o famoso templo dórico de Afaia, construído no século V; Poros, onde se encontram as ruínas de um templo dedicado a Poseidon; Hidra, com suas bonitas casas construídas sobre colinas e que teve participação importante na guerra da Independência em 1821, devido às suas tradições marítimas.

As ilhas do mar Jônico, colonizadas por imigrantes jônios, foram, segundo a lenda, local para os devaneios amorosos de Zeus. Kerkira, cenário de belas histórias de amor; Leucada, com seu cabo Branco onde havia um templo de Apolo; e o famoso Salto, que atraía os namorados desiludidos. Conta-se que lá, a poetisa Safo teria se suicidado no século VIII a.C.

São tantas e são tão lindas as ilhas gregas, que não cabem nestas breves notas.

## OUTRAS CIDADES

Partimos de Atenas passando pelo Peloponeso, para conhecer outros pontos históricos e seguir rumo à Turquia.

Visitamos em primeiro lugar Micenas. Capital da Grécia pré-histórica, Micenas foi um brilhante foco artístico, que teve seu apogeu no ano 1400 a.C. Alguns vestígios restam a nos atestar o que foi a cultura micênica, uma expressão continental da arte cretense. Subsistem de pé restos das muralhas ciclópicas, onde se encontra a famosa Porta dos Leões. Ela se acha coroada por um triângulo de pedra, sobre maciço listel, onde estão esculpidos dois leões que ladeiam uma coluna de fuste invertido. Dentro das muralhas se encontram as ruínas de um palácio, as tumbas reais, onde Schiliemann, seguindo os passos de Homero e as informações de Pausânias, descobriu um imenso tesouro (máscaras de ouro, diademas,



vasos pintados, taças, braceletes, objetos de alabastro, marfim etc.). Vizinho à cidadela, encontra-se o que se diz ser a tumba de Agamenon, uma espécie de cúpula, ou tholos, de 15 metros de diâmetro, que é o vestíbulo de uma pequena sala quadrangular em que se depositava o sarcófago. À tumba de Agamenon se chega por meio de um corredor entre dois muros, no fundo do qual se abre uma porta, mais larga em sua parte baixa, flanqueada por duas semicolunas. É um monumento estranho e impressionante.

A viagem prosseguiu pela montanha, a neve tudo cobrindo com aquela brancura emocionante e aterradora e a Grécia passando: ora os pequenos povoados encolhidos de frio e encarapitados nas montanhas, ora a paisagem verde, os olivais, os laranjais, os tranquilos rebanhos de carneiro, ora uma nesga de mar, onde alguns barcos deslizavam mansos.

Chegamos à Olímpia. Situada num vale aos pés do rio Alphios, ela tornou-se famosa pelo santuário de Zeus e Hera e por terem sido ali instituídos os jogos olímpicos, que atraíam os atletas de todo o mundo grego e cuja fama se espalhou pelo universo. Dali sai até hoje a chama simbólica para os jogos olímpicos do mundo moderno, onde quer que eles se realizem. É rico o seu museu, onde se encontra, dentre outros tesouros, o Hermes de Praxíteles. Em uma manhã cinzenta e fria, com um vento violento fustigando a paisagem, vimos o que sobrou da praça de esportes, que foi uma das glórias do mundo grego: o pórtico de entrada, restos de colunas, pedaços de mármore, o que dá uma pálida idéia da grandeza passada. E uma reflexão atravessa e atravessará o espírito de quem visita tais ruínas: as próprias civilizações vão se dilacerando em guerras cruéis, sem um mínimo de respeito às criações maiores do gênio humano, criações que não se repetirão jamais...

Depois visitamos Epidauro. A antiga cidade, próxima à costa leste do Peloponeso, foi célebre porque constituía o centro mais importante onde se praticava a adoração de Asclépio, deus da medicina. Ergueram a esse deus grande templo, onde os médicos estabeleceram famoso sanatório. Quando o doente recobrava a saúde, depois do tratamento a que se submetia, dedicava um ex-voto, referente à parte anatômica afetada. O Museu contém grande coleção de oferendas. Com as dádivas e contribuições dos doentes que afluíam ao templo, construíram-se o teatro e o estádio. O teatro, obra de Policeto, o Jovem, abre-se na encosta da montanha, como “um gigantesco leque de pedra”. O palco é um círculo pavimentado de pedra, as arquibancadas em filas superpostas convergem para ele, e os corredores radiados sobem “em harmonioso alinhamento do palco até as árvores que coroam a encosta”. Qualquer pessoa que estiver no centro do palco, falando em tom natural, pode ser ouvida dos lugares mais distantes das arquibancadas. Sua acústica é, pois, admirável. Fizemos a experiência. Quase intacto, o Teatro de Epidauro tem capacidade para 15 mil espectadores e é ainda palco para o Festival de Drama Antigo (Epidravia), que a Companhia Nacional da Grécia leva em todos os verões.

Delfos apresenta um panorama realmente digno de deuses. As montanhas, com seus impressionantes penhascos, impregnadas de lendas, o verde da paisagem, além o mar muito azul do golfo de Corinto e na encosta do Parnaso, a cidade sagrada de Delfos. Narra a tradição que desde os tempos mais remotos ali se reuniam os devotos, buscando ouvir nos ventos que atravessavam as gargantas das montanhas ou nos gases que escapavam da terra a voz e os desígnios das divindades. A grande pedra que quase fechava a fenda por onde saíam os gases era, para os gregos, o centro da Grécia e, portanto, o omphalos, o umbigo, ou



o eixo do mundo. Ali erigiram um grande templo, com imponente fachada de mármore e com magníficos altares. Uma via sagrada subia pela encosta até o santuário, cada degrau adornado de estátuas, nichos e depósitos para receber os tesouros tributados ao deus Apolo. Em frente ao Parnaso construíram um teatro e acima um estádio, “onde a Grécia se entregava aos cultos favoritos – saúde, coragem, beleza e juventude”.

Prosseguindo, passamos em Salônica, capital da Macedônia, segunda cidade grega e uma das mais importantes do Mediterrâneo oriental. Fundada por J.C. Cassandro à beira do golfo Termáicos, a cidade converteu-se em centro cultural e administrativo da Grécia setentrional.

Uma das últimas cidades de que guardo uma lembrança viva antes de pisarmos em solo turco foi Kavála, linda e clara, construída em forma de anfiteatro no flanco de uma colina. No alto, como atalaia eterna, um castelo bizantino do século XIV, erigido para protegê-la das invasões. Rodeada de montanhas, banhada de mar, seu porto se movimenta ao entardecer com a população que desce para o tradicional passeio. Kavála é uma dessas cidades misteriosas que nos conquista, que parece nos pedir que não partamos, que fiquemos um pouco mais.

Assim estávamos no fim de nossa passagem pelo país. Faltou-nos muito para ver, muitos caminhos por percorrer. Na verdade, a minha curiosidade, o meu encanto pela Grécia são ilimitados. As coisas que contemplei, as andanças todas, os esplendores da múltipla e variada paisagem – tudo me levou a crer que foi um tempo mágico, um estar maravilhoso na terra dos deuses.

Goiânia, agosto de 1974



## A Semana Santa na Espanha

**A** Semana Santa espanhola, de fama universal, conservou o ritual esplendoroso, a encenação, se assim nos podemos expressar, patética, brilhante e grandiosa – celebrações que, se já não mais abalam o coração irreverente e céptico do homem moderno, espantam o visitante pela sua magnificência.

Assim escolhi a Andaluzia para assistir à Semana Santa de maior fama na Espanha. Ela é uma das 54 províncias espanholas, na parte meridional do país, compreendendo as cidades de Almeria, Cádiz, Córdoba, Granada, Huelva, Jaen, Málaga e Sevilha. Terra da flor de laranjeira, do céu azul, dos olivais, do sol refulgente, do povo alegre, dos ciganos, da música flamenga, da abundância de flores, ali, no chão andaluz, os árabes plantaram, durante oito séculos, uma civilização esplendorosa, que se “espanizou”, formando uma cultura original e fascinante.

Embora a Semana Santa, com suas procissões e outras cerimônias litúrgicas, seja famosa também em Toledo, Salamanca, Burgos, León, Palencia, sobressai-se a Semana Santa andaluza e, particularmente, a de Sevilha.

Em Sevilha, a Semana Santa é celebrada desde o século XVI, com grande pompa. Essa comemoração litúrgica tem seu ponto alto nas procissões, nas quais tomam

parte as confrarias. Há, durante a Semana Santa, procissões diárias no período vespertino, e na sexta-feira se realiza mais uma de madrugada, completando o conjunto de oito jornadas. Nelas tomam parte 52 confrarias, com um total de cem passos. Esses passos são andores levados nos ombros por carregadores chamados “costaleros”, vestidos com trajes característicos, e representam cenas diversas da Paixão de Cristo. Muitos passos levam imagens da Virgem Dolorosa, concebida como “Rainha da Dor”. A Virgem traz na cabeça coroa de ouro e prata, veste grande manto de veludo bordado em ouro, e o pálio é sustentado por varas de prata. As efígies, talhadas em madeira, são do século XVII, época em que floresceu o trabalho de grandes santeiros, dentre os quais Martínez Montañés, Juan de Mesa e outros. Diante dos passos, desfilam com trajes de penitentes trazendo nas mãos velas acesas, os irmãos ou confrades. Atrás vai a banda de música que tange clarins e tambores, ou executa marchas fúnebres, especialmente compostas para as procissões. Das janelas das casas onde o cortejo se detém, ouvem-se, numa voz triste e apaixonada, as “saetas”, canções populares inspiradas nos temas do canto flamengo (música típica andaluza), alusivas às dores de Nossa Senhora e à Paixão de Cristo. Multidões se concentram à volta das igrejas e ao longo de todo o roteiro da procissão.

A atmosfera da Semana Santa em Málaga pareceu-me não um acontecimento que nos inspirasse tristeza e recolhimento, mas uma festa alegre, colorida. Os andores cobertos de flores, uma loucura de flores, cintilantes de velas, conduzindo imagens belíssimas, vestidas de ouro e prata, jovens carregando os andores com passos cadenciados, a banda de música tocando, os farricocos, cada confraria vestida com sua cor, penitentes carregando cruzes e arrastando correntes nos pés, vendedores de comestíveis



apregoando sua mercadoria, multidão aplaudindo, rindo e falando, sacerdotes recitando em voz alta as preces litúrgicas, gente assistindo das arquibancadas armadas de cada lado das principais avenidas e praças, algaravia de vozes se expressando em vários idiomas, religiosidade e explosão da alma andaluza.

Em Jerez de La Frontera, cidade famosa pelos jerez, licores e vinhos, a Semana Santa, igualmente pomposa, com procissões pela noite adentro e as saetas cantadas com paixão e triste acento das sacadas dos sobrados, pareceu-me realizada de modo mais contrito, com menos ruído e mais religiosidade.



O ponto alto das cerimônias da Semana Santa são as procissões, afirmamos atrás, coordenadas pelas confrarias, que são famosas em várias cidades da Espanha, sobretudo em Sevilha. Dentre elas, lembramos duas: a primeira, chamada Confraria do Silêncio, nome popular da Irmandade dos Nazarenos, fundada em 1536. No começo, os irmãos vestiam-se de túnicas negras e capuzes, e traziam o tronco desnudo, exibindo no corpo as marcas de suas penitências. É chamada Confraria do Silêncio porque, segundo a regra, eles não podem dizer uma palavra sequer durante a procissão, da saída de casa até a volta, quando terminam as cerimônias. Diz um cronista que esses irmãos levavam tão a sério o preceito do silêncio, que nem uma única palavra pronunciavam, nem para dar ordens, queixar-se ou pedir; e que as pessoas, por zombaria, acercavam-se deles, injuriavam-nos, picavam-nos com alfinetes e eles resistiam no mais absoluto silêncio como penitência para pagar os próprios pecados e os dos outros... Outra confraria popular e muito famosa é a da Macarena. Formou-se em



1624 e seus irmãos vestiam túnica, pés descalços, levando crucifixo numa mão e rosário na outra. Atualmente, vestem sotaina e capa branca de lã fina, capuz de veludo verde, à cintura um rico cordão de ouro. A imagem da Macarena, de impressionante beleza e de comovente expressão, vai vestida de veludo e seda bordados a ouro e adornada com jóias de grande valor. Os sevilhanos e todos os espanhóis dedicam-lhe grande devoção.



Além das celebrações conhecidas e próprias de cada dia da Semana Santa, conforme o ritual católico, há práticas especiais em várias cidades espanholas, que dão às cerimônias um toque muito local. Em Madrid, por exemplo, na Sexta-feira Santa os fiéis acorrem à Igreja de Jesus Nazareno, onde se venera a imagem do Senhor, para pedir três graças e, segundo a tradição, uma delas é concedida. A imagem é uma valiosa obra de arte, adornada com jóias finíssimas. Sua origem data presumivelmente do século XVII e conta-se que ela foi milagrosamente resgatada aos árabes em Tânger e hoje é venerada na Igreja dos Capuchinhos.

Nos povoados de Aragão (Hellín e Alcañiz) existe o costume do toque contínuo de tambores da meia-noite de Quinta-feira Santa até o toque do Glória nos ofícios de sábado. Os habitantes desses povoados, em número que chega a atingir de dois a três mil participantes, esforçam-se cada qual para que o rufar de seu tambor seja mais perfeito e mais forte. O costume é regulamentado pela prefeitura através de um pregão. À meia-noite de quinta-feira, todas as pessoas que possuem tambores ou bombos, e que devem estar trajadas com um hábito negro, reúnem-se às portas das Igrejas; quando soa a última badalada da

meia-noite, a um sinal de uma autoridade presente, solta-se um foguete: é o início do rufar dos tambores, que cessa apenas durante os preparativos para as procissões chamadas do Pregão e do Santo Enterro. Fora das procissões, os tocadores andam em grupos mais ou menos numerosos, percorrendo ruas e praças, sempre a tocar, brotando-lhes, muitas vezes, sangue das mãos... O costume mantém-se vivo e nele tomam parte, com orgulho, homens de todas as classes sociais, que se esforçam por trajar o melhor hábito e mostrar o melhor toque. O rufar dos tambores, segundo a tradição, simboliza o tremor da terra por ocasião da morte do Senhor.

Na Galícia costumam-se visitar, na manhã de Sexta-feira Santa, os cruzeiros, que se levantam ao longo das estradas como testemunho da piedade popular.

A Catalunha também tem seus costumes típicos. Em Calela realiza-se por ocasião da Ressurreição uma procissão, que seria a nossa Procissão do Encontro. Saem dois cortejos, de ruas opostas, um conduzindo o Cristo, o outro, a Virgem Dolorosa. Ambos dirigem-se à Praça Maior e, ao encontrarem-se, um menino simbolizando um anjo canta o Ressurexit ante a imagem da Virgem Dolorosa, que troca então as vestes negras pelo vestido azul, em sinal de alegria. Os sinos tocam acompanhando o canto da Aleluia.

Também é costume em várias cidades realizar-se a cerimônia chamada de "As três horas ou sete palavras", que teve sua origem em Lima, Peru, sendo seu criador o Padre Alonso Maria, da Companhia de Jesus, prática depois difundida na Espanha. O sermão lembra as sete palavras que Cristo pronunciou na Cruz e suas três horas de agonia. Diz a tradição que Haydn, passando por Cádiz, comoveu-se a tal ponto com as cerimônias e se entristeceu com a mediocridade das músicas que as acompanhavam,



que resolveu compor o seu famoso *Oratório*, conhecido como *As sete palavras*.



oOo

As cerimônias da Ressurreição, passei-as na Catedral de Sevilha. Ela é a terceira do mundo, logo após São Pedro de Roma e São Paulo de Londres. Parece que de qualquer canto de Sevilha se enxerga o rendilhado de suas torres. Foi construída no início do século XV. Consta de cinco naves e o coro em frente ao altar-mor tem 117 lugares. À entrada, estão as tumbas reais de Afonso X, o Sábio, e de sua mãe, Dona Beatriz da Suábia. No centro da nave, ao pé do altar, em uma rica urna de prata, repousa o corpo do rei São Fernando. Abaixo da capela está também o corpo de D. Pedro, o Cruel. Na sacristia encontram-se pinturas de Murillo, Zurbarán, Valdés Leal e Goya.



Chegamos à imensa Catedral às 23 horas e 40 minutos. Ela estava imersa nas trevas, uns poucos círios tremulando para orientar os fiéis. As pessoas foram chegando, deslizando como vultos silenciosos, as mulheres quase todas de roupas e mantilhas negras. À meia-noite, acenderam-se todas as luzes, encheu os espaços a melodia dos sinos, e depois os sons divinos e seculares de um órgão tomaram conta da Catedral; os sacerdotes paramentados de ricas vestes litúrgicas entoaram com vigor e fé o canto gregoriano. Eu pensei que, no túnel do tempo, eu voltara à Idade Média. Não, eu voltara às origens da Era Cristã, porque Cristo ressuscitara mais uma vez, para esperança e consolo dos que têm fé.

Goiânia, Semana Santa de 1977



## Dias brancos

Quando o avião foi baixando em Londres, às 13 horas e 30 minutos, o sol estava radioso, dando a ilusão de que ele brilhava sobre a capital dos ingleses. Contudo, antes de aterrissar, a aeronave penetrou numa escura e compacta camada de nuvens. Lá embaixo, a cidade estava envolta numa penumbra cinzenta. Vento, chuva e frio castigavam os milhões de seres que se moviam numa das maiores metrópoles do mundo. Do Heathrow, o aeroporto internacional da cidade e um dos mais movimentados do planeta, dirigimo-nos a Egham, no condado de Surrey, a uns 20 quilômetros de Londres, onde atualmente vivem familiares meus. Egham é uma pequenina cidade, de uns 30 mil habitantes, à beira do Tâmesa, que, como Windsor, Eton, Ascott, Brey, Staines, Slugh etc., fazem parte do complexo metropolitano, cujo centro é Londres. Do Cooper Hill, uma colina que a domina, tem-se uma formosa vista da cidadezinha. Ela possui alguns edifícios importantes, como o Royal Holloway College, um imponente edifício vermelho, construído por Thomas Holloway, ao modelo do Castelo de Chambord. O Royal College faz parte da Universidade de Londres. Na colina de Cooper, está o antigo Royal Indian Civil Engineering College, que foi transferido para Oxford, o que fez Egham perder muito de sua importância. No edifício, hoje funciona um centro de

treinamento para professores. Há também a mansão Tudor of Great Forsters, hoje um hotel. Próximo ao rio, encontra-se o famoso campo de Runymede, com a Ilha da Magna Carta, onde o rei João-Sem-Terra assinou o célebre documento. Nas vizinhanças, está o grande parque de Windsor, com o lago artificial Virginia Water, construído em 1750 por iniciativa do Duque de Cumberland. Junto ao lago há colunas romanas trazidas da Líbia, de uma antiga cidade perto de Trípoli. Na literatura inglesa, o nome de Egham está ligado ao célebre poema de John Denham que canta as belezas de Cooper Hill.

oOo

A uns dois dias após nossa chegada, fomos despertados, logo de manhãzinha (o dia clareia às 8 horas, no inverno, e a tarde cai às 16) por um chamado entusiasta: "Venham ver a neve! Olhem que beleza!" Rápido, descerramos as cortinas e pudemos apreciar um espetáculo realmente maravilhoso. A neve caía, caía dançando no ar, acumulando-se nos telhados, nos galhos dos arbustos, nos carros, nas ruas. Os pássaros, desorientados, voavam sem rumo, procurando abrigo. Um silêncio completo abraçava a paisagem. Depois o sol brilhou forte e o mundo em redor tomou a transparência de cristal. E parecia de uma limpeza imaculada. Uma inexplicável alegria, a saudade esquisita de um paraíso inimaginado tomou conta de mim.

Era um dos piores invernos do século. Sorvendo a beleza desses dias brancos e essa felicidade momentânea, não pude deixar de pensar nos milhares de pobres, sobretudo velhos e crianças, que sucumbem diariamente, por falta de calefação, boa alimentação e agasalho. Pelas ruas de Londres, não raro, eram vistos bêbados encolhidos, que se



refugiavam na bebida para esquentar um pouco e tentar suportar a trágica e branca miséria.

Com esse inverno rigoroso, as estradas enchiam-se de neve, paravam os trens e, com frequência, aconteciam tragédias tão amplamente divulgadas pela imprensa.

Fora esse aspecto trágico, que não é o comum, quando se vai devidamente prevenido, podem-se passar umas excelentes férias na Europa. Cada estação tem suas belezas e desvantagens, mas para nós, dos trópicos, o inverno não deixa de ter o seu fascínio. Eu, particularmente, acho muito mais agradável visitar a Europa no inverno. É claro que não é a estação apropriada para visitar por exemplo a União Soviética, os países escandinavos, mas as regiões onde o inverno não é tão rigoroso. Pode-se andar o dia todo sem os incômodos do verão: a sede, o suor, o cansaço. Há uma disposição sempre renovada para visitas minuciosas e prolongadas. Por outro lado, os hotéis ficam mais vazios e mais baratos, os pontos turísticos, bares e restaurantes não estão cheios, as excursões rápidas têm menos clientes, o que torna tudo mais agradável e mais tranqüilo.



O encanto dessas viagens, sem o freio das excursões, é justamente a possibilidade de ver e apreciar paisagens, sítios históricos, cidades que quase nunca estão incluídas nos roteiros clássicos. É preciso que se descubra, indo. Estando em uma excursão, mesmo que se tenha dinheiro suficiente, seja curioso e interessado, é difícil escapar das visitas impostas, onde se vê tudo geralmente de modo superficial e apressado.

Assim, fomos visitar Windsor. Aliás, estivemos nessa encantadora cidade várias vezes. Ficou-me viva a última



visão que tive dela: o castelo imponente, branco de neve, banhado pela luz rósea de um brilhante crepúsculo, uma paisagem de sonho. Encantou-me, sobretudo, o ar alegre da cidade, a cortesia de sua gente, o fino comércio e a cidadezinha toda aninhada aos pés da muitas vezes secular fortaleza dos reis ingleses. O nome de Windsor deriva da antiga cidade de Windelsore (ribeira tortuosa) devido à curva que o rio Tâmis ali descreve.

O nome oficial dela é Nova Windsor para distinguir da velha Windsor, antiga povoação da qual restam poucas casas, dentre as quais a de Joana de Seymor, terceira mulher de Henrique VIII. Uma ponte de três pilares de granito liga-a a Eton, onde se encontra um colégio para os filhos da nobreza. Windsor foi célebre pelo grande número de botequins. Até hoje ali se pode beber uma variada cerveja nos lindos “pubs”, os tradicionais bares ingleses. Houve uma taverna – a Garter Inn – que se celebizou porque entrou numa das farsas de Shakespeare – “As alegres comadres de Windsor”.

Entretanto, toda a fama de Windsor deve-se ao famoso castelo, situado na extremidade noroeste da cidade, dominando toda a planície. Guilherme, o Conquistador, atraído pela pujança das florestas da região, ia freqüentemente ali caçar. Acabou por construir o castelo. Em tempos remotos, houvera lá uma fortaleza, cuja primitiva muralha de madeira foi substituída por uma de pedra. Ao longo dos anos os reis da Inglaterra foram acrescentando construções ao castelo, ampliando-o, até que ele se transformasse no majestoso conjunto que há séculos tem servido de residência aos reis. Como parte do conjunto, destaca-se a belíssima capela de São Jorge, onde se encontram túmulos de numerosos reis: Eduardo IV, Henrique VI e Henrique VIII, Joana de Seymor, Carlos I e Jorge III. A capela é construída sob o modelo gótico da decadência, com

desenho mais puro e perfeito que o das capelas de Westminster e Cantabrigia. Na Biblioteca Real podem ser vistos desenhos de grandes artistas como três volumes de manuscritos de Leonardo Da Vinci, retratos de Holbein de personagens da corte de Henrique VIII. Pode-se visitar ainda a Casa dos Guardas, com exposição de armaduras, a Casa de Bonecas, com a coleção da Rainha Mary, e a capela em memória do príncipe Alberto.

Na esplanada central ergue-se a Torre Redonda, em cujo torreão se hasteia a bandeira da família real se a rainha está presente. Caso não esteja, tremula a bandeira inglesa.

Do terraço, distingue-se o Pequeno Parque, com o Mausoléu da Rainha Vitória e do Duque de Kent. Dali passa-se para os jardins reais e o Grande Parque, que tem um carvalho no mesmo lugar onde a lenda diz ter existido o Carvalho de Herne. Na lendária árvore, contam que se enforcou um guarda da floresta, por ter caído no desagrado da Rainha Elizabeth I e cujo fantasma ronda o parque à meia-noite. De lá, ainda se pode ver o Long Walk, uma avenida de olmos que se estende a uma distância de 5 quilômetros, que foi plantada no século XVII.



Outra visita notável e emocionante: o passeio a Oxford. Quem não se sente sensibilizado ao contemplar uma cidade cuja fama vem desde a Idade Média e cujo chão foi pisado por grandes luminares da inteligência universal? A história da cidade é conhecida a partir do reinado de Alfredo, o Grande (849 – 901). Desenvolveu-se como entreposto de gado. O Tâmis lá se estreitava e era menos profundo. Foi duas vezes conquistada pelos dinamarqueses. Tomou-a Guilherme, o Conquistador, que lá construiu um castelo. Nela residiu Henrique II durante



quase todo o seu reinado. É uma cidade alegre, movimentada, cheia de juventude, com 120 mil habitantes e bela arquitetura. Situa-se entre o Tâmis, ali chamado Ísis, e seu afluente Cherwel, e ocupa vários prados irrigados. Para ela convergem vias férreas importantes e é notável centro comercial da região. A sua "High Street" é uma das mais interessantes da Inglaterra. Nela se encontram igrejas, colégios e outros edifícios de grande beleza artística. A cidade toda abriga construções medievais típicas da escola inglesa. Como se sabe, Oxford foi um dos principais centros do movimento romântico. A cidade mantém uma importante indústria editorial.

Visitamos os "colleges" num dia cinzento, de muita chuva e neve. Os sinos das igrejas batiam sem parar, emprestando à cidade uma atmosfera especial. Os "colleges" conservam a arquitetura tipicamente medieval, com um ou mais pátios, acompanhados de uma capela ou de um *hall*. Ainda se lêem nos pórticos os nomes das matérias em latim! Pensei nos bandos de estudantes que transitavam por aqueles pátios e corredores, misturados com os sábios, como Rogério Bacon, que lá se diplomou. Registrou-se que no ano de 1360 havia em Oxford 30 mil estudantes!

Dentre os edifícios notáveis podemos anotar: o Teatro, construído na segunda metade do século XVIII pelo modelo do Teatro Marcelo, de Roma; o Observatório, o Museu de História Natural, a Casa da Câmara construída em 1572 e o Taylor Institut, museu de obras de arte.

oOo

Outro passeio inesquecível foi a Salisbury. Esse era um dia alvo, de sol e neve. Salisbury é uma linda cidade situada na fértil região entre dois rios que lançam suas águas



no Avon. Toda a importância da cidade gira em torno de sua catedral, uma das mais famosas da Europa e do mundo. O cenário é esplêndido e verdejante, apesar de ser tempo de inverno. A região onde nasceu a cidade já era um centro religioso há 3.500 anos. A uns quinze quilômetros ao norte, encontra-se o templo de Stonehenge, construído em 1500 a.C., completado mais tarde por uma formação megalítica circular – “Stone Circle”. Trata-se de um famoso sítio arqueológico da Inglaterra. Avebury, também em direção ao norte, distante de Salisbury 50 quilômetros, guarda um santuário mais antigo e mais vasto. Nos primórdios da história inglesa, os homens primitivos nesta região veneravam seus deuses, de cujos templos se encontram vestígios.

Os romanos descobriram no local antigamente chamado Old Sarum, no alto de uma colina calcária situada a três quilômetros ao norte da atual catedral de Salisbury, uma vila fortificada rodeada por muralha de terra, datando do começo da Idade de Ferro. Eles a utilizaram como fortaleza e a partir de 160 d.C., aproximadamente, tornou-se conhecida sob o nome de Sorbiodonum. Dela fizeram importante centro de comunicação, encruzilhada de numerosas rotas romanas. Mais tarde os saxões ampliaram estas fortificações, transformando-a na cidade de “Seares byring” (a cidade de Sear), onde, Guilherme, o Conquistador, passou em revista e licenciou seu exército. Os normandos refizeram suas defesas e construíram um castelo real militar, cujas ruínas são ainda visíveis.

A elegante e bela catedral, erguida às margens do Avon, não é a primitiva. A outra foi construída num local impróprio. Ficava no alto de uma colina calcária, local árido, onde os ventos sopravam com tal força que os monges só podiam se comunicar cantando. Devido ao rigor do clima, os monges eram constantemente atacados de

reumatismo. Além disso, havia o problema de falta de água e a danificação constante da construção devido à força do vento. A vida da catedral foi organizada por Santo Osmundo, bispo de Sarum, que nela implantou uma exemplar administração. Criou serviços religiosos solenes que com seu cerimonial perfeito tornaram-se famosos em toda a Inglaterra, servindo de modelo de organização para muitas outras catedrais. Santo Osmundo era também amante da música. Criou uma Escola de Canto que perdura até hoje.

A nova catedral, às margens do Avon, foi construída num tempo recorde, sem sofrer interrupção, sob a direção de uma única pessoa, o que explica a unidade, a elegância e a harmonia de suas linhas. O interior, terminado em 1228, é uma esplêndida realização do estilo gótico inglês. A harmonia e a beleza da catedral emocionam, dão um impacto. Os teóricos de arte ressaltam as qualidades essenciais de sua construção: claridade, unidade, simplicidade. Seu plano é uma cruz de braços duplos. Uma série de vitrais, nas janelas altas, ilumina a abóbada, simples e delicada. A clarabóia e o trifório dão, juntos, mais profundidade à nave. O interior é de linhas puras e sóbrias.

Dentro da catedral devem-se ver o relógio e a biblioteca. O relógio é um engenho que data de 1386, o mais velho do país. A biblioteca abriga numerosos manuscritos (saltérios, livros de música, compêndios com ricas iluminuras) e uma coleção dos primeiros livros científicos, dentre os quais o *De motu cordis*, de William Harvey, obra que divulga pela primeira vez a circulação do sangue. Mas a vedete da biblioteca é uma das cópias, dentre as quatro únicas existentes, da Magna Carta.

A catedral de Salisbury é uma das maiores catedrais inglesas. Sua fama não é pela importância histórica, mas pela beleza e grandiosidade. Seu interior mede 137 metros

de comprimento. A nave tem 70 metros. A flecha, a mais alta da Inglaterra e a segunda da Europa, mede 124 metros. Seu claustro é o maior das catedrais européias.

Eu olhava extasiada o interior da catedral, quando um clérigo, curiosamente vestido de verde-bandeira, veio delicadamente pedir-me que saísse. Eu não vira o tempo passar!

Além da Catedral, Salisbury possui verdadeiras jóias da arquitetura de diversas épocas, dentro de um conjunto harmonioso: colégios, mansões, edifícios públicos, igrejas. Um monumento, entretanto, achei sumamente belo e original: o chamado Poultry Cross, uma espécie de proteção aos comerciantes que iam levar suas coisas para vender no mercado. Construído no século XV, até hoje ele serve de abrigo, pois o mercado continua ainda no coração da cidade.

Foi-me difícil sair de Salisbury. Deixei a cidade com vontade de voltar.

Goiânia, setembro de 1992



## Lembranças da terra onde mora o arco-íris

**A**inda trago os olhos tontos de cores e luzes, porque estive naquela terra que, na feliz expressão de um poeta, é a terra onde mora o arco-íris – a Bahia querida.

Razão tem Jorge Amado quando escreveu: “Ah! Se amas a tua cidade, se tua cidade é Rio, Paris, São Paulo e Leningrado, a Veneza dos canais, ou Praga de velhas torres, Pequim ou Viena, não debes passar por essa cidade da Bahia, porque um novo amor encherá teu coração. Esplêndida cidade, noiva do mar, senhora do mistério e da beleza... O mistério e a beleza te envolverão, darás teu coração para jamais; jamais poderás esquecer a Bahia, o óleo de sua beleza denso te banhou, sua mágica realidade te perturbou para sempre.”

oOo

Viajei para Salvador com a alma envolta em sonho e imaginação mas a realidade sobrepujou minhas expectativas. O caminho do Aeroporto 2 de Julho para a cidade já é um linda recomendação. À direita avistam-se as dunas de Abaeté, à esquerda as praias orladas de coqueirais, enchendo de beleza nossos olhos: Abaeté, Jardim de Alah, Rio Vermelho, Pituba, Piatã, Amaralina.

Hospedei-me no Canela, esse delicioso bairro da Universidade da Bahia. O Canela do Vale Bonito, das

escolas modernas e antigas, das ruas percorridas por um mocidade barulhenta e vibrante.

oOo

Estava ansiosa por andar pelas ladeiras “grávidas de história”, pelas ruas e sítios onde também pisaram Rui Barbosa, Castro Alves, Thomé de Souza e Caramuru. Sendo esta a terra do povo poeta por excelência, até o nome de ruas e bairros, a despeito dos oficiais, conta uma história, encerra um mistério, é um nome de poesia: Estrada da Liberdade, Rua das Flores, Rua dos Quinze Mistérios, Ladeira do Pelourinho, Rua da Agonia, Rua das Mercês, Travessa Chico Diabo, Ladeira do Taboão, Lapinha, Baixa do Sapateiro, Porto da Lenha, Rua da Quebrança, Barroquinha e tantas mais.

A Bahia é a capital das, dizem, 365 igrejas, a cidade que guarda as mais preciosas relíquias da arte colonial, do barroco brasileiro. Procurei ver primeiro a mais famosa delas, a de São Francisco. Existia em seu lugar uma capela, demolida para ser erguida a Igreja, cuja construção começou em 1686 e terminou em 1713. Tem o estilo barroco espanhol. É uma riqueza de azulejos portugueses do século XVI, ouro em profusão, esculturas em jacarandá, lustres fabulosos. E de tal maneira cintila, de tal maneira seu encanto nos arrebatava que voltei lá quantas vezes pude (inclusive para assistir à missa de Natal), e cada vez me espantava mais com sua maravilha. Ali no Terreiro, vizinha de São Francisco, está a Catedral Basílica, levantada pelos jesuítas, menos rica mas também com um altar delicado e lindamente trabalhado a ouro.

Na Península de Itapagipe, sobre uma bela colina cheia de coqueiros está a também famosa Igreja do Senhor do Bonfim. Sem o esplendor das outras, é conhecida pelos

milagres do Senhor do Bonfim e possui um famoso “quarto dos milagres”. Outras lindas igrejas encerram muita história, como a de N. S. da Vitória, das Mercês, de São Bento, de São Pedro de Alcântara, de Monte Serrate, da Conceição da Praia, esta do tempo de Tomé de Souza.

oOo

No convento de Santa Theresa, fica o Museu de Arte Sacra, organizado com a colaboração da Universidade da Bahia. Com rico acervo, possui pinturas valiosas, um altar de prata, castiçais, crucifixos, salvas, lustres, cálices, ostensórios de prata cunhada, lavrada, cinzelada, fundida, doirada. Digna de nota é a tabaqueira de ouro cravejada de diamantes, que D. Pedro II ofereceu a um frade. Há santos de madeira, marfim, pedra-sabão; paramentos de adamascado e ouro, do século XVII; mobiliário de jacarandá ricamente entalhado, peças únicas que não se produzirão igual jamais.

O Museu do Estado, no bairro de Nazaré, guarda preciosidades tais como cristais da Boêmia; porcelanas da China com brasões dos nobres; baixelas; espelhos de cristal; uma bela cama estilo D. João V etc. Também em Nazaré está o famoso Fórum Rui Barbosa, majestoso, embora muitos o achem de mau gosto.

Voltei ao Terreiro especialmente para visitar a Faculdade de Medicina e o Museu Nina Rodrigues. A faculdade se aloja num prédio centenário e nele vi duas coisas que me encantaram: o mobiliário do Salão Nobre, de jacarandá, e a escadaria do porão da biblioteca, de vidro alemão, surpreendentemente à prova de fogo. No Museu Nina Rodrigues, além das cabeças de Lampião e Maria Bonita, há objetos relacionados ao ritual do candomblé e ao folclore. Da sacada da Escola, avista-se o Pelourinho.



536  
396  
É impressionante esse trecho, que guarda com mais fidelidade as feições da Bahia antiga. Vi-o com emoção e espanto. Os sobrados, muito imundos, sem nenhuma higiene, as ladeiras escorregadias, as igrejas, o pelourinho onde se castigavam os escravos. Nos sobrados habitam pobres, operários, desocupados, prostitutas. É lamentável o abandono desse espaço tão fantástico, de tanta história.

Da Rua João das Botas, no Canela, era fácil estabelecer roteiros. De lá, chega-se rápido à Praça 2 de Julho, chamada pelo povo de Campo Grande. Na praça, há um colossal monumento de bronze, com figuras alegóricas, índios, águias enormes, leões, a liberdade, candelabros. Todo ano festeja-se o Dois de Julho e essa praça se ilumina feericamente, o povo a enche, as baianas vendem acarajé, abará e cocada, o "Caboclo e a Cabocla" vêm da Praça da Sé e ficam ali expostos (são duas estátuas históricas representando os nossos ancestrais índios). Ali no Campo Grande ficam a Casa da Câmara e a residência do famoso tapeceiro Genaro, um velho sobrado do século passado. Numa esquina está o Hotel da Bahia, onde se hospedam os visitantes ilustres.

Muitas vezes tomo um ônibus para a Praça da Sé. Vou passando pelas ruas, encantada com os casarões. Quanta história eles escondem! Das sacadas, parece-me divisar o vulto furtivo das sinhazinhas suspirando de amor, recolhendo ao seio uma rosa que lhe joga o ardoroso amante lá da calçada; ouço gemidos dos escravos que mourejavam no trabalho e que levantaram os belos sobrados com frontispícios de azulejo, as igrejas suntuosas e quantas obras mais; escuto, ciciante, o canto dolente das mães-pretas que embalaram no colo macio os mimosos filhos dos senhores poderosos da época.

Atravesso a Praça Castro Alves e vejo a estátua do grande poeta num gesto eterno de quem olha para o mar e

declama “O navio negreiro”. Ali o Excelsior, um bom cinema e o Belvedere, onde se toma cajuada e se vê o mar, o cais, a Cidade Baixa.



Vou à Rua Chile, que é como a nossa Avenida Anhangüera, a principal artéria, com belas vitrines, o comércio grã-fino, as joalherias doiradas. Por ela desfilam pessoas elegantes da sociedade, comerciários, homens de negócios, *play-boys*, turistas. Das quatro em diante começa o *rush* e é um verdadeiro mar de gente que vai em todas as direções.

Na volta passo pelo Corredor da Vitória, com as aristocráticas mansões da nobreza baiana. Hoje esses casarões se transformaram em pensionatos, escolas, restaurantes etc.

Faltava descer pelo Elevador Lacerda e conhecer a Cidade Baixa, onde se concentra o movimento do cais, o grosso do comércio, os bancos. É uma fabulosa mescla de gentes: marinheiros, vagabundos, comerciantes, pretas vendendo acarajés cheirosos (os da Cidade Baixa são maiores, mais baratos e melhores), pescadores, mestres-de-saveiros, poetas de cordel vendendo os seus versos, estrangeiros (espanhóis, turcos), turistas do Brasil e do exterior. No Mercado Modelo se vende de tudo: baianas lindíssimas (bonecas, é claro), colares, brincos, bolsas, cestas, Exus, figas, alpargatas, alimentos, peixes etc. Os artigos típicos precisam ser comprados com cautela, pois para turistas têm preços “especiais”, como em toda parte. Não se pode deixar o mercado sem almoçar no “Maria de São Pedro”, restaurante com mais de meio século de tradição, que serve comidas típicas (vatapá, xinxin de galinha, moqueca de camarão, caruru). Ali já estiveram Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Juscelino e tantas outras personalidades.

108  
JFC

O roteiro noturno pode incluir uma visita ao Clube Baiano, muito elitista, que está num bairro também elegante – a Barra. No Anjo Azul, ponto de encontro de intelectuais, o aperitivo típico é “xixi-de-anjo”, servido em peniquinhos de barro. Da Boate Clock avista-se o mar, o que a faz mais concorrida.

oOo

Não posso esquecer-me da noite em que alugamos um saveiro, vogando mansamente ao sabor das ondas sob o luar. Regressávamos de Mar Grande, uma belíssima ilha com praia igualmente bela. Viemos cantando e tocando violão e tinha a impressão de sonhar ao embalo da frágil embarcação.

Itaparica é também inesquecível. Nessa deliciosa ilha de coqueirais e belas praias há o famoso Forte. Pelas ruas calmas e vazias, na época, passávamos em serenata, uma turma feliz que apenas sabia cantar e sonhar.

Muitas vezes estivemos em Abaeté, a lagoa de águas misteriosamente escuras, circundada por dunas alvíssimas, prateadas ao luar.

oOo

A Bahia é assim. Cada dia uma surpresa, cada hora uma emoção. Muitos foram à Bahia e se sentiram enfeitiçados. Não puderam sair mais. Eu quase que lá fiquei. A saudade que sinto convida-me a voltar.

Goiânia, 1963



## Onde se passa deixando o coração



**D**a Bahia ao Recife. Parte-se de Salvador de madrugada e o ônibus avança, deixando resto de cidade, claridade entrando devagar, iluminando casinhas humildes, depois vêm chegando paisagens tropicalmente ricas, rios, riachos, povoados, canaviais, plantações de fumo, tudo bonito, nem permitindo acreditar que no interior existam caatinga, deserto, seca, nus leitos de rios, ossada de gado, xiquexique, mandacaru, fome e retirante. Que nome tem esse povoado? Ninguém sabe informar. E esse rio? Ah, é um riozinho qualquer.

Em Aracaju dá para correr os olhos na simpática e pequena capital sergipana. A surpresa está na parada grande para o almoço. O ônibus se detém à margem do São Francisco, aquele riozão majestoso, rico, o da unidade nacional no jargão político, como também traço de união entre Sul e Nordeste. A balsa se aproxima, seu nome é Brasília, e acomoda carros, caminhões carregados de carga como também o nosso ônibus. Na balsa, parece, cabe tudo. Nas bordas vão os passageiros com plena visão do rio, os barcos navegando numa lentidão santa, pescadores labutando com suas redes, gente nas margens e em poucos minutos está-se em Penedo, chão alagoano, cidade colonial de surpreendente fascínio e beleza. Da sacada do Hotel São Francisco vêem-se as torres das igrejas, vultos escuros

recobertos com a cor dos séculos. A cidade é construída em anfiteatro, à margem do rio, e surgiu em torno de um forte holandês.

A viagem segue, de vez em quando algum rádio ligado bem alto, muito Roberto Carlos de entremeio com cantigas nordestinas, a prosa dos viajores, gente desses brasis que se encontra e troca idéia e se abre e se irmana falando das belezas e misérias dessa pátria que é grande demais.

Enfim Recife, metrópole do povo nordestino. Após as casinhas pobres, dessas que enxameiam a entrada de qualquer grande burgo, o ônibus avança pela Boa Viagem, avenida com quilômetros de praia e coqueiros, os bares alegres, o Veleiro, por exemplo, que se vai vendo e elegendo para uma esticada, para um bate-papo descompromissado e feliz.

E se entra para o coração de Recife. Lá está a cidade na confluência do Capiberibe e Beberibe. A capital pernambucana deve o seu nome a um estreito e extenso recife de coral, que corre paralelo à costa e serve de quebramar. Quantos anos tem Recife? Há uma discussão sobre a data do nascimento da cidade. Oficialmente, 432 anos e seu mais de milhão de habitantes. É uma cidade privilegiada, na verdade. Os dois rios, suas muitas pontes ligando os bairros, o mar, o grande porto. Ela conserva monumentos de seu passado de esplendor, ruas estreitas, igrejas, palácios. Avenidas novas se abriram, como a larga e importante Guararapes, erguem-se edifícios enormes, a cidade se moderniza sem se descuidar dos seus tesouros como as numerosas igrejas, verdadeiras jóias barrocas.

No Pátio de São Pedro está a famosa Igreja de São Pedro dos Clérigos, com uma esplendorosa fachada e um interior riquíssimo. O pátio foi tombado e transformado



em centro turístico. Nele se conservam edificações genuinamente coloniais, com galerias de arte, lojas de artesanato, bares e restaurantes. No Pátio se realizam festas e apresentações folclóricas e uma das mais lindas, líricas e comoventes que tive ocasião de presenciar foi a dança da Ciranda. Nela tomam parte velhos, moços e crianças, de mãos dadas, cantando aquelas músicas doces e arrebatadoras, como se o mundo fosse sonho, a vida aquele instante de beleza. Ainda no pátio, o restaurante do Gregório é ponto de encontro dos visitantes da cidade, dos artistas e boêmios locais. Ele serve a famosa carne de sol, farofa de jerimum, galinha à cabidela e o melhor sarapatel. O Gregório é uma figura que abraça e é amigo de todos, que vem a nossa mesa perguntar se o aperitivo está bom, que tal esse e aquele prato. A casa sempre cheia, os violões nas noites de festas, Gregório vai ali, vem cá, conversa por todos os lados e ainda sobra um tempinho pra convidar a gente para um passeio de carro, em algum ponto importante da cidade.

Imprescindível é visitar a Capela Dourada, na rua do Imperador. É um barroco finíssimo, espiritualizado, portanto menos ostentoso e ofuscante como as igrejas da Bahia e Ouro Preto. Visitamos a igreja de Santo Antônio num dia de distribuição de alimento aos pobres. Havia a benção do Santíssimo e aquela gente mal vestida, faminta, cantava com uma entonação tão mística, uma tristeza tão grande – era dor ou esperança que exalava de seu peito? – que o quadro permanece vivo em minha memória. Há muita gente com fome nas ruas de Recife...

Muito belo é o Teatro Santa Isabel, em estilo francês. A Faculdade de Direito, por onde passaram juristas famosos que intervieram no curso da história nacional e o forte das Cinco Pontas, construído pelos holandeses e que hoje é um quartel, merecem visita atenciosa.



Lindos são os nomes das ruas, não os oficiais, Dr. Fulano, Dr. Sicrano, mas os das placas que lá estão e assim o povo as chama: Rua do Sol, Rua da Aurora, Rua da Alegria, Rua do Sossego, Rua do Imperador, Rua da Saudade, Rua do Hospício.

Eu amei Recife por tudo isso e por mais do que isso. Eu amei talvez como a cantou Manuel Bandeira: "Recife/ Não a Veneza americana,/ Não a Mauritssatd dos armadores das Índias Ocidentais/ Não o Recife dos Mascates/ Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois -/ Recife das revoluções libertárias/ Mas o Recife sem história nem Literatura."

A poucos minutos da Capital está Olinda, a lendária e histórica cidade, primeira capital pernambucana. Diz-se que no período áureo do ciclo açucareiro até as maçanetas das portas das casas dos senhores de engenho eram de ouro. Apesar dos saques, das guerras e do tempo, Olinda preservou muito de seu brilhante passado. Ali se podem apreciar velhos conventos, igrejas, fortes, o mercado de escravos, inúmeras galerias de arte e museus.

Olinda ainda não fechou o ciclo de visita. Quem, estando em Recife, não vai conhecer Caruaru? A cidade da grande feira, onde se escutam os cantadores, onde se compram os bonecos dos discípulos do grande mestre Vitalino e onde se encontra tudo que é vendável. Em Caruaru o nosso cicerone foi um policial. "Vocês são de Goiás? Ah goianienses. Sabem como eu me chamo? Amor. Podem perguntar em qualquer lugar, todos conhecem o Amor." Na sua pulseira de chapa de ouro estava gravado Amor e o "o" era um coração... Depois da feira o "Brasileirinho", restaurante típico, a gostosa carne de sol, a batida deliciosa e o garçom pedindo desculpas se a gente não foi bem tratada. E se volta, revendo paisagens bonitas, ouvindo rádios em alto volume, um programa sertanejo, a

música nordestina, a propaganda “Sr. Fulano formado em ciências ocultas cura todos os males, cinco contos a consulta, se não sarar devolve o dinheiro...”

Caruaru seria o começo da volta. A vontade era ficar mais, muito mais. Fui deixando meu coração pelos caminhos em antecipada saudade.

Goiânia, 5 de outubro de 1969

## Andanças por terras nossas

**N**uma tarde de setembro, baixamos no aeroporto de Manaus. Haviam-nos afirmado que, ao transpor a porta do avião, sentiríamos como se aproximássemos da boca de um forno. Depois da amenidade do ar nos espaços azuis, teríamos um impacto ao adentrar os 32° graus, temperatura anunciada pelo comandante do avião. Maior entretanto que o calor era a emoção de pisar pela primeira vez o solo da Amazônia, de conhecer Manaus. Situada no coração da maior área verde do mundo, ademais de ter a decantada Zona Franca, único atrativo que a maioria ali encontra, Manaus é uma cidade cujo nome, não sei por que, sempre me soa simpático aos ouvidos. Com ruas centrais que guardam traços da antiga arquitetura, famoso teatro, testemunho da época áurea da borracha, igrejas, balneários nos igarapés, bairros novos com elegantes e modernas residências, a famosa praia de Ponta Negra, a cidade continua se abrindo no entusiasmo de renascer e crescer, que nada lembra aquele período de estagnação que se seguiu à queda da borracha. Francamente, surpreendeu-me o progresso da capital amazonense.

O Teatro Amazonas, imponente projeto arquitetônico elaborado pelo Liceu de Engenharia de Lisboa, foi inaugurado em 1897. De estrutura moldada em aço sueco, sua cúpula é coberta com 66 mil telhas douradas e azuis.



Vi-o por fora, porque, como outros teatros das capitais do Norte e Nordeste, está em restauração. Descrevem-no como uma festa de escadarias de mármore de Carrara, ricos candelabros, pesados móveis de jacarandá e murais de Crispim do Amaral e Domenico de Angelis.

Um dos passeios interessantes que as agências de turismo oferecem é o que nos leva de barco a Janauary-lândia, complexo flutuante turístico da Selvatur no lago Janauary. Parte-se de manhã do cais flutuante, percorrendo a Praia do Mercado, Igarapé, Bairro dos Educandos, Feira dos Ribeirinhos e Rio Negro até alcançar o hotel flutuante do lago. Ali se saboreia um lanche com frutas regionais, depois o almoço constituído de uma peixada (pirarucu, pirão de peixe etc.). Em seguida nos oferecem um passeio espetacular em canoas com motores de popa, pelos igarapés (estreitos canais naturais entre duas ilhas ou entre uma ilha e a terra firme, ou braços de rio) e igapós (matas cheias de água e vitórias-régias). Nesse passeio de canoa sente-se a maravilha dessa natureza tropical – as águas calmas como espelho negro, as plantas aquáticas com suas flores raras, as parasitas como arabescos vivos despencando de árvores enormes, a voz de algum pássaro escondido, as palafitas às margens e os caboclos oferecendo seu artesanato de belos colares de contas coloridas, às vezes enfeitadas com penas, espinho de ouriço e ossos de jibóia. No retorno, aprecia-se o famoso “Encontro das Águas”, quando o Solimões, de águas barrentas, se encontra com as águas escuras do rio Negro, formando curiosas geometrias, percorrendo juntas vários quilômetros sem se misturarem.

oOo

Numa tarde, embarcados no navio “Augusto Montenegro”, partimos para Belém. São três dias e quatro

noites de lento navegar, vendo o Amazonas tranqüilo e majestoso, o esplendor verde das margens que às vezes somem de vista, os povoados brancos dependurados nas beiras desse rio monstro. É empolgante sentir essa paz, esse estar longe das poluições, o desligamento total, um corte no tempo.

O barco é simples e mesmo bastante pobre. Há os camarotes de primeira e segunda classe e a terceira classe que dorme em redes. Mas todo mundo se misturava, hippies estrangeiros, gente simples de chapéu panamá, de dente de ouro, de radinho no ouvido, jogando cartas, conversando ou tomando rum e cerveja em lata (únicas bebidas que serviam), todos se irmanavam na ruidosa alegria do bar inundado de ritmo de carimbó (música folclórica do norte) nas noites amenas. E a confraternização se fez maior nas duas noites de festas, ao som do samba, os estrangeiros tentando aprender sem muito êxito o nosso ritmo. O barco passa por algumas cidades e povoados: Parintins, Juruti, Óbidos, Santarém, Monte Alegre, Prainha, Estreito de Jararaca. Nas paradas vem o pessoal vender comestíveis e frutas, lindas bananas; araras; o artesanato – as belas cuias decoradas de Santarém, as cestinhas de palha, bolsas e chapéus, os cavalinhos de borracha, os colares.

Nós, dentro do tempo, essa lentidão maravilhosa do navio, as vagas luzes à noite nas margens, as auroras coloridas, a alegria desse silêncio, a felicidade de sentir e de mergulhar nessa paz.

oOo

No quarto dia, de manhãzinha, atracamos no Porto de Belém. Uma extensa fila se formou na alfândega para fiscalização da bagagem: todo mundo vinha da Zona Franca...



Belém é uma bela cidade, com ruas e praças arborizadas de mangueiras, sobrados azulejados, ruas estreitas, lindas praças e muito calor. E a chuva diária, que não é depois do almoço, mas a qualquer hora. Sua famosa feira "Ver-o-peso" é um esplendor de frutas, farinha, comidas típicas, artesanato, artigos de macumba, as raízes cheirosas para perfumar roupa, o pé de sândalo, as essências extraídas de plantas da região, manteiga de tartaruga para rejuvenescer a pele e mil outras coisas curiosas.

Não poderíamos deixar de visitar o famoso Museu Emílio Goeldi, de história natural, fundado em 1866. Hoje ocupa uma bela sede, que compreende os laboratórios, um parque zoológico e horto botânico. Compõe-se de quatro secções destinadas ao estudo de zoologia, botânica, geologia e antropologia, e há exposições permanentes de história natural e etnografia da Amazônia. O Museu publica um boletim científico e possui uma biblioteca que reúne cem mil volumes, a melhor e maior biblioteca científica da Região Norte. O horto, bonito, é uma redundância de verde, milhares de espécimes de plantas vivas, árvores centenárias, lago com vitória-régia e animais, em grandes espaços, que parecem viver no seu próprio habitat. A tendência da direção é substituir gaiolas e cercados por ambientes ecológicos favoráveis e adequados às espécies da fauna amazônica que ali vive.

Outro parque muito bonito é o chamado "Bosque", imenso, com rica mostra de flora e fauna (ali vimos um jabuti de 400 anos...). Não posso me esquecer do curioso "Paraíso das Tartarugas", criado e mantido pela excêntrica professora Izilda, onde vivem, diz ela, três mil tartarugas, algumas até com nome e que atendem a seu chamado, das quais ela não se desfaz, nem mata, nem vende, nem troca, nem dá. A própria casa de D. Izilda é um museu, coleções de bebidas estrangeiras de mescla com a vulgaridade de



BC  
7-70

louça de feira, objetos de macumba e mil coisinhas excêntricas.

Quando chegamos a Belém várias pessoas nos perguntaram: por que não esperam as festas do Círio de Nazaré? São umas das mais famosas festas religiosas do Brasil. A cidade toda se enfeita para sua celebração e romeiros afluem de todo o norte e nordeste para assisti-las. E o paraense a espera com ansiedade. Dizia-nos um amigo empolgado: "no dia da grande romaria não fica uma única casa aberta em Belém". Todos tomam parte. Essa portentosa romaria se realiza no segundo domingo de outubro. Por sinal, é linda a basílica de Nazaré.

Não posso me esquecer também da culinária paraense: a maniçoba, que a gente come e fica alimentado por três dias (...), o pato no tucupí, o churrasco de jacaré, o arroz com polvo, o tacacá, a batida de cupuaçu. São deliciosos.

oOo

Partimos de Belém por terra, vendo a bela paisagem de babaçuais, os lugarejos com casas de sapé à beira da estrada, as paradas enervantes do ônibus a todo momento, entra gente, desce gente, e a divertida noite em Gurupi, às margens do rio do mesmo nome, um povoado de poucas almas, um hotel de última categoria, a dormida em rede, a serenata com repertório de Valdick Soriano, o carimbó zoando no único bar da cidade e o povo alegre, sendo sua maior diversão ver gente chegar e partir no dia seguinte.

São Luís do Maranhão guarda a beleza de sua arquitetura colonial, embora os mais preciosos sobrados azulejados, as ruas mais interessantes da cidade, estejam em abandono. Não conseguimos visitar nem o Palácio do Governo que, dizem, tem uma preciosa pinacoteca; não

conseguimos ver a casa onde Graça Aranha viveu e escreveu, nem tampouco o Teatro. Outras casas de poetas famosos são hoje residências particulares, não podem ser visitadas.

Tentávamos conhecer Alcântara, com medo do insucesso, pois a travessia por barco tem horários e dias incertos. Por sorte, um amigo arranhou-nos um avião e voando sete minutos descemos no pequeno campo de pouso da histórica cidade. Alcântara, às margens da Baía de São Marcos, surgiu no século XVII. Numa região de “bons ares, boas águas e terras fortes”, alcançou notável progresso a partir de 1648, quando foi elevada à categoria de vila. Essa rica e opulenta vila, que chegou a ser o celeiro do Maranhão e que à província deu vários governadores, teve casas de comendadores e barões, jornal, conventos, ricas igrejas, um palacete mandado construir especialmente para receber o Imperador, visita que afinal não se realizou. (Contou-nos o nosso guia, um inteligente garoto de seus dez anos, que dois irmãos, Antonio Campos da Sé e Ribamar Campos da Sé, estavam disputando a honra da hospedagem de D. Pedro I e para isso cada qual construía o palacete mais suntuoso e qualquer que fosse a escolha do Imperador, redundaria em feia desavença entre os irmãos rivais. Assim, o Imperador achou melhor desistir da visita. Os barões abandonaram a cidade, que começou a decair). A verdade histórica é que com o incremento da indústria açucareira, o foco das grandes plantações passou para o vale dos maiores rios. Alcântara possui terras areentas, impróprias para o cultivo da cana. Assim, a cidade entrou em declínio e a decadência se apressou e se completou com a libertação dos escravos. Comendadores, condes e barões abandonaram suas propriedades, fecharam-se os conventos, as igrejas entraram em ruína. Da grandeza antiga ficaram as dezenas de arrobas de



prataria, a mais fina, que o governo da república inexplicavelmente confiscou, sem um protesto da população muda. Hoje se vêem tristes ruínas invadidas de matagal: do mercado de escravos; dos sobrados dos barões; de quatro conventos; da Igreja de São Matias (começada em 1648 e que nunca chegou a ser terminada); do Jornal de Alcântara; dos prédios do governo; do Pelourinho. Restaurada e em ótimo estado de conservação está a Igreja do Carmo, em estilo manuelino, do século XVII, com um maravilhoso altar-mor sendo igualmente precioso o do Santíssimo Sacramento. Também em bom estado de conservação se encontra o maior sobrado da cidade, conhecido como o Cavalo de Tróia.



De São Luís alcançamos Fortaleza, viajando de ônibus por quase dezessete horas. Com seu mais de milhão de habitantes, praias belas, vida noturna movimentadíssima, infinidade de bares à beira-mar, comércio ótimo, artesanato rico (cujo ponto alto são os bordados e crochês), Fortaleza é uma das mais alegres e interessantes capitais do Nordeste.

Pelos bares da Praia do Futuro desfila ruidosa e saudável juventude e na Volta da Jurema, poético conjunto de coqueiros, na Avenida Beira-Mar, se pode apreciar a volta das jangadas e um lindo pôr-do-sol. Na praia de Iracema se vê a escultura da famosa personagem de José de Alencar. Versão em pedra e concepção moderna da "Virgem dos lábios de mel", essa discutida obra tem causado a indignação dos conservadores.

Chamou-nos a atenção o moderníssimo Centro de Convenções, semelhante ao qual creio não existir no Brasil. Dotado de auditório com capacidade para mil pessoas,



pequenos auditórios, salas de reuniões, da diretoria, de imprensa, de reprografia, restaurante, bar, salão de beleza e barbearia, agências de bancos e de viagens, cabines telefônicas inclusive para telefonemas internacionais, correio, dois apartamentos, o congressista encontrará ali tudo à mão, sem necessidade de deslocar-se para a cidade.

Há um Centro de Turismo que reúne todo o variado artesanato e abriga um restaurante que serve comidas típicas e apresenta shows folclóricos.

Fora da cidade visitamos a casinha branca e singela onde nasceu José de Alencar.

Além da hospitalidade alegre e amável do cearense, guardo uma recordação especial de uma de suas mais belas praias – a praia do Pacheco. Passamos ali uma semana divina, curtindo o sol, a areia alvíssima, o mar manso e puro, as noites de luar. Instalamo-nos na casa de um amigo, avarandada e rodeada de coqueiros, construída num terreno elevado, enxergando-se o mar lá embaixo. Quilômetros de praia só nossa e dos pescadores, areia alva ondulada pela brisa, pescadores regressando à tarde em suas jangadas com a colheita desse mar bravo às vezes, generoso sempre, que amam e de que vivem.



De regresso a Brasília, paramos por cinco horas em Teresina, para ter pelo menos uma visão geral da capital do Piauí.

Teresina, banhada pelos rios Poti e Parnaíba (sobre este construíram uma grande ponte), é uma cidade simpática, limpa, moderninha, com novas e largas avenidas, clubes bonitos, as praças com fontes, o novo Campus Universitário e os lindos cajus, a que os visitantes não resistem. Uma pena ter sido tão rápida a passagem.

Sou grata a esses momentos, a essas pessoas e a esses lugares que me proporcionaram um lapso de rara felicidade, nessa nossa vida envolvida nas lutas do cotidiano, num mundo difícil de tragédias e tensões.

Goiânia, outubro de 1974

## Acre: bravura e progresso

Não sabem muito do Brasil lá fora, a não ser umas rápidas informações sobre carnaval, futebol, Brasília e um pouco de música. Os hispano-americanos, apesar de irmãos, sabem pouco de nossas coisas e pouco sabemos deles. Também nós, aqui dentro do Brasil, não estamos muito bem informados uns dos outros. Nossos conhecimentos históricos e geográficos se desatualizam e ficam perdidos nos bons tempos do colégio.

Falo isso a propósito do Acre, aquele pedaço do Brasil que já escreveu, sem falso ufanismo ou patriotada, uma página empolgante em nossa história. Eu parti para lá, confesso, sem saber muita coisa, só com uma vaga lembrança de questões de fronteira e algo ligado com o “período áureo da borracha”.

Com 152.598 Km<sup>2</sup>, forma triangular, o Estado do Acre situa-se no extremo noroeste da Região Amazônica. A floresta é a vegetação dominante e base da economia. Rico em seringueiras, que são de uma espécie mais valiosa, a exploração da borracha é feita pelos processos tradicionais. Contudo o Acre é o primeiro produtor nacional. A paisagem é enfeitada de grande variedade de coqueiros, palmeiras e plantas têxteis. Explora-se também a castanha do Pará e a pecuária. Esta de forma ainda incipiente.



As terras foram povoadas por forte movimento migratório no período áureo da borracha, e o povoamento se deu ao longo das margens dos rios.

Os primeiros exploradores a penetrarem no coração do Acre foram o índio Manuel Urbano da Encarnação, em 1861, que subiu o rio Acre até Xapuri; e João da Cunha Correia, que em 1857 - 1858 subiu o alto Juruá até o rio Tarauacá.

Com o *rush* da borracha, milhares de brasileiros, notadamente cearenses, entraram pelas terras acreanas. Pelo Tratado de Ayacucho, assinado entre o Brasil e a Bolívia, as terras que hoje formam o território do Acre pertenceriam à Bolívia. Entretanto, a base para se determinar a soberania de um e de outro país seria a posse da terra. E as regiões acreanas já estavam habitadas por cerca de 60.000 brasileiros valentes, que afrontavam feras, febres, índios, para viverem (ou sobreviverem?) da exploração da borracha.

Apesar do Tratado de Ayacucho, as fronteiras não estavam demarcadas. Com a corrida da borracha e as imensas riquezas da terra acreana, a Bolívia, através do General Juan Manuel Pando, despertou-se para a cobiça e insistiu com o Brasil para que as fronteiras fossem demarcadas. A Bolívia pedia há muito tempo para que se definissem as linhas divisórias, mas como o Brasil estava em guerra com o Paraguai, esperava por melhor ocasião. Fez-se, por fim, a marcação e ficou confirmado que pelo referido Tratado enormes extensões de terras habitadas por milhares de brasileiros eram pertencentes à Bolívia. Em 1899, aquele país estabeleceu no lugar denominado Puerto Alonso, uma aduana para cobrança de impostos e demais atos necessários ao estabelecimento da soberania. Se a vida do seringueiro é um permanente heroísmo, nessa época torna-se ainda mais difícil. Foram baixadas leis criando

impostos sobre produtores de borracha e proprietários de terra. O Brasil sofrerá uma enorme perda, porque o Acre produz quase a metade da borracha da Amazônia e grande quantidade de castanhas. Os brasileiros se movimentam e chefiados por José de Carvalho expulsam as autoridades bolivianas. Era o começo da disputa. O Governo da Bolívia, reconhecendo as dificuldades na administração do território, decidiu entregá-lo a um grupo de capitalistas internacionais – o Bolivian Syndicate. Este teria poderes para proceder à incorporação política e econômica do território, com privilégio para cobrar impostos, administrar, manter forças armadas e realizar a exploração econômica; era previsto até que, em caso de guerra, se o Brasil não concordasse com a situação, um trecho do território poderia ser ocupado por forças armadas... Seria um Estado dentro de um Estado, a pôr em risco a soberania da Bolívia e da própria América Latina. Trata-se, agora, não da luta entre dois países irmãos por um pedaço de terra, mas da conquista de um bem maior – a segurança de um continente!

Por essa época residia em Belém o aventureiro espanhol Luiz Galvez Rodrigues de Árias, conhecido por Dom Galvez, que trabalhava no Consulado Boliviano da Capital do Pará. Através da tradução de um documento, ele se inteirou da existência do Bolivian Syndicate e denunciou o fato ao governador do Pará. Este armou uma expedição, cujo comando confiou a D. Galvez. Personagem de ópera bufa, no dizer de Araújo Lima, D. Galvez inseriu na história do Acre um episódio cômico. Proclamou a independência do território fundando solenemente o Estado Independente do Acre, sob a forma republicana. E fez-se seu próprio presidente. Homem de maneiras elegantes e hábitos finos, vindo da Espanha, não se sabe por que mistério aportara naquele mundo selvagem. D. Galvez





conseguiu com seu entusiasmo arregimentar sonhadores para fundar no coração da Amazônia um novo país. E consta que em menos de vinte e quatro horas mandou despachos para todos os países da Europa, designando representantes diplomáticos... Os acreanos aceitaram-no, porque a eles pouco lhes importava a procedência do herói, sua origem, pois o que pretendiam desesperadamente era salvar o Acre. Em 23 de março de 1900, o governo brasileiro depôs D. Galvez, que se entregou sem resistência e desapareceu para sempre da História...

Entretanto, as lutas prosseguiram: seringueiros, seringalistas, trabalhadores da roça, canoeiros, velhos e moços, todos estavam em armas pela posse da terra. Bravos, valentes, dispostos, apenas lhes faltava um líder. Assim Plácido de Castro, um gaúcho de caráter reto, ex-militar, experimentado em lutas no Sul, desbravador por temperamento, já residindo no Acre e conhecendo seus problemas, foi convidado por amigos que já participavam do movimento a comandar a luta. A Bolívia estava decidida a garantir soberania nas terras litigiosas, tanto que mandara uma expedição de mil soldados comandada pelo próprio Ministro da Guerra.

Os acreanos, não se podia compreender, estavam entregues à sua própria sorte, sem nenhuma assistência do governo federal, apesar de estar em jogo uma imensa e riquíssima região, com perigo até da entrada de um grupo estrangeiro, "homens sem pátria e sem alma", que visavam tão só e unicamente o lucro.

Mas Plácido de Castro comandou a luta com pulso forte, coragem e firmeza. Comandou homens rudes, temperados naquela "vida de sacrifícios, de luta incessante e multiforme. Contra o índio. Contra as feras. Contra a ganância dos senhores. Contra a cupidez dos "regatões". Contra as doenças e os insetos. Contra a solidão, o tédio, o



desespero, sem ao menos saber ao certo para que servem aquelas bolas de borracha em que diariamente se transformam as gotas de seu suor”.

Plácido de Castro venceu: o Acre para o Brasil. A questão foi definitivamente resolvida pelo Tratado de Petrópolis, assinado em 17 de novembro de 1903, graças ao gênio de Rio Branco. O Brasil propôs a compra do território litigioso, para compensar a Bolívia de seus prejuízos materiais; comprometeu-se ainda a construir a estrada de ferro Madeira-Mamoré. O Bolivian Syndicate foi indenizado para desistir de suas pretensões. Em sete de abril de 1904, foi criado o Território do Acre. Em 1962, foi elevado à condição de Estado.



Hoje o Acre é um Estado em plena abertura para o desenvolvimento, com amplas possibilidades, dadas a importância e a riqueza de suas florestas, a fertilidade de seu solo, a abertura de estradas, rasgando a selva e estabelecendo novas e imprescindíveis vias de comunicação, inclusive aquela que, passando por território acreano, chegará às portas do Pacífico. Suas terras estão valorizadas, a agricultura e a pecuária se desenvolvem, atraindo técnicos e brasileiros de todos os rincões.



Rio Branco, capital do Acre, é uma simpática e acolhedora cidade de cerca de 100.000 habitantes, plantada às margens do rio Acre, afluente do Purus. Com 813 quilômetros, esse rio foi testemunho da coragem e do valor da gente acreana. Às suas margens, no local denominado Porto Acre, deu-se o episódio decisivo e heróico na luta

pela libertação. Permitam-me contá-lo agora. O navio Independência, antigo Afuá, aprisionado aos bolivianos, levava 50.000 quilos de borracha, que poderiam ser trocados por alimentos e munições. Contudo, ele deveria romper a linha inimiga e seguir adiante para cumprir sua missão. Os bolivianos haviam colocado uma corrente que impedia a passagem de qualquer embarcação. Policiavam o rio e fuzilavam todos os que tentassem romper a passagem. Mas Plácido de Castro sabia que era decisivo na luta conseguir o rompimento da linha. E convocou homens decididos e corajosos para limar a corrente, cientificando-os de que era uma empresa de vida ou de morte. E assim muitos foram mortos até que conseguiram limar a corrente e liberar a passagem. Os inimigos ficaram perplexos e tiveram certeza que perderiam a guerra.

Visitei esse sítio, onde o rio corre manso e majestoso e onde a cada passo se encontram objetos de valor histórico. Ainda não se fez um museu para abrigar essas peças. Soube que já foram encontradas espadas, balas não detonadas, utensílios e objetos pertencentes ao exército boliviano e que numa das casas de Porto Acre há o túmulo de um general boliviano. E contam que ali se enterrou muita borracha no tempo das lutas. Há vestígios de trincheiras e ruínas de fortalezas. Porto Acre, que na época era fervilhante ponto de negócios, de aventureiros, hoje é um lugarejo de meia dúzia de casas, com capelinha de torre metálica e algumas casas de teto de zinco brilhando ao sol. Ao percorrer aquela estrada de chão vermelho, rasgando a terra e se embrenhando pela floresta exuberante, vi seringueiras majestosas, vi o seringueiro demonstrar o processo de extração do látex e defumação da borracha, o mesmo de quase um século atrás; vi as pitorescas casinhas de madeira à beira do caminho, pastagens extensas, rebanhos de gado nelore e vi fogo comendo paisagem...



Depois desse parêntesis, voltemos a Rio Branco. A cidade originou-se de um pequeno povoado que se formou em torno da sede do seringal Empresa, fundado em 1882. Em 1904, Empresa foi elevado à vila, depois à cidade. Em 1912 passou a chamar-se Rio Branco e em 1920 tornou-se a capital. A cidade é pequena, mas se nota o progresso, muitas obras de melhoramento público em andamento, a agitação característica de uma capital que se prepara para crescer em ritmo acelerado, a fim de assumir importante papel num Estado em desenvolvimento. Ligando as duas partes da cidade que se espraia às margens do rio Acre, há duas pontes – a nova e a velha. Beirando o rio vêem-se as típicas palafitas – casas construídas sobre estacas. Dominam ainda as construções de madeira, mas já surgem bonitas residências de alvenaria e bairros novos formados de conjuntos habitacionais. À margem esquerda do rio está o Palácio do Governo, branco e imponente, em estilo neoclássico.

Há praças bem cuidadas e uma delas é a praça Plácido de Castro. Ali se ergue a estátua do herói, intrépida e solene, a velar eternamente pela grandeza da gente acreana. Arborizada, bem iluminada, com fonte luminosa. Nas tardes quentíssimas de tempo de chuva, as cigarras cantam com força ao pôr-do-sol, produzindo uma atmosfera mágica, de exuberância e quase delírio. No coreto, aos domingos, a Banda de Música da Polícia faz retreta, enquanto as pessoas passeiam barulhentas e animadas. Os mais sofisticados vão tomar um drinque no bar do Hotel Chuí, o mais elegante da cidade, defronte à praça.

Aos domingos e feriados, os rio-branquenses se dirigem para os clubes ou vão para suas colônias (chácaras). A gente mais simples aproveita para livrar-se do calor nas praias do Rio Acre que, aliás, são poluídas, não fugindo à regra dos rios citadinos.



Quanto à comida típica, não encontrei ali nenhuma que fosse caracteristicamente acreana, mas aquelas da região amazônica: pato no tucupí, tacacá, peixes (principalmente o tucunaré) etc.

A respeito da vida cultural, há interessantes programas em execução. A Fundação Universidade Federal do Acre tem atuação marcante na vida cultural do Estado. Perfeitamente integrada à realidade local, o corpo docente é constituído especialmente de valores da terra. Professores de outros centros culturais do país (Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul, Ceará, Goiás) dão cursos regulares e especiais. Técnicos de diversas áreas têm sido convidados pela Reitoria para colaborar na organização e na execução de programas de ensino e pesquisa. A FUFAC foi federalizada em 1974 e sua origem data de 1964, ano da criação pelo governo estadual da Faculdade de Direito. Depois vieram a Faculdade de Ciências Econômicas e outros cursos até chegar-se à federalização. Tendo como postulados formar quadros necessários ao desenvolvimento do Estado, preparando técnicos para o ensino e a pesquisa em profundidade, a extensão à comunidade de atividades e serviços culturais que contribuam para seu aprimoramento, os acreanos se orgulham de sua Universidade.

Assim, através dos contatos que mantive, das atividades de que participei e tomei conhecimento, senti que há efervescência, vontade de transformar, força nova nos rumos da cultura e do futuro daquela gente.

É preciso que se ressaltem ainda o espírito acolhedor do povo acreano, a simplicidade, a receptividade amiga e generosa para os que ali chegam. Muitos vão e ficam, se têm na alma sensibilidade e têmpera de desbravadores. E os que voltam não se libertam das lembranças boas e do sincero desejo de retorno.

Goiânia, outubro de 1976

## Da autora

Marietta Telles Machado nasceu em Hidrolândia, Goiás, no dia 25 de setembro de 1934.

Aí passa a infância e faz os estudos primários, transferindo-se para Goiânia, onde estuda no Colégio Santa Clara e Liceu de Goiânia. Por essa época já se fazia notar na Literatura e abraçaria sua futura profissão. Cursa Direito, bem como Letras Vernáculas, na Universidade Federal de Goiás (UFG) e, como bolsista de diversas instituições, faz cursos de especialização em Biblioteconomia nas cidades de Salvador, Rio de Janeiro, Medellín, Madrid, Paris. Como bibliotecária, inicia inigualável atuação em Goiânia. Sua primeira função é na Biblioteca Pública Municipal de Goiânia – que hoje tem o seu nome – exercida de 1955 a 1962. Nesse ano transfere-se para a UFG, onde realiza intenso trabalho na organização de bibliotecas das diversas Unidades, e lidera movimento para a criação da Biblioteca Central, entidade que dirigiria de 1973 a 1981. Cria associações de classe e luta para a fundação do curso de Biblioteconomia.

Na década de 1960, filia-se ao Grupo de Escritores Novos, GEN, que buscava caminhos de renovação para a literatura e mantinha contato com os principais núcleos de vanguarda do País. Membro da UBE-GO, aí ocupa vários cargos até a vice-presidência em 1984-1986.

Colaborou na imprensa desde a década de 1950 até seu falecimento. Era solicitada conferencista e exerceu o magistério em épocas alternadas.

Em 1977 ganha a “Bolsa de Publicação Hugo de Carvalho Ramos”, um dos mais importantes prêmios literários goianos, com seu livro de contos *Narrativas do cotidiano*. Nesse mesmo ano, recebe o troféu Tiokô como destaque na literatura.

Sua prosa para adulto é muito rica, com contos realistas quase sempre de temática urbana. Forte e pioneira presença na literatura infantil em Goiás, deixa um legado de peças de teatro e contos, alguns ainda inéditos.

Marietta Telles Machado faleceu a 28 de fevereiro de 1987. Desempenhava, por essa época, as funções de Assessora Cultural da Prefeitura Municipal de Goiânia. Aos cinquenta e dois anos foi acometida de infarto agudo, na fazenda “Barreirão”, propriedade familiar localizada no município em que nascera. Era uma madrugada de canto de pássaros, mas a natureza foi se ensombrando e, pelo resto do tempo, chuviscos cobriram de cinza o dia entristecido. Também, um sábado de carnaval. Festa a que Marietta não haveria de faltar, com o entusiasmo e a vitalidade que a moveram sempre.

### Obras da autora

*Girassóis em transe* (crônicas e minicontos). Goiânia : Imprensa Universitária – UFG, 1968.

*As doze voltas da noite* (contos). Goiânia : Oriente, 1970.

*Encontro com Romãozinho* (contos infantis). Goiânia : Oriente, 1976.

*Narrativas do cotidiano* (contos). Goiânia : Oriente, 1978.

*O congresso das bruxas* (contos infantis). Goiânia : Ed. CEC/ Líder, 1978. 2. ed. Goiânia : Ed. da UFG, 1985.



- O burrinho do presépio* (contos infantis). Goiânia : Ed. da UFG, 1983.
- A traição nas terrinhas do coelho* (peça infantil). Goiânia: Onda, 1984.
- Os frutos dourados do pequizeiro* (lendas). Goiânia : Ed. da UCG, 1985.
- Santo Antônio das Grimpas* (literatura infanto-juvenil). São Paulo : Atual, 1987.
- Teatro para crianças* (peças infantis). Goiânia: Ed. da UFG, 1992.
- Ceias e sonhos* (contos de Natal). No prelo.
- Seleta* (Seleção e organização da Profa. Vera Maria Tietzmann e Antônio Carlos Machado Teles). No prelo.

### Participação em antologias

- A poesia em Goiás*. Gilberto Mendonça Teles (Org.). Goiânia : Imprensa da UFG, 1964, p. 452.
- Semana goiana de poesia moderna I* (Antologia). Departamento Estadual de Cultura, 1966, p. 19.
- Antologia do conto goiano*. Anatole Ramos, Luís Fernando Valladares, Miguel Jorge (Orgs.). Goiânia : DEC/LR, 1969, p. 178-183.
- Antologia do novo conto goiano*. Miguel Jorge (Org.). Goiânia : DEC, 1971, p. 119-134.
- Momentos alegres do livro goiano*. Paulo Gonçalves (Org.). Antologia de Humor. Goiânia : Barão de Itararé, 1974, p. 08-10.
- Colheita*. Gabriel Nascente (Org.). Goiânia : Oriente, 1979, p. 274-276.
- Memória cultural de Goiânia*. Goiânia : Assessoria Especial de Cultura, 1985. ("Goiânia, cidade amada"), p. 308-315.
- Antologia do conto goiano II: o conto contemporâneo*. Vera Maria Tietzmann; Maria Zaira Turchi (Orgs.). Goiânia : Ed. da UFG, 1994, p. 53-70.
- Poemas do GEN - 30 anos*. Heleno Godoy, Miguel Jorge, Reinaldo Barbalho (Orgs.). (Depoimentos e Antologia). Goiânia : Ed. Kelps, 1994, p. 245-255.

*Feitio de Goiás*. Stella Leonardos (Org.). Goiânia : Ed. da UCG e Editora da UFG, 1996, p. 141-143.

### Sobre a autora

SANTOS, Wendel. *Crítica sistemática*. Goiânia : Oriente, 1977, p. 131-139.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo : Quíron, 1983, p. 653-657.

ALMEIDA, Nelly Alves de. *Análises e conclusões*. V. 1, Goiânia : Editora da UCG, 1985, p. 209-217.

———. *Análises e conclusões*. V. 2, Goiânia : Ed. da UCG, 1988, p. 96-101.

VAZ, Coelho. *Rastro literário*. Goiânia : Ed. Kelps, 1991, p. 79-80.

FERNANDES, José. *Dimensões da literatura goiana*. Goiânia : Gráfica de Goiás, 1992, p. 257-265.

MELLO, Ana Maria Lisboa de, TURCHI, Maria Zaira, SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Literatura infanto juvenil: prosa e poesia*. Goiânia : Ed. da UFG, 1995, p. 27-37.

MARTINS, Mário Ribeiro. *Estudos literários de autores goianos*. Anápolis : Fica, 1995, p. 379.

AIRES, Eliana Gabriel. *O conto feminino em Goiás*. Goiânia : Ed. da UFG, 1996.

Marietta Telles Machado figura ainda em outros livros, como em *Literatura contemporânea em Goiás*, de Brasigóis Felício, *Súmula da literatura goiana*, de Augusto Goyano e Álvaro Catelan, *Ensaístas brasileiras*, de Heloisa Buarque de Holanda e Lúcia Nascimento Araújo. Esta relação não está completa e nem a extensa lista de autores que escreveram sobre ela em jornais e revistas, nomes – só para citar alguns – como Miguel Jorge, José Mendonça

Teles, Regina Lacerda, Adovaldo Fernandes Sampaio, Aída Félix de Sousa, Geraldo Dias da Cruz, Leontina Lima da Silva, Oswaldino Marques, Juruená Di Guimarães, Luiz Gonzaga Vieira e muitos, muitos outros.

## Prêmios, troféus, homenagens

### Em vida

- Menção honrosa no concurso “Cesta de Natal” promovido pelo jornal *Folha de Goiás* em 1957.
- Primeiro prêmio no referido concurso com o conto “Do Natal de uma moça pobre” em 1958.
- Idem com o conto “Meu Natal: o velho e eu” em 1959.
- Estudante do Ano em 20 de outubro de 1959, em concurso promovido pelo Centro Acadêmico XI de Maio da Faculdade de Direito.
- Menção honrosa no concurso literário “As mais belas histórias infantis”, promovido pela Biblioteca Pública do Paraná, em 1976.
- Prêmio “Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos” (Prosa) pelo livro de contos *Narrativas do cotidiano*, 1977.
- Prêmio Tiokô, como destaque na literatura em 1977. Promoção UBE-GO.
- Homenagem Especial – Formatura de Biblioteconomia – ICHL/UFG, 1983.
- Patronesse da turma de bacharelados de 1984, da Faculdade de Filosofia Cora Coralina da Cidade de Goiás.
- Placa de agradecimento da Associação das Escolas de Samba de Goiânia, pelo apoio ao Carnaval, em 9 de fevereiro de 1986.
- Placa de homenagem no Ciclo de Recitais e Palestras do “Violão e Violinos Goianos”, de 13 a 28 de setembro de 1986.



## Póstumos

- Missa de 7º dia mandada celebrar pelo Prefeito Municipal de Goiânia, Daniel Antônio de Oliveira, no Ateneu Dom Bosco no dia 6 de março de 1987. Homenagem também prestada pela Assessoria Especial de Cultura, Biblioteca Municipal, Biblioteca Cora Coralina, Centro Livre de Artes, Banda de Música e Museu de Arte de Goiânia.
- Missa de 7º dia mandada celebrar pela família e comunidade na Igreja Matriz de Santo Antônio, em Hidrolândia no dia 6 de março de 1987.
- Missa de 1º mês de falecimento, no Museu de Arte de Goiânia, homenagem da Secretaria Municipal de Cultura, do MAG e do Centro Livre de Artes, em 27 de março de 1987, celebrada pelo Padre César.
- Missa de homenagem do Centro de Cultura da Região Centro-Oeste e da Universidade Federal de Goiás, em 4 de abril de 1987, no Auditório da Faculdade de Educação da UFG, celebrada pelo Padre Lima.
- Homenagem da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, realizada em 5 de maio de 1987, com palestra da Professora Ana Braga e declamação de poemas por Ada Curado, Lígia Rassi e Nice M. Daher.
- Homenagem no programa "Frutos da Terra", do Canal 2, com Hamilton Carneiro e Carmo Bernardes, no dia 8 de maio de 1987.
- "Encontro com Marietta", evento promovido pela Assessoria Especial de Cultura da Prefeitura Municipal de Goiânia, realizado na Biblioteca Pública Municipal no dia 26 de junho de 1987.
- Homenagem na exposição "Mensagem de Paz", do escultor Baltazar, realizada na Itaúgaleria em 10 de setembro de 1987.
- Placa (em memória) em agradecimento da Comunidade BAHÁ'Í pelos serviços prestados à entidade, em 17 de setembro de 1987.

- “Noites de Poemas pela Paz”, homenagem póstuma a Marietta Telles Machado, na V Semana Bahá’í de Goiânia, realizada de 15 a 21 de setembro de 1987.
- “Encontrando Marietta”, homenagem da Casa de Cora Coralina e Biblioteca Infantil Elder Filho em 30 de outubro de 1987 na Cidade de Goiás.
- Homenagem no II Seminário de Literatura Goiana, do Departamento de Letras/ ICHL, realizado de 11 a 13 de novembro de 1987, com palestra da Professora Maria Zaira Turchi.
- Palestra e exposição sobre a obra da autora no “VII Encontro do Comerciarío com o Escritor Goiano” realizado pelo SESC de 23 a 25 de novembro de 1987.
- Patrona da Cadeira 19 da Academia de Letras e Artes do Centro-Oeste, em Barra do Garças, em 1987.
- Homenagem do Professor Doutor Joffre Marcondes de Rezende, com artigo e foto na *Revista Goiana de Medicina*, v. 33, nº. 1/4, jan./dez., 1987.
- Troféu Inhumá, oferecido pelo GREMI, em 1987.
- Homenagem na II Semana do Livro Infantil e Juvenil, do Colégio de Aplicação da UFG, de 4 a 8 de abril de 1988.
- Homenagem na II Semana Comemorativa do Nascimento da Escritora Marietta Telles Machado, de 20 a 23 de outubro de 1988, realizada no Colégio de Aplicação da UFG.
- Nota de agradecimento dos projetistas da Biblioteca Central da UFG, na VIII Feira da Indústria e Comércio do Estado de Goiás, em 1988.
- Homenagem na III Semana do Livro Infantil e Juvenil, realizada no Colégio de Aplicação da UFG, no período de 10 a 14 de abril de 1989.
- Diploma de inauguração do Centro Cultural Marietta Telles Machado, outorgado pela Secretaria de Estado da Cultura, na gestão de Kleber Adorno, governo Henrique Santillo, em 15 de junho de 1989.

- 
- Diploma de Honra ao Mérito da Faculdade de Filosofia Cora Coralina, Cidade de Goiás, sob a direção da Professora Maria de Lurdes L. de Oliveira, em 11 de agosto de 1989.
  - Homenagem com placa de bronze na inauguração da Biblioteca Central da UFG em 13 de setembro de 1989.
  - Homenagem do Conselho Estadual de Cultura, com palestra da Conselheira Nelly Alves de Almeida sobre a vida e a obra da autora, no dia 28 de setembro de 1989.
  - Homenagem na III Semana Comemorativa do Nascimento de Marietta Telles Machado, de 25 a 29 de setembro de 1989, realizada no Colégio Aplicação da UFG.
  - Homenagem no II Paineiro do III Encontro Nacional de Escritores em Goiás – Centenário de Cora Coralina, realizado de 28 a 30 de setembro de 1989.
  - Patrona na Academia Trindadense de Letras, Ciências e Artes, em 2 de maio de 1991.
  - Homenagem na sessão Poetas da Terra, realizada no Externato São José pelas 8<sup>as</sup> séries, no dia 14 de julho de 1991.
  - Homenagem na Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, realizada na Biblioteca Central da UFG, de 19 a 22 de outubro de 1992.
  - Placa (em memória) da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, para comemorar o desmembramento (proposto pela então secretária Marietta Telles Machado em 1986) da escola na época filiada ao Museu de Arte de Goiânia, e nominá-la Centro Livre de Artes. Em outubro de 1993.

Vários autores, como Miguel Jorge, Aldair Aires, Hélverton Baiano, Heleno Godoy etc., etc. dedicaram-lhe livros em vida e postumamente.

Além do Centro Cultural Marietta Telles Machado, localizado à Praça Cívica, n. 2, a autora empresta o seu nome às seguintes instituições:

- Escola Municipal Marietta Telles Machado, em Aparecida de Goiânia.



- Biblioteca Pública Municipal de Hidrolândia.
- Biblioteca Pública Municipal de Goiânia.
- Biblioteca do Cebaigo.

### **A Biblioteconomia e outros cargos exercidos**

Sua primeira função é na Biblioteca Pública Municipal de Goiânia, de 1955 a 1962.

A convite do professor Colemar Natal e Silva, ingressa na recém-criada Universidade Federal de Goiás (UFG) e organiza as seguintes bibliotecas:

- da Faculdade de Direito, de 1962 a 1965;
- do Instituto de Matemática e Física, em 1966;
- do Instituto de Ciências Humanas e Letras, de 1967 a 1968;
- da Faculdade de Medicina, de 1969 a 1972.

Então vê concretizadas duas de suas batalhas: a criação da Biblioteca Central da UFG, em 1973, e do Curso de Biblioteconomia, em 1980.

Foi diretora da Biblioteca Central, de 1973 a 1981.

Coordenou a organização de bibliotecas das seguintes entidades:

- Biblioteca do SENAC de Goiânia, em 1968;
- Biblioteca do Clube de Regatas Jaó, em 1969;
- Biblioteca do Country Clube de Goiás, em 1970;
- Centro de Documentação da Secretaria de Planejamento do Estado de Goiás, em 1971.

Elaborou o Projeto para implantação da Biblioteca Central da UFG, em 1971.

Colaborou no projeto Biblioteca Pública e um Sistema Estadual de Bibliotecas, para o Plano Cultural do Governo de Goiás, de 1970 a 1973.

Coordenou a reestruturação da Biblioteca Central da Fundação Universidade Federal do Acre, em agosto de 1976.

Professora de Metodologia do Trabalho Intelectual da Faculdade de Filosofia da Cidade de Goiás, de 1981 a 1983.

Secretária da Coordenadoria de Apoio à Pesquisa da Faculdade de Medicina da UFG, de 1981 a 1985.

Ministrou vários cursos de treinamento para pessoal de bibliotecas, cursos na área de pesquisa bibliográfica, e outros.

Representante em Goiás da Associação de Bibliotecários do Distrito Federal – ABDF, de 1974 a 1976.

Delegada do Conselho Regional de Biblioteconomia – 1ª Região, de 1974 a 1976.

Representante em Goiás do Instituto Nacional do Livro, de 1975 a 1979.

Segunda Secretária da União Brasileira de Escritores de Goiás, gestão de 1976 a 1977.

Secretária-geral da União Brasileira de Escritores de Goiás, gestão de 1978 a 1980.

Vice-presidente da União Brasileira de Escritores de Goiás, gestão de 1984 a 1986.

Membro do Conselho Consultivo da União Brasileira de Escritores de Goiás, gestão de 1986 a 1988.

Representante em Goiás da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, de 1978 até o seu falecimento.

Membro do Conselho de Redação da *Revista Goiana de Medicina* em 1971.

Consultora da *Revista Goiana de Artes* do Instituto de Artes da UFG em 1980.

Redatora do *Boletim Informativo da Faculdade de Medicina*, de 1981 a 1985.

Secretária Municipal de Cultura de Goiânia, de 2 de janeiro de 1986 até o seu falecimento em 28 de fevereiro de 1987.

## Peças encenadas

- *Judith*, peça bíblica, por estudantes do Colégio Santa Clara, em 1953.
- *A traição nas terrinhas do coelho*, Grupo Laboratório, em 1974, direção de Carlos Fernando Magalhães.
- *O país do homem verde* (adaptação de conto), pelo Musika, em 1976.
- *Encontro do minuto* (adaptação de conto), pelo Musika, em 1979.
- *A traição nas terrinhas do coelho*. Teatro Pirlimpimpim, em 1983, direção de Divanir Pimenta. Várias escolas e instituições remontaram esta peça.

## Colaboração em jornais e revistas

A autora publicou desde o início da década de 1950, inicialmente em jornais estudantis, até o seu falecimento. Em 1957 começa sua trajetória no jornal *Brasil Central*, com contribuições variadas. Em 1959, cria a "Secção Feminina", e em 1960, simultaneamente, mantém uma crônica diária ilustrada com sua foto, uma crônica social, "Notas Sociais Goianas", e "O Brasil Central Literário", suplemento literário pioneiro, semanal, que perdurou de janeiro de 1960 até abril de 1962. No *Quarto Poder* manteve a "Nossa Coluna" no ano de 1963. E assim vai escrevendo, na *Folha de Goiaz*, em *O Popular* e praticamente em todas as publicações das décadas seguintes: *Diário da Manhã*, *Jornal do Estudante*, *Opção*, *Folha do Povo*, *Revista Oasis* etc., etc.

Seu último artigo foi "O futuro governo de Goiás e a cultura", em *O Popular* de 1 de fevereiro de 1987. Neste mesmo mês de sua partida, na *Revista Presença*, mantinha a coluna "Arte & Literatura" e colaborava na *Leia Brasil*. Em sua última semana de vida datilografou "Relâmpagos (ou Instantâneos)" para a revista *Novos Dias*.

Antônio Carlos Machado Teles

Goiânia, 10 de dezembro de 1999





É para mim motivo de orgulho e alegria inaugurar esta *Coleção Karajá*, e todas as demais publicações do Instituto Goiano do Livro, com uma obra de Marietta Telles Machado.

Os escritores presentes nestas "orelhas" já bem disseram da importância do seu trabalho como bibliotecária, prosadora e especialmente como uma das desbravadoras da literatura infantil e juvenil em nosso Estado. Resta lembrar que Marietta foi uma das poucas mulheres-escritoras deste cerrado goiano a nos deixar uma obra estruturada, sequencial, de qualidade indiscutível e inovadora no que se refere a algumas espécies de literatura, no gênero de prosa, pouco desenvolvidas por aqui, como a epistolar, as memórias e a infanto-juvenil.

Como amigas, fomos companheiras em várias oportunidades e desse convívio marcou-me de modo comovedor as incontáveis vezes que me deu a perceber a sua imensa solidão existencial, só amainada pela presença do fazer literário e pelo intenso amor que dedicava ao irmão Antônio, este que agora, ao meu lado e com os olhos sempre cheios de água, esforça-se para trazer à lume sua obra.

#### **Yêda Schmaltz**

Marietta Telles Machado é mais do que a referência de um Centro Cultural que leva seu nome. Falou do interior de Goiás como quem descrevia o próprio quintal, falou à crianças dentro da melhor veia literária, falou por nós em tons de gentil poesia. Hoje, tentamos fazer com que ela continue falando para nós, em forma de coletânea de trabalhos escritos ao longo de uma vida, uma bela vida.

Seu sorriso fácil, seu rosto em forma de lua cheia continuam revelando para nós o diálogo entre a pureza da criança e a difícil tarefa de atingir os jovens. O que agora resgatamos é a tarefa que ora nos cabe na Fundação Cultural do Estado de Goiás Pedro Ludovico Teixeira, através do Instituto Goiano do Livro: a manutenção da memória literária daqueles que nos são prodígios. Que Marietta possa continuar nos sorrindo.

#### **Nasr Fayad Chaul**

Presidente da Fundação Cultural do Estado de Goiás Pedro Ludovico Teixeira



... Se eu não tivesse lido o *Paradoxe sur le Comédien*, de Diderot, diria que você molha sua pena diretamente na sua emoção. O efeito final de sua arte literária comunica essa impressão, mas é preciso guardar-nos contra simplificações. Há distanciamento crítico no seu enfoque: você não se conforma com a realidade crua, você quer contribuir para a qualidade de vida. Por isso, um traço purpurino de revolta, de inaceitação. "Há uma gota de sangue em cada palavra sua", como diria Mário de Andrade...

... Li com vivo interesse seus contos, que logo sobressaem pela fatura moderna, o ritmo contagiante e as líricas invenções. Gostei da superposição e entrecruzamento dos planos da memória e da atualidade, da sua economia de meios no recorte e caracterização dos personagens e da autonomia de espírito com que os narradores das várias histórias curtas focalizam a realidade. Uma realidade abrangente, seja dito, que não exclui nem mesmo as dimensões da alucinação e do sonho. A sua técnica de cortes bruscos, de pinceladas nervosas, agrada-me. (...) Clarice Lispector, Tchekov, são módulos perceptíveis, mas você tem vôo próprio. Na agitação de sua vida, continue a salvar algum tempo conversível em poesia...

Oswaldino Marques

*(Trechos de duas cartas enviadas à Marjatta Telles Machado)*



AGÊNCIA GOIANA DE CULTURA  
PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA  
INSTITUTO GOIANO DO LIVRO



GOIÁS SECRETARIA  
DE EDUCAÇÃO

ISBN 85-87693-0



9 788587 693051